

HISTÓRIA DE ROMA ANTIGA - VOLUME 3



# O SANGUE DE BIZÂNCIO

ASCENSÃO E QUEDA DO  
IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE

**JOÃO GOUVEIA MONTEIRO**

DIR.

**GUSTAVO GONÇALVES**

**JOÃO PAIVA**

**RODRIGO GOMES**

**JOÃO RAFAEL NISA**

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

## **II PARTE**

### **BREVE HISTÓRIA MILITAR DO IMPÉRIO BIZANTINO**

**por Gustavo Gonçalves, João Paiva e Rodrigo Gomes**

**(Página deixada propositadamente em branco).**

## I

### **O EXÉRCITO ROMANO DO ORIENTE (DE ZENÃO A JUSTINIANO)**

O período compreendido entre a divisão administrativa do Império Romano por Diocleciano (em 286) e a ascensão de Anastácio (em 491) foi preenchido por uma série de conflitos, acompanhados de mudanças radicais que, a longo prazo, alteraram o perfil da máquina militar romana. No decorrer destes quase dois séculos, assistimos a profundas alterações, desde o recrutamento às táticas empregadas no campo de batalha, passando por uma incrível instabilidade sentida no topo da cadeia de comando político.

Neste espaço de tempo circunscrito (se tivermos em atenção o longo período cronológico vivido pela máquina militar romana), a conjuntura em redor do *limes* foi-se degradando, com a constante entrada de outros povos num território considerado, até então, como ‘civilizado’: falamos, claro está, do processo que conduziria às chamadas “invasões bárbaras”. Enquanto, a ocidente, toda a fronteira estabelecida na Germânia se foi desintegrando, a oriente, uma persistente vaga de invasores ameaçou constantemente o império, tendo-se tornado cada vez mais evidentes os seus efeitos. Após Diocleciano ter abdicado do poder, o modelo da “tetrarquia imperial” acabou por se revelar um projeto falhado: era, no fundo, a influência do grande imperador ilírio que mantinha a coesão

do império e, não estando ele mais no comando, as insurreições verificaram-se em (quase) todo o território.

Foi com Constantino que se voltou a alcançar uma efêmera unificação do império, especialmente após 324, com a derrota de Licínio, o último dos seus rivais. Contudo, esta unificação, com o seu centro de gravidade instalado em Constantinopla (a antiga Bizâncio), logo foi desfeita, retomando-se a instabilidade política nos dois polos do império. Tal instabilidade viu-se agravada pela incursão de tropas godas que, em 378, conseguiram infligir uma pesada derrota aos exércitos orientais, nas imediações de Adrianopla.

Teodósio, o recém-empossado imperador do Oriente (já que Valente perecera na batalha contra os Godos), procedeu a novas políticas de recrutamento e a uma nova gestão militar, tendo conseguido recriar uma força armada capaz de combater a vaga de invasores. Não querendo apenas manter a calma nos limites do Império do Oriente, marchou para ocidente, numa tentativa de o reunificar (uma vez mais): conseguiu-lo-ia apenas de uma forma efêmera, pois à sua morte (em 395) consumou-se a divisão (definitiva) do velho território imperial pelos seus dois filhos: Arcádio ficou a comandar o Oriente e Honório tornou-se responsável pela parte ocidental.

O século v mostrou ser um período de raras mudanças, no que toca ao exército, mantendo-se as velhas estruturas. Foi, isso sim, um tempo negro para as forças romanas localizadas a nascente, as quais, para além de se verem a braços com os avanços visigodos, tiveram de recuar perante a invasão dos Hunos. Para a gestão das novas ameaças, nada contribuiu o fraco desempenho governativo dos imperadores orientais; ainda assim, de forma a conseguir manter o seu número de efetivos, o imperador Leão I (457-474) acabou por recrutar forças na Anatólia, entre as quais alguns contingentes de isaurianos, liderados por Zenão, que acabaria por se tornar,

primeiro, o comandante da guarda imperial em Constantinopla (Treadgold 1995 14) e, depois, o herdeiro de Leão I.

Quando, em 468, se enceta uma catastrófica campanha para reconquistar o norte de África, a instabilidade social renasce, mergulhando o império numa nova vaga de conflitos civis. Até 491, Zenão governa em Constantinopla, procedendo a irrisórias reformas no exército, que visavam melhorar o recrutamento assegurado pelo governo central. É após a sua morte que sobe ao poder um dos mais importantes imperadores bizantinos, a nível militar: Anastácio I.

### **1. De Anastácio I a Justino I**

Após a morte de Zenão, em 491, o Senado (segundo a indicação da viúva Ariadne, que terá mesmo casado com o novo imperador) encontra em Anastácio I a face do seu novo *basileús*, que, assim que ascende ao poder, se depara com a revolta dos Isaurianos, a qual esmaga com punho de ferro, ao fim de sete anos de conflitos armados. Foi, com efeito, após esta revolta que o século V viu a sua crise militar terminada, pela mão do recém-empossado imperador, que seguidamente empreende uma série de reformas, tendo em vista o saneamento financeiro do *thēsauros* imperial, com grande incidência no orçamento destinado ao exército.

Após 498, sufocada a revolta dos Isaurianos, Anastácio vai proceder a uma reforma do soldo dos combatentes, substituindo o pagamento em géneros, uniformes e armas por somas monetárias, o que vai permitir aos soldados comprar aquilo de que pudessem necessitar. É de realçar o facto de estas somas não serem pouco generosas (muito pelo contrário) e de terem servido como móbil para a atração de muitos mais homens para as unidades militares (Treadgold 1995 14).

Por via destas reformas, assistimos ao abandono do recrutamento compulsivo (que havia sido instaurado no século IV) e, simultaneamente, a uma significativa diminuição do recurso a mercenários bárbaros (que tinham sido de grande relevância ao longo de todo o século V), os quais veem a sua importância eclipsada. Deste modo, Anastácio I garante a sua segurança no que concerne a eventuais sublevações por parte de generais bárbaros, aumentando com isso a eficiência do exército imperial.

É em 502 que este exército, agora reformulado, encontra o seu primeiro grande teste: a invasão da Arménia por parte do rei Cavade, da Pérsia. O imperador reage, reunindo uma hoste de uma dimensão nunca antes vista nas fronteiras orientais e forçando os Persas a recuar. Estes veem-se, por fim, obrigados a assinar a paz, em 506, ficando a fronteira com a Pérsia delimitada de uma forma segura, graças à fortificação de Dara; construída ainda no reinado deste imperador, a cidade adquiriu uma especial importância estratégica, não só por vigiar as fronteiras com o Império Persa, mas também porque se situava na rota de acesso da zona romana da Mesopotâmia ao norte da Síria, prolongando-se depois para os territórios da Ásia Menor.

Em 511, dentro de um contexto religioso, encontramos Anastácio a combater e a derrotar, ao fim de quatro anos e a muito custo, uma revolta popular encabeçada pelo *comes foederatum*<sup>1</sup> da Trácia, Vitaliano (uma sublevação patrocinada pelo patriarca da Macedónia). Em 518, morre, deixando como legado um exército tão poderoso que, em 527, Justiniano poderá mesmo ambicionar a reconquista das províncias ocidentais (Treadgold 1995 15).

---

<sup>1</sup> Termo empregado pelos oficiais militares para distinguirem os seus diversos estatutos; encontrava-se adstrito a um propósito específico. Uma vez que se tratava de um título honorífico, era apenas atribuído aos oficiais do alto comando do exército. O *comes foederatum* era o encarregado de manter a disciplina no seio das forças bárbaras recrutadas para as hostes imperiais (Kazhdan 1991 484).

Antes disso, porém, aquando da morte de Anastácio I, decorrera uma reunião na noite do dia 9 para 10 de julho de 518, com o fim de se discutir a questão da sucessão imperial. Célere, o *magister officiorum*<sup>2</sup> junta no Hipódromo a elite dos *scholae palatinae*<sup>3</sup>, enquanto, por seu turno, o *comes excubitorum*<sup>4</sup>, Justino, faz algo de semelhante com a guarda imperial. Após a demora na tomada de decisão (assinalada por inúmeros tumultos por parte do povo, que esperava ansiosamente a novidade), o Senado opta por associar ao trono imperial Justino, que soubera tirar partido da sua influência junto da guarda imperial...

Aquilo que sabemos do reinado de Justino I, em termos militares, é escasso. Tendo governado por um período relativamente curto (entre 518 e 527) e tendo subido ao trono contando já 65 anos de idade (o que não lhe concedeu tempo para grandes reformas), o novo imperador herdou, para além do tesouro deixado pelo seu antecessor, um conjunto de problemas militares e religiosos que foram precedidos por uma série de catástrofes e de fenómenos naturais. Tratando-se de um homem rude e inculto (o que nos é sugerido por uma descrição nas *Anékdota* de Procópio de Cesareia), procurou apoio nos seus sobrinhos, em especial em Justiniano. Sabemos pelas fontes que tio e sobrinho governaram em conjunto, daí retirando benefício mútuo.

---

<sup>2</sup> Principal responsável por toda a administração civil do império. Criado com o propósito de restringir os poderes do prefeito pretoriano, acaba por reunir, sob a sua tutela, toda a atividade desenvolvida dentro do palácio imperial (Kazhdan 1991 1267)

<sup>3</sup> Guarda imperial criada por Diocleciano. Unidade de maior prestígio, mais do que os próprios *comitatenses*. Para as *Scholae* eram atraídos membros de toda a aristocracia e muitos dos seus postos eram obtidos através de compra. Foi com Justiniano I que esta força começou a ser integrada no exército e usada em batalha campal. Posteriormente, no reinado de Constantino V, farão parte do regime dos *tágmata*, tornando-se uma das principais unidades deste modelo (Kazhdan 1991 vol. III 1851).

<sup>4</sup> Oficial responsável pela guarda imperial.

## **2. A Reconquista de Justiniano I: do confronto com os Persas à Paz Perpétua; as Guerras Góticas e a (re)organização do exército**

A 1 de Abril de 527, Justiniano é associado ao trono por indicação do seu tio e, sob pressão senatorial, é coroado três dias depois. Após a subida ao poder, o novo *basileús* depara-se com um duro conflito contra os Persas, na sequência dos ataques do rei Cavade e de Cosroés I, em 530, na Ibéria (Ravegnani 2009 10). Em resposta, é criado um novo corpo militar, o exército da Arménia, que serviu de suplemento ao exército oriental, posicionado a norte. Embora tenha procedido à transferência de tropas experientes para este novo corpo, Justiniano leva também a cabo o recrutamento de novos soldados, de modo a equilibrar o poderio desta nova unidade com os contingentes já existentes; o alistamento de novos elementos parece ter sido executada sem grandes problemas (Treadgold 1995 15). Vendo-se confrontados com estes dois exércitos, os Persas sofrem grandes derrotas às mãos dos Bizantinos.

No decorrer deste conflito, dá-se a batalha de Dara, onde cerca de 25 000 soldados bizantinos defenderam a fortaleza de Anastasiópolis (outro nome dado à fortaleza de Dara) de uma ofensiva persa constituída, aproximadamente, por 40 000 homens (Haldon 2001 30). Tratou-se de um episódio que se estendeu por dois dias, e do qual o melhor relato de que dispomos é o de Procópio de Cesareia, secretário militar de Belisário.

De acordo com a descrição desta fonte, a batalha foi inovadora a vários níveis: foi a primeira vez, num longo período de tempo, que uma força romana – em inferioridade numérica – se mostrou capaz de derrotar as forças persas. Ora, isto constituiu um golpe demolidor no moral persa e um importante incremento no moral das forças bizantinas. De um ponto de vista tático, esta batalha adquire especial significado na medida em que foram as forças de cavalaria (de ambos os lados) que tiveram um papel decisivo

no confronto. A infantaria bizantina, por seu lado, foi mantida no corpo central, bem defendido, ao passo que a infantaria persa pouco ou nada terá interferido na batalha.

O conflito encontrou o seu termo em 532, com a assinatura da Paz Perpétua. Nos termos deste tratado, Justiniano pagou uma avultada soma ao rei persa, tendo, para o efeito, suspenso o pagamento às tropas que guardavam as fronteiras orientais do império; como que embalado pela perspectiva de uma ‘paz eterna’, pôde então preparar-se para intervir tanto em África como na Itália.

Dois anos antes da assinatura deste tratado, o imperador enviara o seu brilhante *magister militum*<sup>5</sup>, Belisário, para o norte de África, numa tentativa de conquistar o reino que os Vândalos aí haviam estabelecido. Em apenas um ano, o comandante concluiu com sucesso a missão que lhe havia sido entregue, vencendo duas batalhas decisivas; a campanha culminou com o envio para Constantinopla do rei dos Vândalos e do saque que se obtivera; por fim, o que restara dos sobreviventes tinha acabado por ser integrado no exército oriental bizantino. Desta forma, abriu-se para Justiniano I a possibilidade de criar um novo exército de África e cinco novos ducados de tropas fronteiriças.

Volvidos cinco anos, em 535, o imperador envia Belisário para a Itália, de modo a libertá-la do domínio dos Ostrogodos. Numa primeira fase da campanha, o brilhante general toma o sul de Itália e a importante cidade de Roma; até 540, consegue ainda a proeza de conquistar Ravenna, a capital ostrogoda, e todos os territórios a sul do rio Pó.

Contudo, o grande general é chamado de volta às fronteiras orientais, por ordem imperial motivada pela ameaça dos Persas, que, sob o comando do rei Cosroés I, haviam quebrado as supostas

---

<sup>5</sup> Título atribuído ao comandante de cada um dos exércitos provinciais e *prae-sentales* (exércitos de campanha do imperador). Cf. Kazhdan 1991 1266.

tréguas eternas e em 540 já tinham tomado Antioquia (a principal metrópole na Síria) e capturado Lazica, a leste do mar Negro. Esta investida realizara-se sem grande oposição, pois, como já mencionámos, Justiniano I, para pagar o tributo ao rei persa, tinha suspenso o pagamento aos soldados fronteiriços, os quais, no início do conflito, acabaram por abandonar os seus postos!

É apenas aquando da chegada do exército provincial da Arménia à região que os Bizantinos conseguem montar uma verdadeira defesa; no entanto, só é possível tomar uma atitude ofensiva quando Belisário regressa com grande parte das suas tropas vindas da Itália; encabeçada por este general, a ofensiva devasta os territórios persas na Mesopotâmia, ao mesmo tempo que põe Cosroés I em fuga. O pagamento aos soldados foi restabelecido, e o exército de campo bizantino aparentava estar agora na melhor das suas formas (Treadgold 1995 16).

Nos inícios do ano 541, o império vê-se assolado por uma nova catástrofe nunca antes vista no mundo mediterrânico: a peste bubónica. Os seus efeitos foram devastadores, ceifando, nos quatro anos em que perdurou, uma grande parte da população, tanto de soldados como de civis (que eram a principal fonte de impostos); por pouco o próprio Justiniano I não sucumbiu a esta epidemia. Logo que ficou recuperado, o *basileús* afastou Belisário, que consta que teria planeado subir ao trono, caso este ficasse vago...

Os efeitos da peste, bem como o atraso nos pagamentos aos soldados (sua consequência imediata) tiveram efeitos nefastos na prestação marcial bizantina. Logo em 545, os Ostrogodos conseguem recuperar a maior parte da Itália, aproveitando o facto de as hostes bizantinas aí estacionadas terem começado a desertar. Entre os territórios perdidos para os Ostrogodos contava-se a cidade de Roma, cujas tropas se renderam; enquanto isso, em África, uma grande parte dos territórios bizantinos caiu às mãos dos berberes, tendo muitos homens optado por desertar, enquanto outros se

amotinaram. Felizmente para o império, a peste tinha tido também os seus efeitos devastadores nos territórios persas, o que levou a um novo período de tréguas (desta feita por um preço moderado), nesse mesmo ano (545).

Nos inícios da segunda metade do século VI, Justiniano conseguiu repor a situação financeira, o que lhe proporcionou a oportunidade de encetar, em Itália, uma nova campanha de dimensões consideráveis. O exército responsável por esta operação militar, liderado pelo eunuco Narsés, no período de um ano inflige pesadas derrotas aos Ostrogodos, em especial nas batalhas de Tadina (552) e do rio Casilino (554). Merece aqui especial relevo o primeiro desses combates.

Travada em junho de 552, a batalha de Tadina opôs o exército de Narsés, que contabilizava um total de cerca de 20 000 a 25 000 homens (incluindo tropas aliadas sob o estandarte de Auduin, rei dos Lombardos, forças hérulas, bem como algumas forças recrutadas por Narsés e oriundas da Trácia e da Ilíria), ao exército de Totila, em clara inferioridade numérica. Tal como sucedera em Dara, os Bizantinos optaram por uma atitude defensiva, esperando que fossem os Ostrogodos a abrir as hostilidades: posicionando o seu exército num local geograficamente bem protegido, Narsés dispôs as suas forças de infantaria ao centro, ao passo que, nas alas, colocou as tropas montadas, protegidas por contingentes de cerca de 4000 arqueiros dispostos na sua frente; um corpo de aproximadamente 1500 cavaleiros foi estacionado na retaguarda da ala esquerda, tendo a função de agir como reserva, em caso de necessidade.

É de salientar a progressiva importância que a cavalaria tinha vindo a adquirir no seio do exército romano, uma tendência que se vinha acentuando desde o século III (Haldon 2001 26). De facto, quando se chega ao século VI, vemos a cavalaria ligeira a ser reforçada com elementos de cavalaria pesada, tornando-a assim um componente devastador, assentando a sua eficácia em cargas e

numa tal capacidade de choque que lhe permitia romper as linhas inimigas. Deteta-se aqui, claramente, uma influência oriental, que se pauta pelo recurso a tropas montadas fortemente armadas, tanto ofensiva como defensivamente.

Por outro lado, Totila, após receber um reforço de 2000 cavaleiros, colocou toda a sua cavalaria num único corpo, posicionado ao centro. O grosso do exército godo seria composto, majoritariamente, por tropas montadas; avançando com uma só unidade, tentaram romper as linhas centrais do exército romano, mas fracassaram em grande parte, não só devido aos lanceiros romanos dispostos na vanguarda, mas também devido à sangria provocada pelos arqueiros bizantinos. Não é claro, pelo relato da batalha (escrito, uma vez mais, pela mão de Procópio de Cesareia), se a cavalaria romana fora instruída para flanquear o exército godo; contudo, parece certo que foi dada uma ordem geral para que as linhas avançassem.

Percebendo ser impossível retroceder e reagrupar, e perante o avanço das tropas bizantinas, as forças ostrogodas batem em retirada, esbarrando nas próprias forças de infantaria e criando, desta feita, uma situação de desorganização geral, da qual resultaram ainda mais baixas, tendo-se generalizado o pânico entre os soldados. Com o exército adversário transformado numa massa desordenada e em fuga, as tropas montadas bizantinas carregam sobre os adversários, perseguindo e abatendo ferozmente aqueles que procuravam escapar, dando origem à chacina própria da fase final de muitas batalhas.

Em 554, Justiniano I deu a conquista da Itália por concluída, tendo em conta a situação que se verificava no terreno. Por esta altura, imprimindo um último fôlego ao seu projeto de 'reconquista romana', envia tropas para a Hispânia, apoiando uma tentativa de revolta contra o rei dos Visigodos. Estas forças começaram a conquistar a região sul da Hispânia, mas não chegaram a ocupar mais

do que um quinto do território peninsular, pois em 558 ocorreu um novo surto de peste e o pagamento aos soldados foi de novo suspenso: em consequência disto, aliás, só em 561 é que Narsés logrou subjugar as restantes forças ostrogodas, na Itália. Neste mesmo ano, verificou-se ainda a assinatura de um novo período de paz com a Pérsia.

Aquando da sua morte, em 565, Justiniano I conseguira a grande proeza de deixar o império com novas dimensões, desta feita abrangendo territórios em África, na Itália e no sul da Península Ibérica, cada um deles detendo o seu exército de campo próprio. Deste modo, foi durante o reinado deste grande *basileús* que o Império Bizantino atingiu a sua maior dimensão. Ao mesmo tempo, aos quatro exércitos de campo originais, acrescentava-se agora o exército da Arménia.

Do ponto de vista logístico, Justiniano conseguiu sempre recrutar novos soldados, de forma a preencher as lacunas que haviam sido deixadas nos exércitos e criando novos corpos bélicos. A nível militar, os relatos que nos foram deixados, tanto por Procópio de Cesareia (Haldon 2001 30) como por Agátias (Treadgold 1995 59) levam-nos a concluir que, embora a infantaria ainda detivesse o papel dominante no campo de batalha, a cavalaria ia cumprindo uma função cada vez mais importante, até pela sua versatilidade, podendo mesmo substituir a infantaria, desde que devidamente empregue.

**(Página deixada propositadamente em branco).**

## II

### A DECADÊNCIA DO SÉCULO VI (DE JUSTINO II A MAURÍCIO)

#### 1. O declínio após Justiniano: uma conjuntura difícil

A escolha do sucessor de Justiniano recaiu sobre um sobrinho seu, que subiu ao trono com o nome de Justino II. Tanto quanto as fontes sugerem, este terá lamentado a política externa do seu antecessor, bem como o preço exorbitante que tal exigia do *thē-saurós* imperial; contudo, não só as finanças o preocupavam, mas também o estado do exército: em 569, dá-se uma ofensiva visigoda na Hispânia, que leva ao fim da presença bizantina na Península Ibérica. Atentando no esforço que o corpo militar representava e nas dificuldades em manter o legado de Justiniano I, o novo *basileús* procura reduzir os custos de guerra, evitando o pagamento do tributo aos Ávaros e aos Persas.

Com esta nova política (que irá revelar-se desastrosa), dá-se um reacender, em 572, das hostilidades entre Bizantinos e Persas (Haldon 2001 51). Embora, numa fase inicial, o conflito tenha pendido a favor dos primeiros, com a conquista de Sirmio, uma grande ofensiva persa desbarata as forças bizantinas estacionadas na Síria, conseguindo, em 573, tomar Dara. A queda desta praça-forte constituiu um verdadeiro golpe para o poder bizantino naquela

região, na medida em que, como já sublinhámos, esta representava um ponto-chave do ponto de vista estratégico.

Para reagir a esta ofensiva, Justino II toma a decisão de desguarnecer a fronteira norte, algo que se revelará fatal, na medida em que acabará por possibilitar o avanço dos Ávaros pela zona do Danúbio. Este novo avanço, contudo, tem a característica de produzir um verdadeiro efeito dominó, na medida em que, na ânsia de invadirem os territórios bizantinos, os Ávaros acabam por empurrar os Lombardos para ocidente.

Tendo entrado na órbita do Império Romano ainda no século I (no norte da Germânia), os Lombardos fixam-se a leste do Danúbio em 489 e, posteriormente, na antiga Panónia (atual Hungria): como já foi explicado na primeira parte deste volume, a invasão lombarda da Itália ocorreu logo em maio de 568, aquando da decisão de Justino II de substituir Narsés pelo prefeito Longino. Uma vez na Península Itálica, os Lombardos não encontraram oposição bizantina de relevo, na medida em que todo o território se encontrava fragilizado, ainda devido aos efeitos das pestes que aí grassaram (o que resultou numa debilitação das tropas e na ausência de um comando militar forte). Por outro lado, não se pode descurar que, numa fase embrionária, tenha havido uma coligação contra um inimigo comum – os Francos; contudo, apesar de uma estratégia defensiva que passou por dar primazia à via diplomática e por evitar a batalha campal, em 570 os Lombardos já tinham conquistado a região entre os Alpes e o rio Pó. Seguiram-se dez anos de instabilidade no seio do comando lombardo (em grande parte devido aos assassinios dos seus líderes, com o apoio bizantino), o que, todavia, não foi suficiente para impedir o seu avanço: em 576, um forte exército, enviado pelo *basileús* e liderado por Baduário, é derrotado e, dois anos depois, o grande porto de Ravenna, Classe, cai.

Em 578, afetado por uma doença mental, Justino II abdica a favor de Tibério (o qual já havia sido designado *kaïsar*, em 574),

nomeando-o *aúgoustos* no seu leito de morte. Reinando apenas durante quatro anos (578-582), este deparou-se com um cenário deveras complicado nas diversas frentes do império: a norte, os Ávaros avançavam, fixando-se entre a Boémia e o Danúbio; os Eslavos, por outro lado, optaram por uma estratégia de sedentarização, fixando-se na Península Balcânica e ocupando quase todo o centro e o norte dos Balcãs. A oriente, o conflito com os Persas não mostrava sinais de terminar, pelo que Tibério recorre a uma estratégia de deslocalização das tropas da Ilíria para a frente persa, onde um certo movimento ofensivo foi possível. Todavia, tratava-se de um exército demasiado numeroso, onde a ameaça de insurreição era plausível, devido à falta de pagamento dos soldos (Treadgold 1995 17).

## **2. Maurício, o estrategista**

É nestas condições que, em 582, sobe ao poder um dos mais brilhantes generais bizantinos: Maurício (582-602). Tendo já anteriormente dado mostras da sua capacidade como general – em 577 conseguira alcançar um equilíbrio de forças perante o poderio persa na Arménia, numa altura em que os exércitos bizantinos andavam a colecionar derrotas –, confronta-se de imediato com vários problemas que ameaçavam a continuidade do seu reinado (Haldon 2001 52).

Por um lado, as finanças públicas encontravam-se esgotadas, não havendo forma de garantir o pagamento a todas as forças imperiais; por outro, deflagravam conflitos em três frentes distintas: nos Balcãs, o avanço dos Ávaros e dos Eslavos fazia-se sentir cada vez mais, o que obrigou à deslocalização de tropas para esta região; em consequência direta destas operações, os domínios bizantinos em Itália e em África viram-se obrigados a defender-se sozinhos contra as invasões lombardas e berberes, que não davam quaisquer

sinais de abrandar; por fim, os conflitos na fronteira com a Pérsia mantinham-se acesos (Treadgold 1995 19).

No que toca à Itália, o ambiente que se vivia era o de guerra permanente, devido às constantes incursões lombardas e ao avanço do seu processo de conquista. Assim, em 584, Maurício vai proceder à fundação de um novo modelo administrativo, em muito semelhante àquele que vigorava na África bizantina: cria-se, deste modo, o exarcado de Itália (ou de Ravenna), um modelo com base na militarização do território, registando-se um primado do poder militar sobre as autoridades políticas. Entretanto, o tesouro público atingia os seus níveis mais baixos, o que obrigara o *basileús* a tomar uma medida que poderia ter-se tornado desastrosa: em 588, de forma a combater o défice orçamental, ordena que as suas tropas sejam pagas em géneros militares (armamento, principalmente) ao invés de pagamentos monetários, decisão que provocou vários episódios de insurreição, envolvendo sobretudo as tropas orientais. A situação só se restabeleceu a partir do momento em que esta medida foi revogada, voltando o pagamento monetário a ser praticado e tendo os exércitos orientais retomado a sua lealdade para com o imperador.

A oriente, a guerra com os Persas adquirira o mesmo padrão desde a subida de Maurício ao poder: mantinha-se o equilíbrio de forças, com vitórias bizantinas, seguidas de contra-ataques persas bem-sucedidos. Contudo, em 586, ocorreu um episódio que merece o devido realce: o embate de forças em Solachon.

### **3. A Batalha de Solachon**

Corria a primavera de 586 quando o comandante dos exércitos orientais bizantinos, Filipico – que se encontrava numa situação estratégica bastante forte –, rejeita toda e qualquer proposta persa,

com vista à negociação de tréguas. Avança para sul de Amida, até Bibas, nas imediações do rio Zergan (Arzamon) e percorre mais 15 quilómetros nas terras altas, onde estabelecerá o seu acampamento sob a proteção do monte Izala, nas margens do rio Arzamon. Estrategicamente estacionados, os bizantinos conseguiram bloquear o acesso às águas locais, deixando assim as forças persas em grande desvantagem: para acederem à água, ficariam expostas ao poderio dos Gregos, caso não os conseguissem expulsar das imediações ribeirinhas.

O comandante persa – Kardarigan –, confiante na sua superioridade numérica, preparou um considerável número de reservas de água (utilizando peles de camelo) e criou jaulas, de modo a albergar os prisioneiros que viessem a ser detidos no decurso da refrega. Avançando desde Dara, as suas intenções, contudo, foram reveladas por causa da captura de batedores persas; sabendo dos planos adversários – tratar de atacar as forças bizantinas, explorando a tradição do *Sabbath* –, Filipico ordenou aos seus batedores que se mantivessem alerta e que vigiassem as imediações. E, tal como esperado pelos Bizantinos, na manhã do dia seguinte as tropas persas aproximaram-se, tornando a batalha inevitável (Haldon 2001 53).

Embora as informações disponíveis não sejam absolutamente claras, é verosímil presumir que ambos os exércitos consistissem, maioritariamente, em tropas montadas, havendo do lado bizantino a combinação de piqueiros com arqueiros e, ainda, algumas tropas árabes aliadas, sob a tutela dos seus próprios comandantes; do lado persa, a orgânica não seria muito distinta. Em ambos os lados, é possível que tenham comparecido unidades de cavalaria pesada, nomeadamente os catafractários.

Tirando o máximo proveito das características do terreno, Filipico dispõe as suas tropas no terreno mais elevado da planície de Solachon, protegendo o seu flanco esquerdo com o terreno

desnivelado da montanha e dispondo as suas forças nas três divisões típicas: Filipico a comandar o corpo central, enquanto Eilifreda fica responsável pelo flanco esquerdo e o flanco direito está sob o comando de Vitálio.

Os Persas, dispondo as suas forças de forma semelhante, apressam a batalha, começando por atacar as forças bizantinas com a sua cavalaria experiente no tiro com arco. As três divisões bizantinas respondem da mesma forma, mas organizam uma contraofensiva, o que conduz a um impasse na batalha; contudo, do flanco direito, Vitálio usara as suas forças de cavalaria pesada para quebrar as linhas persas, conseguindo desorganizar a sua formação e empurrando-as para trás, para a divisão central, criando aí uma certa confusão no seu seio.

É neste momento que ocorre uma situação que poderia ter ditado a vitória dos Persas: uma força considerável de cavaleiros bizantinos, ao ver que a carriagem persa não se encontrava longe, cavalga na sua direção, desrespeitando as ordens dos seus superiores: tivesse o comandante persa tido noção do que se estava a passar, e a sorte das armas teria sido desfavorável aos Bizantinos. Filipico, por seu lado, apercebe-se e, tirando o capacete, entrega-o a um dos seus generais e ordena que se reúnam esses soldados dissidentes, sob pena de punição severa. Tendo a ordem sido bem acatada e executada, as tropas bizantinas reagrupam-se ao avistarem o capacete do seu general, conseguindo a coesão que, até então, tinham perdido (Haldon 2001 56).

Todavia, ao centro, as unidades persas conseguem reorganizar-se e, graças à pressão que entretanto exerceram, forçaram as linhas bizantinas a recuar. Perante esta ofensiva, Filipico dá ordem às suas tropas para desmontarem e para formarem uma muralha de escudos com lanças apontadas para a frente, de forma a resistirem às forças de cavalaria persas. Aquilo que sucedeu nos momentos seguintes permanece desconhecido, mas não é de excluir a hipótese

de ter sido dada a ordem de atacar, com arco e flecha, os cavalos persas, o que levou a uma mudança na sorte das armas.

À medida que o centro persa recuava, a ala esquerda bizantina tentou, com sucesso, montar um contra-ataque, o que levou a ala direita persa a uma fuga desmedida: com os dois flancos desbaratados, a divisão central perde toda a coesão e começa a debandar. Esta fuga resulta na “total desintegração” das suas forças (Haldon 2001 56), pois não só os seus efetivos foram derrotados, como o seu general havia ordenado a destruição das suas próprias reservas de água – o que fazia parte de uma estratégia pessoal, que impôs nos seus soldados a pressão de uma vitória –, não deixando nenhuma hipótese de sobrevivência naquelas paragens. Muitos dos soldados que fugiram acabariam por morrer, quer por desidratação, quer por infeções estomacais.

Esta batalha terá durado pouco mais do que meia hora e é um excelente exemplo de como um exército bizantino, bem comandado e bem disciplinado, conseguia alcançar resultados positivos, mesmo quando todas as probabilidades apontavam no sentido contrário. Também é um exemplo elucidativo de quão típica era a utilização de forças de cavalaria nas campanhas persas e, de uma forma geral, da crescente importância que a cavalaria vinha a adquirir no seio do exército bizantino (um importantíssimo elemento da evolução militar que se estava a operar em Bizâncio).

No rescaldo imediato desta batalha, o poder político persa começou a mostrar sinais de desagregação. Factos ilustrativos desta situação foram o assassinato do rei Hormisdas e a fuga do seu filho, Cosroés II, para Bizâncio, em 509, onde solicitou o auxílio de Maurício (Treadgold 1995 19), tendo o imperador acedido a esse pedido e efetuado uma campanha na Pérsia, finda a qual Cosroés II foi reposto como rei. A operação gerou boas contrapartidas para Bizâncio: a cidade de Dara voltou a entrar na esfera do império, assim como uma grande parte da Arménia.

#### 4. Da defesa do Danúbio à pacificação dos Balcãs

Uma vez resolvida a situação numas das frentes de guerra, Maurício, em 593, desloca uma quantidade considerável de tropas para a zona do Danúbio, onde se fazia sentir uma grande pressão, resultante da ameaça dos Eslavos e dos Ávaros; contudo, esta movimentação não era só motivada por razões militares. Apesar do sucesso da campanha a oriente, a situação financeira do império mantinha-se débil, e fora ordenado aos soldados que passassem a viver nos Balcãs e que se sustentassem daquilo que a terra aí dava, de forma a poupar em rações de campanha, porém, perante a emergente ameaça de revolta que se fez sentir, tal iniciativa não seguiu em frente (Treadgold 1995 19).

No ano seguinte, o *basileús* tenta implementar uma nova medida, substituindo os pagamentos destinados à aquisição de armamento por géneros e víveres. Embora Maurício, encontrando-se uma vez mais sob a ameaça de revolta dos seus exércitos, tenha tentado compensar tal medida com a promessa de que os soldados que tombassem em batalha seriam substituídos pelos seus filhos – o que para as dignidades mais elevadas do exército era bastante favorável –, estes exigiram o pagamento dos soldos, na sua totalidade. Apesar deste clima de tensão entre o poder imperial e os exércitos, os soldados prestaram um excelente serviço, conseguindo rechazar os Ávaros e os Eslavos, uma e outra vez, até que, em 599, os Balcãs se tinham já tornado uma área livre de invasores e a fronteira do Danúbio fora restabelecida.

Com a pacificação dos Balcãs, já seria possível enviar tropas para assegurar o controlo da situação na Itália, mas, uma vez mais, as finanças não o permitiam. Em 602, o imperador tenta de novo poupar nas rações dos soldados, ordenando-lhes que estacionassem a norte do Danúbio, durante o inverno; no entanto, desta

vez, os soldados não só se revoltaram, como marcharam sobre Constantinopla. Maurício tentou escapar (levando consigo a sua família e uma parte do tesouro), mas foi apanhado na fuga e foi barbaramente assassinado.

## 5. O *Strategikon* de Maurício

Quando falamos em Maurício, não nos podemos cingir aos acontecimentos políticos do seu reinado ou às dificuldades económicas que se fizeram sentir, mas também é de carácter obrigatório mencionar o seu legado, o qual se pautou por uma série de reformas militares, compiladas num dos mais brilhantes tratados da Antiguidade Tardia: o *Strategikon*. É um manual de arte bélica notável, onde – apoiando-se na herança de Vegécio – o imperador resumiu os princípios básicos da arte militar bizantina, alterando com isso a orgânica do exército e a sua estrutura.

Assistimos, pois, em finais do século VI, a profundas mudanças no aparelho militar bizantino. Maurício conservou alguma da orgânica romana – p. ex., uma patente elevada continuava a ser o cargo de tribuno –, mas procedeu à alteração do número de homens que cada oficial mantinha sob o seu comando direto: assim, encontramos os regimentos (*bánda*), comandados pelos tribunos, a deterem entre 200 a 400 homens, nos quais se incluíam, para além do tribuno, um porta-estandarte, o porta-capa e os trompetistas. Tais regimentos eram, posteriormente, postos sob tutela dos quiliarcos (prefeitos da legião), que (apesar de o seu nome evocar o comando de mil homens: *chiliás*) comandavam 2000 a 3000 homens. Contudo, estes comandos eram, por sua vez, inseridos numa unidade maior, as divisões (*mérē*), sob o comando de merarcas (legado da legião), cujo número não excederia os 7000 homens (Treadgold 1995 94).

Claro que, quando apontamos estes números, se incluem todos os componentes do exército – entre infantaria, cavalaria, auxiliares e técnicos militares – conseguindo-se uma relação simbiótica entre eles. Com esta reforma na constituição dos vários corpos militares, o objetivo parece ter sido o de proporcionar uma maior facilidade de manobra, de forma a favorecer a flexibilidade das tropas, designadamente naquilo que dizia respeito à organização das várias formações de combate.

As legiões (e outros regimentos) sobreviveram a estas reformas, sendo comandadas pelos quiliarcos e pelos tribunos. Porém, temos de isolar o caso das tropas de fronteira, as quais, embora tenham sobrevivido ao corte de pagamentos em 545, e conquanto ainda as encontremos durante as conquistas na Pérsia, não sobreviveram ao século VII: o seu pagamento há muito que se tornara escasso e, como tal, os soldados foram obrigados a procurar meios de subsistência alternativos.

Como é natural, no *Strategikon* de Maurício é dada uma especial atenção (e nisto difere da *Epitoma rei militaris*, de Vegécio) à componente de cavalaria: nele, são mencionados os diferentes corpos de cavalaria de elite (*optimates*, *illyriciani*, *vexillationes*) e a sua organização, e, embora os preceitos do tratado se refiram aos corpos profissionais do exército, a maior preocupação do seu autor é, de facto, com a cavalaria. Apesar de ser dada alguma ênfase à infantaria, é sublinhada a negligência que a função da cavalaria havia sofrido, chegando mesmo a afirmar-se que “um general se encontra sempre mais bem servido com mais cavalaria do que com infantaria” (Treadgold 1995 98), principalmente devido ao facto de estes soldados poderem combater tanto a cavalo como apeados. É no *Strategikon* de Maurício que se encontram os últimos relatos relacionados com a organização militar em legiões, antes da reformulação do exército bizantino, com o modelo dos *témata*.

### III

## **HERÁCLIO: COMO SALVAR UM IMPÉRIO (DUAS VEZES)**

A deposição e assassinato de Maurício, em 602, abrem a página para um dos períodos mais difíceis da história do Império Bizantino, pois vão dilacerá-lo e enfraquecê-lo de tal forma que este se vai mostrar incapaz de fazer frente à expansão árabe e à progressão muçulmana. Bom, incapaz num certo sentido, porque o Império Romano do Oriente, no final, sobrevive, embora mutilado, ao contrário do seu arquirrival, o Império Sassânida da Pérsia. Mas talvez não tivesse subsistido sem um dos seus imperadores mais importantes, Heráclio, que não só conseguiu governar neste período tão difícil e conturbado como também salvou o império não uma, mas sim duas vezes!

#### **1. O infeliz reinado de Focas**

Para falarmos do heroico (e, ao mesmo tempo, azarado) reinado de Heráclio, é necessário refletir acerca do curto mandato do usurpador que o precedeu, Focas, que ascendeu ao trono em 602, após o golpe de Estado das tropas da fronteira do Danúbio contra Maurício, e viu o seu reinado começar da pior forma possível: com uma guerra com a Pérsia de Cosroés II. E se, no início, a razão para o desencadear deste conflito por parte do imperador persa foi alegadamente pessoal, com

o pretexto de vingar a morte do seu aliado e apoiante, Maurício, e de colocar um suposto filho do mesmo no trono (muito à maneira do que Maurício fizera por ele), rapidamente tomou contornos expansionistas quando, à morte do pretendente, os exércitos da Pérsia invadiram as áreas bizantinas da Arménia e da Mesopotâmia.

Para dificultar ainda mais as coisas, o exarcado de África revoltou-se e inicia uma guerra civil contra Focas, apoiando-se na falta de legitimidade deste para ocupar o trono púrpura de Constantinopla. Durante os seus oito anos de reinado, o usurpador mostrou-se incapaz quer de resolver os seus problemas internos, quer de sustentar o poderio dos Persas. Estes, após ocuparem a totalidade da Arménia e da Mesopotâmia e aproveitando-se do caos interno vigente no reino do seu rival, enviam os seus exércitos para a Síria e para a Anatólia, que acampam na margem asiática de Constantinopla, o que configurou uma humilhação pessoal para o *basileús*. Enquanto isso, as vitórias que Maurício obtivera nos Balcãs foram neutralizadas com o regresso em peso dos Ávaros e dos Eslavos, que começam a saquear e a ocupar os territórios europeus de Bizâncio. Finalmente, em 610, Heráclio, filho do exarco de África, comandando uma grande frota vinda do Egito, dirige-se para Constantinopla, onde depõe e mata o usurpador e ocupa o trono, herdando o negro legado de Focas.

## **2. Os complicados primeiros anos**

O império vivia então a sua pior crise desde os anos áureos de Justiniano. Nos Balcãs, os dois exércitos romanos tinham sido derrotados pela enorme vaga de povos que inundava esta zona, sendo que o exército da Ilíria fora completamente destruído e o exército da Trácia reduzido a 60% dos seus efetivos. Este cataclismo resultara, finalmente, na perda da maior parte dos Balcãs (restando somente as zonas costeiras).

Enquanto isso, a oriente, apesar de muitas vezes as forças bizantinas serem comandadas por Heráclio, os Persas conquistam a Síria, a Cilícia e a Palestina; em especial, a conquista de Jerusalém, em 614, com a captura de várias relíquias sagradas, entre as quais a preciosa Vera Cruz, representa um duro golpe no moral bizantino. É importante salientar que estas zonas eram as mais produtivas do império, de tal forma que a sua perda fragilizou imenso a economia já muito debilitada de Bizâncio, tornando o pagamento dos soldos ainda mais difícil: esta nova crise financeira quase que lançou o império numa nova guerra civil, com o exército de Itália a amotinar-se devido ao atraso nos pagamentos; o conflito só ficou resolvido quando Heráclio instituiu o pagamento em géneros (tal como Maurício tentara fazer anteriormente) aos restantes soldados, de forma a conseguir remunerar as tropas de Itália. Tão desesperada era a situação que os soldados aceitaram as alterações no pagamento do soldo, mau grado isso diminuir o valor dos seus salários em cerca de 50%.

Enquanto o imperador resolvia a crise interna, os Persas continuavam a saquear a Anatólia com ondas constantes de raides que, aos poucos, inundavam de sangue e de destruição a Ásia Menor; os Sassânidas não pararam de mover os seus exércitos para sul e, em 620, conquistaram o Egito. Com o império mais do que nunca à beira do colapso perante forças adversárias externas, ainda que finalmente seguro do ponto de vista interno, Heráclio inicia então um glorioso contra-ataque em todas as frentes (económicas, diplomáticas e, sobretudo, militares), circunstância que vai salvar Bizâncio da hecatombe.

### **3. O contra-ataque de Heráclio**

Começando pela vertente económica, Heráclio pede à Igreja todo o ouro e prata possíveis, materiais esses que trata de fundir para encher os quase vazios cofres bizantinos e, assim, poder pagar às

suas hostes. Diplomáticamente, inicia negociações com os Khazares, um povo da estepe que lhe envia reforços para a guerra que trava contra os Sassânidas, e assina uma trégua com a confederação dos Ávaros e dos Eslavos, agora demasiado próxima de Constantinopla. Simultaneamente (e mais importante no contexto deste capítulo), na vertente militar, unifica os exércitos *praesentales* (os que estão na presença do imperador) e chama os exércitos do Oriente, da Arménia e da Trácia (que fora retirado atempadamente dos Balcãs) para a Anatólia. Finalmente, mas não menos decisivo, recupera a velha tradição romana, perdida após a morte de Anastácio, de tomar ele próprio as rédeas deste exército unificado do império e conduzi-lo para a guerra decisiva contra Cosroés II da Pérsia.

Os resultados desta manobra são espetaculares, evidenciando a grande capacidade de comando de Heráclio. Em 622, agora apenas com um inimigo, expulsa as forças persas que estão presentes na Anatólia e, dois anos mais tarde, conduz o seu exército para a Arménia, onde vai derrotar e expulsar o imperador Cosroés e as suas forças. No ano de 624, como forma de vingança pelo saque de Jerusalém, as forças bizantinas destroem o Grande Templo Zoroastra em Takht-I-Suleiman (atual Ganzak) e extinguem o Fogo Eterno de *Vshnap* (Luttwak 2009 400)! Disposto a não ceder a Arménia, estrategicamente muito importante, e sentindo-se insultado por tal blasfémia bizantina, Cosroés envia três exércitos para a região, mas todos eles são derrotados por Heráclio.

Em 626, os Ávaros, aliados à Pérsia, que conseguira enviar outro exército para a Anatólia, sob o comando de Shahrbaraz (aproveitando-se da ausência de Heráclio e da maior parte das forças bizantinas, que estavam na Arménia), quebram as tréguas e cercam Constantinopla, decididos a acabar com o Império Bizantino. Será um esforço inútil, porque os Bizantinos, sob o comando do *magister militum praesentalis* Bono e do patriarca Sérgio, conseguem resistir atrás das poderosas muralhas de Constantinopla; a falta de

coordenação dos dois lados culmina no naufrágio da ‘frota’ ávara (constituída apenas pelos *monóxyla* eslavos, que não passariam de pequenos batéis), carregada de muitos soldados persas e da tripulação eslava, ao largo da cidade, demonstrando que a talassocracia bizantina se mantinha dominante. Para além desta frota de improvisado e da tripulação eslava, terão perecido cerca de 4000 soldados persas, de acordo com o *Chronicon Paschale* (citado por Luttwak 2009 402). Ora, sem força naval era impossível tomar a grande capital do Império Bizantino e tanto o *khan* ávaro como o general persa Shahrbaraz, ao perderem a única forma de atacar a muralha marítima do Corno de Ouro, viram-se obrigados à retirada.

Enquanto o maior general persa se retirava para retomar a perseguição a Heráclio e o *khan* ávaro prometia regressar a Constantinopla, a maior parte dos Eslavos (em especial, os Croatas e os Sérvios), influenciados pela derrota no cerco (e pela falta de despojos e de comida que dela resultara) e pela diplomacia bizantina, começaram a afastar-se cada vez mais dos Ávaros, acabando por se revoltar abertamente contra eles e formando, posteriormente, Estados semi-independentes na Croácia e na Sérvia e ocupando várias áreas da Trácia. Falaremos da importância destas pequenas comunidades mais adiante.

O ano que se seguiu à vitória bizantina em Constantinopla, em 627, foi protagonizado pelo maior dos frutos da diplomacia de Heráclio: a aliança com os Khazares, um povo que formara um grande Estado nas estepes asiáticas e trouxera com ele 40 000 cavaleiros e a sua maior arma – os seus cavalos (ou pôneis). A maior vantagem destas montadas era, sem dúvida, a sua capacidade para conseguirem sobreviver em qualquer terreno desde que tivesse vegetação (mesmo no inverno), inclusivamente em terrenos muito acidentados (como aqueles que eram próprios do coração da Pérsia).

No dia 12 de dezembro de 627, as forças aliadas de Bizâncio e dos arqueiros montados dos Khazares travam uma batalha decisiva junto a Nínive (atual Mossul). Heráclio atraiu os Sassânidas para a

planície (provavelmente, com o apoio dos seus aliados e de fugas simuladas), sobre a qual pairava então um grande nevoeiro. Aqui, virou-se para enfrentar os Persas, que só se aperceberam de que os Bizantinos se tinham voltado para os combater quando estes caíram sobre eles (Luttwak 2009 405).

Com esta vitória, o último exército persa, que se encontrava entre Heráclio e Ctesifonte (a capital sassânida), tinha sido desbaratado. O imperador bizantino avançou depois pelo coração da Pérsia, ocupando alguns dos palácios de Cosroés; estes, que adotavam o estilo arquitetónico dos impérios clássicos persas (com grandes jardins, muitos deles zoológicos, com as mais exóticas espécies), rapidamente serviram de apoio logístico às forças bizantinas, que se alimentaram dos mantimentos armazenados nestes, bem como dos animais dos jardins zoológicos privados do rei...

Cosroés foi então obrigado a fazer uma opção difícil: ou mandar retirar todas as forças persas que estavam em territórios ocupados nas campanhas anteriores, de modo a derrotar, de uma vez por todas, Heráclio e o Império Bizantino; ou, em alternativa, usar apenas as (escassas) forças que tinha ao seu dispor e contar que o seu inimigo abandonasse a ofensiva durante o inverno. O líder persa optou pela segunda possibilidade, e a aposta saiu-lhe cara...

A recusa em chamar os seus generais (como o experiente Shahrbaraz, que se encontrava bem perto, na Mesopotâmia) e em assinar um tratado de paz com Heráclio, assim como a aproximação fulgurante e inesperada dos Bizantinos formaram a gota de água para muitos persas, já desalentados e cansados pelas sucessivas derrotas de Cosroés II. A 23 de fevereiro de 628, um grupo de rebeldes comandados por Xeroé, filho do imperador persa, destronou e matou o 'vingador de Maurício', tendo-o substituído no trono de Ctesifonte pelo filho, que iniciou negociações com Heráclio para pôr fim ao conflito; este acedeu, retirou-se e regressou com o seu experiente exército à Arménia.

A paz, no entanto, não seria assinada por Xeroé, que seria por sua vez apeado do trono por um golpe de Estado encabeçado pelo reputado Shahrbaraz, cabendo ao general que dois anos antes cercara Bizâncio negociar a paz com Heráclio. Esta negociação repôs quase todas as fronteiras políticas anteriores à guerra, com exceção de certos territórios do lado persa do Eufrates, que constituiriam uma reconquista de terras que previamente teriam estado na posse dos Sassânidas (Luttwak 2009 407).

Com a paz, voltaram também à posse bizantina as preciosas relíquias sagradas perdidas após a tomada de Jerusalém, em 614; foi com estas relíquias que o imperador bizantino regressou a Jerusalém, onde entrou triunfalmente em 630, após a vitória numa guerra que durara cerca de vinte anos. Heráclio conseguira salvar um império à beira do colapso, apesar de ter perdido os Balcãs. No entanto, o pior ainda estava para vir...

#### **4. Os Árabes**

Os Árabes não eram um povo estranho para os Bizantinos ou para os Persas; muito pelo contrário, ambos os lados contavam, entre os seus maiores aliados, com duas grandes tribos do norte da Arábia: os Gassânidas (aliados de Bizâncio) e os Lakhmidas (aliados do Império Sassânida). Estes aliados proporcionavam às duas partes trocas comerciais, forças auxiliares e serviam ainda de tampão contra as restantes tribos nómadas da Península Arábica.

Esta situação manter-se-ia até aos inícios do século VII, pois, no conturbado período da (última) guerra bizantino-persa, o profeta Maomé realizara a Hégira e iniciara a pregação do islão na cidade de Medina. Anos mais tarde, em 630, no ano da entrada triunfal de Heráclio em Jerusalém, Maomé conquistava Meca, cumprindo o seu grande objetivo de vida; mais tarde, conseguiria unificar a Península

Arábica sob a sua égide e, claro está, da religião islâmica; à sua morte teria início a grande conquista islâmica sob a batuta dos califas.

O martelo do islão caiu, portanto, sobre os dois impérios. Os Persas portaram-se inicialmente melhor do que os Bizantinos: comandados pelo seu novo imperador, Yazdarij, derrotaram um exército muçulmano em 634, na “batalha da Ponte”. No entanto, mais tarde, em 637, o Império Persa seria pesadamente derrotado na batalha de Qadisiyah, abrindo aos Árabes o caminho para Ctesifonte, que foi tomada e saqueada, facto que assinalou o fim da conquista do Iraque e a retirada dos Persas para o mais facilmente defensável planalto iraniano.

Os Bizantinos foram, contudo, os primeiros a enfrentar as cimitarras dos califas: no ano de 633, os exércitos árabes lançam vários raides ao sul da Síria, sob o comando do general Khalid ibn al-Walid, e chegam em abril de 634 às portas de Damasco, cidade que é saqueada pelos fiéis do Profeta; nesse mesmo ano, as forças árabes infligiriam uma primeira derrota às forças do Império Bizantino, na batalha de Ajnadain.

Heráclio, apanhado inicialmente de surpresa pelo ímpeto árabe, reage o mais rapidamente possível e, em 636, reúne um enorme exército, que fica sob o comando do seu irmão Teodoro, uma vez que o imperador se encontrava doente. Este exército avança pela Síria adentro e, tal era o seu tamanho, faz os Árabes abandonarem Damasco e retirarem-se para sul, até às margens do rio Yarmouk: será aqui que se irá travar, no mesmo ano, uma das batalhas mais decisivas da milenar história do Império Bizantino.

## **5. A Batalha de Yarmouk – 636**

Antes de o combate começar, já se notavam diversos problemas do lado bizantino: a falta de cooperação entre as populações locais

e os soldados, relativamente às provisões, tinha provocado vários confrontos entre eles (em especial, em Damasco); os comandantes também não estavam de acordo entre si no que dizia respeito a vários aspetos, circunstância de que resultava um exército pouco coeso e disciplinado (Haldon 2000 59).

As forças bizantinas aproximaram-se de Jabiya (uma região muito importante para os Gassânidas, porque providenciava forragem e mantimentos para as suas forças), uma zona importantíssima do ponto de vista logístico, pois possibilitava o acesso à estrada que ia para sul a partir de Damasco e, desse modo, às regiões localizadas a sul e a leste da cidade. De forma a não serem cercadas pelas forças escondidas e dispersas que os muçulmanos tinham colocado na região, o comando bizantino tomou a decisão de espalhar as suas forças pelo terreno acidentado, comprometendo as facilidades de comunicação entre as várias componentes do exército. Os soldados imperiais foram assim dispostos ao longo da linha da velha estrada romana, paralela ao leito do rio Ruqqad, um outro afluente do Jordão, que na altura se encontrava seco. Os Bizantinos terão então estabelecido dois acampamentos na região, um em Yaqusa (15 milhas a sul de Jabiya), junto ao flanco direito bizantino, onde se estabeleceram Baanes e as forças do *magister militum* Jorge, e outro em Jilliq (a norte de Jabiya), que seria o acampamento das forças do exército do Oriente e de Teodoro. Por fim, a povoação de Jabiya seria a base das forças dos Gassânidas.

O exército bizantino que entrou na Síria, em 636, tinha quatro comandantes principais: Teodoro (irmão de Heráclio e *magister militum* do Oriente), Jorge (o *magister militum* da Arménia), Jabala ibn al-Ayham (o chefe das forças gassânidas) e Baanes (um arménio, que era o comandante principal desta força). Outra presença importante no campo de batalha era, sem dúvida, a do persa Nicetas, filho do imperador Shahrbaraz, que terminara também ele assassinado! Já os Árabes eram comandados por dois grandes comandantes:

Abu 'Ubayda ibn al-Jarrah e o grande líder da conquista árabe da Síria, o já nosso conhecido general Khalid ibn al-Walid.

Qual era a composição de cada uma das forças? O historiador John Haldon aponta para cerca de 20 000 soldados bizantinos, sendo o exército composto por metade dos efetivos dos dois exércitos principais do Oriente (Arménia e Oriente) e pelo conjunto dos aliados gassânidas, num total de 15 000 homens, a que se juntariam soldados oriundos de unidades de outros setores (entre *limitanei* e auxiliares), num número estimável entre 2000 e 5000 homens. Já os números árabes são mais difíceis de determinar, mas é improvável que fossem iguais aos de Bizâncio: as táticas utilizadas pelas forças islâmicas (eliminar cada força bizantina, uma a uma, enquanto as outras eram espicaçadas e atrasadas pelas restantes) refletem uma hoste inferior à dos súbditos do *basileús*. Em matéria de tipos de tropas, ambas as hostes possuíam contingentes de infantaria e de cavalaria.

Nos dias do combate decisivo opondo Árabes e Bizantinos (entre 18 ou 19 de agosto e o dia 20), a disposição das (divididas) forças bizantinas era a seguinte: a ala direita, comandado por Jorge, posicionou-se entre a estrada romana e Yaqusa; o flanco esquerdo, comandado por um oficial desconhecido com a categoria de drungário, formou em frente a Jabiya; o centro, que estaria sob o comando de Teodoro ou de Baanes, tomou posições ao longo da estrada romana, entre a ala direita bizantina e a ponte romana que permitia a travessia do leito seco do Ruqqad; por fim, as forças dos Gassânidas estavam de guarda à ponte.

Assim, a batalha terá começado a meio do dia 18 ou 19 de agosto, quando os comandantes bizantinos, incitados por surtidas muçulmanas, ordenaram o avanço de todas as suas forças contra as linhas adversárias. As guarnições bizantinas terão então abandonado as posições estratégicas ao longo do rio Ruqqad e começado a atravessar o terreno acidentado do leito seco do

afluente do Yarmouk: logo que cruzassem o leito do Ruqqad, estariam numa zona taticamente vulnerável, pois encontrariam à sua frente o leito de outro rio, o Allan, e, a sul, o Yarmouk, correndo o risco de ficarem completamente isoladas, caso o inimigo desbaratasse a ala esquerda e a área a norte da zona principal (Haldon 2000 60).

O primeiro ataque foi lançado pelas guarnições do setor norte (a ala esquerda do exército bizantino), cujas forças de infantaria conseguiram empurrar a linha islâmica e abrir caminho em direção ao acampamento muçulmano. No entanto, os Árabes foram taticamente mais argutos e iniciaram, ao longo daquele setor, uma sequência de fugas simuladas. Estimulados pela retirada adversária, os Bizantinos principiaram a perseguição dos aparentemente derrotados soldados muçulmanos... Caíram, assim, numa armadilha mortal, porque, enquanto alguns guerreiros muçulmanos debandavam, outros receberam ordens para se esconderem por entre o terreno acidentado, levando-nos a crer que esta estratégia terá sido previamente planeada pelos seus hábeis comandantes.

Deste modo, enquanto a cavalaria bizantina perseguia o inimigo em fuga, afastando-se progressivamente da infantaria, Khalid ibn al-Walid comandou o seu grupo de cavaleiros em direção à brecha da linha bizantina, rodou a sua unidade sobre o flanco e chocou contra a cavalaria adversária: foi nesta altura que os soldados muçulmanos que previamente se tinham escondido (e que agora estavam na retaguarda do exército bizantino) se mostraram e lançaram o ataque contra as forças imperiais. A cavalaria presente nas alas foi apanhada de surpresa por este ataque de duas frentes e bateu em retirada, enquanto as forças de infantaria imperiais ficavam, subitamente, sem o apoio dos seus cavaleiros e davam de caras com os soldados muçulmanos que, supostamente, estavam em fuga mas que se viraram na sua direção e contra-atacaram. Apertadas por três lados, as forças de infantaria bizantinas começaram a

dispersar e a retirar-se em toda a linha; o setor norte do exército imperial tinha deixado de existir!

Enquanto isso, os Gassânidas entraram em pânico e fugiram, ou passaram-se para o lado adversário, e assim os Bizantinos perderam o controlo da ponte. Aproveitando o fim de uma força homogénea que lhes fizesse frente, os vitoriosos cavaleiros de Khalid ibn al-Walid atravessaram a ponte, atacaram e saquearam o acampamento bizantino de Jillic.

Nessa altura, já as restantes forças imperiais tinham atravessado o Ruqqad e expulsado as forças muçulmanas daquela zona (forças essas que cobriam a ala direita, o centro e o principal acampamento muçulmano), mas não chegaram a atravessar o Allan. Terá sido então que as notícias da defeção dos Gassânidas chegaram, e isso constituiu um enorme golpe no moral dos bizantinos. O primeiro dia de combate estava concluído com uma clara vitória muçulmana.

Durante a noite, os Árabes lançaram um ataque surpresa sobre o outro acampamento bizantino, em Yaqusa, obrigando a ala direita imperial a retirar-se; os muçulmanos conseguiram, assim, ocupar a retaguarda do exército bizantino. Para as forças imperiais bizantinas, só havia agora duas opções: ganhar a batalha ou recuar para norte, onde estaria localizada a ala esquerda (os Bizantinos não sabiam que esse setor já tinha sido ocupado pelos Árabes, com a debandada da ala esquerda do seu exército).

A desgraça dá-se no dia 20, quando as forças muçulmanas a norte, do lado de lá do Allan e da retaguarda bizantina, lançam um ataque, em simultâneo, contra as forças bizantinas encurraladas naquela caixa de morte (limitada pelos leitos do Ruqqad, do Allan e Yarmouk e, claro está, pelas forças muçulmanas que tinham ocupado o setor norte). Quando os soldados árabes que vinham do norte estavam quase a atingir a ala esquerda do que restava das forças bizantinas, levantou-se uma violenta tempestade

de areia, acabando com a já pouca coesão do (outrora) poderoso exército de Heráclio.

Completamente cercado e isolado, o principal corpo bizantino entrou em pânico e começou a debandar na sua totalidade. Alguns soldados e oficiais tentaram render-se, mas de nada lhes valeu, pois tinha sido ordenado aos soldados muçulmanos que não fizessem prisioneiros. Milhares de soldados bizantinos pereceram no campo de batalha, enquanto as forças muçulmanas perseguiram os sobreviventes para norte, chegando até Damasco e Emesa (atual Homs).

Quais foram os resultados da batalha que se travou junto ao rio Yarmouk? Na verdade, aquela hoste bizantina tinha deixado de existir, e com ela desaparecia perto de metade dos soldados dos exércitos do Oriente e da Arménia... Sem oposição, os muçulmanos retomaram o seu caminho para norte, reconquistaram Damasco e exerceram o seu poder sobre a maior parte da Síria, com exceção das suas duas maiores fortalezas: Jerusalém e Cesareia. Em 637, o califa completou a conquista do Crescente Fértil, com a tomada da Mesopotâmia, após a derrota de uma força persa em Jalula. Em 638, era a vez de Jerusalém cair e, dois anos mais tarde, Cesareia.

## **6. A última decisão de Heráclio**

Mas como reagiu Heráclio a estes acontecimentos? Reuniu as forças que lhe faltavam e preparou um último e decisivo ataque, como fizera anteriormente com Cosroés II? Não: optou por ordenar uma retirada geral das forças bizantinas para a Anatólia, para trás das cordilheiras do Tauro, com instruções para evitar qualquer combate com as vitoriosas forças árabes.

Assim, o que resta do exército da Arménia é fixado no noroeste da Anatólia, a fim de proteger as passagens da cordilheira do Antitauro, enquanto o exército do Oriente é colocado no sudoeste

dessa península, para defender as chamadas “portas da Cilícia”. O imperador opta, assim, por usar a barreira natural da cordilheira do Tauro como uma muralha contra o crescente poder islâmico, em vez de apostar numa última demonstração de poder, como farão os Persas, algo que lhes irá custar o império (Treadgold 1995 207).

O plano de Heráclio, do ponto de vista geoestratégico, é notável, pois a Anatólia era limitada pelas cordilheiras do Antitauro e do Tauro, que eram intransponíveis para qualquer exército, ainda mais para os exércitos dos Árabes, que tinham pouca experiência de luta em terreno montanhoso: as únicas passagens por esta poderosa muralha natural eram alguns desfiladeiros e, mesmo estes, eram muito perigosos de atravessar durante o inverno. Para ele, era melhor ter um exército para proteger os territórios que permaneceram seus do que ter regiões inteiras sem um exército para as defender, e por isso sempre preferiu poupar homens para continuar a lutar em territórios mais facilmente defensáveis a gastá-los inutilmente em terras que seriam certamente perdidas. No fundo, ao tomar a decisão de se retirar para a Anatólia, Heráclio conseguiu salvar o império pela segunda vez.

Até à sua morte, em 641, o sucessor de Focas viu a Síria ser completamente perdida e assistiu aos primórdios da invasão do Egito, mas pelo menos conseguiu assegurar a Península da Anatólia como uma muralha intransponível para o poderio árabe. Enquanto isso, no lado europeu, a única barreira de que precisava era a quase inexpugnável Constantinopla, que só poderia ser tomada com o auxílio de uma poderosa armada; ora, naqueles anos e naquela área do mundo, a frota mais poderosa continuava a ser a própria frota imperial. Uma vez mais, Heráclio salvara o Império Bizantino, que haveria de lhe sobreviver ainda por oitocentos anos.

## IV

### ***TÉMATA E TÁGMATA:* RECUPERAR UMA FORÇA PERDIDA**

O que simboliza ao certo o reinado de Heráclio? Mudança. Concluído o seu principado, o Império Bizantino começa a afastar-se da herança de Roma. Os territórios herdados são muito reduzidos, e a estratégia defensiva bizantina muda drasticamente (em grande parte, porque as fronteiras bizantinas se vão tornando mais concretas e facilmente defensáveis), assim como se altera a distribuição local das forças imperiais. Os soldados, em jeito evolutivo das alterações efetuadas por ele, vão continuar a ser modificados e a baixar, bem como a cadeia de comando do exército.

Inicia-se, assim, uma nova era para o Império Bizantino, com inimigos de características diferentes daqueles que os *basileis* anteriores a Heráclio tinham enfrentado. Trata-se de uma era que se traduzirá num longo processo evolutivo das forças militares dos Romanos do Oriente; embora repleta de derrotas nos diversos campos de batalha, ela irá culminar nos enormes sucessos dos três mais poderosos imperadores macedónios: Nicéforo II Focas, João I Zimisce e, claro está, Basílio II “Bulgaróctono” (“exterminador de Búlgaros”). É a era dos *témata* e dos *tágmata*, que se prolongará de 641 a 1025.

## 1. Os novos inimigos de Constantinopla

Começamos então por falar dos principais inimigos de Bizâncio neste período. Os adversários que tinham enfrentado Justiniano e/ou Heráclio foram expulsos dos territórios que controlavam e, mais tarde, destruídos: os Ávaros foram repelidos da Trácia por alguns dos povos eslavos que se tinham insurgido após o cerco de Constantinopla e também pelos Búlgaros, sendo mais tarde aniquilados como uma entidade independente por Carlos Magno; enquanto isso, os Persas, como já foi dito, após a derrota em Qadisiyah, em 637, foram expulsos da majestosa Ctesifonte e retiraram-se para o planalto do Irão. Mais tarde, as forças militares do Império Sassânida acabariam por ser destroçadas em 642, na batalha de Nehawend (a ‘vitória das vitórias’ dos Árabes) numa última demonstração de poder do imperador Yazdarij (Burlot 1990 35), com o império em si a ser desmembrado na batalha do rio Oxus, em 651. Os dois principais inimigos do Império Bizantino são, assim, erradicados e substituídos por outros: na Europa, os Ávaros dão lugar aos Búlgaros e aos Eslavos, enquanto, no Oriente, o Império Persa cede a sua vez ao Império Árabe.

Debrucemo-nos antes de mais sobre os Árabes. À morte de Heráclio não se seguiu o fim da bulímica expansão muçulmana, continuando esta a propagar-se para onde lhe fosse possível: os terrenos desérticos do norte de África, muito semelhantes àqueles da terra de onde vieram, representavam uma oportunidade para espalhar a religião do Profeta. Então, os Árabes tinham iniciado a invasão da província mais rica do império – o Egito; no entanto, noutras direções, a sua expansão viu-se muito dificultada: as cordilheiras do Tauro e do Antitauro barravam o acesso das forças islâmicas à Península da Anatólia e ao coração do Império Bizantino; a norte, apesar de a Arménia ter dobrado o joelho, os Khazares,

aliados de Bizâncio, ainda eram bastante fortes e resistiam a esta nova ameaça; e o acidentado terreno do Irão ocidental dificultava o acesso ao coração da Pérsia.

Apesar disso, os Árabes consumaram a conquista da província mais rica do Império Bizantino e tomaram ainda o exarcado de África, nos finais do século VII. Como já foi dito, em 655, o recém-criado poder naval árabe derrotou a frota imperial grega na Lícia, pondo fim à talassocracia bizantina, ameaçando Constantinopla e assegurando várias ilhas importantíssimas do Mediterrâneo oriental, como Rodes e Chipre (que mais tarde se tornaria uma zona desmilitarizada, controlada pelos dois lados).

Quanto aos Búlgaros, foram o primeiro povo a criar um Estado independente em território imperial *de jure*, na Trácia. Após terem sido expulsos da estepe pelos Khazares, subjugaram os Eslavos e tiveram sempre o sonho de criar um Império Bizantino-Búlgaro, sediado, claro está, em Constantinopla. Adotaram vários aspetos bizantinos, como o título de imperador ou *basileús*, e infligiram graves derrotas ao poderio imperial, como na terrível batalha de Pliska e em Acheloos.

O historiador norte-americano de origem romena, Edward Luttwak (antigo conselheiro da Casa Branca para as questões de estratégia militar), considera que um dos principais perigos que o reino búlgaro representava para a coroa púrpura de Constantinopla era a flutuação do respetivo poder. Por outras palavras, os Búlgaros não podiam ser muito fortes, nem muito fracos: se fossem muito fortes, eram uma ameaça direta a Constantinopla; mas, se fossem muito fracos, não conseguiriam defender o rio Danúbio dos temíveis povos da estepe, que representariam então um enorme risco para a cidade (re)fundada por Constantino. Foi por isso que os Bizantinos, ao longo da existência do Estado búlgaro-eslavo, tentaram ou aliar-se a eles, ou (na maior parte dos casos) aniquilá-los (Luttwak 2009 172).

## 2. A Estratégia Bizantina entre Constante II e Nicéforo II Focas

Como é que Bizâncio reagiu a estas novas ameaças? Que estratégia é que os *basileis* bizantinos adotaram? De início, as forças bizantinas tentavam repelir as forças inimigas por meio de uma batalha campal, no entanto este plano foi pouco positivo e acabou por ser abandonado, tendo-se elaborado uma nova estratégia, de forma a proteger mais eficazmente o território do império.

Este plano estratégico pode ser balizado em três pontos-chave: primeiramente, tentar manter e repelir as forças invasoras nos desfiladeiros do Tauro e do Antitauro; caso as hostes imperiais não tivessem sucesso, deveriam retirar-se e deixar as forças inimigas passar, vigiando-as de perto através de unidades de batedores. Logo que possível, os contingentes rivais deveriam ser atacados por meio de pequenas escaramuças ou emboscadas, e era este o segundo ponto fundamental da estratégia defensiva imperial: qualquer grupo de homens que abandonasse a expedição inimiga deveria ser assaltado e neutralizado; assim, para a realização deste segundo princípio, era necessário que as forças bizantinas fronteiriças possuíssem um bom conhecimento do terreno e bons batedores, o que nem sempre era o caso. Outro elemento essencial neste ponto era formado pelas guarnições dos fortes nas principais estradas da Anatólia, dos armazéns onde estavam os armamentos e pelas principais fortalezas dos desfiladeiros que permitiam a entrada em território bizantino, as quais facilitavam a vigilância do território imperial e das forças inimigas que nele pudessem penetrar, sendo pois vitais para a proteção destas posições estratégicas (Haldon 2001 68-69).

No entanto, com o passar do tempo e com o avanço das fronteiras bizantinas a nascente, a estratégia do império foi-se aperfeiçoando, e os objetivos de guerra dos adversários no *limes* foram modificados: à componente dos despojos, juntava-se agora a necessidade de

ocupar e destruir postos de vigia e fortalezas fronteiriças romanas. Chegados ao século x, era responsabilidade dos comandantes locais manterem uma boa rede de postos de vigia na região, terem bons batedores indígenas entre os seus homens e disporem de espões eficientes em território inimigo, de modo a poderem identificar rapidamente as ameaças sobre as regiões pelas quais eram responsáveis. Foram criados planos de contingência para proteger a população civil e os seus bens, que, em caso de perigo, deviam ser evacuados por estradas e caminhos que o inimigo, supostamente bem vigiado e com o trajeto identificado, não devesse seguir (Haldon 2001 90).

O acompanhamento da hoste adversária por forças locais era, assim, essencial ao bom funcionamento da estratégia defensiva bizantina. Era fundamental saber que desfiladeiro a força invasora iria usar para abandonar o território imperial, de modo a que essa garganta montanhosa fosse previamente ocupada: se o desfiladeiro fosse corretamente identificado, as forças imperiais deixariam passar a vanguarda do inimigo, bloqueavam de seguida a garganta e, por fim, atacavam as componentes mais lentas da expedição (como o corpo principal, o trem de apoio ou a retaguarda); em caso de sucesso, isso permitiria aos soldados bizantinos recuperarem os despojos que os inimigos tivessem recolhido durante a campanha, bem como capturarem o trem de apoio dessa força (com o prémio suplementar de destruírem essa expedição de saque). Algumas táticas inspiradas neste modelo foram utilizadas pelos defensores bizantinos em certas expedições de Sayf ad-Dawlah, o arguto e arrojado emir de Alepo, nos meados do século x (por exemplo, em 950, em 958 e em 960). Outra estratégia consistia em seguir o inimigo e reunir as forças dos *témata* e dos *tágmata*, e preparar depois uma batalha decisiva em território imperial, desde que travada em condições claramente favoráveis aos Bizantinos. Foi esta última estratégia que foi usada durante a expedição muçulmana que culminou nas batalhas de Marj al-Usqf e de Lalakão, em 863.

A grande guerra civil no califado, em 842, após a morte do califa Mu'tasim, resultou na desfragmentação do poder árabe entre os vários emires. Assim, entre as obrigações que os mesmos já detinham, acrescenta-se agora a obrigação de organizarem a *jihad* contra os infiéis, em especial contra o Império Romano do Oriente. É neste contexto sagrado que os emires de Tarso, na Cilícia, e de Melitena, entre a Ásia Menor e a Arménia, se aliam e lançam um grande raide na Anatólia no ano de 683, tencionando recolher todos os despojos possíveis. No entanto, chegada à Capadócia, a maior parte das forças árabes, incluindo o emir de Tarso, dá meia-volta deixando 'para trás' o emir de Melitena, Omar, e 8000 dos seus homens, que são autorizados a prosseguir o raide. Enquanto isso, o imperador Miguel III reúne sob o seu estandarte as forças dos *tágmata* e contingentes dos *témata* dos Anatólicos, do *opsíkion* e da Capadócia, acompanhados por tropas das *kleisoûrai* de Charsianon e de Selêucia, com o objetivo de intercetar os árabes.

O embate acabará por se dar em Marj al-Usqf (o "Prado do Bispo"), uma região entre as localidades de Nazianzos e Nyssa; era nesta zona que se erguia o planalto onde estava localizada a sede episcopal de Doara. Ora, é nesta área que as hostes inimigas, com dimensões equiparáveis (Haldon indica que a dos árabes teria uma ligeira vantagem em termos numéricos), travam uma batalha de tal modo renhida que termina num empate técnico: as forças árabes conseguem empurrar as forças bizantinas e prosseguir a expedição para norte, mas os Bizantinos logram impor baixas significativas ao exército adversário, tendo o imperador voltado a Constantinopla e deixado o resto da tarefa nas mãos do *domestikós* dos *scholae*, Petronas.

Enquanto os Árabes prosseguem para norte, são seguidos, bem de perto, por batedores bizantinos encarregados de ir informando os comandantes imperiais, em especial Petronas, das movimentações adversárias. Os Árabes ainda conseguiram saquear a região da

cidade de Amisos, mas, algum tempo mais tarde, acabam cercados pelas forças deste general nas margens do rio Lalakão, na região entre os *témata* da Paflagónia e dos Arménios.

As forças bizantinas que se opõem à pequena hoste árabe são expressivas (para cada soldado árabe estão três soldados bizantinos) e variadas: a poente, encontram-se as forças sob o comando direto de Petronas, constituídas pelos *tágmata* e pelos *témata* dos Tracésicos, da Trácia e da Macedónia; vindos do norte, soldados dos *témata* de Coloneia, Paflagónia, Arménios e bucelários avançam sobre o inimigo muçulmano; por fim, do sul, aproximavam-se as forças que anteriormente tinham lutado sob o estandarte imperial, reorganizadas após a batalha de Marj al-Usqf e prontas para a desforra (Haldon 2001 84-85). Para complicar ainda mais a situação aos muçulmanos, estes estavam rodeados pelas colinas de Deveci Dağ, que o rio Lalakão atravessava.

Os oficiais árabes ainda tentaram convencer Omar a fugir com uma pequena comitiva, mas o emir optou por ficar e lutar. As forças imperiais avançaram na sua totalidade e esmagaram as forças árabes com a sua superioridade numérica, tendo o emir de Melitena encontrado ali o seu fim. Das numerosas forças árabes que tinham entrado na Ásia Menor, sobreviveu apenas um pequeno conjunto de soldados sob o comando do filho de Omar, que, ainda assim, foi caçado e destruído mais tarde por forças da *kleisoûra* de Charsianon.

As batalhas de Marj al-Usqf e de Lalakão demonstram, pois, a eficácia da estratégia defensiva bizantina, caso os princípios básicos desta fossem aplicados da forma adequada e os respetivos comandantes fossem competentes.

Ainda assim, era necessário que o trabalho de perseguição fosse feito de maneira eficaz e discreta, com as rotas inimigas bem afeitas, tal como o desfiladeiro que o inimigo tencionava usar para regressar ao seu próprio território para lá das cordilheiras, o que nem sempre foi o caso. Por exemplo, num raide bem-sucedido do

emir de Alepo, em 956, o trabalho de acompanhamento da força muçulmana não foi feito da melhor forma e, no final dessa expedição, o distrito de Anzitene, no *tema* da Mesopotâmia, foi assolado pelos saqueadores alepinos: o emir limitou-se a usar um desfila-deiro menos defendido e que os Bizantinos não esperavam que pudesse ser utilizado por Sayf ad-Dawlah, e assim este regressou vitoriosa e heroicamente (e, certamente, bem mais rico) a Alepo...

Esta estratégia pressupunha uma consequência desfavorável: a criação de uma terra de ninguém na zona do *limes*, quando estas manobras começaram a ser implementadas, nos finais do século VII e em inícios do VIII. A economia anatoliana terá então começado a centrar-se na costa, onde predominavam o comércio e a agricultura, e no Planalto Central, onde se praticava maioritariamente a pastorícia.

Por fim, o terceiro ponto nevrálgico, embora mais tardio, para o bom funcionamento desta estratégia foi a criação de um novo tipo de distrito nos *témata* orientais: as *kleisoûrai* (de que falaremos mais adiante), surgidas durante o reinado de Teófilo (829-842). Estas complementaram o modelo dos *témata*, aumentando a sua eficácia; assim, as *kleisoûrai* foram o resultado final da grande estratégia militar defensiva bizantina.

### **3. Os *témata* e as *kleisoûrai* – o escudo de Bizâncio**

Já dissemos muito sobre os *témata*, mas em que é que eles consistem exatamente? E por que razão foram formados? Neste capítulo, não vamos falar muito das teorias para a formação dos *témata* e das chamadas “terras estratióticas”, uma vez que isso já foi sumariamente discutido no capítulo inicial; aproveitaremos antes para evocar as ideias dos historiadores Warren Treadgold e Leif Inge Petersen sobre a formação dos *témata*.

O primeiro investigador começa por refutar a ideia de Ostrogorsky, que aceita que os *témata* terão sido criados por Heráclio (como menciona Constantino VII Porfirogeneta) e que terão sido implementados de forma a reduzir o encargo fiscal que o exército representava para o Estado, o que, aliado à nova motivação dos soldados de defender as suas terras (o autor não rejeita estes fatores de índole financeira e psicológica, mas rejeita as balizas cronológicas e o contexto político em que Ostrogorsky as insere), teria permitido a este imperador empurrar os Persas da Anatólia e ganhar a guerra em três anos. Baseando-se em três argumentos, Treadgold começa por fazer notar que há muito poucas fontes que atribuem a Heráclio a formação dos *témata*; existem, isso sim, fontes que indicam que foram “os homens que se seguiram a Heráclio” que criaram este modelo; segundo o autor, a primeira menção aos *témata* é do ano de 662, com referências aos *témata* do *opsíkion* e dos Arménios (ou *Armeniakón*). O segundo argumento é geográfico: se os *témata* foram criados como forma de defender o império contra os Persas e foram colocados permanentemente (pelo menos os que conhecemos) na Anatólia, então ficaram situados numa zona muito inconveniente para uma ofensiva na Pérsia, cujo *limes* (espaço fronteiriço) se localizava na Mesopotâmia. O terceiro argumento é de índole militar: se o modelo dos *témata* tinha tido grande sucesso contra os Persas, por que razão não terá tido o mesmo sucesso contra os Árabes?

Treadgold faz remontar a origem dos *témata* e das “terras estratégicas” ao período situado entre 659-662, baseando-se em provas historiográficas e arqueológicas. Já falámos das provas historiográficas, que apontam para a primeira menção dos *témata* (em diversas fontes) no ano de 662, no âmbito da viagem do imperador Constante II a Itália com os soldados do *tema* do *opsíkion*. Arqueologicamente, trata-se da descoberta de um selo de chumbo produzido por um dos armazéns do Estado responsáveis pela venda de armas aos soldados dos *témata*: segundo o mesmo autor,

estes armazéns estavam autorizados a vender abastecimentos e armamentos a soldados, desde que estes habitassem em “terras estratióticas”, a troco de somas monetárias ou então de géneros (caso o soldado não possuísse meios monetários); estes estabelecimentos emitiriam selos de chumbo com a sua heráldica própria, e o selo mais antigo remonta ao ano de 659. Portanto, estima-se para esse ano a formação desse tipo de instituição estatal, que acabou por se espalhar um pouco por todo o império (foram descobertos selos de chumbo de 674 e de 697 em África e na Sicília, respetivamente). Por fim, caso esta teoria se confirme, a criação destes estabelecimentos e a primeira menção de *témata* em fontes vão coincidir, cronologicamente, com uma trégua assinada com o califado no ano de 659, que deu espaço de manobra a Constante II para começar a impor o modelo dos *témata* (Treadgold 1995 24).

Outra prova que o historiador invoca para a explicação desta tese é o desaparecimento da maior parte das terras que o imperador possuía neste período, o que pode explicar quais foram os terrenos que os soldados bizantinos receberam e onde se estabeleceram após a retirada para a Anatólia. Assim, os soldados bizantinos pobres e em risco de ficarem sem soldos terão recebido como pagamento porções do território pessoal do imperador, bem como os benefícios que os armazéns estatais lhes ofereciam; no entanto, continuavam a receber um pequeno soldo anual que lhes garantiria a sua sobrevivência ou, possivelmente, a compra de armamento.

Em diferentes moldes, apresentando-se contra esta teoria mista de Treadgold (que combina os pontos fortes da teoria de Ostrogorsky e os pontos fortes da teoria “gradualista”), encontramos Leif Inge Petersen, que se coloca do lado de historiadores como John Haldon. Com efeito, Petersen apresenta-se como um claro seguidor da tese gradualista, começando por contrariar Treadgold, ao indicar que os *témata* (em fontes escritas) surgiram apenas durante o reinado de Nicéforo I (802-811), enquanto as regiões militares bizantinas,

nas fontes do século VII, se denominavam “regiões de um estrategista”, em vez de *témata* (Petersen 2013 105).

Por sua vez, em termos de abastecimento, o historiador norueguês informa-nos de que os cavalos eram fornecidos pelas coudelarias imperiais, enquanto os armamentos passaram a ser produzidos gradualmente em manufaturas locais, tendo a produção central de armamento começado a perder importância a partir dos meados do século VII. Por fim, as “terras militares” são, não o resultado de concessões de terreno pelo Estado, mas sim a consequência de um contínuo processo de investimento das tropas bizantinas em terra e do privilégio de ganharem isenções fiscais, caso participassem em campanhas militares e utilizassem a sua riqueza para adquirirem equipamento militar. Prova disso é a imposição de impostos em géneros em vez de monetários, sempre que necessário, durante os séculos VII e VIII, sendo os armazéns estatais, referidos anteriormente, responsáveis pela distribuição de bens e armas aos soldados dos *témata* (Petersen 2013 105).

Dito isto, podemos, talvez, concordar com a seguinte definição: os *témata* eram circunscrições territoriais com funções maioritariamente militares e habitadas por soldados com terrenos próprios; em termos de armamento, os soldados eram abastecidos por armazéns estatais, que aceitavam pagamentos em soldos ou em géneros. Além das vantagens económicas, o sistema dava aos soldados motivação para defenderem as suas próprias terras (e, assim, protegerem a integridade territorial do império), garantindo aos *basileis* os efetivos suficientes para fazerem frente às forças mais numerosas dos califados árabes. Este modelo possibilitava também ao Estado alguma economia nos soldos, permitindo-lhe aumentar o numerário no *thēsaurós* imperial.

Como já foi referido anteriormente, os exércitos do Oriente e da Arménia foram colocados atrás das grandes cordilheiras do Tauro e do Antitauro. De acordo com Treadgold, mais tarde, durante o

reinado de Constante II, foram atribuídas terras aos soldados bizantinos, sendo o território dividido pelos *témata* (ou “regiões de um estrategista”). O nome destas regiões e dos soldados que nelas habitavam deriva do exército romano do Oriente, que se retirou para a respetiva área aquando da anexação da Síria-Palestina pelos Árabes. Assim, os primeiros *témata* foram os seguintes:

- o *tema* dos *Arménios* (ou *Armeniakón*) – que estava localizado atrás da cordilheira do Antitauro, região para onde se tinha retirado o exército da Arménia;
- o *tema* dos *Anatólicos* (no sentido de Oriente, e não de Anatólia) – estava localizado no sudeste da península, atrás da cordilheira do Tauro, para onde se tinham retirado os soldados do exército do Oriente;
- o *tema* dos *Tracésicos* – onde foram colocados os sobreviventes do exército da Trácia, situava-se na Anatólia ocidental;
- o *tema* do *opsíkion* (nome de um dos regimentos da guarda imperial) – com territórios situados junto a Constantinopla e também no coração da Anatólia, servia de refúgio para os exércitos móveis dos *praesentales* (ou seja, os exércitos móveis que acompanhavam sempre os antigos imperadores romanos do Oriente nas suas campanhas). Ao contrário dos outros *témata*, que eram chefiados por um *stratēgós*, o *opsíkion* era comandado por um oficial denominado “conde”;
- o *tema* dos *Carabisianos* – era o território das tropas marítimas de Bizâncio (com cerca de 4000 soldados) e Treadgold

supõe tratar-se dos sobreviventes do exército da Ilíria que conseguiram fugir para a Grécia e para as ilhas do Egeu. Inicialmente, este *tema* incluía o Peloponeso, as ilhas do mar Egeu e a costa sul da Ásia Menor; mais tarde, seria subdividido entre os *témata* marítimos do *Cibirreote*, do mar Egeu e da Hélade.

Quando Leão VI redige o seu célebre tratado militar, *Taktika*, os *témata* estavam obrigados a providenciar duas *toúrmai* (“divisões”) comandadas por *toúrmarchos*, que eram constituídas por cerca de 2000 homens, embora pudessem atingir os 6000. Por sua vez, cada uma das *toúrmai* estava dividida inicialmente em cinco *droûngoi* (“batalhões”), sendo posteriormente o número reduzido para três; os números dos *droûngoi* terão variado entre os 1000 e os 3000 homens, no máximo, e eram comandados por oficiais com o estatuto de “drugário”. Por fim, os *droûngoi* eram constituídos por cinco *bânda* (“companhias”), com números variáveis entre os 50 e os 200 homens; o oficial responsável pelas *bânda* era denominado *kómēs* ou “conde” (Treadgold 1995 105).

O historiador John Haldon informa-nos ainda que as *toúrmai* e as *bânda* tinham identidade territorial, enquanto os *droûngoi* eram unidades táticas e não tinham qualquer identidade territorial, formando-se apenas em campanhas militares. As *toúrmai* possuíam quartéis-generais, geralmente em fortalezas ou em cidades fortificadas, enquanto as *bânda* eram geralmente identificadas com a localidade de onde provinham os seus soldados. O autor refere ainda que a maior parte dos *témata* possuía duas ou três *toúrmai*, mas que tal não significava que todas tivessem igual tamanho ou igual número de divisões ou de homens, aplicando-se o mesmo às *bânda*, cujo número, como já dissemos, também variava (Haldon 2001 70).

Dentro dos exércitos dos *témata*, existiam ainda outros oficiais que não estavam ligados a estas divisões (das *toúrmai*, dos *droûngoi*

e das *bánda*): referimo-nos aos centuriões, que comandavam grupos de cem; aos *pentēkóntarchoi*, que comandavam grupos de cinquenta homens; e aos decuriões, que eram responsáveis por dez homens.

Posteriormente, surgiu uma nova região, que acabou por fundir e por melhorar o “escudo” bizantino: as *kleisoûrai* de Teófilo (829-842), pequenos distritos militares instalados nos desfiladeiros que protegiam a Anatólia da ameaça árabe; representavam um padrão de defesa muito bem localizado, destinado a uma bem preparada estratégia de guerrilha, com o objetivo final de reduzir ao máximo o dano causado pelas expedições de saque inimigas, salvo as de maiores dimensões. Cada *kleisoúra* possuía fortalezas próprias e era responsável pelo desfiladeiro onde estava localizada; os comandantes destes distritos denominavam-se *kleisourárchai*. As *kleisoûrai* que tivessem um bom desempenho podiam ver o seu estatuto de distrito alterado, convertendo-se em *témata*; um desses casos foi o da *kleisoúra* da Capadócia, no *limes* do *tema* dos Anatólicos, que depois de derrotar saqueadores árabes (em 840 e em 841) foi recompensada por Teófilo com a ‘promoção’ a *tema* (Treadgold 1995 32).

#### 4. Os *tágmata* – a espada de Bizâncio

Os imperadores depressa descortinaram grandes problemas suscitados pela organização dos *témata*: primeiramente, os *stratēgoí* (os governadores dos *témata*) e os *katepánō*<sup>6</sup> tinham muito poder nas suas mãos, o que lhes permitia sonhar com a ascensão a imperadores – por exemplo, até 741, só o *tema* do *opsíkion* rebelou-se cinco vezes contra o poder imperial!

---

<sup>6</sup> Os governadores dos *katepánata*, ou seja, das províncias da Itália e da Sicília.

Em segundo lugar, os soldados dos *témata* não eram soldados de campanha, muito pelo contrário. Podiam ser soldados muito bons para defender o seu território, ou na guerra de guerrilha, a chamada ‘guerra pequena’ (por ex., emboscadas ou pequenas escaramuças), mas nunca se portaram muito bem em batalha campal, pois eram muito indisciplinados, tinham pouco treino e o seu armamento nem sempre era o melhor. Salvo raras exceções, os soldados dos *témata* funcionavam bem quando tinham bons comandantes, que soubessem impor a disciplina, como sucedeu com Heráclio, irmão do imperador Tibério II Absimaro (698-705), que não só conseguira contrariar os raides inimigos como lançara contraofensivas espetaculares na Síria (admitindo-se neste ponto a teoria de que os *témata* começaram a existir no século VII). A alegada falta de disciplina adviria, provavelmente, de se sentirem desconfortáveis a lutar longe das suas terras; Haldon chega a descrever os soldados bizantinos dos *témata* como “soldados de milícia” (Haldon 2001 68).

Os *témata* representavam, assim, uma excelente solução defensiva para a guerra típica dos árabes (como raides e ataques rápidos de pequena escala), mas estavam longe de ser perfeitos contra exércitos de maior dimensão e não permitiam expandir as fronteiras do império, pelo menos para leste, onde o poderoso califado árabe se mantinha coeso. Por outro lado, tratava-se de soldados de qualidade duvidosa, pouco disciplinados e muito dependentes do seu líder, seguindo-o para guerras civis e para tentativas de usurpação de poder em Constantinopla. Como é que os imperadores resolveram estes problemas?

Em relação ao poder dos *stratēgoí* dos *témata* e às suas aspirações imperiais, o problema foi-se resolvendo com a diminuição constante dos seus territórios (o que, junto ao *limes* oriental, permitia um melhor controlo dessa zona, resultando numa melhoria da estratégia defensiva bizantina); por exemplo, o *tema* dos *opsíkion*

foi dividido várias vezes até 741, ano em que a revolta encabeçada pelo seu “conde”, Artavasdus, foi subjugada pelas forças conjuntas dos *témata* dos *Tracésicos* e dos *Anatólicos*, sob o comando do verdadeiro imperador, Constantino V. Após a aniquilação da revolta, o *tema* foi dividido pelos novos regimentos da Guarda Imperial, os *tágmata*, e, após uma nova revolta (em 766), viu o que restava do seu território ser repartido com um novo *tema*, o dos bucelários (Treadgold 1995 28).

Os *tágmata* (plural de *tagma*, regimento) não só serviram como uma solução para o problema da insubordinação dos *témata* mais poderosos, mas também como uma base para a criação de um novo e poderoso exército bizantino permanente, profissional e leal ao *basileús*. Os *tágmata* não eram regimentos muito grandes (na sua totalidade, não ultrapassavam os 4000 homens), mas isso era compensado pelo melhor treino, equipamento e soldo, transformando-os rapidamente na “espada de Bizâncio”, atuando em conjunto com o seu “escudo” – o modelo dos *témata*. Com o passar dos tempos, os *tágmata* passaram a incluir experientes companhias mercenárias, ou corpos de tropas estrangeiras (como a famosa Guarda Varangiana), tornando o exército imperial um exército muito mais flexível e profissional, completado por uma forte componente mercenária.

A origem dos *tágmata* é atribuída a Constantino V (741-755), pouco depois de este ter posto fim à insurreição do *opsíkion*. Como já foi referido, os primeiros regimentos tomaram o manto de uma nova guarda imperial, e os nomes que receberam eram os de alguns dos já existentes, embora decadentes (como os *scholae*). Foram divididos em três tipos: i) os de cavalaria pesada: os *scholae*, os *excubitores* e os da *vigla* (da guarda); ii) os regimentos de infantaria (que constituíam a guarnição permanente de Constantinopla): o dos *numera* e o das muralhas; iii) e um regimento de apoio logístico em campanha: os *optimates*.

Os *tágmata* iniciais eram comandados por um oficial com o título de *domestikós*, com exceção da *vigla* (que tinha um drungário) e das muralhas (que tinha um conde); estavam divididos em brigadas presididas por oficiais chamados *topotērētai*. No virar do século IX para o século X, os territórios dos *tágmata* de cavalaria foram fixados numa pequena porção da Trácia que Constantino V (re)conquistou aos Eslavos e no noroeste da Anatólia (Treadgold 1995 28); no reinado de Romano II (956-963), os *tágmata* foram divididos em dois comandos distintos, um para o Ocidente e outro para o Oriente, e cada comando estava sob a liderança de um *domestikós*.

No entanto, tal como defendem alguns autores, não podemos considerar os soldados dos *tágmata* como superiores, originalmente, aos soldados dos *témata* (Petersen 2013 108): no princípio, eram até muito insubordinados, como demonstram as ações da *basílixa* Irene, que substituiu os soldados dos *tágmata*, em massa, por forças dos *témata* da Ásia Menor, quando eles se mostraram demasiado desleais à imperatriz. Esta ideia do historiador escandinavo pode ser aplicada ao estudo da batalha de Pliska, onde a falta de disciplina e de prudência dos *tágmata* custou a Bizâncio uma pesada derrota.

Nos inícios do século IX, o Império Bizantino está a meio de um processo de fortalecimento da sua economia e do seu exército, ao mesmo tempo que o Califado Abássida começa a entrar numa fase de decadência, após a morte do poderoso califa Harun al-Rashid, no ano de 809, a que se segue uma enorme guerra civil, que vai permitir ao seu rival soltar um suspiro de alívio e preparar-se para resolver um problema bicudo: o suscitado pelo Império Búlgaro.

A sorte, no entanto, não se circunscrevia aos Bizantinos. Os Búlgaros viram surgir, subitamente, proveitosas oportunidades quando os Ávaros sofreram derrotas esmagadoras às mãos de Carlos Magno, o que possibilitou ao *khan* Krum expandir o

território búlgaro para os territórios outrora ávaros na Croácia e na Hungria: entusiasmado por estas conquistas, ousou preparar e encetar a expansão do seu domínio para a Trácia, dando passos lentos mas seguros na direção de Constantinopla.

Para o imperador Nicéforo I, esta situação configurou uma oportunidade e o motivo certo para, finalmente, pôr fim à humilhação e ao perigo que o Estado búlgaro representava para a coroa púrpura de Constantinopla. Assim, com o califa abássida morto e com o caos da guerra civil a reinar sobre o seu mais perigoso vizinho, o *basileús* vê reunidas as condições ideais para a empreitada e comanda uma primeira expedição contra a Bulgária, em 809, a qual termina com o saque da capital: Pliska.

Esta campanha, no entanto, seria apenas o prelúdio para uma expedição maior e mais ambiciosa que Nicéforo I tinha em mente realizar – a operação que visava terminar com o Estado búlgaro de uma vez por todas. Tal expedição aconteceu no ano de 811 e nela participou o grosso das forças bizantinas: os *témata* da Europa enviaram a maioria dos seus soldados; os *témata* da Ásia Menor mais próximos (especialmente o de *opsíkion*, o dos Tracésicos e o dos bucelários) fizeram o mesmo; por fim, os *tágmata* de Constantinopla avançaram com o seu imperador. Mais importante do que isso, a fina flor bizantina (todos os comandantes, dignitários e patrícios) e os *bikanâtoi* (um novo *tagma* formado por Nicéforo I, com os filhos dos *árchontes*, ou seja dos comandantes) afiaram as suas facas para o confronto com Krum.

Para trás ficou apenas o grosso dos *témata* mais orientais (*Anatólicos* e *Arménios*) e do *tema* marítimo da Ásia Menor (o de *cibirreotes*), para qualquer eventualidade que pudesse surgir nessas frentes. Registe-se ainda o descontentamento clerical, próprio de um grupo que viu os seus impostos ao imperador serem aumentados nas vésperas de a expedição partir. O clero bizantino jamais perdoaria ao *basileús* este “pecado tão grave e ultrajante”

(Luttwak 2009 177), um sentimento que se repercutiria nos escritos de Teófono, “o Confessor”, claramente desfavoráveis ao *basileús*.

A campanha, que irá culminar na batalha de Pliska, começa a ser preparada nos finais de maio de 811 e a sua organização é finalizada nos primeiros dias de julho. No dia 10 deste mês, com o objetivo de amedrontar e desmoralizar os Búlgaros, o grande exército imperial acampa junto à fronteira, lançando de seguida vários ataques simulados a território adversário, para confundir o inimigo. O ataque real dá-se finalmente no dia 19 ou 20 de julho, com o exército bizantino a dividir-se em várias colunas, pensando-se que existiriam duas principais que seguiram percursos distintos em direção ao destino final: a primeira seguiu o caminho mais direto, ultrapassou o desfiladeiro de Shipka e atravessou o coração montanhoso da Bulgária, até chegar a Pliska; a segunda, por sua vez, acompanhou os limites orientais da cordilheira de Sredna Gora, através da estrada costeira, circundando a cordilheira pelo norte e rumando depois para sudoeste, para atingir a capital búlgara (Haldon 2001 73).

Os Búlgaros, inicialmente, não resistiram, tendo fugido para as montanhas que caracterizavam a maior parte do território ocupado e com o seu líder, Krum, a tentar fazer a paz com Nicéforo, mas sem sucesso; no entanto, tinham procedido à construção de paliçadas em vários desfiladeiros na Sredna Gora, com o objetivo de barrar o acesso às forças imperiais. Estas paliçadas, que possuíam um grande fosso à sua frente, não estavam destinadas a proteger um exército durante muito tempo, mas permitiam duas grandes vantagens aos defensores: i) deixavam o inimigo vulnerável a ataques por cima e pelos flancos, enquanto essas defesas improvisadas eram removidas (Haldon 2001 73); ii) permitiam aos arqueiros búlgaros disparar com segurança, por trás das paliçadas, graças a seteiras esculpadas na madeira, ao mesmo tempo que diminuía a eficácia dos seus homólogos bizantinos (Luttwak 2001 180).

Estes obstáculos, no entanto, não dificultaram o caminho aos Bizantinos, que conseguiram sempre descobrir a tempo quais os desfiladeiros que estavam bloqueados, continuando o seu caminho para a capital búlgara. A 23 de julho, as forças bizantinas de Nicéforo I atingem Pliska, onde travam uma primeira batalha com a guarda palatina de Krum – que a *Crónica Bizantina do ano 811* aponta estar formada por 12 000 homens –, seguida de uma outra batalha, desta feita com um exército de socorro que chegava aos 50 000 soldados<sup>7</sup>, tendo o imperador Nicéforo ganho ambas as batalhas. O que se seguiu à gloriosa conquista foi o saque da cidade e a descoberta do tesouro real do *khan*; o que foi feito, ao certo, com o tesouro é algo discutido nas duas fontes: Teófilo, sempre hostil ao imperador, diz que este mandou trancar os cofres e proibir aos seus soldados o acesso ao tesouro búlgaro; já a *Crónica* trata-o de uma forma mais benevolente e generosa, relatando a partilha do tesouro com o exército (cf. Luttwak 2001 180).

Após a destruição de Pliska, o *khan* Krum assume a derrota e apela ao abandono do território búlgaro pelos Bizantinos, mas Nicéforo rejeita. Com esta grande vitória, o imperador sabe que pode aniquilar o Estado búlgaro de uma vez por todas: o moral e a confiança dos soldados bizantinos estão em alta e estes iniciam a perseguição ao destroçado inimigo...

Contudo, confiança em excesso nunca é uma atitude sensata, e a desorganização começa a espalhar-se pelas fileiras romanas: a disciplina torna-se escassa, o trabalho dos batedores passa a ser desleixado e o próprio *basileús* encerra-se na sua tenda durante a

---

<sup>7</sup> Parece-nos mais credível a afirmação de John Haldon (2005 73) que, apesar de não indicar números, nos diz que o exército de resgate possuía o mesmo número de efetivos que a guarnição da cidade de Pliska (provavelmente, a guarnição do palácio que nos é indicada pela *Crónica*: cf. Luttwak 2001 179). Apesar de não apresentar a mesma opinião, Luttwak (*ibidem*) acredita que os números da *Crónica* fossem muito elevados, uma vez que a maior parte dos búlgaros fugira para as montanhas, aquando da invasão.

noite, recusando conversar com os seus oficiais e com o próprio filho. Enquanto isso, Krum continua a retirada para o interior da cordilheira de Sredna Gora e apela a aliados ávaros e eslavos, para preparar a desforra.

No dia 25 de julho, principia o embate final entre Búlgaros e Bizantinos, decidindo o controlo da Bulgária e a supremacia nos Balcãs. No final desse dia, os desafogados bizantinos, demasiado confiantes nas suas capacidades, são avisados muito tardiamente pelos seus batedores de que o desfiladeiro por onde se deslocavam tinha sido bloqueado por uma das paliçadas búlgaras... O enorme exército bizantino caíra numa armadilha, encontrando-se agora vulnerável a emboscadas inimigas. Para piorar a situação, o dia findava, o que afastava qualquer oportunidade de se retirar em segurança para nordeste (o exército bizantino tinha vindo a deslocar-se para sudoeste, a partir de Pliska), pelo que o imperador foi obrigado a mandar os soldados montar acampamento e esperar pelo dia seguinte para inverter o trajeto e, com sorte, evitar uma emboscada de Krum. No entanto, para complicar a situação, enquanto uns soldados bizantinos montavam as tendas, outros tinham tido ordem para continuar o saque ao território em redor; durante esta onda de pilhagens, alguns dos oficiais e as respetivas forças desertaram do exército, perda que estava qualquer esperança de sobreviverem se acaso se mantivessem ao lado do imperador.

Tudo indica que o exército bizantino e os seus oficiais tenham feito um trabalho satisfatório na construção do acampamento, seguindo os conselhos dos melhores manuais de guerra coevos. Aliás, os exércitos bizantinos eram conhecidos pelas suas capacidades de boas defensivas (com fossos e paliçadas), em localizações estratégicas (pontos altos ou protegidos) e com acesso a necessidades básicas, como água e forragens. As capacidades bizantinas estendem-se também à sua habilidade para responder a um ataque inimigo ao acantonamento, recuar organizadamente para este durante uma

batalha ou instalar um novo enquanto estavam sob ataque (Haldon 2001 70)! O campo não fugia à regra, estando dividido em vários sectores para cada um dos regimentos dos *témata*, com alguma distância entre eles, enquanto o imperador acampava em conjunto com os *tágmata* e com a maior parte dos dignitários oficiais. No caso em apreço, o acampamento localizava-se a sul de uma corrente de água (que configurava uma excelente fonte de abastecimento) e de um pântano; do outro lado, localizava-se a embocadura do desfiladeiro bloqueado pelos Búlgaros.

O desastre caiu subitamente na madrugada do dia 26 de julho, quando os Búlgaros lançaram um ataque surpresa (que não foi identificado a tempo pelas sentinelas imperiais) sobre o acampamento dos *tágmata*. O que se seguiu foi a chacina do coração do exército imperial: atordoados pela sonolência e pelo imprevisto do assalto, os guardas de Constantinopla ainda tentaram organizar-se e responder, mas as suas linhas foram completamente quebradas e o massacre continuou. O drungário do *tagma* da *vigla*, ao ver a chacina tomar aquelas proporções e a maioria dos oficiais fugir ou ser liquidada, retirou-se também do acampamento. O imperador Nicéforo, por seu lado, terá sido morto logo na fase inicial do ataque.

Certamente por esta altura, as restantes forças bizantinas começaram a aperceber-se (era difícil conseguirem enxergar bem o que acontecia na escuridão da noite) do que se passava e organizaram-se o mais rapidamente que podiam para prestarem auxílio às forças da Guarda Imperial; no entanto, à medida que acorriam ao acampamento para fazerem frente às forças de Krum, iam sendo detidos pelos fugitivos com notícias da morte do imperador e avistavam o acampamento dos *tágmata* a ser incendiado pelos Búlgaros e pelos seus aliados. Seguiu-se a debandada total das forças dos *témata* bizantinas, que foram rapidamente perseguidas e atacadas pelas forças vitoriosas do *khan* búlgaro. Poucos soldados, porém, conseguiram escapar: os que fugiram para norte

foram apanhados nos pântanos e morreram afogados ou retalhados pelas armas búlgaras, tendo os corpos dos que lá morreram servido como ponte para os guerreiros inimigos perseguirem os que tinham sobrevivido; os que fugiram para sul viram-se frente a frente com a desguarnecida paliçada búlgara que, mesmo assim, lhes bloqueava o caminho; em pânico, alguns tentaram trepá-la apenas para caírem no fosso do outro lado, outros ainda conseguiram atear fogo às suas estruturas, de tal forma que esta caiu sobre o fosso, transformando-se numa ponte sobre o mesmo... mas nem mesmo assim os fugitivos bizantinos tiveram sorte: de facto, a madeira, enfraquecida pelo fogo, desfez-se sob os pés dos soldados romanos, fazendo-os tombar com ela, isto é, lançando-os dentro do inferno que começava a lavrar naquela vala...

As baixas bizantinas foram pesadíssimas: para além da morte do imperador, tinham caído o *stratēgós* romano, do *tema* dos Anatólicos, o *stratēgós* da Trácia, os comandantes dos *tágmata*, muitos oficiais e “infundáveis números” de soldados (Luttwak 2011 178); além disso, o herdeiro do imperador, Staurakios, fora gravemente ferido na coluna vertebral durante a batalha, tendo sucumbido dois meses depois. Às mortes e feridas dos grandes, juntava-se a destruição dos exércitos móveis bizantinos e da maior parte dos exércitos dos *témata* da Europa, encontrando-se Constantinopla indefesa. Por outro lado, Krum emergia mais forte do que antes da guerra com Bizâncio, empunhando nas suas mãos a caveira de Nicéforo I com a embocadura envolta em prata, que servia agora como caneca para os vitoriosos nobres búlgaros. Sobre os chacinados da batalha de Pliska, ele conseguira construir a ponte que o levaria à indefesa Constantinopla e, quiçá, à queda desta.

Apesar de infrutífera quanto ao objetivo final, a campanha de Nicéforo produzira todavia um importante trunfo, que permitiria ao império sobreviver: a destruição das melhores e mais disciplinadas tropas de Krum, por ocasião da queda do seu palácio em Pliska, uma

perda que para o governante búlgaro era muito difícil de repor. Por outro lado, os Búlgaros não possuíam uma frota nem o material de cerco necessário para assaltar as muralhas de Teodósio, pelo que necessitavam de tempo e de especialistas para o construir e para treinar os seus homens nestas manobras. Quando estas condições ficaram mais ou menos cumpridas, em abril de 814 (após derrotar Miguel I Rangabé em Versinika, o que lhe permitiu conquistar a maior parte da Trácia, incluindo Adrianopla, e assestar outro duro golpe nas forças provinciais ocidentais), era já tarde demais: para além de se sentar agora no trono cor de púrpura um experiente comandante, Leão V, disposto a lutar até ao fim contra o *khan*, a morte surpreendeu Krum em abril de 814, sendo este sucedido por um governante incapaz e que não soube dar seguimento à campanha ambiciosa do seu predecessor (Luttwak 2011 183).

Mas, ao certo, o que nos ensinam os acontecimentos de Pliska? Primeiramente, eles demonstram a eficiência e competência de um exército bizantino quando colocado sob a tutela de bons generais e de excelentes oficiais; até à conquista desta cidade, pelo menos, eles tinham mantido a disciplina e a coesão das suas forças e, mais tarde, tinham conseguido ainda construir acampamentos com os requisitos necessários a uma campanha em território inimigo. Por outro lado, demonstra que as tropas dos *témata*, quando desmoralizadas e sem liderança capaz (ou sem liderança, como parece ter sido o caso), rapidamente caíam na indisciplina e na desorganização, daí resultando a terrível derrota averbada na batalha de finais de julho de 811 (Haldon 2001 75).

## **5. A tática e o armamento bizantinos entre os séculos VII e X**

Falemos agora um pouco das táticas (e da evolução das mesmas) do Império Bizantino ao longo deste período. Inicialmente, com a

mudança de adversários do império, viu-se consolidada a transição da predominância da infantaria para a cavalaria ligeira; tal facto era evidenciado pela atribuição da denominação *kaballarikà thematiká* aos principais contingentes bizantinos deste período. A grande importância da cavalaria ligeira nesta fase é facilmente justificável pela primazia da guerra de guerrilha na fronteira oriental bizantina.

No entanto, não se pode desvalorizar a infantaria, que era fundamental para fazer frente ao exército (maioritariamente apeado) do califado; em bom rigor, o que este possuía não eram exércitos compostos por milhares de tropas de cavalaria ligeira, mas sim de infantaria montada, o que lhe conferia um grande raio de intervenção, coberto a grandes velocidades. Assim, era também importante para o Império Bizantino, que adotava uma estratégia geralmente defensiva, manter grande número de tropas apeadas, para fazer frente à superioridade numérica árabe. Todavia, e como já foi referido, estas tropas eram muito pouco treinadas e disciplinadas, comportando-se mal em batalha campal (a não ser que tivessem um bom comandante, inspirador e capaz de impor a disciplina). As forças mais poderosas e disciplinadas estavam nos *tágmata* de Constantinopla, onde se encontravam também os únicos contingentes de cavalaria pesada do Império Bizantino deste período (Haldon 2001 70).

Por outro lado, com o desaparecimento dos mercenários hunos e dos seus aliados, com quem o império aprendera a forma peculiar de tiro a cavalo, os Bizantinos perderam os meios para treinar em condições as suas forças de arqueiros, facto que teve como consequência principal o declínio em qualidade e quantidade dos arqueiros gregos. Quando apareceram pela primeira vez os Turcos da Ásia Central (excelentes arqueiros a cavalo) ao serviço do califado, nos meados do século IX, os soldados bizantinos viram-se em grandes apuros, porque não sabiam muito bem como contrariar esta poderosa força montada. Por isso, os Romanos aperceberam-se

de que a sua falta de manejo do arco composto lhes tinha custado muitas derrotas (Leão VI fá-lo notar no seu tratado *Taktika*: in Dennis 2014 85), como sucedera em Anzen (838). Os Bizantinos começaram então a treinar alguns dos seus recrutas com o arco (como aconselha Leão VI) e a recrutar mercenários da estepe para preencherem esta 'lacuna' nas suas forças militares.

Esta tendência altera-se no século x, graças a três grandes evoluções a nível tático: i) o regresso de uma força de infantaria pesada coesa, disciplinada e poderosa; ii) o retorno em força da cavalaria pesada, armada com lanças e com maças de armas; iii) o desenvolvimento de táticas que pudessem combinar a organização e a força defensiva da infantaria pesada com o poder de choque da cavalaria pesada (Haldon 2001 95).

Em relação à infantaria, surgiu uma nova unidade, com capacidade para fazer frente a ataques de cavalaria pesada inimiga; estava armada com piques ou com lanças compridas, devendo combater em linha ou em cunha. O conhecido tratado *Praecepta militaria*, escrito pelo excelente general (mais tarde imperador) Nicéforo Focas por volta do ano 970, dá-nos a conhecer a importância relativa deste novo tipo de soldado: em cada 1000 soldados, 100 (ou seja, 10%) eram deste tipo, 400 eram lanceiros comuns, 300 eram arqueiros e os restantes eram compostos por forças de infantaria ligeira, entre fundibulários e dardeiros (cf. Haldon 2001 95).

Enquanto isso, os comandantes bizantinos começaram a dar grande importância ao bom treino e à boa disciplina das tropas, em especial nos meados do século x, sob a influência do general Nicéforo Focas; daqui resultaram exércitos disciplinados, organizados e com excelentes desempenhos no campo de batalha; terá sido por esta altura que surgiram os hoplitarcos, isto é, os oficiais responsáveis pelo treino e pela disciplina das divisões de infantaria. Esta inovação permitiu o desenvolvimento de um novo conjunto de preceitos táticos, com reflexos na organização das colunas de

marcha (onde a cavalaria pesada bizantina era protegida dos mísseis adversários pela infantaria organizada num quadrado ou num retângulo, dependendo da orografia local). A infantaria tornou-se tão bem organizada que podia modificar rápida e ordeiramente o seu dispositivo, transformando um sólido ‘quadrado’ de lança e escudos numa perigosa linha ofensiva (Haldon 2001 95).

Além da inserção destes corpos e das melhorias no treino e na disciplina das forças de infantaria, o historiador John Haldon (2005 95) indica-nos que, neste período, se inverteu de novo a tendência no campo de batalha. A infantaria bem armada, treinada e disciplinada voltou a ocupar o lugar principal no campo de batalha, deixando de servir meramente como um suporte para a cavalaria, enquanto a cavalaria foi fortalecida com o regresso dos cavaleiros pesados catafractários aos exércitos bizantinos. O caso mais claro do regresso de tal arma foi protagonizado pelos *klibanophóroi* de Nicéforo II Focas, uma tropa de cavalaria muito pesada protegida por todo o corpo com armadura lamelar e cota de malha, dispendo de cavalos igualmente bem defendidos. Este tipo de força rapidamente se tornou a elite montada bizantina, e era de tal forma poderosa e destruidora que podia rapidamente inverter o resultado de uma batalha (como nos combates de Dorostolon, em 971, travados por João I Zimisce, como explicaremos mais adiante).

No campo de batalha, vemos estas unidades de *klibanophóroi* atuarem em conjunto com unidades de cavalaria ligeira ou de arqueiros. Enquanto esta elite montada avançava em cunha, de forma a fazer desmoronar as linhas inimigas, era coberta pelo fogo dos arqueiros bizantinos, ao mesmo tempo que outras tropas de cavalaria mais leve e que as acompanhavam giravam sobre o seu flanco para abrir ainda mais as linhas, assim que estas eram rompidas pelo choque daqueles autênticos ‘tanques de guerra’ bizantinos. O *Praecepta militaria* indica que um regimento de *klibanophóroi* era constituído por 500 cavaleiros, sendo dois terços deles

verdadeiros catafractários e os restantes arqueiros a cavalo (cf. Haldon 2001 96); no entanto, estas unidades nunca foram muito numerosas, tendo em conta que, devido ao seu armamento (e ao das suas montadas), eram muitíssimo caras de manter; ainda assim, permaneciam como um dos maiores recursos militares do império.

Quanto ao armamento bizantino, sabemos que, em meados do século IX (ou seja, pouco depois da criação dos *tágmata*), incluía espadas, lanças, escudos e elmos e, como proteção defensiva, os soldados podiam ainda vestir um *lōrikion* (cota de malha) ou outra armadura de corpo; no caso dos mercenários e de algumas tropas provinciais, usava-se também o arco e a flecha (Haldon 2001 82).

De acordo com o cronista Leão, “o Diácono”, em meados do século X o armamento ofensivo era constituído por espada, lança, dardos, fundas, arco e flecha e maça de armas. Já o armamento defensivo era constituído por elmos, escudo e uma proteção de peito, sendo certo que o cronista dá grande ênfase aos cavaleiros pesados catafractários de Nicéforo II (Talbot e Sullivan 2005 39-40).

Por conseguinte, em meados do século X, os *basileis* têm já nas suas mãos um excelente exército, treinado e disciplinado; é também um conjunto de forças bem equilibrado (entre forças de cavalaria pesada e ligeira, infantaria e atiradores com arco), cujas componentes conseguem interagir eficazmente, cumprindo, assim, preceitos táticos até aí muito difíceis de executar, pois exigiam muita disciplina e organização.

Graças a este novo exército, os Bizantinos têm agora todas as condições para encetar um grande projeto de conquista. Sob os *klibanophóroi* de Nicéforo II Focas, os *Imortais* de João I Zimisce e o “machado nórdico” (a célebre Guarda Varangiana) de Basílio II, o Império Romano do Oriente vai derrotar inimigos em todas as frentes e, no espaço de sessenta anos, vai-se tornar a principal potência política e militar do Mediterrâneo oriental! Será uma nova idade de ouro para os herdeiros de Justiniano e de Teodora.

## V

### OS ANOS DOURADOS DA RECONQUISTA BIZANTINA 963-1025

#### 1. Os generais de Bizâncio

O Império Bizantino, durante o seu milénio de história, não sobreviveu apenas graças à bem implementada estratégia defensiva (e às táticas com ela relacionadas), baseada no modelo dos *témata* e nos corpos profissionais de Constantinopla – os *tágmata*. Afinal, estas tropas precisavam de comandantes para as organizar, liderar e, se necessário, lutar lado a lado com elas no campo de batalha diante dos grandes adversários de Bizâncio. Uma parte importante da sobrevivência do império deve ser atribuída aos seus generais: os *stratēgoí*. Era sobre os ombros destes homens que estava colocado o grande peso de defender o Império Romano do Oriente, tanto nos tempos menos agitados como nos períodos mais difíceis que se seguiam a pesadas derrotas que enfraqueciam gravemente o império, como na fase que se seguiu à batalha de Pliska (811).

Sendo assim, o que deve caracterizar um bom general bizantino? De acordo com o célebre tratado militar *Taktica*, de Leão VI, um general tem de ter uma boa constituição física, uma grande resiliência espiritual (controlo emocional, sobriedade, seriedade e incorruptibilidade perante qualquer vício), grande inteligência e

eloquência e, claro, uma grande capacidade de comandar as suas tropas. Outras qualidades seriam: ter família ou fazer parte da aristocracia (cf. Dennis 2014 16-38; e Decker 2014 42).

A estas qualidades devemos acrescentar os ensinamentos que foram sendo compilados em variados tratados militares bizantinos<sup>8</sup>, reflexo da experiência de alguns dos grandes generais ou intelectuais gregos. Estes conhecimentos eram assim transmitidos aos *stratēgoí*, que os deviam aplicar não só no campo de batalha mas também noutras valências militares, casos do acampamento, das ordens de marcha, do treino e da logística, entre outras.

No entanto, um grande general bizantino não era só isto. De facto, era possuidor de uma poderosa aura espiritual que o rodeava e que influenciava os seus soldados, a capacidade e o moral dos mesmos. Por outras palavras, qualquer fator que afetasse o general e as suas responsabilidades, quer no âmbito físico quer psicológico (como um estado de doença ou de depressão), iria repercutir-se na destreza e no estado de espírito dos seus soldados: exemplo desta afirmação é a depressão do imperador Manuel Comneno durante a batalha do Miriocéfalo, em 1176. Outro grande perigo provinha dos presságios anteriores a uma batalha ou de incidentes no seu decurso que indicassem qualquer infelicidade acontecida ao comandante, visto que destruíam completamente o moral das suas tropas, provocando o pânico e derrotas desastrosas<sup>9</sup>;

---

<sup>8</sup> Os tratados militares bizantinos são, de resto, uma das características distintivas do modelo militar oriental europeu relativamente ao que se praticava no Ocidente, que, após a *Epitoma rei militaris* de Flávio Vegécio Renato (c. 400 d. C.), não terá publicado obras tratadísticas até ao aparecimento da *Expugnatio Hibernica*, de Giraud de Barri, nos finais do século XII. Sobre esta matéria, veja-se, por todos, Salvatore Cosentino 2009 *passim*.

<sup>9</sup> Durante a batalha de Acheloos, em 917, o general Leão Focas, verificando que esta decorria a favor dos Bizantinos, afasta-se temporariamente para se refrescar. No entanto, devido ao clamor da batalha, o seu cavalo assusta-se, foge a galope e atravessa a retaguarda e o acampamento bizantinos. Tal visão provoca o pânico dos soldados romanos, que pensam que o general tinha tombado, e de imediato debandam catastróficamente, causando uma enorme derrota às forças do Império Romano do Oriente.

por outro lado, qualquer feito heroico do *stratēgós* elevaria o moral das suas tropas e a respetiva habilidade. O general era, portanto, o coração do exército, e o seu bom estado físico e mental influenciava automaticamente a boa ou a má prestação dos soldados em batalha.

O *stratēgós* era, também, o ‘cérebro’ desse ‘corpo’ que era o exército. De acordo com o historiador norte-americano Michael Decker, estava nas mãos do general conseguir consolidar, em conjunto com os seus oficiais, a unidade das tropas em campanha. O general tinha, portanto, de possuir mão de ferro sobre estas, para evitar a desordem e a corrida aos espólios adversários durante uma batalha ou uma campanha e para garantir que as comunicações (ainda algo primitivas, diga-se) tivessem o maior alcance e eficiência possíveis (Decker 2013 44). O *stratēgós* devia ser atento e rigoroso durante o comando das suas forças em batalha, uma vez que, iniciado o recontro, era muito difícil manter o controlo sobre a hoste; devia ainda ser muito cuidadoso, de forma a não ser morto ou obrigado a abandonar o combate, porque qualquer um destes acontecimentos provocaria um ‘efeito dominó’ na capacidade de liderança dos oficiais bizantinos, acabando por fazer implodir qualquer forma de comando no exército. Em suma, completando as características apontadas pelo imperador Leão VI no *Taktica*, um bom general bizantino deve ser cuidadoso e rigoroso, bem como possuidor de um poderoso espírito guerreiro, capaz de feitos heroicos, sendo assim um grande impulsionador das forças que lutam sob o seu comando.

Podemos agora começar a relatar os feitos de três grandes *basileis* bizantinos: Nicéforo II Focas, João I Zimisce e Basílio II.

## **2. Nicéforo II Focas – estender o império para Oriente**

De acordo com o cronista Leão, “o Diácono”, no dia 15 de março de 963, o imperador Romano II abandona Constantinopla a

cavalo para ir caçar, acompanhado por uns “sujeitos pestilentos”<sup>10</sup>... Quando regressa, está nos seus últimos suspiros! Morte natural provocada pela árdua cavalgada devido ao duro terreno montanhoso (“uma convulsão fatal”, segundo diziam algumas pessoas na altura) ou envenenamento por cicuta proveniente dos aposentos das mulheres (Talbot e Sullivan 2005 83)?...

A dúvida causada pela morte do imperador traria bastante incerteza a Constantinopla, com o *basileús* a deixar dois filhos pequenos, Basílio e Constantino (cinco e dois/três anos, respetivamente), como herdeiros do trono púrpura. O patriarca Polieuktos e o Senado decidem converter Teófane, que acabara de enviuar, em regente imperial; no entanto, o verdadeiro poder estava nas mãos do patriarca e do *parakoimómēnos*<sup>11</sup> José Bringas. Enquanto isso, vindo do território da dinastia hamdânida (à qual pertencia o nosso já conhecido Sayf al-Dawlah), o *stratēgós* Nicéforo Focas é surpreendido pela notícia da morte do *basileús*, durante a sua vitoriosa viagem de regresso a Constantinopla.

Quando corre o ano de 963, já Nicéforo Focas era considerado um grande general bizantino, com tremendas vitórias a seu crédito cimentando a fama de ser um dos homens mais poderosos do Império Romano do Oriente; ocupava então o cargo de *domes-tikós* do Oriente. Provavelmente, a sua maior vitória (antes de se tornar coimperador) terá sido a reconquista da ilha de Creta<sup>12</sup> aos

---

<sup>10</sup> Estes sujeitos tinham sido anteriormente referidos, pelo autor, como os responsáveis pela corrupção deste imperador, o qual, aquando da sua ascensão ao trono, era justo, temperado e um benfeitor para os seus súbditos (Talbot e Sullivan 2005 82); depois, tornou-se um homem bastante dado ao luxo e aos prazeres, frívolo e sibarita, tal como é referido por Giorgio Ravegnani (cf. *supra*, Parte I).

<sup>11</sup> O eunuco encarregado de vigiar o quarto do *basileús*.

<sup>12</sup> Creta tinha sido conquistada por piratas muçulmanos expatriados do Al-Andalus, em 828. Estes, aproveitando-se da vulnerabilidade da ilha (que nunca se tinha tornado um *tema* e que tinha uma guarnição muito fraca), tomaram-na e converteram-na rapidamente na sua base de operações, de onde atacavam as ilhas e as possessões costeiras do Império Bizantino e para onde regressavam

piratas sarracenos, em 961, depois do cerco de um ano à capital, Chandax; esta enorme vitória valeu-lhe grandes recompensas da parte do imperador Romano II, que lhe assegurou a manutenção do seu cargo. Insaciável, o *domestikós* inicia então uma nova campanha, que o leva a invadir as possessões de Sayf al-Dawlah na Síria e na Cilícia, onde consegue (nas palavras de Leão) conquistar mais de 60 fortalezas muçulmanas e apoderar-se de um espólio grandioso. Durante esta campanha, que culmina em 963, ou seja, pouco antes da morte de Romano II, Nicéforo consegue ainda apoderar-se temporariamente da capital dos Hamdânidas, Alepo, a 23 de dezembro de 962, ainda que não tenha logrado tomar a cidadela.

De imediato, regressa a Constantinopla, onde consegue que lhe seja assegurado pela regência o comando das tropas do Oriente. No entanto, o regente José Bringas tenta retirar-lhe o poder e exilá-lo, procurando aliciar João Zimisce (o sobrinho de Nicéforo e, também ele, um grande general) para o seu lado. De acordo com Leão, o esquema acaba por se virar contra ele, com Zimisce a divulgar o plano ao *domestikós*, que de imediato trata de reunir as suas tropas e de marchar sobre a capital, onde vai depor o eunuco regente e envergar ele mesmo o manto imperial, no lugar dos órfãos de Romano II! De forma a legitimar o seu poder, Nicéforo toma como sua esposa a viúva Teófane, e sobe assim ao poder com o título de coimperador Nicéforo II Focas.

O coimperador fez jus às suas capacidades militares, enquanto exerceu o seu cargo, especialmente a oriente. No ano que se seguiu à sua usurpação do poder, em 964, ocupa Chipre, terminando com o equilíbrio vigente na ilha entre Bizantinos e muçulmanos,

---

em segurança. Os Bizantinos tinham já feito várias tentativas para reconquistar a ilha, mas todas fracassaram (as principais deram-se em 843, em 911 e em 949).

nos termos de um acordo celebrado quase três séculos antes<sup>13</sup>! No ano seguinte, em 965, foi a vez de encetar uma campanha contra a Cilícia (uma das bases das razias sarracenas), agora parte dos domínios hamdânidas, que toma nesse mesmo ano; conquistada a região, procede à formação de cerca de uma dúzia de pequenos *témata* para melhor defender o novo *limes* do império.

Foi após a conquista de Tarso, a capital da Cilícia, que se deu o primeiro evento de uma série de acontecimentos, que se revelariam outros tantos erros crassos por parte do *basileús* Nicéforo II e que haveriam de ajudar à implementação de um novo e perigoso poder nos Balcãs: os Rus de Kiev<sup>14</sup>. O imperador recebeu uma embaixada do czar Pedro da Bulgária, que lhe requer o pagamento aos Búlgaros do tributo acordado pelo *basileús* Romano I, em 927, nos termos de um acordo que preservava a paz entre Preslav (na altura, a capital da Bulgária) e Constantinopla; sentindo-se ultrajado, tratou imediatamente de espancar os embaixadores, reenviando-os depois de volta a casa, com a seguinte mensagem (nas palavras de Leão, “o Diácono”):

“Informai o vosso soberano rói-couros vestido no seu gibão de couro que o magnificente e todo-poderoso imperador dos Romanos irá de imediato à sua terra, para lhe pagar o tributo em toda a sua totalidade, para que possais aprender – ó vós que sois três vezes escravos pela vossa linhagem – a proclamar os soberanos dos Romanos como vossos

---

<sup>13</sup> A ilha de Chipre tinha sido declarada território neutro em 688, por um tratado assinado pelo *basileús* Justiniano II e o califa Abd al-Malik. Neste tratado, ficava ainda estipulado que ambas as partes poderiam cobrar impostos à população cipriota, bem como usufruir dos seus portos (Kazhdan 1991 567).

<sup>14</sup> Ironicamente, seriam estes eventos, que quase puseram em risco a soberania (e quiçá a presença) bizantina nos Balcãs, que acabariam por consolidar a hegemonia bizantina na região e por levar à anexação dos territórios do Império Búlgaro, mas falaremos disso nos subcapítulos seguintes.

senhores, e a não exigir tributo deles, como se eles fossem escravos!” (citado por Talbot e Sullivan 2005 110).

De seguida, o *basileús* comanda uma pequena força para destruir alguns postos fronteiriços búlgaros e, pondo em ação a máquina diplomática bizantina, envia uma embaixada ao príncipe Svyatoslav de Kiev com presentes, exortando-o a invadir a Bulgária pelo Danúbio. O príncipe dos Rus aceita de imediato a proposta e Nicéforo regressa a Constantinopla, deixando a questão nas mãos do seu novo aliado, que acaba por conquistar a totalidade do território búlgaro, estendendo o seu domínio territorial para sul do rio Danúbio. Inadvertidamente, a aliança de Nicéforo II com Svyatoslav criara um perigo ainda maior a Constantinopla... Contudo, não seria este *basileús* a ter de resolver esse problema.

No ano de 966, o imperador vira de novo a sua atenção para oriente, desta vez para uma das cidades da Pentarquia: Antioquia<sup>15</sup>. Contrariamente ao que fizera a outras fortalezas importantes, não tencionava tomar esta pela força das armas de cerco, preferindo recuperar a cidade sem a danificar; depois de conquistar algumas fortalezas na região (como, por exemplo, Hierápolis e Arka), dirige-se para Antioquia, onde constrói um acampamento fortificado que lhe serve de base para o cerco da cidade. Nicéforo deixa então um largo contingente para trás, enquanto ele próprio regressa a Constantinopla. Antioquia acabaria por cair em 28 de outubro de 969, quando um grupo de soldados utilizou umas escadas para subir à muralha, incendiou certos pontos da cidade e abriu os portões. Depois de os seus habitantes se renderem, os Bizantinos extinguiram os fogos e informaram Constantinopla da conquista da antiga capital do Império Selúcida (Talbot e Sullivan 2005 123-124).

---

<sup>15</sup> Antioquia tinha sido perdida em 637/638 para as forças árabes.

Antes da conquista da cidade, em 967, o imperador recebeu em testamento o principado de Taron, o que lhe permitiu expandir o território bizantino para a Arménia ocidental. Este território foi dividido em cerca de uma dúzia de *témata*, que colocou sob o poder do *stratēgós* de Chaldia, a quem foi atribuído o título de *doúx* (Treadgold 1995 35)<sup>16</sup>.

Apesar do empolgamento pela tomada da cidade, Antioquia foi a última conquista do glorioso imperador, traído e morto pela esposa e pelo sobrinho, João Zimisce, que tomaram o poder no *Boukkellárion*, em dezembro de 969. Quais foram as principais razões para este golpe de Estado? A pouca atenção dedicada por Nicéforo II à imperatriz, o afastamento de João Zimisce das suas funções de *domestikós* (depois da conquista de Tauro) e o regime autoritário que se fazia sentir em Constantinopla (necessário para manter a máquina de guerra do coimperador).

Como legado pessoal, Nicéforo II deixou um exército bizantino reformado, os poderosos contingentes dos *klibanophóroi* (catafrac-tários, ou seja, cavalaria pesadamente equipada) e dois importantes tratados militares, que lhe são geralmente atribuídos: o *De Velitatione Bellica*, que expõe especialmente a forma como se deve fazer a guerra de guerrilha; e o *Praecepta Militaria*, que descreve essencialmente as reformas táticas feitas no exército bizantino durante o século x.

Negativamente, Nicéforo II deixou para trás duas graves crises: em Itália, onde Otão I tinha acabado de vencer a importante batalha de Ascoli (969), ameaçando assim as possessões romanas no sul da região; e na Bulgária, onde a traição de Svyatoslav, ao anexar aquele território em vez de somente o saquear, instalava um enorme perigo às portas de Constantinopla, que, para resolver estes problemas, contava agora com João I Zimisce – também ele

---

<sup>16</sup> A este conjunto de *témata*, incluindo o de Chaldia, atribuir-se-á o nome de “Ducado de Chaldia”.

teria um excelente reinado, sendo ainda hoje considerado um dos melhores generais que o Império Bizantino jamais teve.

### **3. João I Zimisce: Do Danúbio à Palestina**

#### **– Entre Rus e Muçulmanos!**

O episódio da morte de Nicéforo II Focas é relatado da seguinte forma na *História*, de Leão, “o Diácono”:

“Quando os guarda-costas de Nicéforo se aperceberam, tarde demais, do seu assassinato, eles apressaram-se a defendê-lo, na crença de que o homem ainda se encontrasse entre os vivos, e tentaram forçar as portas de ferro com todas as suas forças. Mas João ordenou que trouxessem a cabeça de Nicéforo e que a mostrassem aos seus guarda-costas por uma janela. Um homem chamado Atziteodoro veio e cortou a cabeça, mostrando-a àquele grupo turbulento de homens. Quando eles tiveram aquela visão monstruosa e inacreditável, deixaram as suas espadas cair das mãos, mudaram de tom e, numa só voz, proclamaram João como imperador dos Romanos” (citado por Talbot e Sullivan, 2005 140-141).

E é assim, desta forma macabra, que João I Zimisce ascende ao trono púrpura da rainha das cidades: Constantinopla. No entanto, o início do reinado do usurpador não seria fácil, e o novo coimperador, antes de se lançar em planos de conquista maiores, teria de enfrentar graves problemas que já foram enunciados. Se o problema dos Otões foi solucionado através de um ‘simples’ contrato matrimonial<sup>17</sup>, já o dilema nórdico só seria resolvido de

---

<sup>17</sup> Cf. *supra*, Parte I.

uma única forma: no campo de batalha e nas ruas das cidades do Império Búlgaro do desafortunado czar Boris II.

Inicialmente, o novo *basileús* tentou resolver o problema à boa maneira bizantina: pela diplomacia. Num primeiro contacto, tentou apelar ao bom senso do príncipe Svyatoslav, exortando-o a abandonar as suas recém-conquistadas possessões na Bulgária, levando com ele o prémio prometido pelo antigo *basileús*; justificava-se ainda o pedido com a afirmação de que aquele território (a Bulgária) era romano *de jure*.

A resposta do soberano dos Rus vinha pejada de uma arrogância que tinha nascido da série de vitórias que o povo nórdico (e, em especial, Svyatoslav) infligira aos Búlgaros, com o príncipe a declarar, em jeito de ultimato, que jamais abandonaria aquelas terras férteis, a não ser que lhe fossem pagas somas avultadas de dinheiro; no entanto, se o dinheiro não fosse recebido, os Bizantinos deviam imediatamente abandonar os seus territórios na Europa. O ultimato foi obviamente rejeitado pelo *basileús*, que intimou Svyatoslav a regressar imediatamente aos seus territórios na Ciméria (a norte do mar Negro), lembrando-lhe os tratados de paz assinados no passado<sup>18</sup>. Não bastando estes avisos, o imperador aconselhou o seu homólogo ‘bárbaro’ a não tentar invadir o território romano, sob pena de ser vitimado e humilhado por uma série de acontecimentos semelhantes aos que tinham sucedido com o seu falecido pai, Igor<sup>19</sup>, caso forçasse os exércitos bizantinos a marcharem contra ele na Bulgária (Talbot e Sullivan 2005 155 e 156). A resposta do príncipe russo, repleta de fúria, não se fez esperar:

---

<sup>18</sup> Nomeadamente o que fora assinado com o soberano de Kiev, Oleg, em 907.

<sup>19</sup> O azarado pai de Svyatoslav tentara conquistar Constantinopla em 941, utilizando milhares de batéis semelhantes aos *monóxyla* eslavos, para além de uma força armada substancial. O resultado não foi o esperado pelo soberano de Kiev, que viu a maior parte da sua frota ser devorada pelo fogo greguês dos Bizantinos, memória que, naqueles anos, ainda perdurava nas mentes dos Russos. O príncipe Igor seria mais tarde morto pelos Derevliane, um povo que habitava na margem ocidental do Dniepre (no entanto, esta versão da sua morte não é consensual, sendo considerada por alguns investigadores como uma invenção do cronista Leão, “o Diácono”).

“Não vejo necessidade de o Imperador dos Romanos vir até nós. Assim sendo, que ele não se canse a vir para esta terra; porque muito em breve nós vamos armar as nossas tendas em frente às portas de Bizâncio, cercá-la-emos com uma poderosa paliçada e vamos opor-nos bravamente quando ele lançar uma surtida, se ele tiver a coragem de tentar tão grande combate. Iremos ensiná-lo com muitos feitos que não somos meros ‘trabalhadores que vivem pelo trabalho das nossas mãos’, mas somos ‘soldados sedentos de sangue’ que lutam contra os nossos inimigos com armas, apesar de o imperador acreditar, na sua ignorância, que os soldados *Rus* são como mulheres mimadas, e tentar assustar-nos com estas ameaças, como se fôssemos crianças de colo assustadas por *bobgoblins*” (citado por Talbot e Sullivan 2005 157).

Estava, assim, desenterrado o machado de guerra, e os Bizantinos prepararam-se para o pior. A maior preocupação, até àquele momento, tinha sido garantir a manutenção das conquistas mais recentes na Síria; para tal, o *basileús* enviara a maior parte das suas forças efetivas, sob o comando do patrício Nicolau, para a zona de Antioquia, onde repeliram vários ataques sarracenos. Quando eclode o conflito bizantino-russo, vendo a frente oriental finalmente estabilizada, chama de volta as forças do patrício. Porém, ciente de que estas ainda tardariam alguns meses a regressar a Constantinopla, tem de arranjar uma forma para ganhar algum tempo, pelo que decide enviar dois experientes generais, Barda Sclero e o patrício Pedro (o homem que conquistara Antioquia), para o *limes* bizantino-búlgaro, com os seguintes objetivos: vigiar o território inimigo (sendo auxiliados nesta tarefa por espões bizantinos enviados para solo inimigo), treinar tropas e proteger o território romano das forças de saqueio adversárias. Terá sido

nesta altura que João Zimisce criou um novo *tagma*: os “Imortais”, que seguiam o coimperador em todas as suas batalhas.

Enquanto estes acontecimentos se processavam no lado bizantino, o príncipe Svyatoslav, alertado para a presença militar bizantina às suas portas, envia um exército de cerca de 30 000 homens, entre Rus, Búlgaros e aliados da estepe (como Petchénègues e Magiares) na direção de Constantinopla, com o objetivo secundário de saquear a Trácia. Pelo caminho, este corpo militar consegue ainda tomar Filipopolis, a última grande fortaleza independente búlgara, onde, de acordo com Leão, “o Diácono”, executa em estacas 20 000 homens capturados na cidade<sup>20</sup>. Em resposta, Barda Sclero junta uma força de elite de cerca de 12 000 homens e avança na direção do inimigo, que se encontrava nas imediações de Arcadiópolis (atual Lüleburgaz, 100 km a poente de Constantinopla), onde se vai travar a batalha, a primeira deste duelo de titãs que opunha João I Zimisce e Svyatoslav.

Ciente da superioridade numérica inimiga, Barda divide o seu exército em três contingentes, tomando ele próprio o comando de um contingente de 2000 a 3000 homens e dando ordens às restantes divisões para se esconderem na vegetação e nos bosques que existiam no caminho em direção ao acampamento russo; logo que estas movimentações foram concluídas, o general comanda os seus homens numa investida contra o adversário, especialmente direcionada aos soldados Petchénègues; surpreendidas, as forças russas organizam-se para atacar, abandonam o seu acantonamento e iniciam a batalha com o arrojado inimigo, batendo-se vigorosamente (no decorrer desta escaramuça, a hoste bizantina terá mesmo sido cercada algumas vezes). Quando vê chegada a altura, Barda

---

<sup>20</sup> Esta técnica, de acordo com os tradutores da *História*, é mais parecida com a crucificação do que com a empalação, pois consistia em fixar um indivíduo numa *phourka* (uma estaca aforquilhada), onde era ridicularizado; de seguida, podia ser executado por estrangulamento (Talbot e Sullivan 2005 155).

Sclero ordena às suas tropas que se retirem organizadamente em direção ao lugar da emboscada, perseguidos bem de perto pelos ágeis cavaleiros dos Petchénègues, que eram seguidos pelas forças dos Búlgaros e dos Rus. Assim que as tropas bizantinas do general ultrapassam o lugar da emboscada, os outros contingentes caem sobre os homens da estepe e massacram-nos, tendo estes batido em retirada atabalhoadamente, atravessando as fileiras dos seus restantes aliados, que de imediato foram atacados pelas forças bizantinas em perseguição.

Apanhada completamente de surpresa pela tática de fuga simulada do exército que se pensava derrotado, e desorganizada ainda mais pela fuga dos Petchénègues por entre as fileiras, a coligação de Svyatoslav foi duramente castigada pelo seu descuido e sofreu pesadas baixas, entrando em debandada geral pouco depois da emboscada inimiga. Enquanto as forças bizantinas, de acordo com John Haldon, sofreram baixas que rondavam os 550 homens, os homens de Svyatoslav tiveram milhares de perdas! O contingente do general Barda Sclero cumpria então o seu principal objetivo: ganhar tempo para que João I Zimisce preparasse a campanha do ano seguinte; mas serviu também para que os oficiais bizantinos (e, assim, o *basileús*) tomassem conhecimento das características fundamentais do adversário, tais como a composição das respectivas forças; o seu moral; e o poder de combate das hostes sob o comando de Svyatoslav (Haldon 2001 98).

Com a ofensiva do príncipe de Kiev esmagada, chegou a vez de João I Zimisce lançar as suas peças de xadrez na ofensiva. A vitória nas imediações de Arcadiópolis acabou por trazer um outro trunfo ao *basileús*: uma razão para retirar deste jogo os Petchénègues, que abandonam a causa de Svyatoslav. Foi no mês de abril de 971 que o exército bizantino, comandado pelo coimperador João I Zimisce, entrou na Bulgária, pronto para destruir a ameaça nórdica de uma vez por todas. A força que acompanhava o senhor do Império

Bizantino era muitíssimo poderosa e incluía todas as componentes das forças militares imperiais: um bom exército terrestre (com cerca de 30 000 homens); máquinas de cerco; um grande trem de apoio, com os mantimentos necessários para a hoste; e uma força naval que transportava tropas, mantimentos e, claro está, o poderoso fogo greguês. O objetivo da frota era atacar forças inimigas na zona costeira assim que possível e, de seguida, entrar no Danúbio, de forma a apoiar diretamente as forças imperiais terrestres, logo que estas atingissem o grande rio.

As forças terrestres, lideradas pelo *basileús*, invadiram então a Bulgária, em abril de 971, e avançaram rapidamente pelos desfiladeiros que, na altura, se encontravam desprotegidos, visto que Svyatoslav estava a enfrentar uma rebelião búlgara a norte. Sem oposição, os Bizantinos investem sobre Preslav, a capital do Império Búlgaro, que conquistam em dois dias e onde massacram 7000 soldados russos e búlgaros que defendiam o palácio real. Além desta importante vitória, João I Zimisce consegue um importante trunfo: o czar Boris II da Bulgária. Anteriormente, o *basileús* tinha-se comprometido a repor o deposto czar no trono de Preslav, mas agora tinha-o nas suas mãos, prometendo retribuir aos Rus as injustiças cometidas contra o povo búlgaro durante a invasão.

Os efeitos não se fizeram esperar: à medida que as forças bizantinas seguiam para norte, para confrontar Svyatoslav na sua base em Dorostolon, nas margens do Danúbio, os Búlgaros entregavam as suas fortalezas sem dar luta, aceitando prontamente os termos que o coimperador lhes oferecia para se renderem. Por outro lado, Svyatoslav viu-se obrigado a purgar as forças militares, quando estas começaram a desertar das suas hostes: alguns oficiais foram assassinados, enquanto outros foram aprisionados. O último confronto antes das batalhas de Dorostolon deu-se pouco antes de os Bizantinos chegarem à fortaleza, quando descobriram que um pequeno contingente de Rus massacrara um grupo de

batedores imperiais; enviaram cavaleiros da guarda imperial para os perseguir, tendo capturado alguns deles, que acabaram mortos a mando de João Zimisce.

Chegados à fortaleza situada nas margens do Danúbio, os Bizantinos foram recebidos com uma parede de escudos de soldados russos, com as lanças a postos para a batalha. Tendo deixado para trás as máquinas de cerco e o trem de apoio (protegidos por alguns homens no acampamento), o coimperador ordena às suas forças que se organizem em três divisões: a infantaria ocupa as linhas da frente; as reservas de *klibanophóroi* reforçam cada uma das alas; e, por fim, grupos de artilharia neurobalística (arqueiros e fundibulários) formam uma segunda linha por trás das fileiras da infantaria romana.

A parada estava alta no primeiro dia das batalhas de Dorostolon, com os dois lados a considerarem a eventualidade de uma derrota no confronto como algo de humilhante: de um lado, os Rus (que se dizia atingirem os 60 000 homens<sup>21</sup>), reputados invencíveis pelos seus vizinhos, com a sua fama de poderosos guerreiros de infantaria, não queriam perder; mas, do outro lado, estavam os Bizantinos, que consideravam desastroso serem obrigados a retirar-se de Dorostolon diante de um povo de bárbaros, que nem sequer sabia montar a cavalo (Talbot e Sullivan 2005 185)! Os projéteis romanos voavam em direção às fileiras dos Russos e só pararam quando as duas forças colidiram uma com a outra: ferocidade nórdica contra disciplina romana; parede de escudos contra falange. A primeira batalha foi bastante equilibrada, com os Bizantinos a aguentarem bem a linha e a conseguirem romper por entre as forças russas em dois pontos, apenas para os Russos se retirarem, reformarem a parede de escudos e avançarem

---

<sup>21</sup> Um número muito possivelmente inflacionado, tendo em conta que a área da fortaleza não permitia albergar tantos homens (Haldon 2001 99).

novamente contra os homens de Constantinopla; contudo, esta tática só terá sido decisiva ao final do dia, quando as forças de cavalaria pesada bizantinas colocadas nos flancos, apoiadas por um novo avanço da linha romana, carregaram em cunha e penetraram nas alas da massa de soldados russos, empurrando-os para o centro. As fileiras dos Rus começaram então a esboroar-se, sendo rasgadas pelas linhas romanas, que puseram os Russos em fuga na direção de Dorostolon, ocorrendo muitas mortes durante esta retirada.

O primeiro dia termina, pois, com uma importante vitória para os Bizantinos, que voltam para junto do *basileús* logo que as portas de Dorostolon são fechadas e a perseguição é terminada, começando-se então a construir o acampamento principal para servir de base ao assédio à fortaleza do Danúbio; de acordo com Leão, “o Diácono”, este terá sido construído no topo de um pequeno monte, a alguma distância da fortaleza. Assim que as tendas foram armadas, os soldados terão escavado uma trincheira em sua volta, amontoando a terra retirada junto a este fosso, de forma a criar uma pequena barreira improvisada; quando este muro atingiu uma altura adequada, foram colocadas lanças no seu topo e encostados escudos na base das lanças. Ainda segundo Leão, “o Diácono”, esta prática era habitual quando as tropas imperiais acampavam em território hostil (citado por Talbot e Sullivan 2005 186).

No segundo dia, os Romanos iniciaram o ataque à fortaleza, com os Rus a responderem com o lançamento de dardos e de flechas contra as forças imperiais. Os Bizantinos contra-atacaram com flechas e projéteis das suas fundas, consistindo o ataque, nas palavras do cronista citado neste capítulo, numa espécie de escaramuça que termina com o seu regresso ao acampamento. O dia não acabaria por aí, no entanto, devido a uma surpreendente surtida da cavalaria russa sobre a paliçada romana; os Bizantinos rapidamente travaram este ataque surpresa, com a retaliação de um dos contingentes da sua própria cavalaria, que, comprovando a falta de treino e de prática dos

soldados russos na guerra a cavalo, rapidamente puseram os nórdicos em retirada, de volta à segurança das muralhas de Dorostolon.

É no terceiro dia que chega a arma secreta de João I Zimisce: vinda do mar Negro, a frota bizantina entra no Danúbio e bloqueia a fortaleza ocupada por Svyatoslav. Os navios vão entregar mantimentos e reforços às forças do *basileús*, mas, mais importante que isso, trazem a arma secreta de Bizâncio – o fogo greguês.

Esta perigosa substância ainda hoje suscita atenção e curiosidade, mas, nas palavras de Edward Luttwak, são conhecidos cinco atributos deste líquido, que foram descobertos por um “eminente bizantinista que procurou com sucesso deitar fogo a um inofensivo veleiro” (Luttwak 2009 325). Note-se que este bizantinista é o já muito citado John Haldon... Assim sendo, eis as características que conhecemos acerca desta arma ‘secreta’ bizantina:

- a) Consegue arder mesmo em contacto com a água do mar. Vários estudos levaram a concluir que o fogo greguês é uma substância que resulta da mistura de crude (ou seja, o petróleo em bruto)<sup>22</sup> e resina. São estes os únicos ingredientes que, tendo em conta as limitações da Química na altura, se tem a certeza de que pertenciam à receita desta arma bizantina.
  
- b) O fogo greguês era projetado por meio de sifões – tubos munidos de um pistão interno que lançava a substância pelo bocal; para isso, o líquido teria de ser aquecido antes, o que nos leva a crer que os contentores da substância tinham de ser aquecidos num lugar do navio não muito longe do

---

<sup>22</sup> Luttwak considera que a principal fonte desta matéria-prima seriam as costas do mar Cáspio, que estariam bem ao alcance territorial e comercial do império (Luttwak 2009 325).

sifão, o que acarretava grandes perigos para a embarcação e a tripulação, se algo corresse mal (Luttwak 2009 327).

- c) Para o bom uso da arma, que tinha como principais limitações o curto alcance do sifão e a necessidade de o navio de guerra possuir capacidade para aquecer (e provavelmente, incendiar) o fluido, era necessário que a tripulação manobrasse a embarcação suficientemente perto dos navios inimigos, mas ao mesmo tempo suficientemente longe para não correr o risco de ser abordada... Para além disso, eram necessárias águas muito calmas, para não pôr em perigo os navios bizantinos.
- d) O fogo greguês era muito mais útil como arma defensiva do que como arma ofensiva. Isto porque, necessitando de águas calmas, era melhor ser usado nas águas costeiras mais tranquilas (como as do mar de Mármara) do que em alto-mar, onde, para além de poder haver más condições atmosféricas, as embarcações que transportavam os sifões eram escassas para fazerem frente a navios com capacidades de abalroamento, de abordagem ou de tiro.
- e) O segredo desta arma única de Bizâncio é muito discutido nos dias de hoje, e existem autores que admitem a possibilidade de os Árabes terem conseguido descobrir a receita e a forma de fazer os sifões (quando descobriram o *Pneumatika* de Héron de Alexandria) e de terem mesmo utilizado a substância na conquista de Creta e no assalto a Tessalónica, em 904<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Por outro lado, Luttwak admite que as repúblicas mercantis italianas pudessem ter conhecimento da receita do fogo greguês, mas aperceberam-se do seu valor militar limitado e nunca o adotaram (Luttwak 2009 326).

Assim, a chegada desta substância inflamável, além do seu poder intrínseco, representava um grande problema para o moral dos soldados de Svyatoslav, que ainda tinham as memórias amargas da destruição da frota de Igor nas águas de Constantinopla, em 941; pelo contrário, o moral dos Bizantinos aumentara consideravelmente com a chegada de tal arma e com o bloqueio à fortaleza, que fechava o cerco de Dorostolon pelo rio e trancava os Russos na margem sul do Danúbio. Mais do que nunca, tornava-se imperativo quebrar o cerco da cidade, e é isso que Svyatoslav tentará fazer no dia seguinte... Mas em vão, porque o equilíbrio de forças do primeiro dia se irá manter até a cavalaria catafractária esmagar as linhas dos Rus com as suas maças de ferro, de maneira similar ao que sucedera durante o primeiro confronto. Uma vez mais, o príncipe de Kiev é obrigado a retirar-se para as muralhas de Dorostolon.

Ao quinto dia, as máquinas de cerco bizantinas começam a atacar as fortificações e a guarnição da poderosa fortaleza, e os Russos respondem com uma surtida contra o equipamento de guerra imperial, tencionando deitar fogo à maquinaria bizantina. Foi perto de um destes engenhos que se deu um dos acontecimentos mais insólitos deste cerco:

“O *magistro* João Kourkouas, que era parente do imperador e que estava a guardar estas máquinas, viu o ataque ousado do inimigo e, apesar da languidez provocada pelo vinho e pelo sono (já que era depois de almoço), montou no seu cavalo e enfrentou-o, com alguns seguidores que selecionara. Mas o seu cavalo caiu num buraco e lançou o *magistro* pelas suas costas. Quando os Citas lhe avistaram a armadura reluzente e o bridão do cavalo e outros atavios de magnífica lavra (pois encontravam-se ricamente dourados), pensaram que ele era o imperador e atacaram-no no corpo com as suas armas, tendo-o cortado cruelmente em pedaços

com espadas e machados; empalaram a cabeça dele numa lança e afixaram-na na torre, escarnecendo dos Romanos, a quem tinham matado o seu imperador como se fosse uma ovelha...” (citado por Talbot e Sullivan 2005 192).

Foi assim, neste episódio, que morreu o *magistro* João Kourkouas, conhecido pelo seu alcoolismo e pela forma exuberante de se vestir, confundido pelos seus inimigos, que pensaram tratar-se do verdadeiro *basileús* e que, deste modo, acreditaram ter obtido um importante trunfo com que abater o moral inimigo... Todavia, João I Zimisce continuava bem vivo e as máquinas de cerco permaneciam ilesas. Não obstante, os Russos, ao sexto dia, avançaram para uma outra ofensiva, onde, novamente, as duas hostes se terão organizado como no primeiro dia; desta vez, conseguiram abrir uma brecha nas fileiras bizantinas, mas uma contraofensiva das reservas, incluindo alguns contingentes dos *tágmata*, permitiu repelir as forças que a tinham aberto, tendo um dos membros do contingente dos Imortais, chamado Anemas, conseguido matar o braço-direito de Svyatoslav, Ikmor. Este evento desmoralizou ainda mais os Rus, que ao serem novamente empurrados pelas linhas bizantinas se retiraram em desordem para Dorostolon.

No final desse dia, deram-se ainda alguns acontecimentos importantes: a cremação em piras funerárias dos mortos rus, cujos corpos foram recolhidos (sem interferência da parte dos Romanos) ao anoitecer, pelos seus compatriotas e pelas suas famílias; ainda nessa noite, um grupo de soldados russos, de 2000 homens, logrou iludir as patrulhas fluviais bizantinas e, a alguma distância do campo de batalha, na margem sul do Danúbio, conseguiu adquirir alguns mantimentos que levou para Dorostolon, matando um grupo de cavaleiros bizantinos pelo caminho. A fúria do *basileús* perante o descuido das forças navais é compreensível, uma vez que tinha perdido soldados de uma forma completamente desnecessária, e os

Russos tinham podido armazenar mais alguns mantimentos, que lhes seriam muito úteis caso o cerco se prolongasse.

Por fim, ao amanhecer, Svyatoslav reuniu um conselho de guerra, onde juntou os restantes líderes do seu exército, para decidirem o que fazer a seguir. Alguns aconselharam-no a arriscar uma fuga de barco, pelo Danúbio, tentando escapular-se dos navios de guerra de Constantinopla; outros queriam que ele encetasse negociações com o coimperador de forma a salvar o maior número de vidas possível, pois estavam desiludidos com o destino que lhes estava reservado e receavam o poder dos *klibanophóroi* bizantinos; porém, a maior parte dos conselheiros tinha a mesma opinião de Svyatoslav, tendo exortado o príncipe a continuar a combater, porque preferiam morrer em combate glorioso (e ir para o Valhala, o cemitério dos guerreiros, na mitologia nórdica) a render-se (Haldon 2001 103).

E assim, a 24 de julho de 971, ao sexto dia de cerco a Dorostolon, vai-se dar a batalha decisiva. As forças russas, comandadas pessoalmente por Svyatoslav, abandonam a fortaleza a meio do dia e dispõem a sua habitual parede de escudos; à sua frente formaram os Bizantinos, na sua disposição habitual, com o *basileús* e a sua guarda a servirem de reserva ao centro. No entanto, existiam duas grandes diferenças neste confronto, que o distinguem dos anteriores: o combate iria ocorrer mais perto da fortaleza, num sítio onde as hostes teriam de combater numa frente mais estreita e que estava localizado entre uma floresta e uma zona de pântanos, limitando muito o espaço de manobra da cavalaria bizantina; por outro lado, os Russos, pela primeira vez, colocaram artilharia neurobalística, nomeadamente arqueiros e dardeiros, nos flancos, de forma a contrariar o ímpeto da cavalaria pesada inimiga.

Será, então, com estas condições adversas ao poder dos *klibanophóroi*, que as forças dos Rus, com o príncipe de Kiev à cabeça, se vão lançar numa carga furiosa contra as falanges de Bizâncio,

empurrando o centro do exército para trás, enquanto os seus dardos e flechas provocam muitas mortes nas montadas das alas bizantinas; por outro lado, era um dia muito quente, pelo que as tropas se cansavam rapidamente, tendo o *basileús* ordenado que se misturassem com vinho as rações de água a serem entregues aos soldados, de forma a refrescá-los para o resto do dia, uma estratégia que parece ter dado os seus frutos.

As forças imperiais, sem o apoio fundamental da sua cavalaria, estavam cada vez mais em apuros, apesar de conseguirem aguentar o ímpeto russo. Foi por esta altura que João I Zimisce terá ordenado ao seu exército que se retirasse na sua totalidade, de forma ordeira, para uma grande planície, onde poderia tirar bom partido do valor da cavalaria pesada bizantina; os soldados obedeceram de forma exímia a esta ordem, tendo conseguido recuar sem quebrar as suas linhas, enquanto enfrentavam as forças russas. Pouco depois desta retirada, revigorou-se o combate, com os Imortais do coimperador a reforçarem a linha e com o destemido Anemas a quase assassinar Svyatoslav, que apenas se salvou graças à sua armadura e à prontidão dos homens que o rodeavam e que rapidamente cortaram o herói em pedaços.

A morte do herói bizantino incentivou os Rus a combater com ainda mais agressividade, e a linha romana começou a enfraquecer, tendo algumas forças de cavalaria na retaguarda começado a virar-se para trás, para fugir. Vendo o desastre a abater-se, o coimperador comandou um contra-ataque juntamente com a sua própria guarda, uma ação que elevou os ânimos dos Bizantinos, que de imediato regressaram às suas posições e repeliram os Russos que tinham penetrado nas suas linhas. Terá sido ainda por esta altura que o clima se voltou contra os nórdicos, tendo um forte vento adverso começado a soprar, enquanto uma enorme trovoada rebentava nos céus sobre o campo de batalha, que servia como cenário do último confronto entre Zimisce e Svyatoslav.

A batalha ficou resolvida, nas palavras de Leão, “o Diácono”, quando São Teodoro, o padroeiro do *basileús*, liderou uma carga final decisiva contra as restantes forças dos Rus; John Haldon acredita, no entanto, que quem liderou realmente esta carga de cavalaria foi o próprio João I Zimisce e os seus *Athánatoi* (os Imortais). Os Russos foram empurrados para trás pelo novo ímpeto romano e não conseguiram reformar-se, pois foram atrapalhados pelo vento e pela água da chuva durante o ataque romano. Enquanto isso, os *klibanophóroi* de um dos flancos (não é especificado qual), comandados por Barda Sclero, rodeiam a hoste russa e flanqueiam-na, empurrando a ala que atacaram para o centro, pondo termo a qualquer tentativa de reorganização russa. Foi a machadada final nos planos de Svyatoslav: os Russos retiram-se em debandada, perseguidos pelas forças de catafractários bizantinos, que os massacram.

Esta batalha marca o fim da ocupação da Bulgária pelo príncipe Svyatoslav, que acede finalmente a render-se às forças de João I Zimisce, depois de perder a maior parte<sup>24</sup> dos seus homens e de correr o risco de ficar sem mantimentos muito em breve. Para garantir a sua sobrevivência, o príncipe de Kiev é obrigado a entregar Dorostolon, todos os seus prisioneiros e todos os despojos capturados durante a invasão da Bulgária; estas condições satisfazem o *basileús*, que o deixa abandonar o território sem ser importunado pelos navios de guerra que tanto temia. Foi prometido ainda ao príncipe o restabelecimento de relações comerciais com Bizâncio, assim que regressasse a Kiev; porém, por ironia do destino, Svyatoslav não regressaria vivo a sua casa, pois foi morto na embocadura do Dniepre pelos Petchénègues...

---

<sup>24</sup> Leão, “o Diácono”, indica que os Rus terão perdido cerca de 38 000 soldados durante as batalhas de Dorostolon, sendo que só na última batalha terão perdido 15 000 soldados, em comparação com uns escassos 350 bizantinos (cf. Talbot e Sullivan 2005 197)! Devemos, porém, desconfiar destes números, tendo em conta a parcialidade de Leão, “o Diácono”.

Outra personagem que também não teria grande futuro foi o czar Boris II, que viu as suas insígnias imperiais confiscadas pelo coimperador, que tratou logo de seguida de anexar a Bulgária oriental ao Império Bizantino, como uma nova província; contudo, a Bulgária ainda sobreviveria por mais quase meio século. Entretanto, o império recuperava a fronteira do Danúbio, perdida há quase três séculos para os Búlgaros. Deixando para trás Dorostolon com uma poderosa guarnição e um novo nome, Teodorópolis – em honra do mártir Teodoro de Stratelates, que, de acordo com a *História* de Leão, “o Diácono”, possibilitou a vitória em Dorostolon –, o *basileús* regressa vitorioso a Constantinopla: graças aos seus soldados disciplinados e à poderosa cavalaria pesada bizantina, João I Zimisce tinha obtido a sua maior vitória... mas não a última.

No ano seguinte, o coimperador leva as suas forças a combater, no oriente, o poder decadente dos Hamdânidas e de outros príncipes muçulmanos que ameaçavam a fronteira, conquistando e arrasando a cidade de Nísibe e grande parte da Mesopotâmia do norte; dois anos depois, em 974, as cidades de Amid e de Maayafakin (a antiga Martiropólis) rendem-se ao glorioso *basileús*, pagando pesados tributos pela sua sobrevivência; depois de tomar as cidades, tenta alcançar Bagdade, mas é travado pelo deserto da Síria; no ano seguinte, em 975, volta a estas paragens para esmagar uma revolta hamdânida, aproveitando a situação para capturar várias cidades na costa síria e a grande urbe de Damasco. Numa carta ao rei da Arménia, Ashot III, vangloriou-se de que iria reconquistar Jerusalém... Porém, a 10 de janeiro de 976, provavelmente aos 50 anos, João I Zimisce foi surpreendido pela morte (Decker 2013 60). Antes de morrer, tinha procedido ainda a uma nova organização administrativa do *limes*, com a criação de mais ducados, que reuniam vários *témata*. Os ducados que criou foram: Antioquia e Mesopotâmia (entre este ducado e o ducado de Chaldia, estando localizado na zona central do *limes* oriental), a nascente;

e Tessalónica e Adrianopla, na fronteira do rio Danúbio (Treadgold 1995 36).

À sua morte, o *basileús* deixava um poderoso exército ao seu sucessor: o filho primogénito de Romano II, Basílio, que sobe ao trono com o nome de Basílio II, aos vinte anos de idade. Depois de dois usurpadores e tendo, finalmente, atingido a maioridade, o verdadeiro imperador terá um dos principados mais brilhantes do império, em termos militares; sob a sua liderança, Bizâncio atingirá a sua maior extensão, desde Heráclio e do tempo das primeiras guerras contra os Árabes.

#### **4. Basílio II, “o Bulgaróctono” – expandir o Império com um machado nórdico**

O reinado de Basílio II não iria começar da melhor forma: apesar de ser filho de Romano II, tinha agora de legitimar a sua posição perante os grandes aristocratas bizantinos, incluindo os familiares de Nicéforo II Focas e de João Zimisce. De facto, no exato ano em que o jovem *basileús* ascende ao trono, o herói de Arcadiópolis, Barda Sclero, revolta-se na Ásia contra o poder imperial; a insurreição durou três anos e custou a Basílio II dois exércitos e várias porções do território asiático bizantino, tendo apenas terminado após a destruição da frota de Sclero em Abido, a que se seguiu a vingança de Barda Focas, o aristocrata ao qual Basílio tinha apelado e que, depois de uma derrota em 978, em Pancaleia, o venceu a 24 de março de 979. O insurgente fugiria para o califado abássida, mas voltaria mais tarde para tentar novamente a sua sorte.

Enquanto isso, em 986, na Bulgária ocidental, que não tinha sido completamente submetida por João I Zimisce, o Império Búlgaro recuperava do seu torpor. Foi exatamente no território onde hoje se localiza a Macedónia que os quatro filhos do *kómēs* (comandante

local), denominados *komētópouloi*, se revoltaram contra o poder do *basileús* bizantino, apoiando-se na guerra civil iniciada por Barda Sclero; no entanto, apenas o irmão mais novo, Samuel, sobreviveria para assumir o comando do povo búlgaro. Esta nova Bulgária, sediada na Macedónia, rapidamente expandiu o seu território, recuperando as províncias conquistadas da antiga Bulgária até ao Danúbio (anulando no processo as conquistas de João I Zimisce) e adicionando ao seu reino territórios na faixa ocidental dos Balcãs, como a Tessália, o Epiro ou a Albânia. Quando Basílio II se sentiu pronto para enfrentar esta nova ameaça, o czar tinha começado a atacar a Trácia bizantina e a enviar expedições de saqueadores para a Grécia.

A resposta do novo imperador foi rápida: convocou os seus exércitos e marchou contra o território de Samuel, pondo cerco a Serdica (atual Sófia), mas foi obrigado a retirar-se mais tarde e a regressar ao território imperial. Esta retirada, por sua vez, também não correria muito bem, com o exército bizantino a ser apanhado numa emboscada nas “portas de Trajano”<sup>25</sup>, sendo completamente esmagado pelos Búlgaros (e perdendo mesmo a bagagem imperial)<sup>26</sup>, a 16 ou 17 de agosto de 986! Entretanto, Basílio II, quando consegue finalmente voltar a casa, tem um autêntico ‘comité de boas-vindas’ à sua espera: não uma, mas sim duas revoltas!

A primeira foi protagonizada por Barda Sclero (que havia regressado do seu exílio no Oriente), a segunda pelo antigo aliado do imperador: Barda Focas, o sobrinho de Nicéforo II Focas. Certo é que Barda Sclero quase não participou nesta segunda guerra intestina do reinado de Basílio II, pois, apesar de se ter aliado ao outro insurgente, Barda Focas capturou-o e tomou ele próprio

---

<sup>25</sup> Um importante desfiladeiro que ligava as antigas províncias romanas da Macedónia e da Trácia.

<sup>26</sup> O próprio Leão, “o Diácono”, relata que ele, por pouco, sobreviveu a esta derrota de Basílio II (cf. Talbot e Sullivan 2005 215).

o comando da rebelião e do conjunto das forças rebeldes<sup>27</sup>. A situação do *basileús* não era nada favorável, porque muitos pensavam que Barda tinha mais direito do que ele ao trono púrpura, por ser sobrinho de Nicéforo II Focas (Blöndal 2007 43).

Isolado e sem aliados, Basílio II recorre uma vez mais à diplomacia, apelando ao socorro do príncipe Vladimir de Kiev<sup>28</sup>, que terá aceitado ajudá-lo, enviando-lhe um poderoso contingente de 6000 varegues nórdicos<sup>29</sup>; em troca, o príncipe russo recebia como esposa a princesa Ana, irmã do *basileús*<sup>30</sup>.

Foram, pois, estes 6000 varegues que vieram em auxílio de Basílio II e que, juntamente com algumas outras forças que lhe permaneciam leais, atravessaram o Bósforo para enfrentar a insurreição de Barda Focas. O primeiro confronto deu-se em abril de 989, na batalha de Crisópolis (um porto na margem asiática do Bósforo), onde o *basileús* e os seus contingentes varegues enfrentaram o segundo em comando do líder da insurreição, Delphinus, um prestigiado patrício grego que já tinha sido *anthýpatos* e *katepánō* da Itália. De qualquer forma, nenhum destes honrosos títulos valeu de nada ao rebelde, que, depois de uma batalha bastante renhida, foi enforcado (Talbot e Sullivan 2005 216).

---

<sup>27</sup> Cf. *supra*, Parte I.

<sup>28</sup> O filho e herdeiro do falecido Svyatoslav.

<sup>29</sup> O termo “Varegue” é usado na historiografia bizantina como referência a Nórdicos, Russos e, após o século xi, Anglo-Saxões que serviram na famosa Guarda Varangiana (Kazhdan 1991 2152). Estes Varegues nórdicos, em especial, de acordo com o estudioso islandês Sigfús Blöndal, fariam parte de um contingente de mercenários que ajudou o príncipe Vladimir a cimentar o seu poder na Rússia, durante a insurreição do seu irmão Jaropolk (Blöndal 2007 42). De acordo com o mesmo autor, o apelo de Basílio II permitiu juntar o útil ao agradável: por um lado, o príncipe concretizava uma aliança com Bizâncio, por outro, livrava-se de 6000 mercenários que já não lhe eram úteis e que eram muito caros de manter (Blöndal 2007 44).

<sup>30</sup> A princesa era também o preço da conversão do príncipe de Kiev ao cristianismo (grego). Quando a princesa viajar para Kiev, levará com ela um grande conjunto de clérigos bizantinos, que muito contribuirão para a conversão oficial dos Rus (Blöndal 2007 44).

A resposta de Barda Focas foi marchar em direção a Abido e tentar tomar a fortaleza pela força, para posteriormente atravessar o Bósforo. De acordo com Leão, “o Diácono”, o imperador reagiu quase de imediato, avançando com as suas forças para enfrentar o adversário. Seguiu-se uma nova batalha, bastante encarniçada, que terminou com a morte de Barda Focas (segundo as versões, morto em combate após cair do cavalo, ou então fulminado por um ataque cardíaco durante a batalha). O combate de Abido, ocorrido a 13 de abril de 989 (Blöndal 2007 44), foi a última grande batalha contra forças opositoras internas que Basílio II teve de travar e consolidou definitivamente a sua posição<sup>31</sup>.

Este conflito demonstrou também ao jovem *basileús* as grandes capacidades bélicas do grupo de mercenários seu auxiliar, muitíssimo eficientes, com uma disciplina rigorosa e extremamente fiáveis (especialmente graças ao seu elevado salário); foi devido a estas características que criou um *tagma* composto exclusivamente por estas tropas, o afamado regimento da Guarda Varangiana, e foi este *tagma* que começou a segui-lo nas suas guerras vitoriosas contra os Búlgaros, os Arménios e os Árabes.

Regressemos então à Bulgária, onde Basílio II sofrera já uma humilhante derrota, que não deixaria passar impune. No entanto, realizar uma campanha decisiva contra a Bulgária era muito difícil, tendo em conta que Samuel tinha já consolidado muito bem o seu poder nos Balcãs e, como já foi dito, ousara até atacar grandes centros populacionais bizantinos, como a segunda maior cidade do império, Tessalónica, nos anos 985 e 986. Por conseguinte, dois anos após a vitória em Abido, o *basileús* leva os seus exércitos novamente para os Balcãs, onde combate durante cerca de dois

---

<sup>31</sup> Cronologicamente, trata-se também do último evento mencionado na *História* de Leão, “o Diácono”, apesar de o autor demonstrar a sua intenção de relatar os eventos do reinado de Basílio II (cf. Talbot e Sullivan 2005 218).

anos, até ser obrigado a regressar ao Oriente devido à ameaça protagonizada pelos Fatímidas. O poder do czar búlgaro permanecia, assim, praticamente inalterado e este pôde continuar a atacar o território bizantino sem medo de grandes retaliações.

Num desses ataques, em 997, forças búlgaras sob o comando do czar e do seu filho, Romano, invadiram a Trácia e a Grécia; pouco depois de terminarem a sua campanha, iniciam o regresso a casa, sendo no entanto intercetadas por Nicéforo Ouranos<sup>32</sup>, um dos mais hábeis generais de Basílio II, que tinha saído de Tessalónica para enfrentar a ameaça búlgara. Quando finalmente alcançou os seus adversários, Samuel e os seus homens estavam acampados junto ao rio Spercheios (no golfo de Mália, na região de Lâmia, Grécia central), na margem oposta à das forças imperiais, numa altura do ano em que, devido a chuvas muito intensas, o caudal do rio era muito superior ao normal. Tenazes até ao fim, as forças bizantinas, depois de explorarem bem o terreno, conseguem finalmente identificar uma pequena passagem no rio, circunstância que, a coberto da noite, permite à hoste imperial atravessá-lo sem qualquer entrave e atacar o acampamento búlgaro, pouco antes do nascer do Sol. Surpreendido, o exército de Samuel é completamente dizimado (tendo a maior parte dos homens sido morta ou capturada); o czar e o filho Romano sobrevivem apenas por graça do destino e com muita argúcia<sup>33</sup>. Vitoriosos, os Bizantinos voltaram à segunda cidade do império com muitos despojos e escravos (Haldon 2001 107).

Chegado o ano de 1001, Basílio II pôde iniciar uma guerra à boa maneira bizantina: lenta, que requeria alguma paciência, mas que constantemente ia demolindo o poder de Samuel sobre

---

<sup>32</sup> Nicéforo Ouranos é também o autor de um importante tratado militar, conhecido como *Taktika*.

<sup>33</sup> Os dois homens, gravemente feridos, conseguiram escapar escondendo-se no meio dos cadáveres, até se poderem escapulir.

a Macedónia e os Balcãs, em geral. Na campanha desse ano, o imperador conquistou uma larga porção de territórios que uniam a Trácia à cordilheira dos Balcãs e a Pliska, o que dividiu os domínios do czar em dois: a Macedónia e a antiga Bulgária. Ainda nesse mesmo ano, as forças imperiais sob o comando de Nicéforo Xífiás (de quem falaremos mais adiante) e de Teodorocanos invadiram a antiga Bulgária, onde reconquistaram a maior parte da região (incluindo os maiores centros populacionais, Preslav e Pliska), privando o império de Samuel das suas terras mais férteis e das zonas mais povoadas (Luttwak 2009 190).

A partir de 1001, e até 1018, através de pequenas campanhas anuais, Basílio II foi conseguindo, pouco a pouco, conquistar pequenas porções do território de Samuel e, em 1007, a superioridade militar bizantina era já clara, com as forças búlgaras a tomarem uma atitude completamente defensiva.

A derradeira vitória de Basílio II neste teatro de operações deu-se em 1014, no desfiladeiro de Kleidion. Aplicando os conceitos de estratégia defensiva búlgara, Samuel tinha começado a bloquear os desfiladeiros que ligavam o seu território ao território bizantino com as paliçadas de que já falámos anteriormente, e foi exatamente uma delas que travou a progressão das forças imperiais no importante desfiladeiro de Kleidion (perto da localidade de Kljuc): atrás desta paliçada e do seu fosso, encontrava-se o último exército de Samuel II, que contava com mais de 15 000 homens. Inicialmente, as forças bizantinas tentaram o assalto, mas, sendo vítimas de enormes baixas, foram obrigadas a recuar e a ponderar o que fazer.

O *basileús* quase ordenou que a campanha fosse cancelada e apenas prosseguida no ano seguinte (contornar o desfiladeiro demoraria muito tempo), até que o comandante de Filipopolis, Xífiás, o convenceu a enviá-lo com um pequeno contingente de homens em busca de uma forma de atacar o exército búlgaro por

trás. A fim de manter as hostes de Samuel ocupadas, Basílio II continuou a acometer a paliçada com pequenas surtidas, até que, na madrugada de 29 de julho, os homens de Xífiar arremeteram contra a retaguarda búlgara, espalhando o pânico e a desordem. Graças a esta investida, as forças bizantinas sob Basílio II puderam então derrubar a paliçada e esmagar os restantes soldados búlgaros, tendo a maior parte destes combatentes sido capturada.

O destino destes soldados foi bastante macabro: 15 000 foram capturados e posteriormente divididos em grupos de cem, e em cada grupo noventa e nove foram completamente cegados, sendo o prisioneiro mais feliz apenas cegado de um olho, de modo a poder conduzir os restantes homens até Samuel... Não se sabe muito bem se esta história é verdadeira ou não, mas o certo é que o czar morreu pouco depois do regresso das suas forças, vitimado por um enfarte ou por um ataque cerebral. A perda deste exército foi também o fim de qualquer resistência coordenada búlgara, que levaria à subjugação total do império criado por Samuel, em 1018, com a fronteira no Danúbio permanentemente recuperada por Bizâncio e a maior parte dos Balcãs ocupados, com exceção de uma pequena área no noroeste desta zona, que estava nas mãos dos Croatas e dos Sérvios (Haldon 2001 108). De forma a garantir a defesa deste extenso território, Basílio procedeu à criação de três novos ducados: o de Paradunavum, situado além do rio Danúbio; o da Bulgária, no centro destes novos territórios; e o de Sirmio, ao longo do Danúbio (Treadgold 1995 37-38).

A campanha búlgara foi a mais conhecida das encetadas por Basílio II, que, sempre acompanhado pela Guarda Varangiana, ainda conseguiu expandir o império para oriente: em 995, dirigiu as suas forças na direção de Alepo, cercada pelos Fatímidas; será nesta zona que, durante cerca de seis anos, irá constantemente quebrar o ímpeto conquistador do califado xiita do Egito, conseguindo assinar uma trégua por dez anos em 1001, ou seja, pouco

antes do início das expedições contra Samuel. Por sua vez, no dealbar do segundo milénio, as forças imperiais obrigam o rei de Vaspurakan a ceder o seu reino a Bizâncio, infligindo pouco depois uma derrota a uma coligação de georgianos e do rei de Ani, que seria forçado a deixar o seu reino ao Império Bizantino, a título de herança (Treadgold 1995 39).

Em Itália, as forças bizantinas digladiaram-se bravamente com a agressividade dos Normandos e contra o espírito autónomo que se fazia sentir em Bari. Assim, no ano de 1009, soldados varegues<sup>34</sup> são enviados para a Península Itálica, a fim de pacificarem a revolta de um cidadão chamado Meles, que tencionava instaurar uma república independente no coração bizantino do catepanato de Itália – a cidade de Bari, que dois anos mais tarde, em junho de 1011, o exército bizantino recaptura. No entanto, a rebelião de Meles não acabou aí, tendo-se aliado aos Normandos e provocando ainda grandes dores de cabeça ao *basileús*, que só são resolvidas no ano de 1018, com a vitória do *katepánō* Basílio Boianés sobre o rebelde e os seus aliados, em Ofanto, uma circunstância que retardou o ímpeto conquistador normando em Itália. Em 1025, com a situação na região controlada graças aos sucessos de Boianés (que conseguira ainda conquistar Messina, na Sicília), o imperador preparava-se para comandar pessoalmente a reconquista da Sicília aos Árabes, quando a morte o surpreendeu.

Foi, assim, à entrada do segundo quartel do século XI, com a morte de Basílio II, “o Bulgaróctono”, que terminou a reconquista bizantina. O seu maior erro foi, sem dúvida, não ter determinado

---

<sup>34</sup> Blöndal indica-nos que existiam dois tipos de Varegues no império: os “Varegues da Cidade”, que pertenciam à Guarda Varangiana e que acompanhavam o imperador nas suas campanhas, saindo raramente da sua presença (não abandonavam Constantinopla a não ser, como já foi referido, quando o *basileús* comandava pessoalmente uma campanha); e os “Varegues de fora da Cidade”, que serviam noutras unidades mercenárias e em qualquer zona do império (Blöndal 2007 45).

claramente quem haveria de lhe suceder, visto que, depois dele, se viveram longos anos de instabilidade política, tendo o Império Bizantino sido governado durante quase meio século por imperadores que não souberam impor-se à agressividade normanda em Itália e aos saques incontrolláveis (tanto por parte do poder bizantino como por parte do Império Seljúcida, mau grado o crescimento do seu poderio) praticados pelos nómadas turcos. O desaparecimento de Basílio II foi o catalisador de um longo período de decadência, que, embora interrompido pelo “Renascimento Comneno”, levaria à queda de Constantinopla em 1204. E foi durante este período de decadência e de caos político que se deu um combate marcante da história bizantina: a batalha de Manzikert, travada no verão de 1071.

**(Página deixada propositadamente em branco).**

## VI

### **MANZIKERT (1071): A BATALHA DECISIVA PELA ANATÓLIA?**

É sob o sol quente de agosto, junto às fortificações de Manzikert, que as flechas turcas do sultão Alp Arslan vão embater contra as ‘falanges’ organizadas pelo coimperador Romano IV Diógenes. Finalmente, a versatilidade tática dos Seljúcidas, conjugada com a traição de alguns oficiais bizantinos, vai derrotar os contingentes romanos e atirar o império para um novo período de graves confrontos intestinos, que desestabilizaram as suas defesas e que reduziram drasticamente a sua extensão territorial.

Até que ponto foi Manzikert *realmente* decisiva? Foi a derrota em Manzikert que lançou os Turcos numa fúria conquistadora que quase empurrou os Bizantinos para fora da Península da Anatólia? Ou a perda da Anatólia só foi possível porque, após a batalha, os Romanos não tomaram certas medidas, necessárias para a manutenção do “coração do império”? Tentaremos responder a estas perguntas ao longo deste capítulo.

## 1. Os grandes perigos pós-macedónicos

No ano de 1028, o irmão mais novo de Basílio II, Constantino VIII, fecha os olhos para sempre. Era o último membro da linha masculina da dinastia macedónica, que, durante cerca de 160 anos, governara o Império Bizantino e o conduziu a uma nova Idade de Ouro. Com a morte do filho mais novo de Romano II, o império começa, lenta mas decisivamente, a mergulhar num abismo profundo. Sob o poder de *basileis* que não tinham a capacidade militar e política de Basílio II, o Império Romano do Oriente iria mostrar-se incapaz de fazer frente aos grandes inimigos que surgiram para substituir os Árabes, os Búlgaros e os Lombardos: falamos dos Turcos<sup>35</sup>, dos Húngaros e dos Normandos.

Durante esta metade de século, as diferenças entre as grandes famílias aristocráticas militares da Anatólia e da elite civil de Constantinopla e das áreas europeias do império agravaram-se profundamente, acabando por gerar uma grave crise intestina em Constantinopla, em especial depois da morte (em 1056) de Teodora, a última imperatriz macedónia. As disputas internas que assinalaram a administração do Império Bizantino nesses anos tomaram rapidamente uma dimensão militar, com os *tágmata* ocidentais e orientais a tomarem partido, à semelhança das legiões de outrora, que serviam Roma aquando do auge territorial do império e que combatiam pelo seu *legatus* em sangrentos conflitos pelo poder absoluto sobre o território que circundava o *mare nostrum*.

O Império Bizantino não sobreviveria imaculado às ambições dos seus principais grupos aristocráticos. Não bastando o enfraquecimento dos seus exércitos, a economia bizantina começou a regredir neste período de conflitos, enquanto a vitória final

---

<sup>35</sup> Aqui, não nos referimos apenas aos Turcos Seljúcidas, mas também aos Uzi, aos Petchénègues e aos Cumanos, que atacaram o império pela fronteira do Danúbio.

dos grandes latifundiários levou uma grande fatia da população romana à pobreza, quando lhe foram arrebatadas as suas pequenas propriedades, sem oposição do Estado, durante o reinado de Constantino IX Monómaco (1042-1055)<sup>36</sup>.

Este enfraquecimento da economia levou, por sua vez, os imperadores, provenientes da aristocracia civil europeia, a terminar com o serviço militar obrigatório em certos *témata*, especialmente em alguns dos mais importantes no *limes* oriental (como os anatólicos)! Relembramos que, até ao reinado de Constantino IX, os *basileis* possuíam um dispendioso exército de campanha, protagonizado pelos *tágmata*, que eram constituídos por caríssimos mercenários bizantinos ou estrangeiros, além de um bom ‘escudo’, interpretado pelos *témata*, que eram ainda uma realidade (decadente mas, ainda assim, uma realidade, apesar de sempre dispostos a servirem os seus *stratēgoi* e duques). O machado da aristocracia civil caiu sobre os *témata*, não só para cortar nas despesas mas também para retirar poder à aristocracia anatoliana, sendo certo que os principais prejudicados por esta medida foram aqueles que se encontravam no *limes* oriental entre o império, a Arménia e os emirados árabes, exatamente aqueles que tinham mais treino e mais experiência no campo de batalha! A solução para repor a perda destes soldados foi o recurso a mais mercenários, sempre que fosse necessário defender o território. O preço a pagar por tudo isto foi uma grave mutilação da capacidade de resposta bizantina aos adversários do império, apesar de este conservar um bom exército profissional em torno de Constantinopla.

E foi em meados do século XI, exatamente nessa frente, que surgiu a maior ameaça externa a Bizâncio naqueles tempos caóticos: os Turcos Seljúcidas de Toghril Beg.

---

<sup>36</sup> Cf. *supra*, Parte I.

## 2. Das estepes asiáticas aos palácios de Bagdade: a ascensão do Império Seljúcida

Em 1040, o sultão Mas'ud, do Império Gaznávida, e o seu exército, que incluía elefantes e máquinas de cerco, é derrotado por 16 000 turcos ao serviço da família seljúcida na batalha de Dandanaqan, perto de Merv (atual Mary, no Turquemenistão). Esta grande vitória põe um fim ao domínio gaznávida em Khorasan (Irão oriental), mas, ainda mais importante do que isso, vai fazer com que os grandes líderes seljúcidas (como Toghril Beg) ascendam da condição de simples chefes nómadas à de senhores territoriais. No entanto, esta mudança súbita de condição governamental acarretaria grandes problemas, porque as restantes tribos turcomanas mantiveram os seus hábitos nómadas, não se vergando à posição de súbditos dos, agora territoriais, líderes seljúcidas. Enquanto isso, mais tribos turcomanas continuavam a chegar, ansiosas por saque (Bosworth 2007 22-23).

Com a conquista de Khorasan assegurada, o *beg*<sup>37</sup>, Toghril, inicia de imediato a conquista da Pérsia ocidental, de forma a libertar Bagdade das mãos do califa xiita dos Fatímidas<sup>38</sup>; em catorze anos, os Seljúcidas ocupam-na, enfrentando os Buídas (uma dinastia muçulmana xiita que controlava a maior parte da Pérsia ocidental e do Iraque) e os Fatímidas, tirando partido de casamentos estratégicos e da utilização de tribos indisciplinadas para desestabilizar e enfraquecer as regiões

---

<sup>37</sup> Um *beg* é um líder de uma tribo turca.

<sup>38</sup> Borsworth indica que Toghril Beg (e o seu sucessor, Alp Arslan) nunca teve como objetivo tornar-se paladino da *jihad* na luta contra os cristãos ortodoxos e os monofisitas de Bizâncio e da Arménia, respetivamente. Os seus objetivos principais eram: primeiro, controlar os territórios mais ricos do Irão (Khorasan, Fars e Jibal); segundo, tomar conta do Iraque e de Bagdade, para fazer frente ao califado xiita dos Fatímidas. O sultão terá deixado a *jihad* nas mãos das tribos turcomanas vassalas que eram orientadas para os Estados fronteiriços do Império Seljúcida (Borsworth 2007 43).

que o sultão<sup>39</sup> desejava ocupar. Foi durante um período de guerra civil em Fars (no sudoeste iraniano) que Toghril Beg conseguiu subjugar a região, tirando partido da ganância das tribos de Turcomanos, que a atacaram e ocuparam entre 1052 e 1053, e ainda uma outra porção deste território, o Khuzistão, em 1054/1055.

Em 1050, Toghril pôde encetar a conquista do Iraque, invadindo o norte desta região fragilizada por raides de Turcomanos Oguzes; cinco anos depois, inicia a campanha que libertará Bagdade e o califa dos últimos Buídas. Decerto avisado pelos seus conselheiros sunitas, o sultão organiza as suas forças e, sob o pretexto de uma peregrinação a Meca, marcha até Bagdade, onde o califa autoriza a sua entrada em dezembro desse ano, durante o Ramadão; será durante a sua estadia que vai tomar o poder da mesma, aprisionando o emir buída al-Malik al-Rahim e pondo assim um ponto final no controlo xiita sobre a cidade e o Iraque – que os Fatímidas ainda tentariam reocupar durante mais de cinco anos, tendo apoiado os homens liderados pelo general turco Arslan Basasiri, que conseguiu recuperar Bagdade em 1058. Dois anos mais tarde, porém, abandonado pelo Califado Xiita, Basasiri é morto em batalha e os xiitas de Bagdade são objeto de uma purga. A suserania de Toghril Beg e dos Seljúcidas sobre o Iraque não mais será disputada (Borsworth 2007 47).

No geral, antes da sua morte, o sultão não se preocupou muito (ou não teve tempo) em atacar diretamente o Império Bizantino. Comandou, no entanto, uma campanha contra o império, no decurso da qual conseguiu penetrar na Anatólia até Trebizonda, saquear a região de Van, na Arménia, e cercar Manzikert<sup>40</sup>, em 1054; anos

---

<sup>39</sup> Toghril Beg tornara-se sultão em 1038, após a primeira conquista da cidade de Nishapur (no atual Irão) aos Gaznávidas, altura em que começou a ter relações diplomáticas com o califado sunita dos Abássidas (Borsworth 2007 45).

<sup>40</sup> No entanto, a chegada do inverno obrigou-o a retirar-se (Borsworth 2007 44). O historiador bizantino Miguel Attaleiates, na sua crónica intitulada *A História*, conta outra versão para o fim do cerco turco à fortaleza. O cronista diz que os Seljúcidas tinham trazido com eles um enorme engenho de cerco que atirava

antes, em 1048, um enorme conjunto de *gbazis*<sup>41</sup> oguzes tinha invadido a Arménia e a Geórgia, capturando inclusive o príncipe Liparit (Borsworth 2007 43). Serão, assim, estes Turcomanos incontroláveis pelos sultões (primeiro Toghril e, depois, Alp Arslan) que atacam o império durante este período de fraqueza governativa, não havendo ‘tecnicamente’ uma invasão seljúcida da Anatólia... Já a Arménia é um caso bem diferente, como veremos.

Toghril Beg morrerá em 1063, em Ray (atual Irão), e será sucedido por Alp Arslan (uma das personagens principais da batalha de Manzikert), após uma curta guerra civil que durou cerca de um ano. Ao ocupar o cargo, o novo sultão é dono de um império que se estende desde o deserto da Síria até ao atual Afeganistão, e do deserto da Arábia até ao mar Aral, no coração das estepes da Ásia central. Um império vasto mas que ele trataria ainda de expandir...

### 3. A Arménia na mira de dois impérios

Estrategicamente falando, a Arménia é uma pérola oriental. Localizado entre o mar Cáspio e o mar Negro e a sul da cordilheira do Cáucaso, este pequeno território montanhoso de difícil conquista possibilitava um fácil acesso à Anatólia e ao norte do Iraque (permitindo circunscrever o deserto da Síria e as cordilheiras do Tauro e do Antitauro); por isso, não admira que, ao longo da Antiguidade Tardia e da Idade Média, diversos impérios se tenham dilapidado brutalmente pela posse deste rincão. Os Romanos e os

---

enormes rochas (possivelmente um trabuco), artifício do qual os Bizantinos não se conseguiam defender. Deus terá então inspirado um soldado latino a abandonar a fortaleza e a atirar uma vasilha de fogo greguês contra a máquina, incendiando-a. O soldado latino conseguiu regressar incólume a Manzikert, enquanto o sultão turco ficou furioso e levantou o cerco (Attaleiates 2012 83).

<sup>41</sup> Os *gbazis* eram guerreiros religiosos muçulmanos que participavam em razias e em outras expedições militares.

Persas sempre quiseram dominar este pequeno reino, tornando-o seu vassalo ou dividindo-o entre eles, de forma a mais facilmente defenderem o seu território ou atacarem o do seu arquirrival. No dealbar da expansão árabe, a Arménia estava dividida em três: a província romana da Arménia Menor, a ocidente do Eufrates; o reino da Grande Arménia, na margem oriental do Eufrates; e as satrapias persas, no sul da região (Kazhdan 1991 175).

Quando os Seljúcidas aparecem a oriente, a Arménia volta a tomar estas dimensões, passando a servir de tampão entre os Bizantinos e os Turcos<sup>42</sup>. Infelizmente, aqueles vão cometer um erro bastante grosseiro, que lhes sairá muito caro: a anexação deste território. De facto, em 1040, no mesmo ano em que os Seljúcidas vencem a batalha de Dandanaqan, o rei de Ani, João Smbat III, que fora obrigado por Basílio II a deixar-lhe o seu reino em herança caso morresse sem herdeiros, abandona este mundo, atirando o reino para uma enorme guerra civil entre o sobrinho, Gagik II, e um conjunto de príncipes arménios que almejavam o trono. Os Bizantinos também tomaram parte nesta guerra, invadindo a Arménia várias vezes e usando como *casus belli* o acordo entre o antigo rei e o *basileús* Basílio II; finalmente, chegaram a acordo com Gagik e tornaram-se senhores de Ani e de grande parte da Arménia.

Sem o estado-tampão de Ani para bloquear o acesso aos saqueadores turcomanos, estes vão aproveitar o período de instabilidade civil e atacar a Ásia Menor. Tirando partido da sua grande mobilidade, visto que a maior parte deles (senão todos) eram cavaleiros ligeiros, levemente armados, rápidos e bons arqueiros a cavalo, conseguiam escapar aos exércitos bizantinos, mais pesados, que eram enviados contra eles. A situação não foi assim tão má durante

---

<sup>42</sup> Cf. Paul Markham, *The Battle of Manzikert: Military Disaster or Political Failure?*, acessível em <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>

cerca de vinte anos (salvo a conquista, saque e destruição da cidade de Melitena por saqueadores, em 1057), até 1064, altura em que sobe ao poder o sultão Alp Arslan e os Seljúcidas conquistam e saqueiam Ani (e assim grande parte da Arménia), abrindo uma enorme brecha nas, assim se pensava, bem estruturadas linhas bizantinas. É preciso ter em conta que, em 1064, o Império Bizantino era governado por Constantino X Ducas, um imperador proveniente da aristocracia civil e que desmobilizara os exércitos dos *témata* fronteiriços orientais: sem apoio local tanto das tropas dos *témata* como de muitos indígenas arménios<sup>43</sup> e privadas da sua principal base de operações, as restantes fortificações bizantinas ficam isoladas e tornam-se alvos fáceis à mercê dos Seljúcidas.

O caminho para a Anatólia estava quase irremediavelmente aberto e foi bem aproveitado pelas tribos turcomanas, supostamente sob o controlo de Arslan. Em 1067, Cesareia (na Capadócia) é atacada e saqueada; em 1068, cabe a vez a Amório; por fim, em 1069, os Turcomanos atacam Icónio (atual Konya), no coração da Anatólia (Borsworth 2007 63)! Bizâncio enfrentava agora, não uma, mas duas grandes ameaças: a instabilidade civil e um dilúvio de tribos turcomanas que eram empurradas para a Anatólia e para a Geórgia pelo sultão, de forma a não provocarem problemas dentro do Império Seljúcida, como era habitual. É nestes tempos conturbados que o coimperador Romano IV Diógenes, a principal figura do lado bizantino na batalha de Manzikert, sobe ao poder.

---

<sup>43</sup> Estes tinham sido alienados pouco depois da conquista bizantina de Ani, em 1045, quando o imperador Constantino IX ordenou a purga da Igreja Miafisista da Arménia. Muitos arménios, cansados da guerra e agora da perseguição religiosa, ter-se-ão então juntado ao reino da Geórgia ou aos Turcos, que começavam agora a aparecer nas imediações imperiais (cf. P. Markham: <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>).

#### 4. Da ascensão à campanha de Manzikert: as expedições orientais de Romano IV Diógenes

“Mas um, do seio da nobreza, ergueu-se: Romano, um vestarco, cujo apelido era Diógenes. Desde algum tempo que ele vira que tinham sido as falhas da incompetência dos soberanos que tinham possibilitado ao inimigo fazer tudo o que quisesse, e que fora a parcimónia dos Romanos que fizera o inimigo aumentar em força” (M. Attaleiates 2012 177).

É com estas palavras que o historiador Miguel Attaleiates introduz o futuro Romano IV Diógenes no seu livro *A História*. Membro de uma família da aristocracia militar anatoliana, este general tinha obtido renome a combater os Petchénègues e outros povos nómadas que, na altura, atacavam os Balcãs. Não será então de admirar que, mesmo após as suspeitas que percorriam a corte de que ambicionava tornar-se ele próprio *basileús*, a imperatriz viúva Eudóxia o tenha escolhido para seu novo coimperador, em lugar do filho Miguel, e por razões bem evidentes: apercebia-se claramente do perigo que os Seljúcidas e os Turcomanos representavam para o Império Bizantino e necessitava de neutralizar rapidamente esta ameaça; decidindo tirar proveito da experiência militar de Romano Diógenes, anula a sentença que o condenara à morte, em vez de o punir pelas suas ambições e de perder um valioso recurso<sup>44</sup>. Por outro lado, ao novo coimperador interessa acumular vitórias militares contra aquele inimigo, de forma a legitimar a sua posição perante os principais rivais, a família do *basileús* – os Ducas. A tarefa, no entanto, não se adivinhava fácil: para além de não contar com o apoio do “partido civil”, tinha

---

<sup>44</sup> Com alguma indulgência, Attaleiates refere ainda que o futuro coimperador não tencionava tornar-se imperador para proveito próprio, mas sim para inverter a maré de azar (e incompetência) que assolava o Império Bizantino, naquela altura (Attaleiates 2012 177).

perdido muitos dos homens mais experientes do império, quando a maior parte dos *témata* orientais fora desmilitarizada. Ainda assim, Romano IV insiste em empreender uma campanha no Oriente.

Numa primeira expedição, em 1068, o coimperador concentra-se nos arredores de Alepo e nas forças turcomanas que estavam na região. A campanha não obteve grandes resultados, para além da conquista de Hierápolis, e o *basileús* viu-se obrigado a levantar o cerco à antiga capital dos Hamdânidas, sob pena de ser cercado pelas forças do emir da cidade e das tribos turcomanas locais; no caminho de regresso, tentou ainda intercetar as forças de Afsin, um líder seljúcida que saqueara Amório, mas sem sucesso (Nicolle 2013 15); no ano seguinte, uma nova campanha do *basileús*, na Arménia, vai ter o mesmo (ou ainda menos) êxito, com os Turcos a mostrarem-se bastante astuciosos e forçando Romano a regressar à capital de Bizâncio nos finais de 1069.

Um ano após estes acontecimentos, em 1070, o coimperador é obrigado a manter-se em Constantinopla a fim de pôr um ponto final nas conspirações dos Ducas, que se apoiavam na falta de uma vitória decisiva no teatro de guerra oriental<sup>45</sup>: entre a espada e a parede, tem de agir rápida e eficazmente para manter o posto e conseguir salvar o império<sup>46</sup>; é assim que, tirando proveito de uma trégua assinada com o sultão Alp Arslan, Romano decide planear para o ano de 1071 – com o grande objetivo de recuperar a Arménia e parar o fluxo de saqueadores turcomanos que continuavam a atacar a Ásia Menor – a campanha que culminará na batalha de Manzikert.

---

<sup>45</sup> Cf. P. Markham: <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>

<sup>46</sup> O historiador David Nicolle informa-nos ainda que muitos dos conselheiros de Romano IV o tinham aconselhado a retirar-se para a Anatólia, mas o *basileús* recusou, estando ciente do péssimo estado das fortalezas existentes e das tropas locais, i. e., dos *témata* da Ásia Menor mais próximos de Constantinopla (Nicolle 2013 29).

## 5. As manobras dos comandantes: da lenta viagem de Romano IV Diógenes à reação rápida de Alp Arslan

“Enquanto ele atravessava os estreitos da Calcedónia, uma pomba voava sobre ele. Não era completamente branca, mas grande parte da sua aparência era escura, e esta aproximou-se do barco que transportava o Imperador, finalmente parando para descansar nas suas mãos. (...) Este parecia ser o sinal de algum desenlace, mas não havia qualquer concordância ou acordo entre aqueles que o tentavam interpretar.” (M. Attaleiates 2012 263)

No mês de março, emissários bizantinos entram em contacto com o sultão turco, que, na altura, assediava Edessa (a norte da Mesopotâmia) com o seu exército. Esta embaixada tinha sido enviada com o objetivo de prolongar as tréguas entre os dois impérios, estando prevista nas cláusulas a troca de algumas cidades: Manzikert e Archech – que estavam nas mãos dos Turcos – por Hierápolis, que Romano IV lhes tomara, dois anos antes; o sultão terá aceitado esta proposta, levantado o cerco e comandado o seu exército em direção à cidade de Aleppo, sob o controlo dos Fatímidas. Para além deste acordo, a embaixada teria também como objetivo examinar os homens chefiados por Alp Arslan, sondar os seus sentimentos relativamente a uma eventual guerra com Bizâncio e avaliar o moral das suas tropas<sup>47</sup>.

Com o sultão temporariamente distraído em Aleppo, o *basileús* pôde então marchar com os seus homens em direção à Arménia, numa demonstração de força que há muito não era vista em Bizâncio! A hoste grega era bastante numerosa e heterogénea: começando

---

<sup>47</sup> Cf. P. Markham: <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>

pelos números, as fontes coevas atribuem cifras exorbitantes (e sem dúvida absurdas) ao exército comandado por Romano IV Diógenes: entre 100 000 e 300 000 homens! John Haldon, por sua vez, recusa estes números bastante inflacionados, defendendo que existiriam cerca de 40 000 soldados ao todo, apresentando como argumentos a demografia do império naquela altura, bem como o suporte logístico desta hoste, que não deixaria que o número fosse muito mais elevado<sup>48</sup> (Haldon 2001 117).

Em termos de composição interna das forças, temos um exército bizantino heterogéneo e multinacional. Começando com as forças indígenas, observamos a presença de soldados de infantaria dos *témata* dos Anatólicos e da Síria<sup>49</sup>; a estes juntavam-se os soldados dos *tágmata* ocidentais, infantaria ligeira búlgara e um grande número de soldados arménios, provenientes das regiões envolventes das cidades bizantinas de Sebasteia e Teodosiopólis. A acompanhar estas forças nacionais, encontramos corpos de mercenários estrangeiros, que entravam nesta campanha maioritariamente como cavalaria: cerca de 500 cavaleiros pesados germanos e francos, sob Roussel de Bailleul, que eram muito procurados em Bizâncio, especialmente após o sucesso da cavalaria pesada normanda na batalha de Hastings (1066); arqueiros a cavalo turcos e petchénegues; e unidades dos aliados e vassalos de Bizâncio nos Balcãs. Por fim, não podemos esquecer a Guarda Imperial, que, acompanhando o *basileús*, era constituída principalmente pelos corpos dos *scholae*, da *betaireía*, dos *stratēlataí* e, obviamente, da fiel e temível Guarda Varangiana. Esta hoste era também acompanhada por um trem de

---

<sup>48</sup> Markham, no entanto, lembra que a força deveria parecer muito maior, tendo em conta o conjunto de seguidores de campo e o pessoal não combatente que acompanhava o imperador nesta campanha (<http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>).

<sup>49</sup> Da Capadócia, Coloneia, Charsianon, *Anatolikón*, Chaldia e *Armeniakón*.

apoio digno de um tal exército, composto por máquinas de guerra, munições, tendas e indivíduos especializados na poliorcética.

Romano IV Diógenes iniciou então a marcha para oriente, tendo o percurso sido bastante complicado por várias razões. Por um lado, houve presságios negativos: a cruz da Santa Sofia, que – nas palavras do coimperador após a batalha – teria caído da sua posição inicial, ficando virada na direção de Meca, num espaço de três dias, mesmo depois de endireitada e até acorrentada; a pomba, a que nos referimos no início deste subcapítulo; a transferência do lugar onde a força se deveria reunir – mudou de Nicomédia para Helenópolis; e, finalmente, a queda do poste central da tenda do coimperador. Houve ainda problemas graves na linha de comando, com o experiente general, Nicéforo Botaniate, entre outros, a ser enviado para trás por desconfiança da parte do *basileús*, que no entanto manteve ao seu lado Andrónico Ducas, o primogênito de João Ducas (o principal rival de Romano).

Mais nefastos ainda foram outros problemas que foram surgindo à medida que Romano se dirigia para oriente: por exemplo, um incêndio que vitimou diversos animais e que destruiu algum equipamento de guerra; ou os incidentes provocados pelo contingente dos Germanos junto ao rio Halys, o que obrigou o coimperador a enviá-los para longe (Attaleiates 2007 261-263). Chegadas a Sebasteia, ocorreram vários conflitos entre Romano IV e a elite local, que, nas palavras de David Nicolle, terão levado o *basileús* a prometer terminar com a religião miafisista, assim que regressasse da campanha (Nicolle 2013 42).

Em junho, o exército chegou a Teodosiopólis (atual Erzerum), onde os Bizantinos, mal informados acerca da posição de Alp Arslan (da qual falaremos mais adiante), tomaram a decisão de prosseguir a ofensiva em direção ao território seljúcida na Arménia. Contra esta forma de atuação, manifestaram-se dois experientes generais: Nicéforo Briénio e José Tarcaniotes, que preferiam que o *basileús*

fortificasse as povoações circundantes, fortalecesse as guarnições e queimasse os terrenos adjacentes, esperando que o sultão viesse até ele. Provavelmente, por motivos logísticos, o *basileús* rejeitou a segunda opção, ordenando a continuação da campanha para o oriente (Haldon 2001 115).

Os Bizantinos contavam que Alp Arslan estivesse, por essa altura, no Iraque a reunir tropas para fazer frente ao seu poderio, certamente em pânico por ter o inimigo à sua porta... Todavia, estavam enganados, pois o sultão e o exército seljúcida estavam a pouco mais de 160 quilómetros de distância!...

Enquanto o coimperador bizantino marcha para nascente, Alp Arslan levanta o cerco de Edessa, confiante em que a fronteira norte esteja segura, e direciona os seus homens para o emirato de Alepo, controlado pelo emir Mahmud. Será durante o cerco da cidade que chegará uma segunda embaixada, liderada por um indivíduo de nome Leão Diabatenos, que terá feito um ultimato ao sultão: a troca imediata das cidades acordada na primeira embaixada e o fim dos raides turcomanos, ou então a guerra! Esta embaixada terá sido recebida no mesmo dia em que foi informado da campanha de Romano IV; por isso, ter-se-á sentido traído e, depois de garantir a subserviência do emir após algumas negociações, levantou o cerco à cidade de Alepo (Nicolle 2013 47).

Esta decisão, no entanto, prejudicou o sultão, que, subitamente, viu muitos dos seus vassalos tribais abandonarem o exército com a possibilidade de obterem um punhado da riqueza de Alepo que tinha sido posta de lado<sup>50</sup>, de tal forma que, chegada às margens do Eufrates, a hoste seljúcida tinha sido reduzida para cerca de 10 000 homens, entre os quais o seu *askar*, composto por

---

<sup>50</sup> Cf. P. Markham, <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>.

4000 *ghulam*<sup>51</sup>! A passagem do Eufrates, a 27 de abril de 1071, terá saído cara ao sultão, que perdeu muitos dos seus animais e da sua bagagem quando a hoste turca, supostamente, cruzou o grande rio bíblico “a cavalo e sem barcos” (Nicolle 2013 47); pouco depois, levou o seu exército através das montanhas do Curdistão, em direção ao Azerbaijão, aonde chegou por volta do mês de junho, após uma custosa travessia das montanhas a sudeste do lago Van, na Arménia (Nicolle 2013 48).

Será nas planícies verdes do Azerbaijão, junto à cidade de Khoy, que Alp Arslan se declarará *ghazi*, de forma a demonstrar aos seus súbditos que lutará em nome de Alá contra os infiéis, e não meramente como sultão dos Turcos. Foi aqui que os 10 000 homens (incluindo alguns voluntários curdos) que ele reunira durante a viagem aumentaram para 30 000, incluindo 15 000 *ghulams*. Confiante, abandona então o Azerbaijão, em direção ao norte, pronto para enfrentar Romano IV Diógenes. Os dados estavam lançados!

## **6. Nos arredores de Manzikert – da derrota em Khliat às escaramuças nas vésperas da batalha final**

Como vimos, em finais de junho de 1071 os exércitos bizantino e turco começaram a marchar em direção à Arménia, com objetivos distintos: os Bizantinos tencionavam tomar, inicialmente, Manzikert e Khliat; os Turcos tencionavam derrotar os Bizantinos de forma a poderem manter o seu poder na região. As forças eram bastante desiguais: os Turcos possuíam maioritariamente cavalaria ligeira;

---

<sup>51</sup> Muito semelhantes aos *tágmata* bizantinos, os Seljúcidas possuíam um exército central e profissional, chamado de *askar* e constituído por soldados *ghulam*, que eram originalmente escravos. No entanto, David Nicolle adverte para o facto de as origens destes homens poderem ser mais complicadas de identificar do que anteriormente se pensava (Nicolle 2013 28).

já os Bizantinos reuniam contingentes de peonagem, de infantaria pesada, de cavalaria ligeira e de cavalaria pesada.

Conhecemos melhor o trajeto de Romano IV e da sua hoste, que abandonaram Teodosiopólis e se dirigiram para nascente. Pouco depois de terem feito a travessia do rio Araxes, o coimperador terá ordenado a um conjunto de soldados *patchénègues* que se dirigissem a Khliat, considerado o mais difícil dos dois objetivos, tendo enviado os Francos (sob Roussel de Bailleul) logo atrás deste pequeno contingente, enquanto o *basileús* mantinha o grosso das restantes forças junto a ele, direcionadas para Manzikert (Haldon 2011 118). O exército bizantino movia-se muito lentamente, não só pelo peso do seu trem de apoio e das máquinas de cerco que transportava, mas também devido ao difícil terreno arménio.

Em meados de agosto, o recorrentemente mal informado coimperador divide o seu exército em dois, para acelerar a realização dos seus objetivos iniciais, tendo entregado metade da hoste ao comandante José Tarcaniotes, que terá recebido ordens para se dirigir com os seus contingentes para sul, de forma a auxiliar Roussel no seu empreendimento. Tarcaniotes terá então levado consigo algumas das melhores tropas do *basileús*, como alguns varangianos e alguns dos arménios mais experientes, que tinham servido sob o *doúx* de Teodosiopólis (Haldon 2001 118); de acordo com Nicolle, entre estas forças que se separaram do principal exército imperial contar-se-ia também uma grande parte dos arqueiros bizantinos (Nicolle 2013 71). O comandante terá então infletido para sul, utilizando a estrada que saía de Manzikert por sudoeste e que ligava a Khliat, a poente do lago Van.

A proximidade desta estrada relativamente a Manzikert terá permitido à guarnição local enviar um mensageiro a Khliat e ao sultão seljúcida, que terá dado instruções a um dos seus oficiais, Sanduq al-Turki, para levar consigo cerca de 10 000 cavaleiros, de modo a reforçar Khliat, que, por si só, já possuiria uma boa

guarnição. Enquanto isso, Alp Arslan terá continuado a seguir a estrada que percorre a margem norte do lago Van, num trajeto muito menos difícil e mais curto do que o que faria se utilizasse a estrada que percorre a margem sul<sup>52</sup>, tendo depois infletido para norte e contornado o sopé oriental do *Süphan Dağı*<sup>53</sup>, na direção de Manzikert<sup>54</sup> (Nicolle 2013 54-56).

Quando as forças de Sanduq atacaram as de Roussel e Tarcaniotes, estas estavam dispersas no terreno circundante da fortaleza a armazenar forragem e víveres, a fim de se prepararem para o cerco. Ao serem confrontados pelas forças de Sanduq e da guarnição de Khliat, a nascente, o general bizantino e o líder mercenário franco terão então sido obrigados a retirar-se para norte, onde se depararam com as tropas de Alp Arslan – isto se tivermos em conta o itinerário hipotético de Nicolle e o facto de o sultão aparecer em Manzikert, dias depois, exatamente pela estrada que ligava a cidade a Khliat, pelo sul (Haldon 2003 120). Encurralados por forças adversárias bastante expressivas a norte e a leste, podemos eventualmente considerar que Tarcaniotes, Roussel e as suas forças terão, então, sido forçados a marchar para sul, na direção de Muş (atual Turquia); terá sido aqui que os dois comandantes bizantinos infletiram para ocidente, retrocedendo em direção a Melitena e

---

<sup>52</sup> Por outro lado, e como veremos mais adiante, se o sultão e as suas forças tivessem usado este itinerário, teriam empurrado as forças bizantinas de Tarcaniotes para norte, e não para sudoeste.

<sup>53</sup> Um pico vulcânico, com cerca de 4434 metros de altura, que faz parte de uma cordilheira de montes que liga o lago Van a Manzikert.

<sup>54</sup> O autor, no entanto, refere que este itinerário é hipotético e que tem em conta as movimentações posteriores da hoste bizantina responsável pela preparação do cerco de Khliat (Nicolle 2013 56).

abandonando Romano IV e a campanha<sup>55</sup>, sem sequer avisarem o *basileús* da forte presença turca a sul da sua posição<sup>56</sup>!

Relatada a derrota (ou simples fuga) ocorrida em Khliat, viremos novamente o nosso olhar para norte, para a principal hoste bizantina, liderada pelo coimperador. Exatamente no mesmo dia em que ocorreram os nefastos eventos mais a sul, a 23 de agosto de 1071, a guarnição de Manzikert rende-se ao *basileús*, provavelmente com muito pouca ou nenhuma resistência (Haldon 2001 120). Aproveitando-se das boas condições topográficas a leste da cidade, que bloqueavam qualquer aproximação adversária a sul ou a nascente, o coimperador terá aí construído um bom acampamento fortificado, que reforçava ainda mais o local elevado onde se encontrava: um fosso que o protegia de surtidas, um pequeno riacho que o protegia a norte, entre outras defesas (Nicolle 2013 57).

Foi no dia a seguir que, em bom dizer, as coisas começaram a complicar-se. Na manhã do dia 24, o coimperador é avisado de que vários contingentes responsáveis por recolher mantimentos e forragens destacados para sul foram emboscados pelos Turcos. Continuamente mal informado, Romano IV não se apercebe de que eram as forças do sultão turco – que ele ainda contava que estivesse no Iraque – e envia contra estes o comandante da ala esquerda, Nicéforo Briénio. Uma vez mais, um descuido do coimperador vai sair muito caro, pois,

---

<sup>55</sup> As opiniões dos historiadores, no entanto, vão divergir. Enquanto Haldon e Markham não referem datas para a retirada para Melitena, embora nos levem a crer que terá sido quase imediata (Haldon 2001 120; e P. Markham, <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>), Nicolle entende que eles só terão abandonado a região quando tomaram conhecimento da derrota em Manzikert (Nicolle 2013 56).

<sup>56</sup> Uma vez mais, Nicolle ergue-se em defesa de Tarcaniotes e de Roussel, afirmando que, mesmo que tivessem enviado mensageiros a Romano IV, seria impossível eles terem atravessado em segurança os montes circundantes, agora ocupados por cavaleiros turcos (Nicolle 2013 56). Haldon, pelo seu lado, argumenta que teria sido possível que alguns cavaleiros ligeiros conseguissem passar (Haldon 2001 120).

ao não mandar batedores para averiguar o número de efetivos dos Turcos, lança um dos seus melhores comandantes numa emboscada de grandes proporções! Vendo mais forças em apuros, Romano IV ordena a Nicéforo Basiliakes, o *doúx* de Teodosiopólis, que vá salvar o seu camarada, juntamente com um grande número de cavaleiros. Desta feita, será a ignorância do comandante arménio relativamente aos bons princípios táticos bizantinos que vai fazer com que ele e as suas forças caiam no perigoso jogo das fustigações e das fugas simuladas turcas e sejam por sua vez cercadas e aniquiladas, com o próprio Nicéforo a ser capturado (Haldon 2013 120)!

Briênio, que, entretanto, conseguira escapar e reagrupar, pôde ainda salvar os sobreviventes arménios da emboscada a Basiliakes, e foi só aí que um deles o informou de que enfrentavam não um grupo de turcomanos ou, como o *doúx* pensava, de membros da guarnição de Khliat (Nicolle 2013 59), mas sim a hoste do próprio Alp Arslan! Vendo agora o grosso das forças turcas a avançar na sua direção, Briênio, impondo uma disciplina digna de Nicéforo II Focas, manda as suas tropas retirar-se ordenadamente, lançar contra-ataques em marcha quando necessário e consegue até, a certa altura, obrigar os Turcos a uma verdadeira fuga. Como recompensa por este belo desempenho, as forças da ala esquerda bizantina chegam sãs e salvas ao acampamento, e o comandante, com duas feridas de flecha nas costas e uma de lança no peito, mesmo assim fará questão de combater no dia da batalha decisiva (Haldon 2001 121).

Romano IV ainda tenta impor batalha ao sultão nesse mesmo dia, mas Alp Arslan vai fustigar as tropas bizantinas quase até ao anoitecer, quando as forças romanas estavam prestes a entrar em terreno bastante acidentado, onde seria possível manterem a formação; frustrado, o coimperador vê-se obrigado a mandar o exército dar meia-volta, para regressar ao acampamento. Durante a noite, um grupo de mercenários oguzes foi emboscado enquanto negociava com mercadores locais e foi obrigado a recuar para o acampamento,

onde, por causa da escuridão, era impossível distinguir se aqueles homens eram os turcos aliados ou não. Por algum tempo, temeu-se um ataque em grande escala, mas os Seljúcidas limitaram-se a lançar pequenas ofensivas a coberto da noite (Haldon 2001 121).

O dia 25 de agosto foi marcado por três acontecimentos. O primeiro, logo ao início do dia, foi uma escaramuça do outro lado do pequeno rio a norte do acampamento, quando um pequeno contingente seljúcida tentou ocupar essa margem, escaramuça essa que terminou com a vitória da infantaria bizantina, que conseguiu repelir o adversário. O exército bizantino sofreu, no entanto, um duro golpe quando, pouco depois deste confronto, um grande número de oguzes desertou para Alp Arslan, tendo-se apenas mantido alguns do lado do *basileús* por iniciativa do próprio Attaleiates, que os terá obrigado a proferir votos de fidelidade a Bizâncio (Nicolle 2013 64).

Por fim, uma embaixada enviada pelo califa de Bagdade para negociar a paz com o coimperador foi recebida de forma arrogante: o embaixador foi obrigado a fazer a *proskýnesis*<sup>57</sup>; Romano IV impôs condições inaceitáveis aos Turcos; e rematou as negociações dizendo que a paz só seria discutida quando os Bizantinos chegassem a Ray, no Irão (Nicolle 2013 69); falhadas as negociações, a embaixada abandonou o acampamento. Poucas horas depois, chegou a vez de o exército bizantino seguir as pisadas destes homens, para começar a formar em campo aberto. Estava-se no dia 26 de agosto de 1071 e ia ter início a batalha de Manzikert.

## 7. A Batalha de Manzikert

A hoste bizantina que formou em frente a Manzikert para enfrentar o exército maioritariamente de cavalaria ligeira turco

---

<sup>57</sup> Uma vénia de joelhos, quase até ao chão.

organizou-se em quatro segmentos táticos. Na frente do exército, e ao centro, encontramos o coimperador Romano IV Diógenes com as suas melhores tropas, entre as quais os regimentos da Guarda Imperial, as melhores tropas de infantaria arménia de que dispunha e grande parte da cavalaria pesada bizantina; por sua vez, a ala esquerda da formação era comandada pelo experiente Nicéforo Briênio, que trazia consigo os *tágmata* ocidentais, enquanto a formação da ala direita era comandada por Teodoro Aliates e teria entre os seus elementos a maior parte das unidades orientais, os arqueiros montados mercenários oriundos dos povos das estepes<sup>58</sup>, que ocuparam os seus lugares nas alas, em especial no lado direito; por fim, a retaguarda, que estava nas mãos do filho do principal rival de Romano IV, Andrónico Ducas, era formada por membros das guardas pessoais dos grandes proprietários bizantinos (Nicolle 2013 70-71). A estes contingentes temos de acrescentar ainda as forças de Tarcaniotes e de Bailleul, onde estavam alguns dos melhores soldados imperiais, como varegues, arménios e francos, bem como grande parte dos arqueiros bizantinos, que não participaram na batalha, e os cavaleiros germânicos que tinham sido enviados para longe por causa dos desacatos provocados pouco após a travessia do Halys. Outro grupo importante de arqueiros tinha sido deixado para trás no acampamento, para o defender em caso de necessidade (Nicolle 2013 71).

Do lado oposto, Alp Arslan, contando com menos homens (embora talvez não muito menos), organizou as suas forças em três unidades (o centro e as duas alas), que, no campo de batalha, formavam um crescente convexo virado para norte. Nas palavras de Haldon, cada dispositivo era constituído por pequenos grupos, que, se fosse necessário, poderiam abandonar a formação principal e agir de modo independente (Haldon 2001 72). No entanto,

---

<sup>58</sup> Petchénègues e Turcos.

no terreno circundante, tinham sido posicionados homens para efetuarem emboscadas aos soldados bizantinos que caíssem no estratagemas das fugas simuladas dos cavaleiros de Alp Arslan.

Seguindo séculos de experiência romana e grega no combate contra povos que usavam táticas daquele tipo, Romano IV sabia que só tinha um plano de ação possível: ser agressivo e tentar forçar a luta corpo a corpo com os Turcos, onde sabia que os Bizantinos poderiam levar vantagem. Alp Arslan, por sua vez, só teria de tirar proveito das suas forças e da flexibilidade tática que elas lhe garantiam, evitar a todo o custo o corpo a corpo<sup>59</sup> e aplicar fugas simuladas, quando chegasse a altura de atrair os soldados bizantinos às emboscadas previamente preparadas.

A hoste bizantina começou então a avançar em direção aos Turcos, com a retaguarda a manter uma distância de segurança em relação ao resto do exército, de forma a esmagar o adversário entre o martelo e a bigorna, caso este tentasse circundar os corpos avançados. Enquanto isso, os homens de Alp Arslan iniciaram o seu ataque e começaram a disparar contra as formações cerradas bizantinas, tendo rapidamente o centro turco tomado uma atitude mais esquiva do que as alas: estas eram mais agressivas, aproximando-se velozmente dos flancos onde iriam descarregar as suas flechas, para depois se retirarem e repetirem novamente a manobra (Haldon 2001 123).

Esta estratégia acabou por dar frutos, começando a notar-se um distanciamento entre o centro e os flancos bizantinos, e, ao final da tarde, a divisão do coimperador estava quase a atingir o terreno acidentado do lado oposto ao acampamento. As fragilidades, no entanto, não se faziam sentir no contingente imperial, mas sim nos flancos, onde, desgastados pela fustigação inimiga,

---

<sup>59</sup> Sem muitos arqueiros em campo, é provável que os Bizantinos não tivessem forma de contrariar os ataques rápidos dos Seljúcidas, que, já em combates anteriores, demonstravam conseguir fugir dos cavaleiros pesados bizantinos antes de estes os alcançarem.

a organização e a disciplina se estavam a esbater; cansados da chuva de flechas permanente que sobre eles se abatia, vários soldados bizantinos começaram a abandonar a formação tentando carregar sobre o adversário. Os soldados do sultão teriam então dado início a uma sequência de fugas simuladas, à medida que grupos de soldados bizantinos abandonavam as suas formações, atraindo-os para as bem preparadas emboscadas... Estas táticas continuaram a ser usadas até ao anoitecer, altura em que Romano IV Diógenes se apercebeu do estado do seu exército: este tinha deixado de se apresentar coeso e as alas estavam demasiado afastadas do centro, que, por sua vez, se encontrava mais avançado do que os flancos. Para piorar a situação, estavam a ficar sem mantimentos e o exército, enfraquecido por aquele dia de marcha e posicionado a uma grande distância do acampamento, mostrava-se vulnerável a um eventual ataque rápido dos muçulmanos pela retaguarda (Haldon 2001 125). Sem alternativas e com a noite quase a cair, o coimperador mandou virar o pendão imperial para trás, ou seja, deu o sinal para o início da retirada (Attaleiates 2012 293)...

O desastre abate-se então sobre as forças romanas. Na ala direita, de Aliates, alguns soldados e oficiais confundem o sinal do coimperador e pensam que este tombara em combate! Enquanto isso, a retaguarda de Andrónico Ducas, que até então tinha seguido os preceitos táticos bizantinos (mantendo-se a uma distância razoável do resto do exército e suportando as outras formações quando necessário, ao mesmo tempo que impedia os ataques turcos por esse lado), dá meia-volta e regressa ao acampamento, deixando os outros contingentes bizantinos vulneráveis a um ataque pela retaguarda e comprometendo de imediato uma retirada segura do corpo do exército... Para piorar as coisas, Andrónico espalhou o boato de que o coimperador tinha de facto tombado em combate, persuadindo assim mais soldados a segui-lo para fora do campo

de batalha. Ao perceber-se da desagregação quase completa do exército inimigo, Alp Arslan ordena um ataque geral das suas forças.

A vitória turca ficou então assegurada: a ala direita bizantina dissolve-se quase de imediato diante da agressividade inimiga, entrando em debandada total; mais organizada foi a retirada das forças de Briénio, que conseguiram preservar uma prodigiosa ordenança, pelo menos até serem atacadas pela retaguarda, pelas forças que tinham desbaratado a ala de Aliates, tendo os *tágmata* ocidentais iniciado a fuga, em pânico, após o choque. Quando deu por si, o coimperador estava isolado e a ser combatido por todos os lados, com as suas forças a começarem a abandonar a formação, deixando o *basileús* sozinho com um punhado de homens ao seu lado (Haldon 2001 125)!

“Entretanto, o inimigo cercou o imperador mas não foi fácil capturá-lo rapidamente, pois ele era um guerreiro experiente e um general que enfrentara muitos perigos. Defendeu-se vigorosamente contra os seus oponentes e matou muitos deles, mas no final acabou ferido na mão por uma espada. O seu cavalo, além disso, havia sido atingido com muitas flechas e ele lutava a pé. Aproximando-se o anoitecer, cansado, rendeu-se e – como suportar uma coisa dessas! – foi feito prisioneiro. Naquela noite, deitou-se no chão como todos os outros, em desonra e agonia (...)” (Attaleiates 2007 297).

## **8. Depois de Manzikert: Da prisão de Romano IV Diógenes à ascensão de Aleixo I Comneno**

Se Romano IV foi encontrado após o combate, quando os Turcos recolham os despojos de guerra, como diz Haldon (2001 125), ou

se se rendeu, como indica Attaleiates, pouco importa para o contexto deste capítulo: o que interessa é que foi capturado, e a sua prisão representava o pior que podia acontecer a um coimperador bizantino – uma humilhação pessoal para o detentor de tão elevado cargo e para o próprio império; de uma maneira ou de outra, parece-nos que terá sido tratado com a dignidade merecida pelos homens com o seu estatuto<sup>60</sup>. Os dois líderes terão então assinado um tratado de paz entre os dois impérios, onde terão acordado o seguinte: Antioquia, Edessa, Hierápolis e Manzikert passariam para as mãos dos Seljúcidas, enquanto o sultão turco se comprometia a pôr fim às incursões turcomanas na Ásia Menor<sup>61</sup>. Por fim, despediram-se como amigos e cada um seguiu o seu caminho, segundo as palavras de vários cronistas citados por David Nicolle (2013 89).

Todavia, poucos ou nenhuns destes acordos seriam cumpridos. Cerca de oito dias após a batalha, os Ducas investem Miguel Ducas *basileús* em Constantinopla, depois do regresso do exilado João Ducas e do aprisionamento da imperatriz Eudóxia<sup>62</sup>. Ou seja, quando Romano Diógenes regressa ao Império Bizantino, vê-se um coimperador sem trono, tomando então a decisão de viajar com a sua escolta pessoal, que lhe tinha sido provida por Alp Arslan, em direção a Doceia (atual Tokat, Turquia central), onde se reúne com muitas das tropas que sobreviveram à batalha, incluindo as da Capadócia e as do seu aliado Aliates, a que se juntariam outros senhores poderosos, como o *doúx* de Antioquia, Katchatourios. Infelizmente, tudo isto será em vão: Romano sofrerá mais duas importantes derrotas,

---

<sup>60</sup> Cf. Markham, <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>.

<sup>61</sup> Nicolle e Markham falam ainda na possibilidade de eles terem acordado um casamento entre os seus filhos (Nicolle 2013 89; Markham, <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>).

<sup>62</sup> Cf. Markham, <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>

a primeira em Sebasteia (atual Sivas, na Turquia), ainda em 1071, e a outra em Adana (na Arménia ciliciana, no sul da atual Turquia), no ano seguinte; terá então concordado em render-se, sob a condição de poder vestir o hábito de monge e de viver os seus dias em paz num mosteiro. Os Ducas aceitaram a rendição, mas prenderam-no, cegaram-no violentamente e encerraram-no num mosteiro, onde ele acabaria por falecer em julho de 1072 (Nicolle 2013 91).

Por seu lado, Alp Arslan também não teria tempo para fazer jus à sua palavra. Pouco depois da batalha, regressa ao Irão, ao mesmo tempo que uma euforia religiosa percorre todo o mundo islâmico, numa celebração que por certo seria tão grande como aquela que tinha sido vivida nos anos do dealbar da sua expansão, no século VII, após as vitórias em Yarmouk e em Qadisiyah; pouco tempo depois, seria atacado por um líder rebelde quando se preparava para o executar, morrendo quatro dias depois, a 24 de novembro de 1072. Após a sua morte – e apesar de ter escolhido um herdeiro –, o Império Seljúcida caiu numa guerra civil, o que obrigou o filho – Malik Sha – a combater para conseguir legitimar-se (Nicolle 2013 91-92).

Como se vê, o destino não foi generoso para com nenhum dos principais comandantes de Manzikert. Voltemo-nos agora para os homens que lutaram sob Romano IV Diógenes, para os soldados bizantinos que participaram naquela que foi, durante muito tempo, considerada uma batalha catastrófica. Porém, se olharmos com atenção, apercebemo-nos de que a batalha não foi assim tão desastrosa, pelo menos do ponto de vista militar. Paul Markham apresenta, muito sumariamente, uma lista da condição de todos os interveientes no combate, inclusive daqueles que estiveram em Khliat.

Assim sendo, temos os cerca de 20 000 homens sob Tarcaniotes e Roussel, que contavam com alguns dos melhores soldados do império; estes sobreviveram à batalha sem nela participarem (quanto a saber se se retiraram para Melitena antes ou depois

do combate, isso é outra discussão). A retaguarda imperial, sob Andrónico Ducas, que contaria com cerca de 5000 homens, sobreviveu intacta e podemos dizer o mesmo da maior parte dos homens sob Nicéforo Briénio, na ala esquerda, que terá perdido cerca de mil homens, incluindo aqueles que foram mortos ou capturados no dia 24 de agosto. A maior parte das baixas ter-se-á circunscrito ao centro e ao flanco direito, onde terá havido poucos sobreviventes: os membros da Guarda Imperial (incluindo os varegues que não tinham partido com Tarcaniotes) que participaram na batalha terão morrido todos ou quase todos nos momentos fatídicos da mesma; do mesmo modo, do lado direito, Markham sugere que apenas terão conseguido escapar cerca de mil soldados<sup>63</sup>, fora os desertores arménios. Completamente massacrados foram os mercenários turcos que acompanhavam Romano IV ao centro, os quais terão recebido o pagamento pela sua traição (não incluindo aqui, claro está, os cerca de mil que desertaram para o lado seljúcida no dia anterior à batalha)<sup>64</sup>.

Contas feitas, Markham calcula que os Bizantinos terão perdido cerca de 20% das forças empregues na campanha, algo que seria facilmente recuperável pela política de recrutamento de mercenários que vingava na altura e pelo recrutamento nos *témata* ainda existentes<sup>65</sup>. Por outro lado, Romano IV Diógenes fora cuidadoso com os seus territórios ocidentais nos Balcãs, que se encontravam agora ameaçados pelos Normandos que tinham capturado Bari nos inícios de 1071: terá ali deixado números significativos de

---

<sup>63</sup> Markham, no entanto, refere que neste flanco se encontravam soldados arménios, contrariando Haldon (2001 122) e Nicolle (2013 71), que falam em soldados das unidades orientais, em especial da Capadócia, de onde era originário o seu comandante, Aliates.

<sup>64</sup> Cf. Markham, <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>.

<sup>65</sup> Cf. Markham, <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>.

soldados, enquanto, no *limes* sírio, os Bizantinos contavam ainda com muitos efetivos para proteger a região (Nicolle 2013 39 e 91). Na contagem global deste autor, o Império Bizantino possuía ainda cerca de 80 000 homens aptos a defender o império. Porque terá então caído a Anatólia?

Para uma compreensão plena dos motivos da queda da Anatólia, vale a pena recordar uma frase de Paul Markham: “Manzikert representou menos um convite para os Turcos invadirem do que para os Bizantinos iniciarem uma guerra civil”<sup>66</sup>. De facto, a tentativa de Romano IV Diógenes para recuperar o trono foi apenas a primeira batalha de um ciclo de dez anos de guerras civis contínuas! Enquanto isso, a oriente, dois aristocratas militares bizantinos, Teodoro Gabras e Filareto Bracamius, criaram zonas defensivas em torno de Trebizonda-Teodosiopólis e de Antioquia-Cilícia, respetivamente, as quais registaram grandes sucessos contra os saqueadores. Entre as duas zonas, no entanto, existia um enorme corredor, que os Turcomanos usavam a seu bel-prazer para atacar a Anatólia.

Apesar de não ter havido uma invasão seljúcida da Anatólia, um dos usurpadores, Nicéforo Botaniate, terá apelado ao emir Suleyman ibn Kutalamis, que lhe enviou um exército de compatriotas seus para o ajudar a depor Miguel VII Ducas. As guerras civis, no entanto, só terminariam em 1081, quando Aleixo I Comneno destronou Botaniate e deu início à dinastia dos Comnenos, que iniciará um período de recuperação política e militar, denominado “Renascimento Comneno”, a que nos referiremos mais adiante.

Aproveitando-se desta conjuntura de crises internas, os Turcomanos continuaram a invadir o território ainda durante o reinado de Alp Arslan, que não teria meios (ou interesse, agora

---

<sup>66</sup> Cf. Markham, <http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>.

que Romano IV Diógenes tinha sido deposto) para os controlar. Nicolle (2013 92) refere que Malik Sha, em especial, ter-lhes-ia até ordenado que atacassem a Anatólia, enquanto ele consolidava o poder no Irão e se concentrava depois, à boa maneira seljúcida, nos Fatímidas do Egito e da Síria. Todavia, enquanto alguns turcomanos eram apenas saqueadores, outros apresentavam-se como mercenários aos diferentes líderes bizantinos, uma tendência que se foi registando ao longo daquela década, até que começaram mesmo a ocupar território, como povoadores e governadores das cidades que se lhes rendiam. Chegado o ano de 1081, quando as guerras civis acabam e os Bizantinos se podem virar contra os Turcos, é tarde demais: os Turcomanos, aproveitando-se do vazio de poder na região, do constante desgaste de recursos militares e económicos na zona e das condições naturais que lhes eram tão familiares (pois eram propícias à pastorícia), tinham tomado a maior parte do planalto da Anatólia e tinham criado um novo Estado seljúcida (embora não ligado ao império que unia o Iraque e o Irão) – o sultanato de Icónio.

Podemos concluir dizendo que o fator decisivo em Manzikert prendeu-se, não com a vertente militar, que nem sequer foi dramaticamente afetada pela derrota do coimperador, mas sim pelo desastre político interno que dela resultou. De facto, tivesse Romano IV Diógenes vencido a batalha e derrotado o sultão Alp Arslan e teria possivelmente conseguido não só legitimar o trono, mas também obrigar o líder turco a impor um certo controlo sobre os súbditos mais descomedidos, bem como repor a Arménia como uma barreira defensiva, podendo depois investir mais recursos nas guarnições que defendiam o *limes* oriental, caso os Turcomanos se recusassem a obedecer ao seu sultão.

Caberia agora aos Comnenos tentar recuperar a Ásia Menor, uma empresa que teria algum sucesso nos reinados dos três imperadores daquela dinastia, como veremos já de seguida.

**(Página deixada propositadamente em branco).**

## VII

### O RENASCIMENTO MILITAR DO IMPÉRIO: OS COMNENOS ENTRAM EM CENA

#### 1. Aleixo I Comneno (1081-1118)

Em 1081, inicia-se aquela que será uma das mais importantes (e brilhantes) dinastias do Império Bizantino: a dinastia dos Comnenos. Foram estes imperadores que lutaram denodadamente pela recuperação do império, negociando soluções inovadoras (como a aliança com Veneza), mas viram-se também confrontados com o avanço dos Turcos e com os problemas surgidos na sequência do advento das Cruzadas. Assim, e tal como foi explicado na primeira parte desta obra, o Império Bizantino foi obrigado a abrir-se mais ao exterior, rompendo com o isolamento que lhe era próprio e ocidentalizando algumas das suas práticas.

Foi com Aleixo I Comneno que se iniciou esta dinastia. O respetivo relato chega-nos pela mão da sua filha, Ana Comnena, através da obra *Alexíada*, na qual é narrada a vida e obra do progenitor.

Tendo subido ao trono imperial em 1081, vê-se, desde logo, confrontado com a ameaça normanda, o que irá tornar bastante atribulados os primeiros anos do seu reinado.

## 2. A ameaça normanda e a Batalha de Dirráquio (1081)

Foram os Normandos que constituíram a mais séria ameaça ao império, durante o longo reinado de Aleixo I (37 anos). De facto, o perigo normando já se vislumbrava desde 1071, aquando da conquista de Bari, o último grande bastião bizantino na Península Itálica, e os seus desígnios estendiam-se até aos domínios gregos nas regiões dos Balcãs.

Dez anos volvidos e em maio de 1081, o normando Roberto Guiscard inicia uma nova campanha, na parte ocidental dos Balcãs; por alturas de junho, sem ter encontrado oposição de relevo na sua marcha, cerca a capital da região – a cidade-fortaleza de Dirráquio (Haldon 2001 133), que estava então bem protegida, situada numa longa e estreita península (na costa oriental do mar Adriático), com poderosas defesas, que remontavam ao século VI e haviam sido bem mantidas e preservadas, e dispondo de reservas que lhe permitiriam aguentar um cerco, por muito demorado que este se pudesse tornar.

O plano inicial de Roberto Guiscard era atacar Dirráquio por terra e por mar, simultaneamente. No decorrer dos eventos, valeu aos Bizantinos o envio de uma esquadra veneziana – fruto de uma aliança forjada entre Aleixo I e o *doge* de Veneza –, que se antecipara à chegada dos Normandos e que consegue infligir grandes perdas, materiais e humanas, às suas forças navais. Em virtude deste auxílio, o *basileús* irá recompensar ricamente o *doge* e a cidade semi-independente de Veneza, o que, no futuro, acarretará consequências do maior relevo para o império. Contudo, enquanto Bizantinos e Venezianos mantinham à distância a armada normanda, Roberto Guiscard deparava-se com sérios problemas no seio do seu acampamento, onde as febres grassavam e ceifavam as vidas aos seus soldados, desde as tropas ordinárias aos mais nobres dos cavaleiros.

Apesar de todos estes constrangimentos, Guiscard insiste em manter o cerco, o que compele o *basileús* Aleixo I Comneno a marchar na sua direção, com o intuito de expulsar a ameaça normanda, a qual comprometia seriamente a segurança das províncias bizantinas nos Balcãs, que tinham adquirido uma importância crucial para a sobrevivência do império após a perda virtual da Anatólia.

Aquando da marcha das forças imperiais para socorrer Dirráquio, os defensores da cidade viam-se confrontados com o bombardeamento das suas muralhas, pois, atestada a inexpugnabilidade destas perante um vulgar assalto, os Normandos recorreram à construção de engenhos de cerco, de forma a poderem enfraquecer os mecanismos defensivos bizantinos.

A melhor fonte de que dispomos para a análise da batalha de Dirráquio é a *Alexíada*, de Ana Comneno. Porém, o relato deste episódio é algo tendencioso, na medida em que a principal preocupação da autora foi evidenciar o comando descuidado de Roberto Guiscard, nomeadamente quando descreve o recrutamento e o treino dos efetivos normandos; apesar desta posição parcial, não se encontram razões para duvidar dos dados que nos são apresentados sobre a composição do seu exército: segundo este relato, seria composto por cerca de 30 000 homens, entre forças de infantaria e de cavalaria; na vertente marítima, disporia de cerca de 150 embarcações (isto antes do confronto com a coligação bizantina-veneziana).

Ao contrário dos restantes inimigos de Bizâncio – Seljúcidas, Petchénègues, Cumani –, que combatiam com o propósito de pilhar, envergando apenas um armamento ligeiro (ofensivo e defensivo), e que, sempre que possível, evitavam o confronto direto, os Normandos apresentavam-se como uma força bem equipada, com um grande nível de organização e, por isso, configuravam uma hoste temível. Foi precisamente a ameaça protagonizada pelas forças normandas que levou Aleixo I a, nos primeiros anos do seu reinado,

descurar as defesas da parte oriental do império e a desvalorizar a importância dada às forças turcas, a oriente (Birkenmeier 2002 61).

Pelo seu lado, Aleixo I contaria com os *tágmata* da Trácia e da Macedónia (5000 homens), os *exkoúbita*, um corpo de guarda (1000) e ainda um número semelhante composto pelos seus *bestiáριοι*, e com o auxílio de cavaleiros francos, sob a liderança de Constantino Humbertopoulos. Encontram-se também unidades oriundas de Machaens, compostas por dois corpos de cerca de 2800 homens cada um; registre-se igualmente a presença de um corpo de alguns milhares de soldados da Arménia e, para finalizar, da poderosa Guarda Varangiana, que se apresentava com um corpo de, aproximadamente, 1200 efetivos: no total, as forças do *basileús* bizantino eram compostas por um número de soldados que rondaria os 18 000 a 20 000 homens.

Procurando auxílio estratégico, o imperador reúne e consulta o seu conselho de guerra sobre a viabilidade de uma possível ofensiva bizantina. Enquanto isso, a guarnição de Dirráquio consegue destruir um dos engenhos de cerco construídos pelos Normandos. Argumentando que o tempo corria a favor dos Bizantinos, alguns dos oficiais mais experientes aconselharam precaução a Aleixo I, enquanto outros insistiam na ideia de um ataque imediato, ao que o *basileús* anuiu.

Contudo, a possibilidade de apanhar os Normandos de surpresa veio a ser frustrada, pois Roberto Guiscard, sendo um grande tático, posicionara batedores nas imediações, que prontamente o informaram do avanço da coluna de marcha bizantina. Assim, tendo perdido o efeito surpresa, Aleixo I estaciona as suas tropas em colinas situadas frente a frente com o acampamento normando e inicia os preparativos para um ataque no dia seguinte.

O acampamento imperial havia sido entrincheirado ao longo das posições mais elevadas, tendo o mar e uma lagoa a proteger o seu flanco esquerdo e uma zona de escarpas montanhosas do

seu lado direito (Haldon 2001 134). O plano de Aleixo seria atacar os Normandos em duas frentes, utilizando simultaneamente forças da cidade e um contingente armado (que avançariam pelas zonas mais pantanosas), enquanto o corpo principal do exército bizantino contornaria a península e acometeria os Normandos pela retaguarda. Mas Guiscard (que significa “astuto”) nunca se deixaria apanhar em tal armadilha e, antecipando os movimentos bizantinos, durante a noite de 17 para 18 de outubro reposiciona as suas tropas, de forma a enfrentar Aleixo fora da península.

Apesar de já ter enviado um contingente pelas zonas pantanosas, Aleixo I reformula a sua estratégia e dispõe as suas forças em três corpos, opostos às forças normandas, encabeçando ele próprio o corpo central (no qual se encontrava incluída a Guarda Varangiana) e dando o comando das alas esquerda e direita a Gregório Pacuriano e a Nicéforo Melisseno, respetivamente. Do outro lado, Guiscard comandava o corpo central do seu exército, dando o comando da ala esquerda ao seu filho, Boemundo; por sua vez, o conde de Giovinazzo ficava a liderar a ala direita.

Aquando das manobras para pôr em prática a nova estratégia de Aleixo I, os contingentes de Dirráquio e uma força de infantaria ligeira que haviam sido enviados para atacar o acampamento normando alcançam-no e encontram-no abandonado, ao mesmo tempo que o imperador dá a ordem para o avanço geral do seu exército.

À Guarda Varangiana tinha sido ordenado que avançasse uns metros, enquanto grupos de arqueiros ultrapassavam a sua linha, de forma coordenada e organizada, e disparavam *volleys* sobre os corpos do exército normando, recuando em seguida para se prepararem os disparos seguintes. Esta foi a estratégia adotada por Aleixo I, e foi usada enquanto a batalha o permitiu, até ao momento do choque direto entre os dois exércitos; servia também como um meio para neutralizar (ou, pelo menos, debilitar)

a poderosa cavalaria pesada normanda, que constituía uma séria ameaça à infantaria bizantina.

De facto, assim que os exércitos estavam prestes a enfrentar-se, Guiscard ordena uma carga de cavalaria sobre as tropas varangianas. Contudo, não foi obtido o efeito pretendido, na medida em que os *volleys* continuamente disparados pelos arqueiros de Aleixo I provocaram perdas significativas na formação dos cavaleiros normandos. Quase de seguida, as unidades da ala direita normanda efetuaram uma carga sobre o ponto onde os corpos esquerdo e central bizantinos se iriam unir: este movimento tinha o intuito de devastar o flanco esquerdo da Guarda Varangiana; porém, uma vez mais, as expectativas normandas foram goradas, pois aquele corpo de elite bizantino conseguira aguentar a sua posição, enquanto a ala direita carregava, desintegrando as forças normandas, que acabam por se pôr em fuga e por abandonar o campo de batalha.

Foi neste momento que a vitória pareceu certa aos Bizantinos. A força inimiga batera em retirada e a elite do exército de Aleixo I mostrara-se à altura das cargas normandas... Contudo, às tropas varangianas pareceu impossível resistir à perseguição das forças inimigas em debandada e, no seu ímpeto, separaram-se do corpo principal do exército. Cansada pela perseguição e pelo esforço físico a que a batalha (e o peso das armaduras) obrigara, esta força de elite não se mostrou capaz de repelir um ataque de piqueiros normandos enviados por Roberto Guiscard, que os apanha pelo flanco e que, em pouco tempo, os põe em fuga. Alguns refugiaram-se numa capela que se encontrava nas imediações, mas viram-se aí encurralados e encerrados pelos Normandos, que não perderam tempo em incendiar o templo; todo o destacamento bizantino pereceu devido ao fogo que então grassou.

Privado da sua ala direita (que ainda perseguia os normandos fugitivos) e com o seu centro exposto, Aleixo encontrava-se agora vulnerável às cargas da cavalaria pesada normanda, protagonizadas

por um contingente que havia sido mantido em reserva e que, dividido em pequenos grupos, embate com violência contra as linhas mais avançadas da infantaria imperial. É de mencionar que as forças normandas já não se encontravam sob a ameaça dos *volleys* de arqueiros bizantinos (nem na *Alexíada* volta a haver qualquer menção a esta componente do exército). O *basileús* e a sua guarda aguentaram as sucessivas cargas, mas acabaram por ser obrigados a recuar e a fugir do campo de batalha, enquanto os Normandos massacravam as restantes forças e pilhavam o seu acampamento, rico em despojos.

Não se pode atribuir, na sua totalidade, a derrota em Dirráquio a Aleixo I Comneno. Tratava-se de um excelente estrategista, mas não conseguira contrariar a tentação que assolou os seus soldados: perseguir os normandos em fuga, o que resultou no aniquilamento de um dos principais trunfos bizantinos. Esta derrota tornou-se especialmente pesada para Bizâncio, numa altura em que o poder imperial se encontrava despojado de recursos económicos e humanos. É, pois, de assinalar o seu mérito ao conseguir, nos anos que se seguiram, recuperar o poderio militar bizantino e ser capaz de enfrentar e derrotar as várias ameaças que se lhe apresentaram pela frente.

O confronto seguinte contra os Normandos ocorreu nas imediações do rio Vardar. Uma vez mais, Aleixo I optou por um estratagema semelhante ao utilizado em Dirráquio, mas os Normandos, repetindo a experiência, antecipam-se aos seus movimentos, e o resultado final é a derrota do imperador e, conseqüentemente, a sua fuga...

Em 1084, Roberto Guiscard inicia uma nova campanha, mas esta será de curta duração, na medida em que a morte do seu líder (acometido por uma febre violenta em Cefalónia, em 1085) conduziu ao seu fim prematuro, assumindo o comando das forças normandas Boemundo de Tarento, seu filho. Entretanto, aproveitando este período de relativa paz com os Normandos, Aleixo I entra em negociações com Suleiman, que irá garantir-lhe o apoio

de uns quantos milhares de soldados turcos e vai permitindo algumas pequenas vitórias aos Bizantinos.

Entre 1107-1108, dá-se início a uma campanha conduzida por Boemundo, que ilustra o lado mais brilhante de Aleixo I Comneno enquanto tático militar e cujo desenrolar chegou até nós, em grande parte, graças ao relato de Ana Comnena. Evitando sempre o confronto direto com as tropas normandas, o imperador manobra as suas forças de modo a que todos os combates ocorridos sejam a uma escala reduzida, envolvendo um número relativamente baixo de unidades. De resto, utilizando sempre uma tática de autêntica guerrilha, consegue, com grande sucesso, privar as forças normandas de receberem quaisquer apoios, impossibilitando ainda os adversários de adquirirem forragens para os seus exércitos; tal bloqueio aconteceu também por via marítima, com os Bizantinos a impedirem as embarcações normandas de receberem qualquer tipo de auxílio. Aleixo I aproveitou a oportunidade para lançar uma autêntica política de contrainformação e de burlas, ludibriando desta forma os planos de Boemundo de Tarento. Assim, foi possível semear a discórdia no seio do alto-comando inimigo...

Por fim, as doenças e a desmoralização das tropas obtiveram aquilo que três grandes confrontos (Dirráquio, rio Vardar, Ioannina) e cinco a seis anos de conflitos não tinham logrado produzir: Boemundo é forçado a assinar um tratado de paz, cujas cláusulas foram humilhantes, sendo obrigado a retirar-se dos Balcãs. Estava, finalmente, controlada a ameaça normanda em terras bizantinas.

### **3. Petchénègues, Cumani e Seljúcidas**

As campanhas de Aleixo I Comneno contra os Petchénègues, os Cumani e os Seljúcidas revestem-se de um aspeto bem diferente daquelas que se fizeram contra os Normandos. Ao contrário destes,

com os quais uma ou duas derrotas gravosas consecutivas poderiam significar o fim abrupto do Império Bizantino, diante das tribos dos Petchénègues (que, não poucas vezes, foram apoiadas por forças turcas) e dos Cumani a dificuldade residia em encontrar um meio de conseguir uma vitória decisiva, na medida em que os seus exércitos eram dotados de uma excelente mobilidade, o que lhes permitia ludibriar com sucesso os pesados contingentes do exército bizantino. Assim, Aleixo I Comneno compreende que a única estratégia viável perante tais adversários teria de ser idêntica, ou seja, seria forçado a contar com as suas companhias de escarmuceiros para destroçar o inimigo, numa espécie de “combater o fogo com fogo”...

Já nos territórios bizantinos situados na Europa esta estratégia encontrou um grande entrave: os exércitos de Petchénègues e de Cumani eram de tal forma vastos (e constituídos, na sua maioria, por forças ligeiras) que conseguiam ameaçar o controlo que Bizâncio detinha sobre a Trácia e a Bulgária.

No Livro II da *Alexíada*, temos a primeira menção a uma força oriunda da Cítia a executar raides nas imediações de Adrianopla, em 1080 (*Alexíada*, ii, 83), e foi Tatikios, um general bizantino a quem Aleixo I recorria frequentemente para lidar com missões de caráter mais delicado, que ficou encarregado de enfrentar tal ameaça (Birkenmeier 2002 71). Recrutando homens que encontrava no seu percurso, ele facilmente derrotou de forma decisiva os Citas, que estavam sobrecarregados com todo o saque acumulado. Note-se que, para tal, Tatikios contara também com o apoio de cerca de 200 soldados francos, sob o comando de Humbertopoulos.

Contudo, em 1087, um exército de Petchénègues consegue invadir, com relativo sucesso, pelo norte, o império, antes de sofrer a derrota às mãos dos Bizantinos. Com estas duas invasões, ficaram expostos dois problemas cruciais: por um lado, a fraqueza das regiões fronteiriças a norte, por outro a incapacidade de manter um exército que pudesse socorrer as regiões sob ameaça imediata. Embora o *basileús*

continuasse a contar com o apoio das tropas francas, optava, sempre que possível, por mobilizar os seus soldados nas terras campesinas: isto teve como pesadas consequências um certo despovoamento das regiões de recrutamento, bem como a continuação dos raides dos Petchénègues, pois, para reunir um exército capaz de fazer frente a esta ameaça, Aleixo I necessitava de mais tempo do que de facto dispunha para defender as regiões afetadas.

Segundo o relato de Ana Comnena, após a derrota da grande horda e a morte do seu líder, os Petchénègues ficaram a ser chefiados por Dácios (Húngaros) e por Sármatas (Cumani). Conseguiram, assim, assegurar o controlo das províncias situadas a norte do Danúbio, o que levou Aleixo I a organizar uma nova campanha com vista à vitória definitiva e, após uma tentativa falhada de conquistar Drista, volta-se para a grande Preslav, onde residia o grosso do exército inimigo; aqui, os Petchénègues haviam organizado o seu exército à volta de carroças. Valeu o papel desempenhado pela poderosíssima Guarda Varangiana, a qual foi capaz de penetrar no círculo de carroças e pôr o exército inimigo em fuga.

Taticamente, esta batalha foi, em grande parte, semelhante àquela que ocorreu em 1088, na medida em que Aleixo I utilizara os seus peltastas (infantaria ligeira) de forma a conseguir neutralizar a cavalaria inimiga, ao mesmo tempo que executava manobras coordenadas com a primeira linha de infantaria. Contudo, nada pôde impedir a derrota bizantina, aquando da chegada de um exército de cerca de 36 000 homens, das tribos Cumani que se tinham aliado às tropas petchénègues e que tinham vindo em seu socorro. Perante tal desequilíbrio de forças, o exército bizantino é posto em fuga e o imperador refugia-se em Verroia.

Tal como no passado, uma vez mais os Bizantinos beneficiaram da desunião que se instalou no seio dos inimigos: os Petchénègues recusaram a divisão dos despojos com os seus aliados, os Cumani, o que trouxe dissensões entre eles. Em resultado desta discórdia,

ocorreram confrontos entre as duas forças, o que acabou por debilitar ambos os exércitos. Exaustos da anterior batalha, os Petchénègues retiram-se, derrotados pelos seus aliados, o que permitiu a Aleixo I obter uma margem de manobra suficiente para poder reunir um segundo exército, que fará frente a esta ameaça. Contudo, enquanto tal exército não se formava, as tribos inimigas pilhavam e saqueavam as regiões a sul do Danúbio, chegando até às imediações da fronteira com a Trácia.

Finalmente, com a reorganização do seu exército (cerca de 7000 homens), o *basileús* considerou-se suficientemente bem preparado para enfrentar, de novo, os Petchénègues: foi em Rousion que ocorreu o combate, do qual os Bizantinos saíram vitoriosos; porém, não se tratava de uma vitória decisiva e Aleixo I recua para Tzouralos, que fortifica e defende. Uma vez mais, dá-se o confronto entre as duas forças e, de igual forma, a vitória sorri ao exército imperial, mas em nada decide o fim do conflito (Birkenmeier 2002 75).

Foi só em 1091 que se deu a vitória decisiva sobre os Petchénègues, cujo exército, nas imediações do monte Levunião, deparou com as forças de Aleixo I, que eram auxiliadas por cerca de 40 000 cumani; esta coligação excedia, em muito, o número de efetivos do exército adversário. Pela terceira vez, os Bizantinos alcançam a vitória, e os Petchénègues deixarão de constituir uma ameaça para o império, pelo menos até ao fim do reinado de Aleixo I.

A última campanha de Aleixo I Comneno contra as tribos do norte do Danúbio dar-se-ia contra os seus ex-aliados, os Cumani, que decidiram apoiar a causa de um impostor, que se dizia filho ilegítimo do falecido imperador Romano IV. A peleja aconteceu em Anchialos, onde, contando com as defesas naturais da cidade e com o auxílio da sua armada, o imperador consegue neutralizar o vasto número de invasores, impossibilitando as suas manobras de cavalaria; desta forma, os Cumani

foram obrigados a atacar diretamente as principais linhas de infantaria bizantinas (que, para além de serem constituídas pela Guarda Varangiana, contavam ainda com o reforço de mercenários francos). O resultado, uma vez mais, mostrou-se favorável ao exército de Aleixo I.

Esta última campanha contra os Cumani demonstra a evolução da capacidade tática deste imperador, ao impedir os seus homens de se lançarem em perseguição dos inimigos em fuga (algo que se revelara desastroso em ocasiões anteriores) e fazendo um excelente uso dos seus arqueiros, que conseguiam fustigar e retardar o avanço das hostes contrárias; por fim, aplicava brilhantemente a força da sua cavalaria, a qual infligia grandes baixas ao exército adversário. Os Cumani seriam definitivamente derrotados a norte de Adrianopla, onde a cavalaria ligeira bizantina os perseguiu para lá das fronteiras do império.

Entretanto, Aleixo I preparava-se para fazer frente à ameaça turca que surgia na Ásia Menor, mas o seu plano vê-se gorado por um movimento que, em anos posteriores, decidiria os fados do império: as Cruzadas. Assim, só em 1117 é que Bizantinos e Turcos se irão defrontar diretamente, naquela que será a última campanha do *basileús*: foi em Nicomédia e, apesar das muitas críticas de que foi alvo por parte dos seus generais (organizar um poderoso exército mas, no decorrer da campanha, evitar o confronto com o sultão Malik Shah), os Bizantinos alcançaram, uma vez mais, uma importante vitória, na medida em que o sultão se viu obrigado a assinar um tratado de paz que acabou por causar a dissensão no seio do Império Turco. Esta campanha de Aleixo I, já no final da sua vida, foi brilhante, pois atesta a proficiência que a máquina militar bizantina do século XI alcançara; em especial, uma grande disciplina, que fora capaz de impedir os Turcos Seljúcidas de infligir danos sérios nos territórios imperiais.

#### 4. As Cruzadas

Foi em 1095, aquando do encerramento do Concílio de Clermont, que o papa Urbano II lançou o grande projeto das Cruzadas na Terra Santa. O seu propósito era canalizar para oriente o ímpeto destruidor da cavalaria feudal, concedendo-lhe um cariz mais nobre: libertar os Lugares Santos, associados à vida de Jesus Cristo (Monteiro 2006 167). Note-se que Bizâncio havia solicitado antes o auxílio de Roma, na sua luta contra os Turcos; no âmbito deste conflito, já uma grande parte dos territórios bizantinos havia caído nas mãos destes formidáveis inimigos, nomeadamente aqueles que se situavam na Ásia Menor.

Contudo, nada preparara o *basileús* para aquilo que surgiria às portas de Constantinopla na primavera de 1096: uma “Cruzada Popular”, encabeçada por Pedro “o Eremita” e Gualter “Sem Haver”. Tratava-se de uma massa enorme e mal preparada, constituída, na sua esmagadora maioria, por gente do campo, sem qualquer experiência militar, movida apenas pela sua crença e que, à sua passagem, cometia as maiores atrocidades, perseguindo os judeus e todos aqueles que eram considerados inimigos da fé. Perante um tal ‘exército’, Aleixo I providencia os meios para que ele atravesse o estreito do Bósforo o mais rapidamente possível; logo após a travessia, este imenso grupo seria chacinado por um exército turco, que já o esperava.

Pouco depois, foi a vez de chegar a Constantinopla um exército com cerca de 100 000 cavaleiros, encabeçado por Boemundo de Tarento (o descendente de Roberto Guiscard) e por um grupo de príncipes ocidentais. Nesta ocasião, Bizâncio reage com mil cautelas e faz um acordo com os cruzados: em troca do apoio militar e logístico bizantino, estes obrigam-se-iam a jurar fidelidade ao *basileús* e a entregar a Bizâncio as terras que reconquistassem aos Turcos. Uma vez acordadas as cláusulas, os cruzados avançam e,

até ao verão de 1099, alcançam um grande número de importantes vitórias, as quais lhes permitiram a fundação de três Estados latinos na Terra Santa: o condado de Edessa (março de 1098), o principado de Antioquia (junho de 1098) e o reino de Jerusalém (julho de 1099). Em 1102, seria ainda fundado o condado de Trípoli.

Contudo, quanto à acordada restituição dos territórios, nada, pois os ocidentais alegavam a falta do prometido apoio de Bizâncio, principalmente na ocasião em que os “Francos” (nome por que eram conhecidos os cruzados, oriundos, na sua maioria, da França) se viram cercados pelo emir de Mossul, Kerboga. Foi este desencontro que criou dissensões entre gregos e latinos e, em conformidade, Aleixo I inicia uma guerra sem quartel ao principado de Antioquia, obrigando no final Boemundo de Tarento a submeter-se e a declarar-se seu vassalo.

## **5. João II Comneno (1118-1143)**

Em 1118, João II Comneno assume o título de *basileús*, substituindo assim o seu pai, Aleixo I, e dando continuidade à sua obra. Para o reinado de João II, é necessário ter em atenção alguns aspetos que o tornam bastante característico (e original) em relação aos reinados quer do seu antecessor, quer dos seus sucessores. Em primeiro lugar, tal como Aleixo I, enfrentou os Seljúcidas (1119) e os Petchénègues (1122); em segundo, e nesta faceta se demarca em muito do que acontecera até ali, as suas campanhas foram, na sua maioria, de carácter ofensivo, pois as condições económicas e militares que herdara do pai permitiam-lhe assumir uma tal postura; por fim, é importante mencionar que, no total das suas campanhas, o assédio de cidades mostrou ser uma componente relevante: ao todo, efetuou cerca de 25 cercos durante o seu reinado de 25 anos!

No plano da geoestratégia, os desígnios do *basileús* resumiam-se a três pontos-chave: a segurança nas fronteiras orientais, o controlo sobre Antioquia e a contenção dos Danismêndidas (Birkenmeier 2002 86).

O primeiro exemplo do génio tático de João II ocorre aquando da sua primeira campanha, enquanto *basileús*, contra os Turcos, em 1119. O seu propósito era conquistar a cidade de Sozópolis, em Panfília (uma região situada entre a Lícia e a Cilícia), na Ásia Menor, e foi a primeira tentativa para o estabelecimento de uma linha de abastecimento para oriente. Em 1120, dá-se o cerco da cidade, de curta duração, mas que constituiu um grande sucesso: João II ordenara aos seus cavaleiros (munidos de arco e de flecha) que disparassem contra os guardas dos portões; estes, cegos pela sua frustração, optam por tentar romper o cerco e perseguir os seus atacantes. Tratou-se de uma manobra que se revelou fatal pois, no seu ímpeto descuidado, não se aperceberam de que se tratava de uma fuga simulada e acabaram por ser emboscados pelo grosso do exército inimigo, que os cercou e chacinou. Posteriormente, as tropas bizantinas alcançam as portas principais da cidade (agora com uma guarda muito reduzida) e conseguem tomá-la sem grande dificuldade.

Aqui, inferem-se três aspetos que devem ser salientados: em primeiro lugar, o elevado grau de disciplina do exército bizantino, o que permitiu a realização de complexas manobras táticas no campo de batalha; em segundo lugar, a versatilidade das tropas montadas de João II, proficientes tanto no uso do arco e da flecha como na *mêlée*; por fim, a capacidade de aplicar aos Turcos as táticas nas quais eles próprios eram mestres: execução de uma fuga simulada e posterior emboscada.

João II Comneno dá mostras, desde o início do seu reinado, de uma brilhante capacidade tática de coordenar manobras próprias de um general experiente (Birkenmeier 2002 90). Em 1122,

os Petchénègues voltam a assombrar o Império Bizantino, cruzando uma vez mais as margens do Danúbio, depois de se mostrarem inativos desde 1091, com a derrota sofrida às mãos de Aleixo I, na batalha do monte Levunião. Fazendo frente a esta nova ameaça, o imperador consegue forçar os invasores ao combate em campo aberto, nas imediações de Verroia (na atual Bulgária): tal como o seu pai fizera no seu tempo, agora também ele pretendia impedir estas tribos de saquearem as ricas regiões da Trácia e da Macedónia. Travou-se o combate e, assim como décadas antes, a vitória sorriu aos Bizantinos.

Este incidente mostra-se interessante de analisar por duas razões. Em primeiro lugar, há muito que a Guarda Varangiana não intervinha nos campos de batalha, tendo nos últimos anos de vida de Aleixo I servido, meramente, como guarda palaciana; o facto de voltar a ser mobilizada para o combate é um indicador de que, novamente, se havia tornado um corpo de elite do exército imperial. Em segundo lugar, esta batalha atesta que as táticas empregadas pelos Petchénègues não sofreram alterações, na medida em que repetiram a concentração das suas forças num círculo de carroças, que de nada valeu, pois não conseguiram resistir ao feroz ataque protagonizado pela Guarda Varangiana, que uma vez mais rompeu as suas barreiras e pôs o inimigo em fuga.

Em 1127/1128, João II travou uma guerra contra os Húngaros, numa campanha que mostrou ser sobretudo defensiva. Tendo já saqueado Branicevo e Sárdica (na atual Sérvia), em 1128, o *basileús* enfrenta as hostes invasoras, numa operação que envolveu tanto as forças terrestres como a armada bizantina e que mostrou ser brilhante, do ponto de vista tático. Ancorando a frota no Danúbio, efetua a travessia do rio com o seu exército imperial – é importante reter que a travessia dos rios pelos exércitos medievos era uma das mais complexas (e perigosas) manobras da arte militar. Estando protegidas pelos arqueiros e pelos engenhos de tiro das

embarcações, as tropas imperiais efetuam a travessia e conseguem infligir uma pesada derrota aos seus inimigos; após esta vitória, ficam estacionadas a norte de Zeugminão, até 1129, quando se obtém um acordo de paz. Não mais os Húngaros voltarão a perturbar os territórios imperiais durante o reinado de João II, e o *basileús* pôde concentrar os seus esforços, nos anos que se seguiram (desde os finais de 1128 até à sua morte, em 1143), nos territórios orientais da Cilícia e da Paflagónia (Birkenmeier 2002 91).

## 6. As campanhas na Cilícia

Na década que se seguiu à batalha de Manzikert (1071), os príncipes da Arménia, refugiados na Cilícia (entre as cordilheiras do Tauro e do Amanus), foram-se tornando progressivamente independentes do domínio bizantino: a comprovar isto, alguns oficiais das forças arménias virão a ser os governantes *de facto* de cidades como Antioquia e Trebizonda. Posteriormente, o advento da Primeira Cruzada veio complicar ainda mais uma situação que, já de si, era difícil para o poderio bizantino, embora tal conjuntura não constituísse um problema para o domínio imperial, até ao momento em que Leão Roubênida, o mais influente dos príncipes da impropriamente chamada “Pequena Arménia”, toma o poder e subjuga quase todo o território da Cilícia, chegando inclusive a ameaçar as cidades bizantinas das costas da Anatólia, pois o seu objetivo era o controlo de Selêucia (atual Silifke), o mais importante porto bizantino na Ásia Menor.

Perante tal ameaça, João II toma as devidas providências para recuperar o controlo, tanto da Cilícia como da Lícia: à testa de um imenso exército, o *basileús* facilmente conquista Adana e Tarso, mas as fortificações de Vahka e de Anarzarba resistem a um primeiro confronto. Uma vez mais, e repetindo a experiência de Sozópolis,

ataca os defensores dos portões e das muralhas e, com os seus engenhos de cerco (que entretanto tratara de proteger com muros de barro à sua volta), consegue infligir-lhes pesadas perdas, pelo que a cidade cai sem dificuldades de maior. Trata-se de dois exemplos pouco comuns, na história militar medieval, em que uma vitória decisiva é alcançada com bastante rapidez graças à utilização de engenhos de cerco (Birkenmeier 2002 92).

Após esta breve campanha na Cilícia, o *basileús* dirige-se à Síria e entra em Antioquia como aliado e suserano de Raimundo, o príncipe cruzado desta cidade. Mas qual o motivo de tal ação, tendo em conta que uma campanha na Síria teria como resultado o fortalecimento do poder dos cruzados naquela região? A resposta é muito simples: ao consolidar este poderio, João II beneficiaria, de forma indireta, o Império Bizantino, na medida em que os “Francos” serviriam como um escudo contra as investidas dos Turcos, afastando-os de Constantinopla; por esta razão, o sultão Mas’ud ataca as imediações da capital bizantina, numa vã tentativa de o distrair do seu objetivo. Porém, a ofensiva fracassa e o imperador, decidido na sua campanha, não se deixa intimidar; ele irá permanecer na Síria, numa operação que durou três longos anos (1137-1139).

Nos anos que se seguiram, o exército de João II Comneno não cessou de evoluir, no plano tático e estratégico, e continuou a dar mostras de um brilhantismo inigualável. Apresenta-se agora dividido em frações que atuam de forma semi-independente, constituídas por divisões de Macedónios e de Petchénègues (algumas forças que, desde o reinado de Aleixo I, haviam sido incorporadas no seio dos exércitos bizantinos); importa sublinhar que, apesar da sua denominação, estas divisões não eram baseadas em critérios de ordem regional. O medo que conseguiam instilar nos seus inimigos era tal que facilmente alcançavam a vitória, como sucedeu em 1139, em Shaizar. No topo de todos os regimentos, mostrava-se ainda de crucial importância a Guarda Varangiana,

que adquirira uma relevância extrema, quer no campo de batalha, quer no decorrer dos cercos.

No tocante a esta organização do exército, um ponto que deve ser realçado é o facto de tanto a retaguarda como a vanguarda atuarem a ritmos diferentes: ou seja, quando a vanguarda se aproximava das forças inimigas, a sua missão era aguentar as linhas (e, entretanto, desgastar as forças opositoras) até ao momento em que o grosso do exército chegasse e infligisse a derrota aos inimigos. Daí que as ordens de marcha fossem diferentes para cada secção do exército de João II.

Um aspeto importante que ainda se deve reter deste reinado é o facto de ter sido por esta altura que as relações com Veneza se degradaram. O *basileús* recusa-se a cumprir o leonino acordo assinado pelo seu pai e, como consequência, Bizâncio sofre pesadas represálias navais, impostas pela poderosa cidade mercantil italiana. Isto vai obrigar o imperador a recuar e, em 1126, a renovar o acordo original...

Em 1143, no decorrer de uma caçada, João II é acidentalmente ferido de morte; curiosamente, escolhera, para lhe suceder, não o seu primogénito, mas um filho mais novo, que julgou ser mais capaz de continuar a sua obra: Manuel I ascende, assim, ao trono de Bizâncio.

## **7. Manuel I Comneno (1143-1180) – Entre Turcos, Cruzados e Normandos; a degradação das relações com Veneza**

O primeiro exemplo de que dispomos para o modelo tático adotado por Manuel I ocorre em 1146, durante a retirada do cerco a Icónio. O propósito desta primeira campanha do novo *basileús* seria, aparentemente, punir o sultão dos Seljúcidas, Mas'ud, cujas forças haviam pilhado as possessões bizantinas na Ásia Menor;

contudo, como nos narra Niceta Coniate, na sua *História*, o seu verdadeiro objetivo seria cercar e tomar a cidade de Icônio, a capital do poder seljúcida. Apesar de toda uma excelente organização, esta campanha revelou-se um fracasso.

O exército turco, recorrendo a táticas de emboscada, conseguiu frustrar os esforços bizantinos, na medida em que, recorrendo a diversas armadilhas, foi capaz de retardar o avanço da coluna imperial, não sem sofrer alguns reveses, como sucedeu em Filomélion (apesar de derrotados, os Turcos conseguiram infligir ao exército de Manuel I significativas perdas, bem como afetar o moral dos soldados). Depois de, finalmente, alcançar a capital onde se encontrava Mas'ud, Manuel I vê-se incapaz de ultrapassar as defesas da muralha, e a retirada apresenta-se como a única solução plausível. Foi nestas circunstâncias que, uma vez mais, os Turcos iniciaram uma série de ataques, cujo objetivo era debilitar ainda mais as forças bizantinas.

Porém, nem assim foi possível derrotar o exército imperial, pois, apesar de em retirada e desmoralizadas, as tropas do *basi-leús* apresentavam-se como um corpo muito mais bem equipado e organizado, capaz de manter a coesão, mesmo na fuga. Após esta campanha frustrada, o imperador retira-se para Constantinopla, aonde, no âmbito da Segunda Cruzada, estavam a chegar os cavaleiros do Ocidente.

A chegada da Segunda Cruzada a Constantinopla oferece uma excelente oportunidade para comparar o exército de Manuel I a um exército europeu ocidental. O primeiro contingente a apresentar-se foi o liderado por Conrado Hohenstaufen, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, que, de imediato, entra em colisão com as forças bizantinas (Birkenmeier 2002 108).

Estes choques não são de admirar, dada a desconfiança que os Bizantinos nutriam pelas restantes potências ocidentais. Para além de certas tentativas, indiretas, de enfraquecer o poder de Bizâncio,

os imperadores eram obrigados a facultar aos cruzados a travessia para a Ásia Menor, o que tinha duas importantes consequências: permitir a passagem destes exércitos que se dirigiam à Terra Santa implicava uma travessia pelas ricas terras da Macedónia e da Trácia; em segundo lugar, se o *basileús* adotasse uma postura hostil, isso significaria a permanência de um vasto exército nas imediações da capital, perigo que os Bizantinos queriam evitar a todo o custo. Todavia, em setembro de 1147, sobrevém uma situação particularmente grave, decorrente de desentendimentos entre Germanos e Gregos e que irá culminar num conflito mesmo defronte das muralhas de Constantinopla, da qual os Bizantinos saíram vitoriosos.

No rescaldo deste episódio, o exército de Conrado Hohenstaufen é transferido para a outra margem do Bósforo onde, posteriormente, sofrerá uma derrota às mãos dos Turcos. No ano seguinte, o mesmo irá suceder com as forças de Luís VII, rei de França.

Acalmadas as animosidades suscitadas pela Segunda Cruzada (cujo único resultado positivo foi, num cenário periférico, a conquista de Lisboa aos Mouros, em 1147), as atenções de Manuel I viraram-se para ocidente. Aproveitando as dissensões que surgiram (uma vez mais...) entre Bizantinos e cruzados, Rogério II, rei da Sicília e dos Normandos, tomou Corfu e efetuou uma autêntica devastação na Grécia. Perante tal ameaça, o imperador vê-se obrigado a renovar a aliança com Veneza, agraciando a cidade mercantil com sumptuosas oferendas.

Contudo, aos Venezianos não convinha verem o poder bizantino instalado nas duas margens do Adriático e, por isso, negaram todo e qualquer apoio a uma ofensiva contra os Normandos. Assim sendo, e uma vez que se encontrava sozinho, Manuel I recorre à contratação de mercenários e entrega a campanha em Itália a dois dos seus mais brilhantes generais: Miguel Paleólogo e João Ducas. Numa primeira fase, foi conseguida uma importante vitória na Apúlia, mas, após a ascensão ao trono siciliano de Guilherme I,

em 1156, dá-se um revés na campanha; na sequência de uma série de derrotas, os Bizantinos são obrigados a recuar e, em 1158, é assinado um tratado entre as duas potências, que tem como consequência funesta a expulsão de Bizâncio da Península Itálica.

Já em outras paragens, o *basileús* foi mais feliz. A oriente, com grande sucesso submete Antioquia ao domínio de Bizâncio, algo que se afigurava crucial em 1159. Na década que se seguiu, obteve importantes vitórias nos Balcãs, contra os Húngaros, alcançando um importante triunfo na batalha de Sirmio (1167); em 1172, consegue esmagar uma rebelião sérvia, protagonizada pelo príncipe Estêvão Nemanja – a pacificação dos Balcãs estava, assim, assegurada. Isto era de importância vital pois, perante as perdas territoriais sofridas, era necessário obter rendimentos para a sobrevivência do império.

## **8. A batalha de Miriocéfalo (1176)**

No decurso da década de 1170, Manuel I conseguira estabelecer, na Ásia Menor, um verdadeiro equilíbrio com o sultanato de Icónio e tentava, aos poucos, avançar territorialmente, tendo como objetivo a recuperação de uma grande fatia da parte central do planalto da Anatólia. Contudo, o entrave que se punha a tão ambicioso projeto encontrava-se a ocidente, onde os imperadores do Sacro Império Romano-Germânico faziam de tudo para gorar os esforços bizantinos. Bizâncio era vista como a maior ameaça ao domínio germânico na região central do Mediterrâneo; no seu extremo, chegaram mesmo a apoiar o sultão seljúcida, Kilidj Arslan, contra os esforços do *basileús*. Toda aquela região se encontrava fora da esfera da política bizantina.

Um importante aspeto a considerar prende-se com o facto de uma das principais características da política de Manuel I ter sido a de manter, por vezes com grande custo para os cofres do império,

boas relações, quer com os cruzados e os príncipes ocidentais, quer com os emires de Alepo, os quais serviam como uma espécie de proteção contra o poderio dos Seljúcidas. Ora, em 1174, Saladino, cujo domínio tinha nesta altura o seu centro de gravidade mais a sul (no Egito), assume o poder em Alepo; como tal, a sua atenção vê-se desviada dos Turcos, o que fez o equilíbrio geoestratégico tremer, não facilitando a situação ao imperador.

Em virtude disto, Manuel I decide que uma ofensiva com o intuito de erradicar a ameaça protagonizada pelos Seljúcidas poderia trazer grandes proveitos para o império, a longo prazo; assim, os preparativos para uma colossal campanha são então encetados. O objetivo: uma vez mais, tentar tomar Icónio, a capital seljúcida. Em 1176, eclode a guerra e, no verão desse mesmo ano, o *basileús* inicia a sua campanha, tendo o cuidado de fortificar todas as guarnições no seu percurso; fazia-se acompanhar, para além dos seus soldados, de um imponente trem de apoio e dos mais variados engenhos de cerco (Haldon 2001 140).

Estes acontecimentos preocupavam também, do outro lado, o sultão Kilidj Arslan, o qual viu estas movimentações bizantinas como uma séria ameaça, que não poderia ser subestimada. Tentando evitar os confrontos, é enviada ao imperador uma embaixada com o intuito de o dissuadir de uma tal campanha, mas, resoluto na sua decisão, Manuel I recusa receber a comitiva e prossegue a sua marcha. Posto isto, o sultão vê-se sem outra opção a não ser defender o seu território da melhor maneira possível.

Conseguindo antecipar o percurso que a imensa hoste bizantina escolheria, os Turcos facilmente dispuseram diversas armadilhas que, na ótica do sultão, configuravam a melhor forma de retardar e de ganhar vantagem sobre a coluna de marcha adversária, e a localização óbvia para assumir uma derradeira posição defensiva era numa antiga passagem, através das montanhas do planalto da Anatólia: o terreno era acidentado e os seus penhascos ofereciam

a oportunidade perfeita para se realizar uma emboscada, sem risco de grandes perdas. E, com efeito, o exército bizantino viu-se forçado a tomar este caminho, pois, devido à política turca de terra queimada, as suas reservas já escasseavam e não havia depósitos de água potável por perto (ao envenenarem rios e fontes, os Turcos tinham garantido que os seus opositores não teriam forma de se reabastecer). O desvio que esta passagem proporcionava era, assim, a única solução que o *basileús* podia considerar, pois a fome e a sede, aliadas à disenteria, começavam já a ceifar a vida dos soldados bizantinos.

Sabendo que as tropas inimigas haviam ocupado o desfiladeiro e confrontado com a indecisão de atacar ou não, Manuel I (ignorando as vozes que o aconselhavam a fazer o contrário), opta por um ataque direto. Não se sabem as razões que o levaram a uma escolha tão precipitada, mas é possível que a falta de recursos e a crescente desmoralização das tropas tenham tido aí grande influência nesta escolha.

O exército bizantino é, assim, organizado em várias divisões, cada uma delas apresentando-se como um corpo homogêneo, com um número equilibrado de cavaleiros, de infantaria e de arqueiros. Apenas a carriagem era constituída, maioritariamente, por tropas apeadas.

Segundo os relatos, Manuel I terá ignorado as características do terreno que o seu exército teria de percorrer: as bestas de carga não tiveram o peso dos seus fardos distribuído equitativamente, e nada fora feito para proteger os engenhos de cerco ou para facilitar a sua movimentação; assim, este importante núcleo do exército viu-se impossibilitado de efetuar a travessia com uma maior celeridade; finalmente, nenhuma ação fora encetada para averiguar a localização das forças turcas, nem houve qualquer tentativa para as desalojar dos seus abrigos. Posto isto, a vanguarda de Manuel I inicia a travessia do desfiladeiro, encontrando a primeira linha de combate turca. Inesperadamente, os Turcos são apanhados

de surpresa e facilmente rechaçados – o exército bizantino prossegue, portanto, a travessia sem encontrar grande oposição.

Tratou-se de uma travessia que se prolongou por seis longas horas, atendendo ao tamanho da hoste, da carga que transportava e das características do terreno. Foi assim que, neste momento, a situação se deteriorou: a principal divisão da carriagem acelera a sua marcha, afastando-se do corpo central, e vê-se emboscada; a ala direita do exército bizantino sofre pesadas perdas e, não conseguindo impor a ordem, quase todos os soldados são chacinados ou postos em fuga. De facto, era impossível executar as manobras necessárias, uma vez que se encontravam debaixo do tiro das flechas turcas, bem como embaraçados pela configuração do terreno. Adivinha-se, também aqui, o efeito das eficazes armadilhas que os Turcos tinham previamente montado (Haldon 2001 143).

A carriagem só a muito esforço conseguiu escapar, transpondo o cimo de uma colina. É erigido e fortificado o acampamento imperial e, pouco depois, este era alcançado pela principal divisão do exército de Manuel I. Contudo, a retaguarda via a sua marcha retardada (ainda mais!) pelos corpos dos soldados que tinham tombado e pelas flechas dos Turcos, que não cessavam de infligir baixas nas fileiras gregas.

Não ajudando à situação, levanta-se uma tempestade de areia, que torna praticamente impossível a um exército avistar o outro. Foi neste momento que, galvanizado pelos seus soldados e oficiais, Manuel I (que, segundo as crónicas, já se havia resignado perante a derrota), conseguiu restabelecer a ordem e a disciplina entre as tropas, fazendo com que o exército adotasse uma postura defensiva e podendo, assim, efetuar o resto da travessia do desfiladeiro. Aproveitando o caos que se havia instalado pelo advento da tempestade de areia, o que restava da retaguarda bizantina alcança também o grosso do exército, escapando às flechas dos Turcos.

Embora esta derrota (comparada com Manzikert) não tenha sido tão pesada em termos de vidas humanas, ela teve como consequência a perda de oportunidades, devido a táticas incorretas que foram aplicadas. O imperador ignorara certos procedimentos a ter em conta, no tocante à marcha dos exércitos, e falhara ao não ter enviado batedores para se prevenir dos perigos que corria. A juntar a isto, a perda dos engenhos de guerra (que os Turcos conseguiram destruir) impossibilitou a concretização daquele que era o objetivo de uma tal campanha: a tomada de Icónio, a capital seljúcida.

Nunca mais o *basileús* voltou a poder reunir tamanha hoste, mas, por outro lado, os Turcos também não chegaram a rentabilizar esta vitória. Ao contrário do que muitos historiadores defendem, não foi com a derrota de Miriocéfalo (em 1176), mas sim após a morte de Manuel I Comneno (em 1180) que o poder imperial começou, de facto, a apresentar sinais de deterioração...

Neste reinado, é importante realçar ainda um aspeto da mais alta importância: em 1171, deu-se o corte diplomático entre Veneza e Bizâncio. Esta situação foi deveras perigosa para os Bizantinos, na medida em que a importante cidade mercantil italiana encetou uma política com vista a fazer ela própria guerra a Constantinopla. No meio de uma série de reveses, em 1179, Manuel I foi obrigado a assinar um acordo de paz, ainda que limitado, contudo a morte do imperador, no ano seguinte, não permitiu mais evoluções neste cenário diplomático.

## **9. O canto do cisne dos Comnenos**

Quanto aos dois últimos imperadores dos Comnenos, Aleixo II (1180-1183) e Andrónico I (1183-1185), protagonizaram reinados muito curtos e malsucedidos. O primeiro foi vítima de uma gestão descuidada no tocante às relações com os cruzados,

aos nacionalismos bizantinos e a um ambiente que se apresentava cada vez mais hostil aos Latinos; já Andrónico I tentou impor-se pela força, usurpando o trono a Aleixo II. Em 1182, dá-se o massacre de latinos em Constantinopla, por uma população enfurecida. Apesar de encetar uma política de isolacionismo e antiocidentalismo, o *basileús* não se dispensou de reatar as negociações com Veneza, restituindo-lhe todos os privilégios e aceitando pagar indenizações pesadas pelas ocorrências de 1171; tratava-se, no fundo, do canto do cisne da autoridade imperial. Contudo, toda esta tentativa de restabelecer o poder do imperador viu-se questionada por uma série de derrotas (diante dos Húngaros, dos Sérvios e dos Normandos, que em 1185 tomaram Tessalónica e marcharam em direção a Constantinopla), as quais tiveram como consequência a desgraça do *basileús*, que acabaria por ser vítima da multidão, nas próprias ruas da capital do império...

Terminava, assim, uma das mais brilhantes dinastias de que Bizâncio dispusera. Assistimos ao rejuvenescimento do exército com Aleixo I, que, gradualmente, conseguiu transformar uma máquina que se apresentava deficitária num aparelho militar verdadeiramente eficiente, capaz de fazer frente às maiores ameaças. Com João II Comneno, verificámos o renascimento da arte de cerco, ao longo dos vinte e cinco anos do seu principado. Com Manuel I, descortinámos os primeiros sinais de abatimento e a falta de apoios de que o Império Bizantino começava a sofrer. Finalmente, com os últimos dois imperadores (Aleixo II e Andrónico I), assistimos claramente à degradação da autoridade imperial e ao enfraquecimento do poder em Bizâncio.

**(Página deixada propositadamente em branco).**

## VIII

### OS ANJOS: DA TENTATIVA DE SALVAR UM IMPÉRIO AO SAQUE ‘SAGRADO’

#### 1. Isaac II: o último suspiro

Com o fim do reinado de Andrónico II tem início a dinastia dos Anjos (ou Ângelos). Tratou-se de uma breve dinastia – cerca de dezanove anos –, que foi marcada pela deterioração do aparelho militar bizantino, pela degradação das relações com Veneza e por toda uma conjuntura hostil, propiciada pelo advento da Terceira e da Quarta Cruzadas.

Assim que sobe ao trono, em 1185, por meio de uma revolução que culminou na morte do seu primo (Andrónico II), Isaac II Anjo tem de enfrentar uma situação desesperada: uma poderosa força normanda encontrava-se a cerca de 300 quilómetros de Constantinopla e as suas intenções não eram desconhecidas do novo *basileús*... Perante esta ameaça, Aleixo Branas, um dos generais mais competentes de Bizâncio, é enviado para o *tema* de Tessalónica, levando consigo uma poderosa força de apoio, que se apresentava como o expoente militar máximo que o império podia reunir em tão pouco tempo: graças a estes meios, consegue expulsar os Normandos do seu território; em Mosinópolis é alcançada uma grande vitória, que constituiu um rude golpe

no moral normando e, meses depois, em novembro, são novamente derrotados.

Contudo, Isaac II é obrigado a cegar ambos os filhos do seu predecessor; uma ação cruel, mas vista como necessária, na medida em que legitimava a posição do recém-instalado *basileús* e porque, para os seus súbditos, ele se apresentava como a “primavera que vem depois de um rigoroso inverno, ou a bonança que precede sempre uma tempestade” (Norwich 1997 295).

Mas toda esta nova esperança era na verdade uma ilusão, dado que toda a governação bizantina assentava agora em moldes corrompidos: ao contrário de Andrónico, que conseguira erradicar quase toda a corrupção do governo do império, Isaac II ignorara tudo e todos na atribuição dos novos postos oficiais. Para além deste problema de ordem interna, outros surgiam no horizonte: o antigo modelo dos *témata* estava completamente desarticulado e notava-se o constante crescimento de uma aristocracia feudal, que minava a autoridade imperial.

Apesar de todas as fragilidades que Bizâncio apresentava, o novo *basileús* não baixou os braços. Foram empreendidas diversas ações para subjugar todas as rebeliões que alastravam pelo império, e uma especial atenção foi dada à proteção das fronteiras territoriais, constantemente ameaçadas. Mas nem com toda a energia despendida foi Isaac II capaz de impedir a formação de um Segundo Império Búlgaro e, em 1190, uma campanha realizada nos Balcãs mostrou-se verdadeiramente desastrosa: o exército imperial foi completamente arrasado e só a grande custo o imperador conseguiu escapar com vida. Foi este o marco decisivo para o fim da supremacia bizantina na Europa oriental.

Entretanto, em 1187, Jerusalém, a Cidade Santa, é tomada pelos Árabes; tal acontecimento esteve na génese do apelo, feito pelo papa Gregório VIII, a uma Terceira Cruzada na Terra Santa. Constantinopla temeu o pior, pois, encabeçando esta nova cruzada,

estava Frederico I “Barba Ruiva”, um seu antigo inimigo, que liderava o maior exército cruzado alguma vez reunido... Quanto aos restantes “grandes” da Europa que integravam este movimento – Ricardo “Coração de Leão”, rei de Inglaterra, e Filipe II “Augusto”, soberano da França –, têm pouco relevo para o desenrolar dos acontecimentos posteriores em Bizâncio (a exceção é a tomada, em maio de 1191, da ilha de Chipre pelas forças inglesas, que a tornaram uma excelente base de operações). Não são desconhecidas as alianças de Isaac II com Saladino e toda uma política de entendimentos com Veneza, que também se encontrava receosa da ameaça protagonizada pelo poder germânico. Contudo, em 1195, Isaac II acaba por ser deposto pelo próprio irmão, Aleixo III, que o cega e encerra na prisão.

## **2. Aleixo III: de usurpador a usurpado**

Assim que é proclamado imperador, Aleixo tem de se confrontar com as exigências feitas por Henrique VI (o filho de Frederico “Barba Ruiva”), monarca siciliano e cunhado de Isaac II, ao trono de Constantinopla. Aterrorizado (mostrava-se muito mais facilmente manipulável do que o seu predecessor), e percebendo que não se encontra em posição de enfrentar o poderio germano-siciliano, acede às condições impostas. O tributo que era exigido a Bizâncio estava destinado ao pagamento das tropas mercenárias que Henrique VI contratara para uma campanha a ser realizada em terras sob o domínio muçulmano; para conseguir reunir a avultada verba exigida, o *basileús* instituiu uma pesada taxa incidindo sobre todo o território imperial, a qual ficou conhecida como a “taxa alemã”. O objetivo de pagar tal tributo era impedir a guerra (a única saída para Bizâncio, tendo em conta a situação degradante em que se encontrava o seu exército) e, para a sua

execução, o líder bizantino viu-se obrigado a lançar mão de todos os recursos disponíveis, incluindo a remoção dos ornamentos de maior valor do interior dos túmulos bizantinos. Eis um sinal claro da situação de empobrecimento a que o tesouro imperial havia chegado (Ravegnani 2006 151).

Noutros campos, Aleixo III esforçou-se por impor uma verdadeira política de alianças com as cidades de Génova, Pisa e Ragusa – importantes jovens potências marítimas –, favorecendo-as sistematicamente e paralelamente, de forma a poupar o erário público, cortando todos os pagamentos a Veneza bem como toda a ajuda acordada. Porém, tal como sucedera anteriormente com João II Comneno, em 1198 é obrigado a recuar, e um novo tratado é assinado entre Veneza e Bizâncio, o qual repôs a velha aliança e compensou generosamente os italianos.

No entanto, o pior de tudo ainda estava guardado para o fim. Em 1198, pela mão do papa Inocêncio III, é lançada a Quarta Cruzada. Aqui, importa referir a figura de Henrique Dandolo, o nonagenário *doge* de Veneza, que soube tirar partido dos seus negócios com os promotores franceses da expedição, em relação ao preço do transporte... em navios venezianos! Assim que o exército cruzado se reúne, depara-se com dois graves problemas: em primeiro lugar, regista-se uma grande falta de homens e, em segundo lugar, não há dinheiro suficiente para pagar o transporte para a Terra Santa. Apesar de todos os esforços encetados com vista à angariação do pagamento devido, as forças cruzadas necessitavam ainda da avultada quantia de 34 000 marcos (Norwich 1997 300); a situação torna-se complicadíssima, tanto mais que o velho *doge* não permite a saída de um único barco que seja, em direção à Terra Santa, enquanto a totalidade da dívida não for paga.

É então proposto, pelos Venezianos, um ataque a Zara, uma cidade da outra margem do Adriático e importante adversária comercial dos seus interesses. Perante tal situação, os cruzados

não tinham escolha e decidem aceitar; contudo, nem com o saque obtido conseguem saldar a sua dívida para com os aliados. Foi aí que surgiu uma nova possibilidade: um filho do deposto e cego Isaac II, de seu nome Aleixo, propõe que, caso os cruzados e os Venezianos reponham o seu pai no trono de Constantinopla, toda a dívida será paga pelo erário bizantino e ainda será facultada alguma ajuda militar e financeira para a reconquista de Jerusalém (Monteiro 2006 177-179). Perante tão irrecusável proposta, o projeto avançou.

Assim, em 24 de junho de 1203, uma força conjunta de Venezianos e cruzados parte do porto de Veneza, em direção a Constantinopla. Aleixo III, que não havia feito qualquer tipo de preparativos para a defesa da cidade, assiste, incrédulo, ao desembarque de um grande exército, a 5 de julho, a norte do Corno de Ouro. A frota bizantina tenta opor-se à frota adversária, mas em vão, pois encontra-se em inferioridade numérica e é aniquilada.

O derradeiro ataque é, assim, dirigido ao ponto mais fraco de todo o dispositivo defensivo da cidade: a zona marítima, defronte do Palácio de Blachernes. Tratou-se de uma operação tanto marítima como terrestre e, em poucas horas, apesar de uma forte resistência protagonizada pela Guarda Varangiana, a cidade cai... e o imperador foge.

### **3. De Aleixo IV a Aleixo V: a hora mais negra do Império Bizantino**

A 1 de agosto de 1204, Aleixo IV é associado ao trono imperial (o seu pai, além de ter ficado cego, já apresentava uma idade avançada para exercer o cargo de *basileús*). De imediato, o novo imperador arrepende-se das promessas feitas aos cruzados e a Veneza: era impossível conseguir pagar tão tremenda dívida... O erário público encontrava-se praticamente esgotado e novos impostos tiveram de

ser lançados, estando os contribuintes ao corrente do destino que seria dado ao numerário arrecadado. Gera-se, assim, um clima de grande hostilidade para com os ocidentais dentro da capital bizantina, algo que foi sendo agravado com a presença de forças cruzadas dentro de Constantinopla<sup>67</sup>.

Perante a impossibilidade de pagar aquilo que era devido, os tumultos entre Gregos e cruzados começam a atingir proporções consideráveis. Por um lado, os habitantes da cidade queriam ver-se livres dos invasores, recusando-se a continuar a contribuir para o pagamento; por outro lado, encontramos o nonagenário *doge* de Veneza a recusar-se a abandonar a cidade, enquanto a totalidade da dívida não fosse saldada. Na verdade, porém, a questão do débito há muito que estava afastada da sua mente; o principal objetivo era agora, nada mais, nada menos, a conquista do Império Bizantino (Norwich 1997 303), e toda a sua ação foi desenvolvida com vista à consumação deste propósito. Perante isto, a posição dos Anjos não poderia ser outra: se os cruzados quisessem que a dívida fosse paga na sua totalidade, teriam de tomar a cidade pela força, uma ideia que, aparentemente, eles não tinham ainda equacionado. Uma vez controlada a cidade, e com um dos seus líderes no governo, a dívida poderia então ser paga e a Cruzada, finalmente, financiada...

Todavia, a opinião pública já acreditava que Aleixo IV, juntamente com as tropas cruzadas e venezianas, também deveria ser expulso da cidade. E é aqui que entra em cena Aleixo Ducas Murzuflo, que, à cabeça de uma nova rebelião, destrona o *basileús* e toma o seu lugar, sob o título de Aleixo V.

---

<sup>67</sup> Uma certa noite, um grupo de cavaleiros incendiou uma pequena mesquita no distrito muçulmano, mesmo atrás da Catedral de Santa Irene. O fogo que se propagou a partir dali consumiu uma parte da cidade. Desde os tempos de Justiniano I que nunca se havia visto semelhante catástrofe dentro das muralhas de Constantinopla.

Tentando um último esforço para proteger a capital de Bizâncio, todas as torres da cidade são elevadas e todos os muros são reforçados. Simultaneamente, todas as negociações com Veneza são interrompidas: o novo *basileús* não tomaria qualquer responsabilidade por uma dívida que era inteiramente alheia à sua governação. Em face desta recusa, aos cruzados restava apenas uma alternativa: a tomada pela força de Constantinopla.

Elaborado o plano de ataque, a 9 de abril de 1204, a rainha das cidades cristãs é atacada em força pelos exércitos cruzado e veneziano. Perante a fraca resistência oferecida, as muralhas e torres depressa cedem aos invasores. Aleixo V, que se encontrava a comandar as forças bizantinas, sente-se impotente para contrariar tal situação e abandona Bizâncio.

A carnificina que se seguiu durante o resto do dia foi brutal e só ao cair da noite é que os invasores se retiraram da cidade. Contudo, a hora mais negra para os habitantes de Constantinopla ainda estava para vir: no dia seguinte, com o primeiro raiar do Sol, a cidade é novamente invadida. Os três dias que se seguem são de uma brutalidade e massacre nunca antes vistos, pois, não encontrando resistência alguma, os cruzados chacinam todos à sua passagem, enquanto as forças venezianas tratam de pilhar toda a cidade. Nunca, desde o tempo das invasões bárbaras, havia a Europa visto tal ação de atrocidade e vandalismo. E assim foi saqueada a maior cidade de toda a cristandade...

Ao fim destes três dias negros para os habitantes de Constantinopla, a ordem é restaurada. Todos os espólios do saque veneziano são utilizados para o pagamento da dívida, e todo o Império Bizantino é dividido e partilhado entre as forças dos cruzados e de Veneza, a principal beneficiária da queda de Bizâncio. Termina assim também, sem honra nem glória, a dinastia dos Anjos, curta e manchada por toda a brutalidade a que se assistiu ao longo de perto de duas décadas.

Depois da primeira invasão de Constantinopla desde os tempos de Constantino I, jamais o Império Bizantino recuperaria o esplendor de outrora. Tudo aquilo a que se irá assistir, a partir do exílio de Niceia e até à queda final às mãos dos Turcos, em 1453, será tão-somente uma tentativa para restaurar uma tímida sombra do anterior legado esplendoroso do Império Romano do Oriente.

## IX

### **ARTE MILITAR EM BIZÂNCIO DURANTE A BAIXA IDADE MÉDIA (1204-1453)**

#### **1. O exército imperial na época do exílio em Niceia (1204-1261)**

Se fizermos um apanhado das políticas puramente militares do governo de Bizâncio aquando do seu exílio em Niceia (1204-1261), devemos salientar as reformas do imperador João III Ducas Vatatzès (1222-1254), cujo intuito seria a criação de um exército de campanha eficiente que pudesse atuar livremente na Europa assim que a fronteira do “Império de Niceia”, na Ásia Menor, fosse controlada e assegurada. Para a proteção e estabilização destas regiões fronteiriças (que se estendiam da costa sul do mar Negro até à região meridional do Egeu), foram fundamentais as relações amistosas que Vatatzès cultivou com os Seljúcidas de Icónio, a execução de uma diplomacia astuciosa e uma eficaz preparação militar que se traduziu, sobretudo, num conjunto de fortalezas que foram construídas durante este principado no vale do Meandro.

Para além disso, de forma a evitar as depredações em território bizantino praticadas por turcomanos e por alguns bandos de seljúcidas dissidentes (sobre os quais os sultões tinham pouco controlo), os imperadores de Niceia, através de um conjunto de políticas, incentivavam a população civil que vivia nestas fronteiras

montanhosas a permanecer nas suas habitações, visto que estes montanheses eram vitais, ao atuarem como amortecedores entre os saqueadores turcos e os vales do império. Deste modo, foi concedida uma série de benefícios (isenções fiscais e a atribuição, a uma elite, das *prónoia*) a estas populações locais, já que a permanência destes habitantes significaria a manutenção de uma defesa localizada das suas terras, assim como a realização de surtidas ocasionais contra o território turco; estas ações militares eram já praticadas pelos montanheses muito antes de terem recebido esses privilégios, de tal forma que estes nunca chegaram a ser apelidados de “soldados”<sup>68</sup>; a concessão da isenção de impostos e de outros benefícios não implicou nenhum serviço adicional, para além da permanência nas respetivas terras. Em suma, podemos dizer que estes montanheses de Niceia eram, essencialmente, uma milícia fronteiriça localizada, sem muita organização ou disciplina, que defendia as suas terras e que fustigava os seus inimigos em território turco, caso surgisse uma oportunidade. Como resultado desta estratégia, os comandantes de Niceia puderam direcionar os seus recursos militares para outras zonas de ação.

João III Ducas Vatatzès ainda conseguiu, por meios bastante habilidosos, adaptar-se a circunstâncias inesperadas. Foi o caso da chegada de um grande grupo de Cumani<sup>69</sup>, em 1239, que, fugindo dos Mongóis, atravessou o Danúbio e invadiu a Trácia, pilhando e atacando um conjunto de cidades que tinham entrado recentemente no domínio de Niceia. Em 1242, Vatatzès, por meio de prendas e fazendo bom uso da diplomacia, conseguiu disciplinar esta hoste

---

<sup>68</sup> As obras do historiador Jorge Paquimeres (uma das principais fontes coevas sobre estas políticas militares) apenas referem que as políticas de Niceia afetaram toda a população fronteiriça, e não apenas uma camada que adquiriu o estatuto de “soldado”. Cf. Paquimeres I 16-17; e Bartusis 1992 25-26.

<sup>69</sup> População de origem turca, oriunda das estepes a norte do mar Negro e do mar Cáspio.

invasora e fixá-la nos territórios imperiais da Anatólia (no vale do Meandro e na região leste de Filadélfia), algo que nos é relatado no elogio que Teodoro II Lascaris fará ao seu pai. Assim, a política do imperador relativamente aos Cumani (cuja maioria foi integrada no exército imperial após ter sido batizada) salienta-se, não pela sua originalidade, mas sim pela sua escala e pelo seu relativo sucesso.

Este povo serviu o exército imperial providenciando cavalaria ligeira de reserva, que se fixou na Ásia Menor, e parte dela adquiriu os benefícios dos montanheseiros da fronteira desta região, sendo requisitada várias vezes para as campanhas europeias de João III Ducas Vatatzês e dos seus sucessores<sup>70</sup>. Para além da cavalaria ligeira, os Cumani ainda integraram tropas estacionárias, aparecendo-nos como um grupo distinto somente na eleição de Miguel Paleólogo para a regência de 1258; a sua presença na corte sugere que pertenciam então às guardas imperiais ou a divisões montadas, que poderiam responder mais rapidamente às emergências do que os seus compatriotas apeados. Uma grande percentagem dos cumani que permaneceram no império após 1290 perdeu a sua identidade étnica distintiva.

Os Latinos formavam um outro grupo de estrangeiros que ingressavam, frequentemente, nos exércitos imperiais (as Cruzadas acentuaram, aliás, esta tendência), tendo, durante o século XIII, garantido aos Lascaris de Niceia uma fonte viável de mercenários<sup>71</sup>. O crescimento da importância destes mercenários durante o

---

<sup>70</sup> São vários os exemplos de campanhas militares onde se verifica a presença de Cumani a integrarem os exércitos imperiais: no cerco de Tessalónica (em 1242); na batalha de Pelagónia (em 1259), onde terão participado 2000 cavaleiros cumani; na reconquista de Constantinopla (em 1261), onde grande parte dos 800 soldados liderados por Aleixo Strategopolo eram cumani; nas próprias campanhas de Miguel VIII Paleólogo no continente europeu (em 1263/64, 1270-72 e 1275), que incluíram grandes contingentes desta etnia; entre outros exemplos possíveis.

<sup>71</sup> Como no caso da batalha de Antioquia, em 1211, onde as forças de Niceia eram compostas por 2000 cavaleiros, dos quais 800 seriam mercenários latinos.

principado de João Vatatzès foi simbolizado pela criação do cargo de *mégas konóstaulos* (“grande condestável”), o chefe dos mercenários francos (um título que o próprio Miguel Paleólogo viria a adquirir). Será nesta governação que aparecerão os primeiros *pronoētai* latinos, designados *kaballárioi* (residentes em Esmirna, na costa ocidental da Anatólia), que as fontes da época associam, num sentido mais lato, a todos os soldados e cavaleiros francos que possuíssem uma *prónoia* militar. Paralelamente a estes cavaleiros latinos, existiram os *stratiōtai* (literalmente, “soldados”) que já não teriam os privilégios fiscais da *prónoia*.

A concessão destas regalias a latinos que serviam Bizâncio, durante o século XIII, pode ser interpretada como um meio de honrar e de recompensar os soldados francos mais expeditos e, igualmente, como um mecanismo pelo qual se conseguiria reduzir os pagamentos em ouro que pressionavam o fisco; porém, a concessão da *prónoia* aos mercenários latinos alterou a natureza do seu serviço militar, visto que um soldado que adquirisse estes benefícios estatais se tornava um soldado de reserva, que não conseguiria corresponder a um serviço militar imediato. Desta maneira, os soldados latinos que residiam no Império de Niceia podem ser divididos em dois grupos: os mercenários estacionários e os *pronoētai* de reserva. A influência político-militar latina era tão grande que a expulsão dos soldados francos que tinham servido Bizâncio aquando do principado de Teodoro II Lascaris (este imperador sonhava com um exército composto meramente por gregos) deve ser considerada um dos fatores mais importantes na ascensão e usurpação do trono por Miguel Paleólogo.

Durante o principado de João III Ducas Vatatzès, assistimos ainda à restauração da administração provincial (com as suas implicações militares), visto que o Império de Niceia tendia a depender das estruturas administrativas existentes antes da conquista de Constantinopla de 1204. A restauração das antigas províncias

e estruturas bizantinas tornava-se evidente, de um ponto de vista pragmático, no sentido em que o império ocupava áreas das antigas províncias bizantinas e a revitalização destas serviria como mecanismo de legitimação do regime; deste modo, a divisão estrutural das forças militares num exército central e em contingentes provinciais foi igualmente replicada a partir dos finais do século XII. Por um lado, existia um corpo central composto por contingentes militares denominados *tágmata*, que incluíam os soldados da corte e da Casa Imperial e os exércitos de campanha; durante a dinastia dos Comnenos (1081-1185) e na era nicena, estas tropas eram maioritariamente compostas por estrangeiros (que se fixavam nas províncias e que faziam serviço militar) e por mercenários; por outro lado, este exército central era complementado por tropas provinciais (*témata*) organizadas a partir dos territórios imperiais.

No entanto, este modelo de administração militar (que surge no século VII e que já foi analisado em capítulo anterior) entra em decadência durante a Baixa Idade Média, sendo os exércitos provinciais de inícios do século XII insignificantes, não conseguindo mesmo sustentar os invasores, nem prover tropas de reserva para as campanhas (o objetivo primordial da criação do modelo dos *témata*); por isso, os Comnenos levaram a cabo uma reforma deste modelo, que culminou nos esforços de Manuel I (1143-1180) na região poente da Ásia Menor. Este imperador, como forma de combater a ameaça seljúcida, criou uma série de novos *témata* (mais pequenos), a partir da redefinição das áreas dos *témata* tradicionais; deste modo, o novo modelo dos *témata* poucas semelhanças tinha com o anterior, visto que o sistema militar e administrativo dos séculos IX e X (durante o período da dinastia macedónica)<sup>72</sup> não sobreviveu

---

<sup>72</sup> Este sistema possuía duas figuras fulcrais: os governadores militares, designados *stratēgoí* (“generais”), e os estados militares (*stratiōtiká thémata*), que dinamizavam os exércitos provinciais.

à crise do século XI. Apesar de as fontes não nos indicarem com clareza as características dos novos soldados dos *témata*, podemos considerar que estes estariam fixados em fortalezas fronteiriças (construídas ou restauradas pelos Comnenos) e que teriam uma forte afinidade com o local (um aspeto que já poderia ser atribuído aos *témata* antigos), circunstâncias que ajudarão a explicar o respetivo sucesso durante o principado de Manuel I Comneno.

O Império de Niceia foi herdeiro destas reformas, cujo êxito é evidenciado pela relativa estabilidade das fronteiras orientais entre as décadas de 1180 e 1260. Ainda que esta estrutura dos *témata* tenha requerido adaptações temporárias, a lista dos *témata* nicenos é praticamente igual à da Ásia Menor anterior à conquista latina de Constantinopla<sup>73</sup>. Cada *tema* tinha o seu governador, denominado *doúx* (“duque” a partir do século XII), que era nomeado pelo governo imperial por um ano, competindo-lhe o comando do seu exército. As fontes relativas a estes exércitos são praticamente inexistentes<sup>74</sup>, de tal forma que a função exata destes contingentes se torna um tanto ou quanto dúbia: terão servido para guarnecer as fortalezas e cidades dos respetivos *témata* e, à medida que nos vamos aproximando da reconquista de Constantinopla, em 1261, seriam utilizados em campanhas na Europa<sup>75</sup>.

Assim, nos finais do chamado Império de Niceia, verificamos um conjunto de alterações nos exércitos de campanha, que passam a

---

<sup>73</sup> Em 1240, existiam os *témata* da Paflagónia, de Optimaton (próximo do *tema* de Opsikion, no território da Bitínia adjacente a Constantinopla), da Bitínia, de Tróade (um pequeno *tema* na região de Troia, que resultou também da fragmentação do *tema* de Opsikion), de Neocastro (na região de Pérgamo), do Tracésico (na região de Éfeso), e de Milasa ou Melanúdio (um *tema* surgido na região ocidental do antigo *tema* de Cibirreote e que deriva o seu nome daquelas duas cidades).

<sup>74</sup> Uma das poucas referências chega-nos pela pena do historiador Jorge Acropolita, que nos descreve a ascensão de Constantino Margarites no seio do exército dos *témata* de Neocastro, durante o reinado de João Vatatzès.

<sup>75</sup> A primeira referência à participação de exércitos provinciais em campanhas no continente europeu aparece-nos no reinado de Teodoro II Lascaris, em 1254-1258.

incluir (para além das tropas campais maioritariamente compostas por mercenários) guarnições provinciais, dissipando-se gradualmente as distinções entre estes dois tipos de contingentes (*tágmata* e *témata*). Devemos enunciar três fatores que contribuíram, decisivamente, para esta osmose: i) o uso crescente das tropas dos *témata* da Anatólia nas campanhas europeias, uma tendência que se inicia na década de 1250, durante o principado de Teodoro II Lascaris (com a cavalaria da Paflagónia), e que se afirma depois, sob o governo de Miguel VIII; ii) o facto de, desde o início das campanhas de reconquista da Trácia e da Macedónia, as tropas de campanha serem utilizadas para ocupar e reforçar as fortalezas da Europa; iii) a tendência gradual do Estado para conceder *prónoiai* aos soldados dos exércitos de campanha.

Podemos considerar que a utilização progressiva das tropas dos *témata* nas campanhas europeias se deveu, sobretudo, à necessidade de um grande número de soldados treinados para essas campanhas, à falta de dinheiro para a contratação de mercenários e à xenofobia de Teodoro II Lascaris (que contrariava a utilização de contingentes estrangeiros nos exércitos imperiais): o historiador bizantino Jorge Paquimeres, ao apresentar uma lista dos contingentes do exército de Miguel VIII Paleólogo e do seu irmão João Paleólogo (durante a década de 1260), sublinha que este imperador acentuou tal prática (cf. Paquimeres I 310; e Bartusis 1992 31-32). Para além dos Cumani e dos Latinos (elementos usuais dos exércitos nicenos de campanha) e de tropas da Trácia e da Macedónia, existia um conjunto de contingentes oriundos dos *témata* da Ásia Menor<sup>76</sup>.

Por sua vez, a utilização de unidades de campanha no reforço das fortalezas reconquistadas na Europa (começam a ser utilizadas nos inícios de 1237 até ao termo da era nicena) contribuiu

---

<sup>76</sup> Portanto, dos *témata* da Paflagónia, Optimaton, Bitínia, Neocastro, Tracesiano e Milasa/Melanúdio.

decisivamente para a mescla entre os *tágmata* e as tropas dos *témata*. Apesar de a ocupação temporária das fortalezas conquistadas por tropas de campanha ter sido prática comum em toda a história do Império Bizantino, durante a reconquista da Trácia e da Macedónia pelo Império de Niceia a *ratio* das tropas de campanha para a área conquistada foi bastante elevado, devido à própria geografia do território e ao facto de estas províncias, após a reconquista, continuarem vulneráveis a ataques externos: dos Búlgaros (a nordeste), do reino da Sérvia (a noroeste), dos governantes epirotas e da Tessália (no sul) e, por fim, do Império Latino (a leste). Deste modo, Vatatzès e os seus sucessores foram forçados a manter uma presença militar forte nesta região, através do repovoamento das fortalezas mais importantes com as unidades de campanha que as conquistaram.

Por fim, devemos mencionar a propensão crescente para conceder *prónoiai* às tropas dos exércitos campais. Esta prática ter-se-á iniciado com os Comnenos e sido vulgarizada pelos imperadores de Niceia, os quais, apesar de terem exércitos muito menos numerosos do que os exércitos dos Comnenos, concederam *prónoiai* a mais soldados (ainda que as unidades que beneficiavam destes privilégios representassem sempre uma minoria nos exércitos imperiais): assim, não terá existido nenhuma tentativa, por parte dos Comnenos e dos Lascaris, para incorporar a instituição das *prónoiai* no modelo dos *témata*. Apesar de os militares que recebiam estes benefícios viverem nas províncias, não eram considerados soldados dos exércitos dos *témata*, mas sim parte dos *tágmata* (o principal exército imperial). Deste modo, enquanto estes privilegiados se mantiveram uma minoria no núcleo dos *tágmata* (sendo a grande maioria deles mercenários), foi possível considerar os soldados beneficiando de *prónoiai* militares como um tipo especial de combatentes dentro do exército imperial; contudo, devido à necessidade de mais recursos humanos para prosseguir as suas

campanhas na Europa, Vatatzès estendeu o sistema de concessão de *prónoiai* militares, de tal forma que, nos finais do século XIII, já era possível encontrar no exército imperial mais soldados auferindo de *prónoia* do que mercenários.

## 2. As reformas de Miguel VIII Paleólogo (1261-1282)

Após a reconquista de Constantinopla, em 1261, Miguel VIII Paleólogo investiu grande parte dos seus recursos na neutralização das potenciais ameaças a ocidente (através de uma diplomacia bem articulada e astuta) e na expansão para o despotado do Epiro e dos restantes Estados latinos localizados na Moreia (canalizando os seus exércitos para estas regiões): pode-se, assim, considerar que o centro da geopolítica bizantina se deslocou dos confins da Ásia Menor para a região do Mediterrâneo oriental (uma posição mais estratégica e simbólica). Consequentemente, as políticas militares de Miguel VIII centraram-se na proteção de Constantinopla, na organização de exércitos suficientemente fortes para combater os Latinos (na Moreia) e os Gregos (na Tessália) e na manutenção da presença bizantina nas províncias europeias da Trácia e da Macedónia.

Com este intuito, imediatamente após a reconquista de Constantinopla, Miguel VIII criou quatro novas divisões militares: os *thelēmatáριοι*, os *gasmôuloi*, a divisão marítima dos *tzakónes* e os *prosaléntai*. Visto que pelo menos três destas divisões se mantiveram nos principados seguintes, podemos concluir que estas novas instituições militares foram bastante bem-sucedidas, o que abona o génio militar de Miguel VIII.

Os *thelēmatáριοι* viviam nas redondezas de Constantinopla e, tendo já ajudado Aleixo Strategopolo na reconquista de Constantinopla, foram reorganizados num grupo especial, apesar de termos poucas

informações relativas às suas atividades militares; são mencionados uma única vez na descrição da batalha de Apros (em 1305)<sup>77</sup>, onde terão formado a retaguarda dos exércitos imperiais. Por sua vez, em 1318, existe uma breve referência a um grupo de *thelēmatáριοι* (chamado como testemunha num caso de heresia), o que nos sugere que este se manteve com um estatuto bastante modesto; porém, existiam algumas exceções, tendo alguns recebido *prónoiai*, o que significa que o estatuto deste grupo com funções militares terá crescido bastante desde o reinado de Miguel VIII. Deste modo, podemos concluir que, enquanto os *thelēmatáριοι* continuaram a existir como soldados durante o século XIV, as características do seu serviço militar e a sua posição socioeconómica ter-se-ão alterado.

De forma a afirmar a influência bizantina no Mediterrâneo oriental, Miguel VIII reconstruiu a armada imperial, tendo obtido os serviços dos *gasmóυλοι*, que residiam nos arredores de Constantinopla e que tinham surgido, à semelhança dos *thelēmatáριοι*, das relações entre os Bizantinos e os Latinos<sup>78</sup>; estes soldados são-nos descritos (de forma bastante pejorativa) no tratado *Conselho sobre uma Passagem para o Ultramar*<sup>79</sup> como corsários que estavam mais interessados em destruir do que propriamente em ter lucro. Os *gasmóυλοι* foram, assim, contratados para a armada como mercenários; contudo, a necessidade de soldados

---

<sup>77</sup> Esta batalha resultou dos conflitos entre a Companhia Catalã e o imperador Miguel IX Paleólogo, devido ao atraso no pagamento do serviço militar que esta companhia prestou na Ásia Menor frente aos Turcos (cerco de Filadélfia, em 1304) e à tentativa de assassinato do líder mercenário Rogério de Flor (já em 1305). Após terem vencido os contingentes bizantinos nesta batalha, os Catalães saquearam a Trácia por dois anos, tendo de seguida conquistado o ducado de Atenas (1311) e formado um principado nesta região (Bartusis 1992 79-82).

<sup>78</sup> Contudo, se os *thelēmatáριοι* surgiram de relações meramente económicas com os Latinos, os *gasmóυλοι* seriam o produto de relações conjugais e da miscigenação que se haviam iniciado com a conquista latina de 1204.

<sup>79</sup> Este tratado latino, escrito por um autor anónimo cerca de 1330, tinha como finalidade incentivar o rei francês Filipe VI de Valois (1328-50) a realizar uma cruzada.

para fortificar e repovoar a capital, assim como de homens experientes para a marinha, levaram o imperador a transferir famílias originárias da Moreia para Constantinopla, as quais serviriam nas suas embarcações.

Destas famílias, devemos salientar os *lakónes* (mais tarde popularizados sob a designação de *tzakónes*), originários da Lacónia (Peloponeso) e que chegaram a Constantinopla em 1261/62, tendo reforçado os primeiros contingentes de *gasmouloi* de Miguel VIII. Os *tzakónes* (tal como os *gasmouloi*) eram soldados ligeiros, cujo contributo se intensificou no decurso de duas campanhas navais (em 1262<sup>80</sup> e em 1273); deste modo, durante as décadas de 1260 e 1270, os *tzakónes* e os *gasmouloi* constituíram a base de todas as forças marítimas bizantinas. O nome peculiar destes soldados ligeiros gregos (acentuado por Paquimeres e por Nicéforo Gregoras) tem as suas origens na palavra *tzákon*, cujo significado é bastante amplo: designa, por um lado, um conjunto variado de profissões militares/paramilitares (soldados ligeiros, guardas de uma fortaleza, guardas palacianos, polícias paramilitares) e, por outro, os habitantes originários da Lacónia.

Assim, podemos concluir que os *tzakónes* corresponderiam a homens oriundos da Moreia (e, provavelmente, de outras regiões), que serviriam como tropa marítima, como infantaria ligeira que guardava as muralhas das cidades e até como divisões palacianas. A profissão de *tzákon* era, pelo menos ocasionalmente, hereditária, o que não é surpreendente, visto que, segundo o patriarca Gregório de Chipre, os primeiros *tzakónes* teriam recebido pagamentos e terras (*tópoi*) perto da cidade. O imperador pretendia desse modo garantir uma fonte constante de mercenários residentes na capital, pois a posse

---

<sup>80</sup> Nesta campanha naval, a armada bizantina e genovesa (liderada pelo *prôtos-trátôr* Aleixo Filantropeno) atacou uma série de ilhas venezianas. Esta armada já foi constituída pelas novas tropas navais de Miguel VIII: *gasmouloi*, *proselóntes/prosaléntai* e os *lakoniai*.

de uma propriedade, mesmo que modesta, impedia muitos deles de abandonarem os seus trabalhos em busca de ocupações noutras locais.

Com os *gasmouloi* e os *tzakónes* a constituírem uma fonte significativa de soldados marítimos, Miguel VIII precisava agora de remadores, tendo ido buscá-los ao grande número de camponeses que havia ficado sem senhor, na sequência do colapso do Império Latino e da fuga dos grandes aristocratas ocidentais. Por conseguinte, o imperador não teve qualquer problema em obter mão-de-obra não especializada, já que até lhes oferecia, como pagamento, propriedades para cultivarem; deste modo, o nome *prosaléntai* (equivalente a *prosēlōntes*, que significa “remadores”) era a designação oficial dos remadores imperiais durante este reinado. Se analisarmos a documentação onde estes são mencionados, podemos concluir que as terras que lhes eram atribuídas se encontravam muito perto da costa (Lemnos, Calcídica, Sithonia e na região de *Strymon*).

Para além dos aspetos militares já abordados, a presença de tropas mercenárias turcas em detrimento dos habituais mercenários latinos refletiu uma alteração significativa na composição dos contingentes de estrangeiros dentro do exército bizantino. Apesar do patronato deste imperador se ter estendido aos mercenários latinos que o ajudaram a ascender ao trono, a importância destas tropas nas campanhas imperiais foi diminuindo<sup>81</sup>, de tal forma que a orientação ocidental das políticas de Miguel VIII levou a um melhor aproveitamento dos serviços militares dos Cumani e dos Turcos; por outro lado, a reconquista de Constantinopla poderá ter afetado a vinda de mercenários latinos para o império, tendo-se

---

<sup>81</sup> Por exemplo, na batalha de Pelagónia (1259) é bem possível que as tropas de Niceia já não integrassem mercenários latinos, sendo certo que estes já não foram utilizados nas campanhas da Moreia.

restringido o seu serviço à guarda palaciana (que o imperador mais facilmente vigiaria).

Os Turcos tornaram-se, assim, um elemento significativo nos exércitos bizantinos, sobretudo após a ascensão de Miguel VIII (os exércitos de Niceia já incluíam algumas tropas turcas, mas em número ainda muito reduzido); é importante lembrar que este imperador esteve no exílio na corte seljúcida de Icônio<sup>82</sup>, o que deve ter contribuído decisivamente para o incremento de turcos nas campanhas bizantinas. De qualquer maneira, as tropas gregas não eram estranhas aos exércitos dos sultões seljúcidas da Ásia Menor, integrando usualmente os contingentes turcos na condição de mercenários, tropas aliadas ou mesmo como escravos<sup>83</sup>. A vinda do sultão seljúcida Izz al-Din (e da sua corte) para a corte de Niceia (em 1260 ou 1261), procurando refúgio das investidas mongóis, terá acentuado esta tendência<sup>84</sup>, de tal maneira que Nicéforo Gregoras nos refere que, após a fuga deste sultão para a Crimeia (em 1264), muitos dos turcos que o acompanhavam permaneceram no império, convertendo-se ao cristianismo e integrando o seu exército<sup>85</sup>.

---

<sup>82</sup> Em 1256, estando a ser perseguido por razões mal conhecidas, Miguel VIII fugiu para a corte de Izz al-Din Kayka'us II (sultão do Rum). Durante o exílio, o futuro imperador bizantino auxiliou o sultão nas suas lutas contra os Mongóis, tendo possivelmente comandado tropas turcas.

<sup>83</sup> São inúmeras as batalhas em que os Turcos Seljúcidas se servem de tropas de origem grega. Destas, devemos realçar a batalha do desfiladeiro de Köse Dagh (em 1242), onde Gregos de origem incerta e mercenários francos combateram contra os Mongóis.

<sup>84</sup> A existência de um contingente de turcos nos exércitos imperiais é-nos atestada pela *Crónica da Moreia* (que nos relata a campanha de 1262/63 onde já terão participado turcos) e por Paquimeres, que nos alerta para a permanência de um contingente de turcos no exército imperial. Cf. Paquimeres I 205; e Bartusis 1992 50-52.

<sup>85</sup> Um relato pormenorizado da vinda de Izz al-Din para a corte de Niceia poderá ser encontrado na obra de Mark Bartusis (1992 52-54).

Estes Turcopolos (*Tourkópouloi*<sup>86</sup>) serviram aliás os exércitos imperiais em várias campanhas<sup>87</sup>, sendo progressivamente assimilados<sup>88</sup>.

Relativamente aos montanhese, que nos principados de João III Vatatzès e de Teodoro II Lascaris mantiveram uma posição relativamente estável como milícias fronteiriças, foram sujeitos a transformações radicais (sobretudo a partir da década de 1260), convertendo-se em tropas de campanhas. Esta alteração deveu-se, sobretudo, às novas políticas agrárias de Miguel VIII, que enviou para a Ásia Menor um oficial de nome Chadenos, que, após ter fiscalizado as propriedades de todos os montanhese isentos do pagamento de impostos, redistribuiu para cada terra dentro de uma *prónoia* um *posótēs*<sup>89</sup> (pagamento) de 40 hipérpiros<sup>90</sup>, tendo revogado os seus benefícios fiscais e alargado as suas obrigações militares (como compensação, receberiam um salário anual que complementasse as suas *prónoiaí*).

O objetivo seria o restabelecimento do controlo do Estado sobre as regiões fronteiriças, particularmente importante devido à falta de popularidade de Miguel VIII (usurpador) na Anatólia. Deste modo, as reformas de Chadenos enfraqueceram a ligação económica e psicológica destes montanhese à sua terra, o que lhes concedeu

---

<sup>86</sup> Eram turcos cristianizados que tinham uma mãe cristã e um pai de origem turca. Apareciam frequentemente nos contingentes dos exércitos cristãos, servindo muitas vezes como tropa ou cavalaria ligeira.

<sup>87</sup> Campanhas efetuadas nas regiões da Moreia (1270-72), da Albânia (1281) e do Epiro (1292). Estes soldados terão sido decisivos aquando dos conflitos entre o imperador Miguel IX Paleólogo e a Companhia Catalã.

<sup>88</sup> Diferenciando-se já bastante das forças turcas da Ásia Menor que interviriam no império durante as guerras civis.

<sup>89</sup> Este termo significa, literalmente, “valor” ou “quantidade” e era geralmente utilizado para designar o preço de venda de uma propriedade. Durante os séculos XIII e XIV, este termo encontra-se frequentemente na documentação, com o sentido de pagamentos do Estado aos beneficiários de *prónoia* (Kazhdan 1991 1707).

<sup>90</sup> Padrão da moeda de ouro bizantina durante os últimos séculos do império, permanecendo até à segunda metade do século XIV (momento em que o imperador deixa de cunhar moedas a partir deste metal precioso); cf. Kazhdan (1991 964-965).

grande mobilidade, permitindo a sua utilização pelo imperador nas campanhas europeias; por sua vez, o facto de os montanhese terem mantido uma determinada ligação às terras permitiu libertar o fisco de despesas desnecessárias com o financiamento de tropas estacionárias na região<sup>91</sup>. Segundo Paquimeres, as consequências destas reformas foram desastrosas, tendo o moral destes indivíduos baixado bastante, de tal maneira que, perante os ataques turcos e mongóis, muitos fugiram para as montanhas e tornaram-se bandidos, assolando a restante população bizantina<sup>92</sup>.

Por outro lado, será ainda importante mencionar que, durante o governo de Miguel VIII, se assistiu a uma relativa estabilidade na organização administrativa e militar das províncias europeias (que genericamente correspondiam às regiões da Trácia e da Macedónia<sup>93</sup>), que se dividiriam em unidades administrativas mais pequenas denominadas, igualmente, *témata*<sup>94</sup>. Contudo, entre a segunda metade do século XIII e a primeira metade do século XV, nenhuma destas províncias se manteve permanentemente sob controlo bizantino, de forma que a necessidade muitas vezes levava à junção destas unidades territoriais e à redefinição das fronteiras entre elas. Deste modo, as reformas levadas a cabo durante estes anos terão conduzido a uma alteração nas tropas dos *tágmata* (que se tornaram cada vez mais uma mistura entre beneficiários de *prónoiai* e mercenários) e à consolidação

---

<sup>91</sup> Nesse sentido, estes montanhese, após as reformas de Miguel VIII, apesar de se manterem como camponeses e donos de pequenas propriedades (nesta região fronteiriça), começam a servir como soldados de reserva.

<sup>92</sup> Apesar do insucesso a longo prazo (perdas territoriais na Ásia Menor), estas medidas serviram os seus propósitos imediatos: a pacificação da população da Anatólia e a expansão para a Europa (Bartusis 1992 57).

<sup>93</sup> Os historiadores desta época consideravam que a fronteira entre estas duas províncias se situava no rio Nesto (encontrando-se, a ocidente, a Macedónia e, a oriente, a Trácia).

<sup>94</sup> Nestas regiões, existiram (pelo menos durante um certo período) os *témata* de Tessalónica, de *Serres* e *Strymon*, de Bolero, de Mosinópolis e de Véria.

das reconquistas na Europa e conseqüente desintegração das províncias da Anatólia (à qual se seguiu uma migração de gentes para o continente europeu).

### **3. Andrónico II e o legado do seu pai (1282-1321)**

Após a morte de Miguel VIII, ascendeu ao trono púrpura Andrónico II, que herdou um império renascido e poderoso, fruto das reformas militares do seu progenitor, às quais tentou dar continuidade. Todavia, as ambições geopolíticas de Miguel VIII não só tinham esgotado os recursos do império como o tinham rodeado de inimigos (Turcos, Venezianos, Sérvios, entre outros): a situação financeira era tão deplorável<sup>95</sup> que o novo imperador, em 1285, foi obrigado a ceder à pressão do seu conselho, tendo reduzido a frota que o pai havia criado. Por sua vez, as políticas administrativas fracassadas de Chadenos na Ásia Menor (que não conseguiram levantar o moral das populações locais, perante as depredações provocadas pelas populações estrangeiras vizinhas<sup>96</sup>) permitiram que os Turcos, liderados pelo emir da Bitínia, Osman<sup>97</sup>, invadissem sistematicamente a região, onde, apesar dos esforços de Andrónico II, acabaram por conquistar territórios, devido, em parte, à ação catastrófica dos mercenários catalães; desta forma, a partir deste governo,

---

<sup>95</sup> O financiamento das várias campanhas de Miguel VIII na Europa exigiu a criação de impostos extraordinários e uma cunhagem de moeda excessiva, o que levou à sua desvalorização.

<sup>96</sup> Para mais pormenores sobre as reformas deste oficial, veja-se o subcapítulo anterior.

<sup>97</sup> Este emir seria o fundador da dinastia dos Osmanlis (Otomanos), tendo os seus descendentes conquistado rapidamente todas as possessões bizantinas na Ásia Menor, invadindo depois a Europa num conjunto de campanhas militares, que culminaria na conquista de Constantinopla, em 1453, com o conseqüente desmantelamento do Império Bizantino (como veremos mais adiante).

o império (que desde João Vatatzès tinha iniciado novas políticas expansionistas) entra num novo período de retração, do qual não mais viria a ressurgir.

Perante os crescentes encargos financeiros, Andrónico II foi, como dissemos, obrigado a reduzir a armada construída pelo seu pai, através de uma série de políticas cujos efeitos nos *gasmouloi*, nos *tzakónes* e nos *prosaléntai* foram bastante variados. Os menos afetados com a redução da armada imperial foram os *prosaléntai*, visto que estes remadores não dependiam do pagamento em dinheiro, sendo antes recompensados pela concessão de terras sob a posse do imperador (a maior parte desses terrenos localizava-se em regiões costeiras); assim, pelo menos até 1296, ainda atuaram na região de Constantinopla, tendo-se mantido como uma instituição militar até à segunda metade do século XIV<sup>98</sup>. Por sua vez, à exceção da descrição que Jorge Codino<sup>99</sup> faz do papel dos *tzakónes* como guardas imperiais, todas as menções a este grupo de soldados desaparece depois da década de 1280; deste modo, o facto de receberem como recompensa não só terras (à semelhança dos *prosaléntai*), mas também pagamentos em dinheiro, leva-nos a crer que estariam entre os prejudicados pelas reformas de Andrónico II. Por conseguinte, a ausência de abonações sugere que estes soldados perderam, ao longo do tempo, as suas características étnicas distintivas, acabando por ser incorporados no grupo dos *gasmouloi*.

De todas as divisões navais criadas por Miguel VIII, a mais afetada pela crise que assolou o Estado bizantino durante o governo do seu sucessor foi, sem dúvida nenhuma, a dos *gasmouloi*.

---

<sup>98</sup> Indiretamente, tanto Cantacuzeno como Nicéforo Gregoras fazem referência a remadores que atuam na frota imperial do século XIV (referindo-se, certamente, aos descendentes dos *Prosaléntai* criados por Miguel VIII). Cf. Bartusis 1992 68.

<sup>99</sup> Também conhecido como Pseudo-Codino, as obras deste *Kouropalátês* (alto dignitário responsável pelas construções e organização do palácio imperial) são fontes fundamentais para o estudo do exército bizantino tardio, sobretudo nos séculos XIV e XV. Cf. Kazhdan (1991 1157).

Não nos chegando nenhuma prova de que estes soldados recebessem terras como recompensa pelos serviços prestados, com a extinção dos pagamentos em soldo perderam a sua única fonte de subsistência: foi assim que muitos deles foram servir nas embarcações turcas e latinas, enquanto outros deixaram de combater dedicando-se, segundo Paquimeres e Gregoras, à agricultura. Contudo, nem todos estes soldados debandaram em 1285, tendo alguns deles permanecido na armada imperial<sup>100</sup>, de tal forma que no século xv encontramos muitos camponeses a servirem como *gasmouloi*, recebendo como compensação uma redução nos seus impostos (*gasmoulikè douleía*); segundo as fontes, podemos concluir que, por volta do século xiv, os serviços prestados por eles perderam a sua exclusividade étnica (podendo ser assegurados por indivíduos de outras regiões do império) e tornaram-se mais abrangentes (eram tropas ligeiras nas campanhas terrestres, para além de serem soldados das embarcações). Apesar da continuação destas divisões militares, a dependência de Bizâncio do apoio naval genovês voltou a aumentar<sup>101</sup>, o que trouxe ao império consequências bastante negativas, visto que este apoio pressupunha o auxílio do imperador nas guerras sistêmicas que esta república mercantil travava com Veneza<sup>102</sup>.

---

<sup>100</sup> Aliás, os *Gasmouloi* que continuaram a servir na armada imperial terão tido um papel fulcral nas guerras civis da década de 1340. Por sua vez, após a conquista de Constantinopla, em 1453, muitos destes soldados entrariam ao serviço dos sultões otomanos.

<sup>101</sup> Por exemplo, a expedição que Andrónico fez no Epiro, em 1292 (contra a coligação de Carlos II de Nápoles, filho de Carlos de Anjou, e do déspota do Epiro), já voltou a ter a participação de embarcações genovesas, que transportaram as tropas bizantinas até Arta, com o objetivo de assediar a capital do despotado.

<sup>102</sup> Foi o caso da guerra de 1296 a 1302, da qual o império saiu bastante debilitado economicamente, sem ter usufruído de qualquer tipo de compensação relevante aquando da assinatura da paz. Vejam-se pormenores na obra de M. Bartusis (1992 71).

Desta maneira, o envolvimento dos exércitos imperiais em guerras com pouco interesse geopolítico levou a uma escassez de recursos financeiros, cuja mobilização para as zonas fronteiriças do império (especialmente na Ásia Menor) era essencial. A progressiva migração de ortodoxos da Ásia Menor para os territórios europeus tentou ser compensada pelos esforços de Andrónico para levantar o moral das populações locais (indo em pessoa a estas regiões periféricas e reconstruindo as suas fortalezas), no entanto estas medidas não surtiram os efeitos desejados. Será nesta linha que o imperador, antes de regressar a Constantinopla, nomeia o *pinkérnēs*<sup>103</sup> Aleixo Filantropeno como governador e comandante do exército de toda a Ásia Menor (com exceção da região costeira da Jónia), provando ser um general competente e arrecadando, nos anos de 1294/95, uma série de vitórias sobre os Turcos do vale do Meandro; o seu exército era composto por Turcos (os que se iam rendendo) e por divisões de cavalaria mercenária oriundas de Creta<sup>104</sup>. Por sua vez, podemos encontrar uma série de semelhanças entre estes mercenários montados e os montanheses da Anatólia após as reformas de Miguel VIII, visto que os cretenses que Andrónico trouxe para a Ásia Menor também receberiam um salário como parte da sua remuneração e possuiriam, igualmente, propriedades, mas é improvável que o imperador estivesse a tentar reconstituir um sistema defensivo que tinha entrado em decadência ainda no principado do seu pai. O certo é que a popularidade que Filantropeno adquiriu foi tão grande – fruto não só dos seus sucessos militares, mas também dos impostos elevados e da ineficácia do governo central em

---

<sup>103</sup> Dignitário bastante prestigiado na corte bizantina, que cumpria funções equivalentes à dos copeiros nas cortes medievais do Ocidente (Kazhdan 1991 1679).

<sup>104</sup> Estes cretenses eram refugiados que chegaram a Bizâncio (com as suas famílias) após a ocupação veneziana da ilha. Andrónico II fixou-os na Anaia e em Éfeso (ambos na costa ocidental da Ásia Menor), concedendo-lhes salários em troca do serviço militar.

resolver a ameaça dos Turcos – que a população local considerou-o o único salvador da Ásia Menor, criando bastantes tensões entre o general e o governo<sup>105</sup>.

Depois de Aleixo Filantropeno, Andrónico II decide enviar para a Anatólia o general João Tarcaniotes (seu primo) com o intuito de efetuar uma reforma fiscal e militar na região. A corrupção abundava, tendo muitos soldados perdido as suas terras (que lhe tinham sido entregues sob o regime de *prónoia*), enquanto outros aumentaram as suas propriedades através do suborno dos seus oficiais (chegando mesmo alguns a deixar de cumprir o serviço militar). As reformas de Tarcaniotes procuravam, portanto, acabar com estas irregularidades (através de uma revisão fiscal das terras) e revitalizar o exército local; apesar de ter sido inicialmente bem-sucedido (conseguindo mesmo construir uma pequena frota), a oposição que teve de enfrentar, protagonizada pelos grandes proprietários (que não queriam perder a sua posição económica) e pela própria Igreja<sup>106</sup>, obrigou-o a abandonar o cargo e a fugir para Tessalónica.

Após o fracasso das medidas de Filantropeno e de Tarcaniotes, Andrónico II optou por uma solução exclusivamente militar, aproveitando a chegada de um número considerável de Alanos<sup>107</sup> (que tinham fugido dos Mongóis) ao império, dispostos a servir como mercenários<sup>108</sup>. O imperador divide-os assim em dois grupos, que

---

<sup>105</sup> Os cavaleiros mercenários cretenses consideravam-no mesmo o único governador de Bizâncio, desafiando constantemente Aleixo Filantropeno a iniciar uma guerra civil contra o imperador (ao que ele acedeu nos finais de 1295). A situação só se resolveria após Andrónico II oferecer o título de *Kaisar* a Aleixo Filantropeno, em troca da sua obediência.

<sup>106</sup> Tarcaniotes criara muitas inimizades com alguns membros do alto clero da Ásia Menor (caso do bispo de Filadélfia, que o acusara de traição), pois apoiara o patriarca Arsénio, que excomungara o imperador Miguel VIII após este ter cegado João Lascaris, em 1261.

<sup>107</sup> Gregoras aponta cerca de 10 000 pessoas, enquanto Paquimeres fala em 16 000 indivíduos. Cf. Paquimeres II 307-308; e Bartusis 1992 76.

<sup>108</sup> Os Alanos (um povo turco mas cristianizado) já haviam lutado nos exércitos imperiais como mercenários, nos séculos XI e XII.

seguem para a Ásia Menor: o primeiro seria comandado pelo general Mouzalon e deveria combater os Turcos na região da Nicomédia; o segundo, liderado pelo filho do imperador (Miguel IX), marcharia para a região de Magnésia (ao pé do vale do Meandro). Quanto à hoste chefiada por Mouzalon (que se encontrava a defender Nicomédia), sabemos que sofreu derrotas muito pesadas diante do exército de Osman, que de seguida pilhou todo o norte da Ásia Menor ainda sob o controlo bizantino; por sua vez, a hoste de Miguel IX manteve-se intacta até chegar à região de Magnésia, onde os mercenários alanos, assim como os contingentes bizantinos, começaram a desertar. Devido à sua ineficácia como mercenários, os Alanos acabariam por negociar com o imperador a devolução das armas e dos cavalos que este lhes havia concedido, tendo de seguida saído dos territórios imperiais.

A situação crítica na Ásia Menor obrigou Andrónico II a contratar a Companhia Catalã (composta por aproximadamente 6500 soldados, liderados por Rogério de Flor), que, apesar de inicialmente ter arrecadado um conjunto de vitórias contra os Turcos (as quais não trouxeram qualquer ganho territorial a Bizâncio), depressa entrou em desavenças com o imperador, devido ao atraso nos pagamentos e às atrocidades que estes mercenários cometeram na região, onde roubaram e assassinaram muitos gregos que lá permaneciam<sup>109</sup>. Estes conflitos culminaram no assassinato de Rogério de Flor, o que, por sua vez, levou os Catalães a enfrentarem os Bizantinos na batalha de Apros (em julho de 1305), a qual resultou numa derrota esmagadora de Miguel IX<sup>110</sup>. Após a resolução do “desastre catalão” (1313) e até ao início da guerra civil entre Andrónico II

---

<sup>109</sup> Para uma leitura mais pormenorizada relativa à campanha dos Catalães na Ásia Menor (que se iniciou na primavera de 1304) e, posteriormente, aos conflitos que opuseram o imperador e estes mercenários, veja-se M. Bartusis (1992 78-82).

<sup>110</sup> Devemos recordar que os Catalães acabariam por conquistar o ducado franco de Atenas (1311), formando um principado catalão que permaneceria intacto até aos finais do século XIV!

e o seu neto Andrónico III (1321/22), assistiu-se a um período de estabilização do território imperial e de redefinição das fronteiras<sup>111</sup>, com poucas iniciativas militares, tanto por parte de Bizâncio como dos seus vizinhos mais agressivos (caso dos Otomanos).

Assim sendo, se fizermos um apanhado do reinado de Andrónico II, podemos concluir que este imperador conduziu políticas militares constantes, mas que resultaram, em grande parte dos casos, do aparecimento de situações críticas (sobretudo na Ásia Menor). Por outro lado, as estratégias por ele implementadas não surtiram os efeitos desejados, culminando na progressiva perda dos territórios da Ásia Menor (cujas causas já poderão ser encontradas nas políticas de Miguel VIII, muito mal recebidas na região).

#### **4. O período das guerras civis e o descabro do império (1321-1357)**

Nos inícios da década de 1320, Andrónico II encarava positivamente o futuro de Bizâncio, visto que, apesar de ter perdido grande parte dos territórios asiáticos, o império mantinha as suas possessões europeias, especialmente a Trácia e a Macedónia (que, entretanto, haviam recuperado economicamente das guerras contra os Catalães), conseguindo mesmo estender os seus domínios para os despotados de Epiro<sup>112</sup> e da Tessália<sup>113</sup>. Deste modo, com o seu filho Miguel IX, começa a preparar, em 1320, uma enorme

---

<sup>111</sup> Com a Bulgária e a Sérvia, a norte; com os Otomanos, na Ásia Menor; e com uma série de territórios latinos (venezianos, catalães e genoveses), na Grécia.

<sup>112</sup> Tomás I Comneno Ducas (1296-1318), governador do despotado, tinha pedido o auxílio de Andrónico II contra a ameaça dos Angevinos; acabou por ser assassinado, permitindo a conquista bizantina da região.

<sup>113</sup> A morte do seu último governador, João II Ducas (1303-1318), que não tinha descendência, levou à divisão da Tessália entre Andrónico e o ducado catalão de Atenas.

campanha militar, cujo objetivo seria a afirmação da presença bizantina em todas estas regiões, tendo para isso arrecadado (através de impostos) a quantia impressionante de quase 1 milhão de hipépiros, que, segundo Gregoras, serviriam para financiar 20 trirremes (utilizadas contra os inimigos marítimos de Bizâncio), 1000 cavaleiros na Bitínia e 2000 na Trácia e na Macedónia. Porém, todos os esforços de Andrónico e do seu filho para restaurarem o império seriam anulados por uma série de guerras civis, que devastaram por completo Bizâncio.

A primeira destas guerras (em 1321/22, com continuidade nos anos de 1327/28)<sup>114</sup> colocaria Andrónico II contra o seu neto Andrónico III, que explorou os fracassos militares (a perda da Ásia Menor, o episódio catalão) e económicos (reformas administrativas na Ásia Menor e elevados impostos para subornar os inimigos). Ora, este período (como aliás aconteceu durante as restantes guerras civis) não trouxe quaisquer inovações na administração militar, de tal modo que as facções rivais utilizaram os mesmos tipos de tropas, nomeadamente os soldados que beneficiavam de *prónoiai* e as companhias de mercenários que tinham sido contratadas nos inícios do reinado de Andrónico II. Dos mercenários que foram contratados durante estes conflitos internos, devemos distinguir os latinos<sup>115</sup>, os sérvios, os búlgaros e, sobretudo, os turcos (dentro dos quais, pela primeira vez, aparecem mercenários otomanos); destes povos, os Búlgaros (o principal inimigo histórico do império, a norte) foram os primeiros a imiscuir-se nestas guerras civis. Sem recursos nem poder para entrarem em conflito direto entre si, ambos os impérios tentavam interferir nas querelas políticas do

---

<sup>114</sup> Para pormenores sobre esta guerra, veja-se M. Bartusis (1992 87-91).

<sup>115</sup> Contudo, o historiador Mark C. Bartusis considera que a presença de latinos nas guerras civis se poderá dever ao facto de as forças em questão serem muito diminutas e de os historiadores bizantinos terem tendência para realçar a presença de pequenos grupos de latinos (Bartusis 1992 86).

seu rival, aproveitando para conquistar algumas regiões fronteiriças ou para incitar à desordem interna<sup>116</sup>. A presença de tropas búlgaras aliadas no império era praticamente uma novidade (vista a sua inexistência durante o período do Império de Niceia e na fase inicial do governo dos Paleólogos<sup>117</sup>); estas, segundo a *Crónica da Moreia*, poderão ter participado ao lado dos Bizantinos na batalha de Pelagónia, em 1259<sup>118</sup>.

As guerras civis que grassaram durante estas décadas foram, portanto, desastrosas para as estratégias do imperador contra as ameaças externas, sobretudo a protagonizada pelos Turcos Otomanos na Ásia Menor ocidental e, a partir de 1352, na região da Trácia. Deste modo, só nos períodos de paz que intercalavam as guerras civis é que assistimos a algumas iniciativas por parte do governo central para recuperar o território perdido na Ásia; tais tentativas, porém, foram infrutíferas<sup>119</sup>, de tal maneira que, em 1326, a cidade de Bursa é conquistada por Osman, tornando-se a capital dos Otomanos já no sultanato do filho Orhan (1326-1359) e ficando a presença bizantina na Ásia Menor reduzida às áreas da Nicomédia e de Niceia e a alguns pontos isolados (casos de Filadélfia e de Heracleia). O marquês de Montferrato, Teodoro Paleólogo (filho

---

<sup>116</sup> O auxílio prestado pelo imperador Teodoro Svetoslav (1300-1322) a Andrónico III (seu cunhado), na primeira fase da guerra civil (1321-22) que opôs o já idoso Andrónico II ao seu neto Andrónico III, tinha precisamente o propósito de fomentar o caos em Bizâncio.

<sup>117</sup> Os dois cercos a Constantinopla, na década de 1230, são os únicos casos em que encontramos uma coligação entre os Búlgaros e os Bizantinos.

<sup>118</sup> Esta batalha opôs Miguel VIII Paleólogo (ainda na qualidade de coimperador de João IV Lascaris) a uma coligação composta pelo rei Manfredo da Sicília, o déspota Miguel II do Epiro e o príncipe latino da Acaia, Guilherme II de Villehardouin. Esta batalha já foi mencionada atrás.

<sup>119</sup> Em 1324, por exemplo, o imperador Andrónico II envia o general Aleixo Filantropeno (já cego e sem exército, devido à sua rebelião em 1295) para a Ásia; a sua reputação bastou para levar os Turcos a abandonarem o cerco que efetuavam a Filadélfia. Outra expedição terá sido conduzida por João Cantacuzeno em direção à Bitínia, com algum sucesso.

de Andrónico II), aponta como causas para estas conquistas as fragilidades militares<sup>120</sup> e a ganância dos oficiais<sup>121</sup> da região.

Perante esta situação crítica, Andrónico III e João Cantacuzeno, após terem ganho a guerra civil contra Andrónico II (1328), decidem lançar no ano seguinte uma derradeira investida contra os Otomanos, mas só conseguiram reunir cerca de 4000 soldados, oriundos de Constantinopla e da Trácia. Este exército enfrentaria a hoste de Orhan (composta por cerca de 8000 homens) na região de Pelékanon, em junho de 1329, sofrendo uma pesada derrota depois de o imperador se ter ferido no decorrer da batalha, o que baixou o moral do exército bizantino ao ponto de este debandar<sup>122</sup>.

Na sequência desta batalha, a presença bizantina na Ásia Menor eclipsou-se progressivamente (com as tomadas de Niceia, em 1331, e de Nicomédia, em 1337), e o imperador foi mesmo obrigado a pagar um tributo anual humilhante ao sultão otomano (1333). Assim, à exceção de alguns enclaves, toda a Ásia fora perdida, tendo Andrónico III iniciado uma política de contenção, em detrimento de estratégias mais agressivas: pretendia agora assegurar o controlo das ilhas do mar Egeu adjacentes à costa da Ásia Menor (conquistando Kios aos Genoveses, em 1336), de forma a impedir o avanço turco para a Europa, enquanto procurava alianças com os outros emires da região que pudessem fazer frente

---

<sup>120</sup> Nas palavras do marquês: “Parece que os habitantes da terra não tinham quaisquer fortalezas para se defenderem e protegerem dos seus inimigos. (...) Quando um inimigo chegava, todos fugiam, deixando as suas terras e as suas casas com as suas mulheres e filhos até encontrarem um castelo ou uma fortaleza onde estivessem seguros”. Cf. Teodoro Paleólogo, 1983 107-108.

<sup>121</sup> “Os castelões e oficiais apontados para defender e guardar os ditos sítios (...) tiram o dinheiro dos seus habitantes, porque são homens contratados e não se preocupam com as suas ovelhas” (cf. Knowles 1983 107-108).

<sup>122</sup> Esta ferida foi infligida na sequência de uma retirada precipitada dos contingentes bizantinos, que os Otomanos aproveitaram. A notícia do ferimento do imperador desmoralizou de tal forma as tropas bizantinas que o imperador decidiu levantar o acampamento e dirigir-se para a costa, sendo as forças gregas derrotadas decisivamente pela hoste de Orhan antes de conseguirem entrar nas embarcações.

aos Otomanos. Destes governantes seljúcidas devemos salientar Umur Pasha, emir do beilhique de Aydin, que por diversas vezes auxiliou João Cantacuzeno nas suas campanhas na Europa, providenciando um número considerável de mercenários<sup>123</sup>; a requisição de soldados mercenários turcos tornou-se uma constante durante este período (até à década de 1350), sendo descritos como tropas aliadas suplementares ou auxiliares<sup>124</sup>. O imperador não pagaria o seu serviço (não esqueçamos que o Estado bizantino se encontrava numa situação financeira deplorável), dando-lhes, em vez disso, liberdade para saquearem e escravizarem as populações locais.

O início de uma nova guerra civil (1341-1347)<sup>125</sup>, desencadeada por causa da menoridade de João V Paleólogo, debilitou mais uma vez o império devido às enormes perdas territoriais (caso da conquista da Macedónia pelos Sérvios) e à presença de uma série de tropas aliadas (búlgaras, sérvias, turcas) que ocupavam, saqueavam e destruíam os territórios bizantinos por onde passavam; destes aliados, devemos realçar mais uma vez as tropas de Umur Pasha, que por diversas vezes invadiram os territórios europeus (da Trácia e Tessalónica) a pedido de Cantacuzeno<sup>126</sup>, que, no entanto, após a morte deste emir

---

<sup>123</sup> Por exemplo, em 1338, a Albânia revoltou-se, obrigando o imperador a enviar para a região um contingente de 2000 soldados ligeiros e arqueiros, que foram reunidos pelo emir de Aydin.

<sup>124</sup> Enquanto Gregoras considera estes soldados apenas como mercenários (*mis-thophóroi*), Cantacuzeno denomina os turcos de Umur como infantaria auxiliar (*symmachía pezé*). Cf. Bartusis 1992 93-94.

<sup>125</sup> Para uma descrição mais pormenorizada relativa a esta guerra, veja-se Bartusis 1992 94-97.

<sup>126</sup> Cantacuzeno indica pelo menos três situações em que Umur Pasha invade a Europa (durante esta guerra civil: no inverno de 1342/43, onde pilha a Trácia, com os seus 31 000 homens apeados e montados, sob o pretexto de auxiliar a mulher de Cantacuzeno, que se encontrava cercada em Didimoteico; no outono de 1343, onde ajuda Cantacuzeno a tentar conquistar Tessalónica – sem sucesso –, levando consigo 200 embarcações e 30 000 tropas – na sua maior parte infantaria; e na primavera e verão de 1345, período em que faz uma última campanha na Trácia, com cerca de 20 000 cavaleiros. Os números dos efetivos de Umur Pasha encontram-se, no entanto, bastante inflacionados.

(1348), começou a explorar a recém-formada aliança com o sultão otomano Orhan (através do casamento deste com uma das suas filhas), que envia soldados para as campanhas bizantinas contra a Sérvia<sup>127</sup>, um império que se tinha apoderado da Macedónia, da Tessália e de Epiro, na sequência desta última guerra civil. Estas tropas, porém, antes de terem combatido contra os exércitos sérvios, começaram a saquear e a escravizar as populações locais.

O império encontrava-se desgastado (com exceção da Moreia, que se manteve relativamente estável) e retraído, possuindo as regiões de Constantinopla, Trácia, Tessalónica, algumas ilhas do mar Egeu e alguns enclaves costeiros na Ásia Menor, o que tinha provocado uma estagnação no comércio e a inexistência de fundos nos cofres do imperador. João Cantacuzeno considerava que a manutenção do domínio bizantino sobre territórios tão dispersos passava pela reconstrução da frota imperial, o que também permitiria libertar Bizâncio da dependência marítima de Génova e de Veneza; no entanto, os Bizantinos, mais uma vez, viram-se arrastados para as disputas sistemáticas entre estas duas repúblicas italianas sobre o controlo do comércio entre o mar Negro e o mar Egeu<sup>128</sup>.

A última guerra civil (1352-57)<sup>129</sup>, opondo João Cantacuzeno (que queria levar o seu filho Mateus ao poder) a João V Paleólogo, seria

---

<sup>127</sup> Em 1348, seriam mais de 10 000 soldados otomanos que ficariam sob o comando de Solimão (filho de Orhan), que, conjuntamente com o filho de Cantacuzeno (Mateus), invadiu a Sérvia. Dois anos depois, o sultão otomano voltaria a enviar um novo contingente, composto por 20 000 cavaleiros (um número claramente inflacionado), que contudo voltou à Ásia antes de participar em qualquer combate.

<sup>128</sup> Deste modo, os Genoveses, ameaçados pela reconstrução célere da armada imperial, declaram guerra, em 1348, enfrentando os Bizantinos perto de Constantinopla logo no ano seguinte. Porém, a desorganização dos tripulantes indisciplinados da nova armada bizantina (que devido a uma forte ventania entraram em pânico, tendo abandonado as embarcações para admiração e gáudio dos Genoveses) levou a uma derrota humilhante.

<sup>129</sup> Mais informações relativas a esta guerra civil poderão ser encontradas em M. Bartusis 1992 99-100.

mesmo congeminada pelos Venezianos, que apoiavam este jovem, muito mais indiferente ao crescimento da influência dos Venezianos no estreito do Bósforo. Esta guerra evidencia-nos a fragilidade militar e política de Bizâncio diante dos seus vizinhos, visto que a participação de tropas imperiais foi bastante diminuta, predominando os exércitos aliados de Turcos (aliados aos Genoveses e a Cantacuzeno) e de Búlgaros e Sérvios (apoiantes de Veneza e dos Paleólogos).

Tanto os Búlgaros como os Sérvios haviam auxiliado, pelo menos três vezes, uma fação política de Bizâncio durante os conflitos internos do século XIV<sup>130</sup>. Porém, foram raras as chegadas de exércitos eslavos que tivessem contribuído para os projetos geopolíticos do imperador, de tal forma que tanto uns como os outros só em 1352 é que participaram efetivamente num combate decisivo para o fim da guerra civil; assim, estes povos estariam mais interessados em enviar tropas na sequência de acontecimentos que tivessem desestabilizado o *status quo* do império do que em auxiliar o imperador em campanhas de expansão (por exemplo, na Ásia<sup>131</sup>). Na sequência destes conflitos, o império saía enfraquecido, e os governantes eslavos poderiam exigir recompensas vultuosas pelos serviços concedidos; por outro lado, como acentua o historiador Mark Bartusis, as próprias relações de rivalidade entre os dois impérios faziam com que a interferência em Bizâncio se tornasse atrativa, visto que ambos os Estados tinham interesses nos territórios imperiais<sup>132</sup>. A neutralidade de um dos impérios diante da participação do outro num conflito interno bizantino colocava-o em clara desvantagem.

---

<sup>130</sup> Os Búlgaros enviaram ajuda militar nos anos de 1321, 1328 e 1352, enquanto os Sérvios enviaram contingentes aliados nos anos de 1312, 1327, 1342/43 e 1352.

<sup>131</sup> Aliás, estas campanhas seriam vantajosas para as ambições de conquista da Bulgária e da Sérvia nos Balcãs, visto que o imperador seria obrigado a mobilizar tropas para a Ásia.

<sup>132</sup> Cf. Bartusis 1992 99-100.

Todavia, a entrada dos Otomanos no território europeu constituía uma ameaça muito mais grave para o império. A forma como se deu esta entrada foi um tanto insólita, visto que começaram a ocupar várias cidades da Trácia que se encontravam vazias devido a dois terremotos, que provocaram o pânico entre a população grega. O primeiro terremoto (1352) levou à evacuação da cidade de Tzympe (na costa de Galilopoli), que rapidamente foi tomada pelos Otomanos, sob o olhar desalentado de Cantacuzeno (que nos anos seguintes tentou, por via diplomática, convencer os Turcos a abandonar a região). Um segundo terremoto (em 1354) levou à afirmação da presença otomana na região, tendo Solimão (filho de Orhan) enviado um enorme número de turcos para invadirem todas as cidades e vilas que tivessem sido abandonadas pelas populações bizantinas<sup>133</sup>. A década de 1350 marcaria a entrada definitiva dos Otomanos no continente europeu (até então tinham apenas servido como mercenários ou como tropas aliadas); durante a centúria seguinte, eles conduziram uma série de conquistas que levariam ao cerco de Constantinopla e à queda do Império Romano do Oriente.

## **5. A defesa milagrosa do enclave bizantino (1357-1451)**

Durante a segunda metade do século XIV, os Otomanos procederam à conquista dos Balcãs, de forma que, por volta do ano de 1365, o império já era uma sombra do seu passado, retendo somente as cidades de Constantinopla (com a área envolvente) e de Tessalónica (isolada), a Moreia, algumas ilhas do mar Egeu (Lemnos, Tasos e Ténedos), poucas cidades costeiras do mar de Mármara e do mar Negro (Selimbria, Redesto e Anquíalo) e algumas cidades

---

<sup>133</sup> Para mais informações relativas à ocupação da costa de Galilopoli pelos Osmanlis, veja-se Nicol 1999 241-242.

isoladas (caso de Filadélfia, na Ásia Menor). É neste sentido que a sobrevivência do Império Bizantino (altamente debilitado do ponto de vista militar e financeiro) durante mais um século, perante o crescente poderio dos Otomanos na Europa, se torna extraordinária.

As informações que existem para descrever os exércitos bizantinos deste último século são bastante vagas, devido à escassez de fontes<sup>134</sup> e ao forte enfoque que estas dão à ascensão do Império Otomano<sup>135</sup>. Deste modo, poderemos considerar que as práticas militares que já tinham sido aplicadas durante os principados dos primeiros Paleólogos foram, neste último século, reproduzidas a uma muito mais pequena escala. A presença de companhias de soldados, de *gasmouloi*, de *prosaléntai*, de Vargues, de mercenários cretenses e de latinos (que continuavam a prestar serviço militar na corte bizantina) subsiste, ainda que em menor número. Por outro lado, o panorama militar das conquistas otomanas nos Balcãs até à conquista de Constantinopla (1453) é bastante diversificado com a presença de outras tropas turcas (oriundas dos beilhiques de Aydin, de Saruhan e de Karasi)<sup>136</sup> e de exércitos que já se haviam imiscuído nos assuntos internos bizantinos dos séculos anteriores (latinos, búlgaros, sérvios). Não obstante a grande oposição cristã em algumas cidades, a conquista otomana dos Balcãs, salvo algumas exceções

---

<sup>134</sup> O que se deve, principalmente, à progressiva contração territorial do império e à incapacidade dos imperadores de financiarem a produção e conservação desse tipo de obras literárias.

<sup>135</sup> As principais crónicas que temos para esta época foram escritas pelo historiador Ducas (*The Decline and fall of Byzantium to the Ottoman Turks* constitui a principal fonte para o estudo da queda de Bizâncio frente aos Turcos, em 1453) e pelo historiador renascentista Laónico. Mas mesmo estes autores tinham pouco interesse em analisar um exército decadente e pouco significativo, quando comparado com o exército mais numeroso e tecnologicamente mais avançado dos Otomanos.

<sup>136</sup> Para além das tropas oriundas das mesnadas dos emires da Anatólia, a presença de soldados mercenários turcos manteve-se. Estes mercenários saqueavam e destruíam os arredores das cidades que eram conquistadas pelos Otomanos.

(caso de Tessalónica), ocorreu com celeridade<sup>137</sup>, de tal forma que, em 1377, os Otomanos já tinham conquistado território suficiente para transferirem a sua capital para a Europa (Adrianopla).

Os esforços dos imperadores bizantinos e dos seus aliados para contrariarem o avanço turco foram infrutíferos. Porém, devemos realçar a ida do imperador João V à Hungria (em busca do auxílio do monarca deste reino), onde se propõe recrutar mais soldados nos territórios exíguos que o império ainda detinha; deste modo, pretendia concentrar combatentes nas imediações de Constantinopla, até à região da Selímbría, dando-lhes terras para cultivarem (provavelmente em regime de *prónoia*), mas algumas das propriedades que o *basileús* queria conceder aos soldados encontravam-se na posse da Igreja, e por isso o patriarca contrariou esta estratégia, que nunca viria a ser implementada. Apesar da situação desesperada, os últimos imperadores nunca perderam a esperança de encontrar uma solução que reerguesse o império, e assim, devido às tentativas falhadas de implementação de reformas militares e à falta de apoio por parte das outras entidades políticas nos Balcãs, João V foi ao Ocidente em busca de auxílio, obtendo respostas não conclusivas<sup>138</sup>.

Durante a década de 1370, Manuel II (na altura governador de Tessalónica) aproveitara a derrota sérvia na batalha do rio Maritsa (1371)<sup>139</sup> para recapturar Serres, procurando instituir, simultaneamente, uma nova reforma que reconstruísse o exército bizantino; a fim de

---

<sup>137</sup> Desta maneira, apenas na década de 60 os Otomanos conquistaram uma série de cidades, das quais devemos realçar: Didimoteico (1361), Plovdiv (1363) e Adrianopla (1369).

<sup>138</sup> Muitos dos monarcas do Ocidente europeu tinham planos para conquistar a capital bizantina. Por sua vez, o papa exigia a submissão da Igreja Ortodoxa à Igreja Católica antes de qualquer auxílio militar; no entanto, os imperadores bizantinos reconheciam que a união das duas Igrejas (algo bastante polémico) não garantiria esse mesmo auxílio.

<sup>139</sup> Não houve intervenção de quaisquer soldados bizantinos nesta batalha, o que nos leva a crer que uma das razões que levaram os Otomanos a conquistar

encontrar financiamento para conceder mais *prónoiai* aos soldados, decidiu reduzir para metade a isenção de impostos de que o clero monástico da região de Tessalónica usufruía. As consequências desta política são desconhecidas, porém sabemos que vigorou pelo menos até aos finais do século xv e mostra que os líderes de Bizâncio persistiam numa reorganização interna necessária para a sobrevivência de um exército debilitado, sendo certo que o seu financiamento deveria continuar a ser assegurado sob o regime de *prónoia*.

Contudo, o facto de o imperador João V ter adotado uma política de submissão perante o sultão Murad I (a partir de 1373)<sup>140</sup>, a falta de apoio externo e o surgimento de uma nova guerra civil (entre os anos de 1373-1385)<sup>141</sup> impossibilitaram qualquer tipo de resistência bem-sucedida contra os Osmanlis. Aliás, o auxílio que as tropas otomanas concederam às duas facções em disputa (Andrónico IV *versus* João V) exigiu a entrega de muitos dos poucos territórios que o império ainda detinha, bem como o pagamento de um pesado tributo<sup>142</sup>. Assim, Manuel II encabeçara uma resistência localizada, que acabaria por soçobrar após a derrota bizantina na batalha de Chortaites (em 1384, perto de Tessalónica), a última grande batalha campal travada entre Bizantinos e Turcos.

---

os Balcãs tão rapidamente foi a falta de articulação e os atritos que existiam entre os poderes locais. Para mais pormenores, cf. Nicol 1999 274-275.

<sup>140</sup> Como acentua o historiador Mark Bartusis (1992 106), em substância, o imperador tornava-se um vassalo dos Otomanos, reconhecendo a sua dependência relativamente às políticas expansionistas do sultão. Deste modo, nos inícios do ano 1373, o imperador auxilia o sultão Murad I nas suas guerras na Anatólia.

<sup>141</sup> Esta guerra opôs Andrónico IV (o filho mais velho do imperador João V) e Savci Beg (filho do sultão Murad I) aos seus pais, que entretanto se encontravam em campanha na Ásia. Mais uma vez, verificou-se o envolvimento de potências estrangeiras nos conflitos internos de Bizâncio. Para uma descrição mais pormenorizada sobre este conflito, veja-se Bartusis 1992 106-109.

<sup>142</sup> Em 1376, Andrónico fora obrigado a entregar aos Turcos, como recompensa pelos seus serviços, toda a região de Galilopoli. Três anos mais tarde, seria a vez de João V firmar contas com os Osmanlis, tendo de lhes pagar um pesado tributo, assim como de lhes entregar Filadélfia (na Ásia Menor).

Na sequência desta guerra civil, o Estado bizantino encontrava-se reduzido à cidade de Constantinopla e ao enclave isolado da Moreia. Simultaneamente, os Osmanlis prosseguiram as suas conquistas nos Balcãs<sup>143</sup>, derrotando decisivamente os Sérvios na batalha de Kosovo Polje (em 1389)<sup>144</sup>. Nesta altura, o exército bizantino já se encontrava extremamente debilitado, ao ponto de o sultão Bajazed I pedir ao imperador João V o apoio de um filho para as suas campanhas, o qual deveria vir acompanhado de uma simples centena de soldados (algo bastante elucidativo dos baixos quantitativos do exército imperial no momento). O novo sultão chegou mesmo a montar um cerco a Constantinopla, que teria uma duração global de oito anos mas que seria várias vezes interrompido: devido à batalha de Rovine (travada pelas tropas de Bajazed I e de Mircea I da Valáquia, em 1395, com um resultado inconclusivo); e à batalha de Nicópolis (que ocorreu no ano seguinte, na sequência de uma cruzada que envolveu mais de 100 000 cristãos, liderados pelo rei Sigismundo da Hungria, por Mircea da Valáquia e por João Stracimir de Vidin, que foram esmagados pelas tropas otomanas). Por outro lado, as poderosas fortificações de Constantinopla, a tenacidade da população local e o provimento de navios e de mantimentos por parte dos Genoveses e dos Venezianos<sup>145</sup> terão sido fatores decisivos para a resistência da cidade durante tantos anos. Por fim, a desastrosa derrota otomana na batalha de Ancara, diante

---

<sup>143</sup> Conquistando as cidades de Sófia (1385), Niš (1386), Véria (1387) e Tessalónica (no mesmo ano).

<sup>144</sup> Apesar do assassinato do sultão Murad I durante esta batalha, o seu filho (futuro Bajazed I) assegurou a vitória otomana, ocupando efetivamente o território do Império Sérvio (que englobava grande parte da Grécia central, da Macedónia e dos Balcãs ocidentais).

<sup>145</sup> Este terá mesmo sido o fator decisivo, visto que a armada turca ainda não conseguia competir com as enormes armadas destas repúblicas mercantis. No cerco que levou à queda de Constantinopla (em 1453), e como adiante veremos, o bloqueio otomano seria novamente rompido pelas embarcações genovesas e venezianas, em dois momentos distintos.

dos Mongóis da dinastia Timúrida, em 1402, na sequência da qual o sultão Bajazed I é capturado (morrendo no ano seguinte em cativeiro), iniciaria uma guerra civil no sultanato, que só terminaria em 1413 e que faria abortar (ou pelo menos adiar) a conquista da “segunda Roma” e o colapso do velho Império Bizantino.

Dois anos mais tarde, Manuel II, aproveitando os efeitos económicos nefastos desta guerra civil otomana, decide empreender um conjunto de iniciativas militares de teor defensivo que incidiram, sobretudo, no enclave bizantino da Moreia. Esta região, aquando do despotado de Teodoro Paleólogo (o quarto filho de João V), fora vítima de uma série de conflitos internos (os Cantacuzenos consideravam que estas terras eram apanágio da sua família<sup>146</sup>), assim como de investidas externas, protagonizadas pela Companhia de Navarra (que se tinha instalado no principado da Acaia, em 1381). Dos exércitos desta região, devemos mencionar os contingentes liderados por Demétrio Paleólogo Raul (um dos generais de Teodoro), nos quais se encontravam integrados Albaneses que se tinham fixado na Moreia, alistando-se como soldados; a migração deste povo para o Peloponeso havia sido promovida por Teodoro<sup>147</sup>, de tal forma que ele se tornou um dos elementos nevrálgicos para a sua defesa.

Para além destes soldados, outro elemento central para a defesa deste enclave bizantino foi a construção do *Hexamilion*: uma linha de fortificações localizada no istmo de Corinto e que isolava o Peloponeso do resto da Grécia. A construção destas fortalezas representa uma contramedida às investidas otomanas na região (visto que os Otomanos ainda não tinham uma armada eficiente, só conseguiriam invadir a península do Peloponeso por terra); esta

---

<sup>146</sup> Devemos mencionar que Teodoro foi nomeado déspota da região após um longo despotado de Manuel Cantacuzeno (1349-1380).

<sup>147</sup> Manuel II, na oração funerária que faz ao seu irmão, diz que este último havia conseguido fixar na Moreia pelo menos 10 000 albaneses, tornando as forças do Peloponeso bastante significativas.

linha amuralhada havia sido destruída, nos finais do século XIV, por um exército turco composto por 50 000 a 60 000 soldados, comandados por Gazi Evrenos e Iakoub Pasha, e Manuel II estimula os planos para a sua reconstrução, que seria efetuada aproveitando os vestígios de uma muralha fortificada edificada por Justiniano no século VI<sup>148</sup>: deste modo, em 1415, apenas em 25 dias, grande parte da muralha que idealizou foi erguida, possuindo 150 torres, com fortes em ambas as pontas!

Para financiar esta construção, Manuel II lançou um novo imposto (o *phloriatikón*), que, devido à sua impopularidade, causou uma rebelião na Moreia nesse mesmo ano. Apesar da imponência das novas fortificações, a falta de homens para as defender levaria à sua destruição em 1423, por um exército otomano de 25 000 homens liderado pelo general Turahan Bey, que de seguida saqueou a região<sup>149</sup>. Após esta incursão, seguem-se sucessivas reconstruções e destruições do *Hexamilion*, de tal forma que, em 1431, este general volta a destruir a linha fortificada que havia sido reconstruída. Por sua vez, Constantino Paleólogo (o futuro Constantino XI, último imperador bizantino), quando se tornou déspota da Moreia (em 1443), reergueu de novo a muralha, sendo esta novamente destruída por Turahan Bey, três anos mais tarde<sup>150</sup>! Já nos inícios da década de 1450, os déspotas Tomás e Demétrio Paleólogo promoveram uma

---

<sup>148</sup> Contudo, os recintos amuralhados mais antigos neste istmo datam do ano 480 a. C., quando da invasão persa (liderada por Xerxes).

<sup>149</sup> O humanista Jorge Gemisto Pletão, em duas cartas que escreve a Manuel II, já alertara para a escassez de recursos humanos que pudessem defender estes recintos amuralhados. Ele próprio menciona uma série de medidas para assegurar a povoação destas muralhas, oferecendo-se para recrutar os soldados necessários (através de reformas radicais que deveriam ser impostas em todo o império). Cf. M. Bartusis 1992 217-221.

<sup>150</sup> É curioso que Ducas atribui a destruição de 1446, não à escassez de soldados (mencionando cerca de 60 000 gregos e albaneses a defender o recinto amuralhado, um número claramente exagerado), mas sim à manha e perfídia do general Turahan Bey.

nova restauração do *Hexamilion*, o que, no entanto, não impediu o mesmo general de, em 1452, invadir a Moreia mais uma vez (esta incursão já se enquadrará nos preparativos do sultão Mehmet II para a conquista de Constantinopla).

Por fim, será importante mencionar o cerco que o sultão Murad II (distanciando-se das políticas cordiais com Bizâncio que o seu pai Mehmet I fomentara) montou a Constantinopla (de junho a agosto de 1422), visto que, pela primeira vez, os exércitos otomanos (cerca de 10 000 soldados) se fizeram acompanhar de armas de fogo; no entanto, estas não tiveram um impacto decisivo no decorrer do assédio, ao contrário do que aconteceria em 1453. O cerco de 1422 seria interrompido devido a uma nova guerra civil na Anatólia, promovida por Manuel II, que incitou o irmão mais novo de Murad II a revoltar-se... Porém, o levantamento do cerco não evitou a assinatura de outra paz humilhante para Bizâncio (1424), que se comprometeu a fazer novas concessões territoriais (ficando o império reduzido a Constantinopla e respetivos subúrbios e ao enclave da Moreia) e a pagar um novo tributo anual. Mais uma vez, a cidade sobrevivera fruto de acontecimentos políticos adversos ao sultão e à tenacidade dos bizantinos<sup>151</sup>. Contudo, o destino de Bizâncio estava traçado e, trinta anos mais tarde, Mehmet II (filho de Murad II) lideraria o derradeiro cerco a Constantinopla, pondo fim a um dos impérios mais duradouros da história da Humanidade.

---

<sup>151</sup> João Cananos (historiador bizantino da primeira metade do século xv) evidencia esta resiliência mencionando que “não foram apenas os soldados e os peritos na guerra a fazer estas coisas, mas os arcontes do governo e as pessoas oriundas dos campos e todas as pessoas comuns, todos os sacerdotes e monges e a bravura dos arcebispos e o mais sagrado dos Espíritos Santos”. Cf. Bartusis 1992 117.

## X

### CONSTANTINOPLA 1453: O CERCO QUE MUDOU A EUROPA

#### 1. Antecedentes próximos do cerco

A expugnação de Constantinopla em 1453 pelos Turcos Otomanos deve ser interpretada de forma ambivalente, visto que esta conquista marca não só o fim formal do antigo Império Romano do Oriente, como também simboliza o aparecimento de uma nova superpotência na Europa oriental mediterrânica: o Império Otomano. Ora, para os Otomanos, a região dos Balcãs era considerada parte integrante da Rumélia (a “terra dos romanos”), de tal forma que, desde o sultanato de Mehmet II, os sultões otomanos passam a intitular-se “governantes dos romanos” (*Sultan-i Rum*), considerando-se herdeiros diretos de Constantinopla e de Roma<sup>152</sup>. Porém, devemos ter em conta que a conquista da “Segunda Roma” era já um antigo sonho dos governantes islâmicos do Próximo Oriente, que chegaram a cercar a capital bizantina por várias vezes<sup>153</sup>; aliás,

---

<sup>152</sup> Os Turcos Otomanos chegaram mesmo a ser apelidados de *Rumiyun* (“romanos”) pelos muçulmanos que habitavam o Médio e o Extremo Oriente.

<sup>153</sup> Destes cercos devemos recordar o assédio efetuado, em 674-678, por um exército dos Omíadas liderado pelo califa Yazid I (no qual o fogo greguês terá tido um papel determinante para a defesa da cidade) e o sítio realizado em 717-718 por

relembremos que alguns antecessores do sultão Mehmet II já haviam organizado assédios a esta cidade<sup>154</sup>, embora malsucedidos, devido à falta de armas de cerco eficazes e à emergência de conjunturas políticas desfavoráveis. O historiador David Nicolle refere que a elite otomana quatrocentista se encontrava dividida quanto aos moldes como se deveria processar a guerra religiosa a Ocidente: um grupo mais tradicional, que defendia uma guerra fronteiriça autónoma (*ghazi*); e uma elite feudal (da qual devemos salientar os *kapikulu*<sup>155</sup>), que advogava a concentração do poder militar e da guerra religiosa na figura do sultão<sup>156</sup>.

Podemos, portanto, considerar que há muito que se tornava premente a conquista otomana da cidade, visto que os exíguos territórios bizantinos serviam como base naval para as rivais marítimas dos Otomanos (Génova e Veneza). Por sua vez, as conquistas que os Turcos haviam realizado em território bizantino constituíam o pretexto ideal para a organização de cruzadas lideradas pelo único estadista da Europa oriental capaz de fazer frente ao avanço terrestre otomano: o rei da Hungria. Destas, devemos salientar a Cruzada de Varna (1443-1444)<sup>157</sup>, comandada pelo rei húngaro Ladislau III, que conseguiu, temporariamente, dividir os territórios otomanos

---

um novo exército omíada comandado pelo general Umar Hubayra e pelo príncipe Maslama al-Malik (este cerco foi completado por um bloqueio marítimo que os Bizantinos conseguiram romper, permitindo assim o abastecimento da cidade).

<sup>154</sup> Para uma leitura mais pormenorizada dos cercos de Bajazed I (1394-1402) e de Murad II (1422), veja-se o capítulo anterior.

<sup>155</sup> Este grupo militar, criado por Murad I e por Bajazed I na segunda metade do século XIV, era composto por soldados-escravos (apesar de muitos deles se terem tornado homens livres) sob o comando direto dos sultões otomanos.

<sup>156</sup> Para pormenores relativos à conjuntura política interna aquando da ascensão de Mehmet II ao poder, veja-se David Nicolle 2007 175.

<sup>157</sup> Esta cruzada, promovida pelo papa Eugénio IV, culminaria na vitória decisiva dos Otomanos na batalha de Varna, na qual o rei húngaro e 10 000 dos seus soldados são mortos, iniciando-se um período de guerra civil no reino da Hungria, que impossibilitou a realização de novas expedições lideradas por esta potência terrestre.

européus em duas partes distintas, pondo em risco o império recém-formado. Para além disso, o sultão Mehmet II sofreu uma enorme humilhação no decorrer desta cruzada, visto que, após se ter tornado sultão (por abdicação do seu pai, Murad II, cansado dos conflitos internos do seu sultanato), foi retirado do poder pela elite otomana (especialmente pelo grande vizir Çandarlı Halil), que considerou mais sensato repor no trono Murad II, que entretanto regressara para governar o império e liderar os exércitos turcos contra os contingentes cruzados. Será neste sentido que a conquista emblemática da capital bizantina contribuirá decisivamente para a afirmação da influência marítima e terrestre dos Otomanos na Europa mediterrânica oriental<sup>158</sup>.

Como realça o historiador David Nicolle, para os Otomanos o imperador bizantino era considerado somente um *tekfür* (do arménio *taghavor*, que significa “o portador da coroa”), devendo submeter-se à hegemonia do sultão. A fragmentação territorial do império bizantino (cuja composição se traduzia em alguns enclaves dispersos<sup>159</sup>) e a conseqüente ineficácia do governo central para concentrar as valências militares do império nos seus interesses geopolíticos contribuíram decisivamente para o eclipse de Bizâncio, que se transformara num mero vassalo do sultão (tal como sucedia, de resto, com os subordinados do imperador, caso dos déspotas

---

<sup>158</sup> A conquista da “Segunda Roma” possibilitaria, igualmente, um acesso mais facilitado ao mar Negro, onde confluíam as rotas comerciais que ligavam a Rússia ao Médio Oriente e a Europa à Ásia das estepes. Daí o elevado interesse dos Genoveses em controlarem pontos comercialmente estratégicos na península da Crimeia (caso de Teodósia/Caffa, cidade a partir da qual a Peste Negra se espalharia pela Europa).

<sup>159</sup> Para além dos territórios bizantinos europeus, ainda subsistiam na Ásia outros Estados de matriz cultural bizantina, que se tinham tornado independentes do governo central do *basileús*: o império de Trebizonda (um Estado governado por uma dinastia rival dos Paleólogos e que conseguiu subsistir até 1461, ano em que foi anexado pelo sultão Mehmet II) e o principado de Teodoro (localizado na península da Crimeia e que sobreviveu mais duas décadas, sendo anexado pelos Otomanos em 1475).

da Moreia<sup>160</sup>). Contudo, a determinação do sultão em conquistar Constantinopla tornou-se evidente desde que este regressou ao poder (após a morte do seu pai), em 1451: assim que ascende ao trono, Mehmet II toma uma série de medidas com o objetivo de eliminar todos os possíveis focos de resistência à sua governação. É com este intuito que nomeia os seus conselheiros mais próximos para cargos com elevado prestígio na corte otomana (casos de Zaganos Pasha e de Shihab al-Din Pasha, que se tornaram segundo e terceiro vizires, respetivamente) e que, simultaneamente, vai eliminando os seus adversários políticos (nomeadamente o seu irmão mais novo, Küçük Ahmet). Porém, apesar da veemência destas políticas centralizadoras, o sultão não conseguiu afastar o grande vizir Çandarlı Halil (que o tinha deposto aquando da Cruzada de Varna)<sup>161</sup>, nem capturar o príncipe Orhan, que vivia como refugiado político em Constantinopla e que permanecia um perigoso pretendente ao trono otomano.

A ascensão de Mehmet II foi considerada pela maioria dos estadistas bizantinos como benéfica para o império, visto que o aparecimento de um novo governante turco (que, além do mais, era bastante jovem e tido como demasiado inexperiente pelo imperador Constantino XI<sup>162</sup>) poderia dar origem a uma guerra civil

---

<sup>160</sup> Estes governadores protagonizaram uma série de medidas defensivas localizadas (das quais devemos recordar o já citado *Hexamilion*) perante as diversas incursões que os generais otomanos faziam na região (podemos lembrar as campanhas de devastação de Turahan Bey, já mencionadas no subcapítulo anterior).

<sup>161</sup> O sultão chega a retirar-lhe o controlo sobre as tropas de janízaros (dando aos seus comandantes a liderança destas e de outras unidades de infantaria), tentando desacreditar este político experiente, que começa a ser visto na corte otomana como um amigo dos infieis gregos ortodoxos.

<sup>162</sup> Uma descrição mais pormenorizada acerca do parecer do imperador bizantino perante a ascensão deste jovem sultão, assim como dos comentários de outros políticos e diplomatas do mundo grego (não só de Bizâncio, mas também do império de Trebizonda, que fazia fronteira no norte da Ásia Menor com as possessões otomanas) pode encontrar-se na obra de Hanak 2011 359-361.

que debilitaria o Estado otomano<sup>163</sup> e que permitiria ao imperador exigir reduções nos tributos de vassalagem que pagava ao sultão e, quiçá, impor concessões territoriais. Pouco depois de subir ao trono, Mehmet II é obrigado a deslocar-se em campanha à Ásia Menor, a fim de derrotar o beilhique de Karaman, Ibrahim II, quebrando as tréguas que haviam sido firmadas no sultanato de Murad II. Ora, o imperador Constantino XI aproveita a aparente fragilidade política do novo sultão para lhe exigir cedências de territórios outrora bizantinos, sob a ameaça de apoiar o príncipe Orhan numa futura guerra civil otomana<sup>164</sup>, mas Mehmet II, mostrando as suas competências militares (que havia adquirido nas campanhas que liderara na Europa aquando do governo do seu pai) e diplomáticas (numa jogada estratégica, casa com a filha do beilhique Ibrahim, Gülsan Hatun), estanca o problema e estabiliza rapidamente a região sudeste da Anatólia; a seguir, regressa à Europa, acabando com as aspirações do último *basileús* e mostrando-se determinado a conquistar Constantinopla<sup>165</sup>. Durante a viagem de regresso a Edirne (Adrianopla), a sua hoste foi interceptada por embarcações cristãs no estreito de Dardanelos, o que o terá levado a formular planos para a edificação de uma fortaleza na costa europeia<sup>166</sup>.

---

<sup>163</sup> Lembremos os conflitos internos que se seguiram à derrota de Bajazed I na batalha de Ancara, que foram explorados ao máximo pelos vassalos cristãos dos Otomanos na Europa, especialmente pelo príncipe sérvio Estêvão Lazarevic e pelo imperador Manuel II Paleólogo (1391-1425).

<sup>164</sup> Para outros pormenores sobre a ameaça de Constantino XI de fomentar uma guerra civil durante a campanha de Mehmet II no beilhique de Karaman, consulte-se Hanak 2011 397-399.

<sup>165</sup> Aliás, como acentua o historiador David Nicolle, os membros da corte otomana ficaram indignados com esta jogada diplomática do imperador Constantino, considerando-a uma traição. O próprio Çandarlı Halil (que, como atrás já foi mencionado, era considerado na corte otomana como um amigo dos infiéis) profere palavras insultuosas aos dignitários da corte bizantina. Ver Nicolle 2007 180-181.

<sup>166</sup> Outros motivos poderão ter levado o sultão a construir esta fortificação no início do seu sultanato: por um lado, já nos reinados dos seus predecessores se havia acentuado a necessidade de construir uma infraestrutura que permitisse uma transição mais fácil do Helesponto; por outro, esta edificação isolaria Constanti-

Os preparativos para a construção desta fortificação, que seria batizada de Rumeli Hisar (“castelo da terra dos Romanos”), iniciaram-se no inverno de 1451, quando Mehmet II ordena a recolha dos materiais e dos especialistas necessários, e causaram o pânico em Constantinopla<sup>167</sup>, de tal maneira que a corte bizantina considerou a estratégia do sultão como uma declaração de guerra, tentando o imperador, por todos os meios possíveis, dissuadi-lo de prosseguir com esta obra<sup>168</sup>. Como acentua David Nicolle, a fim de construir uma fortaleza de tal envergadura, Mehmet II precisaria de uma armada suficientemente robusta para impedir qualquer tipo de interferência (sobretudo das embarcações genovesas e venezianas<sup>169</sup>), tendo concentrado em Galilopoli uma esquadra composta por 6 galés de guerra, 18 galeotas e 16 embarcações com os materiais e abastecimentos necessários. Travado qualquer tipo de resistência marítima por parte das repúblicas comerciais italianas, o sultão pôde por fim começar a construir a fortaleza triangular, em abril de 1452, na zona mais estreita do Bósforo (distavam cerca de 88 metros entre a costa europeia e a costa asiática). A construção do Rumeli Hisar concluiu-se em 31 de agosto do mesmo ano, sendo a fortaleza imediatamente guarnecida por 400 homens, liderados por Firuz Bey. Articulando esta nova fortificação com a

---

nopla, tanto por terra (negando-lhe o acesso à Ásia Menor e ao restante território europeu) como por mar (impediria o acesso ao mar Egeu e ao mar Negro).

<sup>167</sup> A população em Constantinopla consciencializou-se de que a edificação do Rumeli Hisar significaria o fim da cidade (chegando a associar a fortaleza ao Anticristo e ao apocalipse); cf. Hanak 2011 412-413.

<sup>168</sup> Constantino XI alegava que o sultão não lhe havia pedido permissão para construir a fortaleza num território que considerava ser seu *de jure*. Contudo, o sultão contra-argumentou, afirmando que a região se encontrava desabitada e que o *basileús* já não possuía nenhum território que se encontrasse no exterior das muralhas de Constantinopla. Para mais pormenores relativos ao jogo diplomático entre o imperador e o sultão, consulte-se Hanak 2011 402-403.

<sup>169</sup> A influência comercial destas repúblicas (especialmente de Génova) no mar Negro encontrava-se ameaçada pela edificação desta fortaleza, que bloqueava o acesso meridional ao Helesponto.

sua contraparte asiática (a fortaleza Anadolu Hisar, edificada por Bajazed I em 1393/1394<sup>170</sup>), Mehmet II havia finalmente atingido os seus dois principais objetivos: a deslocação segura entre os territórios otomanos da Ásia Menor e da Turquia e o isolamento de Constantinopla, cujo abastecimento marítimo e terrestre em virtualhas se tornara virtualmente impossível; para além disso, ainda conseguira controlar o acesso marítimo do estreito, começando a cobrar alfândegas a todas as embarcações cristãs que quisessem fazer a travessia entre o mar Egeu e o mar Negro, e vice-versa<sup>171</sup>.

Poucos meses após a conclusão desta fortaleza (ou seja, já no outono de 1452), Mehmet II convoca tropas otomanas das províncias imperiais da Rumélia<sup>172</sup>, que complementariam os contingentes da elite palaciana de Edirne. Por outro lado, foi contratado um conjunto de especialistas com vista aos preparativos para o cerco decisivo, enquanto o sultão (que desde tenra idade se havia informado sobre as tecnologias militares de ponta) analisava as táticas de assédio aplicadas tanto na Europa como na Ásia Menor. Dos especialistas contratados para este projeto devemos salientar o famoso erudito italiano Ciríaco de' Pizzicolti (mais conhecido por Ciríaco de Ancona) e o fundidor húngaro Urbano, que, abandonando os serviços bizantinos (devido à incapacidade do governo central de lhe pagar os serviços prestados e de lhe fornecer as matérias-primas

---

<sup>170</sup> A Anadolu Hisar (“fortaleza da Anatólia”) foi erguida de forma a providenciar apoio logístico às tropas de Bajazed I durante o cerco que este realizou a Constantinopla (1394-1402). Cf. o capítulo anterior.

<sup>171</sup> De tal forma que, imediatamente após terem sido instaladas as armas pirobalísticas da fortaleza (a 10 de novembro de 1452) e de se terem feito alguns ajustamentos quanto ao seu alcance, as embarcações venezianas oriundas do mar Negro que se recusavam a pagar as aduanas otomanas começaram a ser bombardeadas e afundadas (caso de um navio comandado por Antonio Erizzo, que foi atacado a 25 de novembro). Cf. Nicolle 2007 180-181.

<sup>172</sup> Não nos devemos esquecer de que o Império Otomano, após as conquistas europeias dos finais do sultanato de Orkhan I (e, sobretudo, durante os reinados de Murad I e de Bajazed I), se dividiu em duas grandes províncias: a Rumélia (parte europeia) e a Anatólia (parte asiática).

necessárias), havia passado para a corte de Mehmet II e que é imediatamente encarregado de conceber uma arma pirobalística suficientemente potente para derrubar as intransponíveis muralhas de Constantinopla; esta “bombarda” (assim apelidada pelo cardeal Isidoro) demorou três meses a ser construída e, pesando mais de uma tonelada, seria transportada para as imediações de Constantinopla durante os dois meses precedentes, por cerca de 60 bois. Não negligenciando a eficácia desta peça de artilharia – que seria capaz de disparar um projétil de 450 kg – durante o cerco (estima-se que disparasse entre duas a três vezes por dia, sendo arrefecida após cada tiro, de forma a contrariar o sobreaquecimento<sup>173</sup>), o seu efeito psicológico em ambos os exércitos terá sido avassalador.

Confrontado com estas preparações ostensivas, o imperador Constantino XI começou a reunir os mantimentos necessários<sup>174</sup> para suportar um novo cerco, que (devido à experiência dos assédios anteriores) previa que pudesse ser longo; ao mesmo tempo, procurou concentrar toda a população das povoações extramuros dentro da cidade. Chegou mesmo a retirar prata das igrejas e dos mosteiros, de forma a conseguir custear as reparações feitas às muralhas da cidade (sobretudo à milenar muralha de Teodósio)<sup>175</sup>;

---

<sup>173</sup> Os meios pelos quais esta arma de cerco foi utilizada são-nos descritos por Miguel Critoboulos. Cf. Hanak 2011 365-366.

<sup>174</sup> Aliás, durante a construção do Rumeli Hisari, já existem indícios de que o imperador estaria a recolher vitualhas (sobretudo cereais) das regiões circundantes à cidade, o que terá levado a confrontos entre as populações gregas locais e os soldados otomanos quanto a esses géneros alimentares que estavam a ser deslocados para a capital bizantina.

<sup>175</sup> Existiram outras tentativas malogradas para o financiamento da reconstrução das muralhas de Constantinopla e da contratação dos especialistas necessários para o respetivo equipamento com armas. Entre elas, devemos realçar o lançamento de um imposto sobre o vinho que os mercadores venezianos residentes na cidade (em Gálata) importavam dos territórios otomanos. A impopularidade desta medida foi tal que os Venezianos ameaçaram evacuar a cidade, deixando de prestar qualquer apoio militar e financeiro, caso o imposto não fosse suprimido.

além disso, durante o inverno de 1452/1453, enviou um conjunto de embarcações ao mar Egeu, com a finalidade de comprar alimentos e equipamento militar. Ainda assim, o moral dos habitantes de Constantinopla encontrava-se num estado lastimável, até porque a população local tinha a consciência de que muito dificilmente encontraria qualquer ajuda dos outros enclaves gregos que subsistiam na Europa e na Ásia: de facto, o isolacionismo do chamado “Império de Trebizonda” (cercado por inimigos religiosos<sup>176</sup>), as razias que os Otomanos realizaram no despotado da Moreia durante a primeira metade do século xv (das quais devemos realçar a razia de 1452, que já se enquadra nos movimentos preparatórios para o cerco decisivo do ano seguinte) e a localização geográfica periférica do principado de Teodoro impossibilitaram qualquer auxílio militar e económico destes enclaves bizantinos. Por sua vez, os restantes Estados da Grécia que ainda mantinham a sua soberania diante da hegemonia dos Otomanos (caso dos enclaves latinos e da Albânia) encontravam-se militarmente debilitados e pouco poderiam fazer para impedir a conquista da Segunda Roma.

A esperança encontrava-se agora no eventual apoio que as potências católicas da Europa central e ocidental pudessem dar a Bizâncio, de tal forma que o historiador (e diplomata) bizantino Jorge Frantzes chega mesmo a considerar a falta de ajuda por parte dos reinos europeus como a principal causa para a queda de Constantinopla, em 1453. Assim, será importante enunciar sucintamente os motivos que levaram os diferentes Estados da Europa (com exceção de Veneza e de Génova) a não auxiliarem Bizâncio no seu momento de maior necessidade. O Império Sérvio, após a batalha de Kosovo Polje (1389) havia-se transformado num

---

<sup>176</sup> Para além dos Otomanos, a ocidente, o império de Trebizonda via qualquer possibilidade de expansão da fronteira oriental inviabilizada pela federação tribal dos Turcos “ovelhas negras” (*Kara Koyunlu*).

despotado vassalo do Império Otomano, de modo que o déspota Jorge da Sérvia (devido às suas condicionantes diplomáticas e aos seus próprios interesses) não só se recusaria a apoiar Constantinopla como ainda apoiaria o sultão na conquista da cidade (já que vai existir um conjunto de sapadores de origem sérvia que terá um papel ativo durante o assédio)<sup>177</sup>. Por sua vez, o papado também não contribuiu para a fortificação da cidade, apesar de os últimos dois imperadores bizantinos, como salienta Frantzes, terem reconhecido a supremacia da Igreja Católica sobre a Igreja Ortodoxa (no Concílio de Florença, na década de 1430)<sup>178</sup>. Relativamente à Hungria, o historiador bizantino informa-nos que o líder militar húngaro João Corvino exigia a entrega de Nessebar e de Silivri em troca de qualquer auxílio militar ou financeiro. Por fim, ainda terão sido encetadas conversações com o rei Afonso V de Aragão, que se terá comprometido a prestar auxílio militar em troca da ilha de Lemnos (uma base naval a partir da qual o monarca facilmente socorreria Constantinopla); porém, estas negociações não terão tido nenhum efeito prático, de tal forma que Constantino XI chegaria a entregar a ilha a Génova.

Entretanto, após terem perdido a embarcação comandada por Antonio Erizzo no Bósforo, os Venezianos procuravam soluções para protegerem os seus mercadores que atravessassem este estreito, em direção ao mar Negro. Como aponta David Nicolle, Gabriel Trevisano (vice-capitão de Veneza) foi enviado a Constantinopla com instruções para a defender, se necessário; por sua vez, foram dadas ordens do Senado para que dois navios transportassem

---

<sup>177</sup> Frantzes tece comentários muito pejorativos à atitude apática que o déspota vai adotar durante a campanha (fornecendo tropas e fundos ao sultão e negligenciando os pedidos do imperador de envio de financiamento para a reparação das muralhas); cf. Hanak 2011 365-366.

<sup>178</sup> Para Frantzes, o papa estaria tão interessado em ajudar o imperador Constantino XI como o sultão do Cairo! Cf. Hanak 2011 369.

para a cidade cerca de 400 homens cada um (devendo ser acompanhados por 15 galeras); pelo seu lado, da ilha de Creta (sob jurisdição veneziana) deveriam sair igualmente dois navios de guerra que seriam comandados por Giacomo Loredan (capitão-general do mar). Apesar de todos os preparativos, e como veremos mais adiante, a armada veneziana chegou demasiado tarde para poder ajudar Constantinopla. Dentro da cidade, a população de origem veneziana (mercadores, capitães, marinheiros e soldados) convocou uma reunião do seu conselho (com a presença do imperador Constantino XI), em dezembro de 1452, tendo decidido lá permanecer, mas, embora não fosse permitido a nenhum navio sair de Constantinopla sem a permissão do bailio Minotto, a 26 de fevereiro de 1453 seis embarcações abandonaram-na clandestinamente, levando 700 pessoas a bordo.

Também a grande rival de Veneza, Génova, decide enviar apoio a Bizâncio, perante a ameaça de perder os privilégios comerciais que detinha na região do Bósforo e no mar Egeu; deste modo, os Genoveses enviam o general Giovanni Longo (oriundo da ilha de Kios<sup>179</sup>), que chega ao Corno de Ouro com 700 soldados, em janeiro de 1453. A reputação deste comandante era tal que o imperador Constantino lhe atribui o título de marechal (*prōtostrátōr*), concedendo-lhe a referida ilha de Lemnos como recompensa pelos seus serviços; teria um papel fundamental durante o cerco, visto que conseguia facilmente catalisar o moral dos soldados que se encontravam a defender a cidade, de tal forma que só após ter sido ferido no decorrer do assédio é que os janízaros conseguiram entrar em Constantinopla. O cronista Ducas refere que as duas embarcações que este general terá levado consigo para Constantinopla eram “dois grandes navios que transportavam um número elevado de

---

<sup>179</sup> Para as escassas informações que nos chegaram sobre a vida deste *condottiere* antes do cerco de 1453 veja-se, por todos, Hanak 2011 377-384.

equipamento militar em excelentes condições e jovens soldados genoveses cheios de paixão marcial”<sup>180</sup>.

Por fim, será importante mencionar que, apesar da relutância do papado em contribuir monetariamente para a defesa da maior cidade cristã do Oriente, a insistência da diplomacia bizantina e o comprometimento do imperador em unir as duas Igrejas cristãs (subordinando a Igreja Ortodoxa à Igreja Católica) deram os seus frutos. Assim, em novembro de 1452, o cardeal Isidoro<sup>181</sup> chega à capital bizantina numa galera italiana<sup>182</sup>, acompanhado de 200 soldados<sup>183</sup>, que a população local e o imperador consideravam ser, nas palavras de David Nicolle, “a guarda avançada de um grande exército católico que salvaria a cidade” (Nicolle 2007 186). Ainda que a união doutrinária se tenha consubstanciado através de uma cerimônia religiosa realizada na Igreja de Santa Sofia<sup>184</sup> em 12 de dezembro de 1452, não se verificou, nos meses subsequentes, a vinda de mais contingentes militares de socorro provenientes da Europa ocidental e central.

---

<sup>180</sup> Cf. Nicolle 2007 187.

<sup>181</sup> Este delegado do papa (de origem grega) tinha sido enviado para Constantinopla com o propósito de formalizar a união das duas Igrejas. Para mais pormenores relativos à atividade diplomática do prelado nesta cidade, veja-se Hanak 2011 373-375.

<sup>182</sup> A informação contida na bibliografia consultada é dúbia relativamente à nacionalidade da galera que transportou este cardeal (enquanto David Nicolle aponta que se trataria de uma embarcação veneziana, Marios Philippides e Walter K. Hanak apontam-nos que esta seria de origem genovesa).

<sup>183</sup> Estes seriam, maioritariamente, arqueiros e artilheiros napolitanos (cerca de 50), aos quais se juntaram (em Kios) voluntários latinos liderados pelo arcebispo Leonardo.

<sup>184</sup> Esta cerimônia provocou imensos tumultos na cidade, protagonizados pelo baixo clero ortodoxo e por uma grande parte da população citadina. Esta revolta seria liderada pelo monge Genádio, que, como aponta David Nicolle (2007 187), se tornaria o primeiro patriarca ortodoxo de Constantinopla indigitado por Mehmet II, após a conquista da cidade.

## 2. O exército otomano

Nos meados do século XV, os soldados profissionais otomanos consistiam em cavalaria *sipahi* contratada e/ou tropas *kapikulu* (soldados que originariamente eram escravos ou prisioneiros de guerra). Deste modo, podemos admitir que, nos territórios recém-conquistados na Rumélia, predominasse este segundo grupo de contingentes<sup>185</sup>, visto que estas províncias não se encontravam islamizadas, o que dificultava a convocação de *sipahis*. Tal como aponta David Nicolle, os *kapikulu* (que exigiam um recrutamento e um treino muito mais dispendiosos) representavam a elite dos exércitos otomanos, pelo que o seu número era menor do que o dos *sipahis*<sup>186</sup>. Já os janízaros (à letra, “soldados novos”), que, segundo a tradição, foram criados em 1326 por Haci Bektas<sup>187</sup>, representavam um pequeno grupo integrado nestes regimentos palacianos (*kapikulu*), que, progressivamente (mas especialmente durante a segunda metade do século xv e no século xvi), se foi afirmando perante os outros grupos de soldados palatinos tradicionais; Mehmet II terá facilitado a emergência deste tipo de combatentes, atribuindo-lhes líderes que tinham ascendido dentro do dervixe (comunidades religiosas semelhantes às ordens mendicantes do ocidente europeu, que educavam e treinavam este tipo de soldados) a que pertenciam.

Contudo, grande parte da infantaria otomana deste período não era constituída por janízaros, mas sim por *azabs* (infantaria

---

<sup>185</sup> De tal forma que pelo menos metade dos *timariots* (*sipahis* que adquiriram um feudo) eram ainda cristãos. Consulte-se Nicolle 2007 198.

<sup>186</sup> A cavalaria dos *kapikulu* predominou nos exércitos otomanos até ao século xviii; cf. D. Nicolle 1983 8-50.

<sup>187</sup> Na realidade, os primeiros janízaros resultaram da educação da geração seguinte dos prisioneiros de guerra que foram capturados na sequência da conquista de Edirne (1361). Para mais pormenores sobre a origem e evolução desta tropa de elite, veja-se Nicolle 1983 8.

ligeira, sobretudo arqueiros mal treinados), oriundos do campesinato muçulmano que era convocado para uma campanha específica. Por sua vez, a cavalaria auxiliar era composta por cavaleiros fronteiriços (*akinci*), dos quais devemos realçar: os *voynuq* (tropas eslavas e romenas); a cavalaria pesada, que se mantinha fiel ao cristianismo (*lagator*), geralmente acompanhada por escudeiros a cavalo com armamento ligeiro (*gebelü*); e os turcomanos da Anatólia. Estes soldados não terão tido um papel de relevo durante o cerco de Constantinopla, devido à natureza da operação militar (o sultão não poderia aproveitar ao máximo as valências desta cavalaria auxiliar num cerco em que as armas pirobalísticas e as operações anfíbias eram fundamentais) e à necessidade de tropas desmontadas especializadas para determinado tipo de operações (caso dos sapadores sérvios).

A grande maioria dos janízaros presentes em Constantinopla em 1453 era prisioneira de guerra, mas seriam os *kapikulu*, recrutados pelo sistema de dervixe (capturavam-se crianças cristãs que eram educadas e treinadas segundo os preceitos religiosos de cada uma das correntes filosóficas islâmicas), que, segundo David Nicolle, dominariam o exército otomano nos séculos subsequentes. Estas crianças cristãs (ortodoxas) dos Balcãs eram capturadas à força (mas nem sempre relutantemente, de tal forma que, em algumas regiões, esta prática estava ritualizada), sendo a sua maioria de origem eslava e albanesa<sup>188</sup>; após terem sido educadas e treinadas, e agora convertidas em soldados profissionais, integravam na sua maioria os corpos armados de janízaros, enquanto um pequeno grupo era reencaminhado para os corpos de cavalaria de elite dos *kapikulu*, podendo alguns destes chegar mesmo a ocupar cargos

---

<sup>188</sup> A inexistência de soldados gregos devia-se ao facto de os antigos territórios bizantinos estarem isentos do fornecimento de crianças para os dervixes otomanos e de a maioria da população desta etnia se ter concentrado nas cidades e nas ilhas, onde a captura de crianças ortodoxas era proibida. Cf. Nicolle 2007 199.

civis no governo provincial e central; como já foi mencionado, a integração de soldados oriundos dos vários dervixes nos contingentes mais prestigiosos da máquina militar otomana tendeu a aumentar na segunda metade do século xv. Tenhamos em conta que a subida ao trono de Mehmet II trouxe muita controvérsia, sobretudo nas camadas mais tradicionalistas do governo e do exército otomanos, de tal forma que a criação de mecanismos que possibilitassem a ascensão sociomilitar permitiria a médio e a longo prazo que uma nova elite suplantasse o setor mais tradicionalista, encabeçado por Çandarlı Halil.

As estruturas do comando e organização militar do exército otomano mantiveram-se iguais durante os períodos de expansão territorial e na época de consolidação política das regiões anexadas, de forma que a constituição legal de contingentes militares era, do ponto de vista administrativo, permanente. A máquina militar otomana encontrava-se, assim, altamente centralizada, visto que os contingentes provinciais comandados pelos senhores locais (*beylerbeyis*) da Rumélia e da Anatólia eram chefiados diretamente pelo sultão<sup>189</sup>, e assim os *beylerbeyis* comandariam (a mando do sultão) regimentos mais pequenos dentro dos *ocak* (regimentos); as tropas auxiliares otomanas (anteriormente mencionadas) submeter-se-iam ao mesmo género de organização militar<sup>190</sup>, sendo o modelo predominante o praticado pelas unidades palatinas do sultão, que se dividiam em seis regimentos: a cavalaria (*kapikulu süvarisi*), a infantaria (*kapikulu piyadesi*), que incluía os janízaros, os *bostancis* (jardineiros do sultão mas que eram, igualmente,

---

<sup>189</sup> Estas tropas seriam compostas, aquando do cerco de Constantinopla, por três grupos: os *topraklı süvarisi* (cavaleiros possuidores de feudo), os *serbadkulu süvarisi* (tropas montadas fronteiriças) e os *yerlikulu piyâdesi* (infantaria local). Cf. Nicolle 2007 200.

<sup>190</sup> Por exemplo, os *voynuqs* eram comandados por oficiais (*çeri-basi*), que, por sua vez, estariam sob a jurisdição do *voynuq bey* (o chefe de todos os *voynuqs*).

marinheiros e soldados prestigiados), os *segmen* (que treinavam os cães) e os *doganci* (i. e., os falcoeiros). Para além disso, o sultão ainda havia estabelecido unidades mais pequenas e especializadas de artilheiros, de armeiros e de outras profissões subsidiárias da guerra<sup>191</sup>.

Podemos, portanto, concluir que as táticas militares otomanas eram bastante sofisticadas, embora no cerco de 1453 tenham sido sobretudo a perícia dos artilheiros e dos soldados com armas pirobalísticas, assim como a excelente articulação dos planos de bloqueio (terreste e anfíbio), que garantiram o sucesso de Mehmet II; além disso, o sétimo sultão osmanli rentabilizou ao máximo a “guerra psicológica” nessa altura, através do recurso ao efeito sonoro da pirobalística e da música militar<sup>192</sup>.

Quanto aos trunfos do exército otomano (que rondaria os 80 000 a 200 000 efetivos, consoante as estimativas), devemos apontar sobretudo a versatilidade da sua cavalaria e a aplicação eficaz (e até decisiva) de armas de fogo, que configuravam o setor de ponta da arte bélica: as tradições da cavalaria otomana há muito que se haviam distanciado dos costumes dos Turcos nómadas da Ásia Central (e que os Bizantinos tão bem conheciam, tal como já foi explicitado em capítulos anteriores). A cavalaria armada tinha abandonado as táticas centradas na neurobalística (em especial a utilização do arco como arma de fustigação do exército inimigo), habituando-se inclusive a combater a pé<sup>193</sup>, como aliás aconteceu

---

<sup>191</sup> A complexidade da máquina militar otomana é bem evidenciada pela existência de um grupo de militares que serviam de estafetas (çavuses) e que relatavam ao sultão o estado psicológico dos seus soldados e oficiais.

<sup>192</sup> Esta pressão psicológica é sublinhada pelo janízaro sérvio Constantino Mihailovic, que nos relata que, nos primeiros dias do cerco, o objetivo do sultão seria acima de tudo desmoralizar as tropas bizantinas e a população da cidade (uma rendição pacífica e rápida da cidade conviria ao sultão, pois este tencionava transformar Constantinopla na sua nova capital). Cf. Nicolle 2007 201.

<sup>193</sup> Neste aspeto, aproximavam-se bastante dos cavaleiros pesados do Ocidente europeu (*men-at-arms*), que, quando a necessidade o exigia, combatiam a pé. O

durante o cerco de Constantinopla de 1453. Por sua vez, o exército otomano tinha-se tornado a máquina militar islâmica mais avançada do mundo, no que às armas de fogo<sup>194</sup> diz respeito, de tal forma que, durante o reinado de Murad II, haviam sido criados corpos de infantaria pirobalística (*topcu*), assim como carreiros destas armas (*top arabaci*), aos quais se juntou uma corporação de fundidores de armas de fogo (*cebeci*) criada pelo sultão Mehmet II<sup>195</sup>. Porém, os fabricantes de canhões otomanos não eram capazes de produzir trons de ferro (mais resistentes), apenas canhões de bronze ou canhões presos em aros de ferro ou em aduelas<sup>196</sup>.

Nos meados do século xv, a armada otomana tinha um sistema organizativo *sui generis*, completamente autónomo do modelo militar terrestre, altamente hierarquizado. Com a sua principal base em Galilopoli, o propósito fundamental da armada dos Osmanlis seria garantir a passagem segura dos exércitos otomanos da Anatólia para a Rumélia (e vice-versa)<sup>197</sup>; contudo, só nos meandros do cerco de Constantinopla a frota otomana provaria decisivamente o seu valor, perante a hegemonia secular das repúblicas italianas (em especial

---

contacto que a cavalaria otomana teve com os cavaleiros aristocratas europeus durante as diversas cruzadas de finais do século xiv e da primeira metade do século xv (nomeadamente a Cruzada de Nicópolis, em 1396, e a batalha de Varna, em 1444) poderá ter contribuído para a incorporação de alguns hábitos ocidentais nos soldados montados otomanos.

<sup>194</sup> Estas ter-se-ão difundido nos Balcãs e no território otomano desde a década de 1370. O negócio ilegal deste tipo de armas, de Itália para os territórios otomanos, contribuiu decisivamente para a sua disseminação. Cf. Nicolle 2007 201.

<sup>195</sup> Todos estes contingentes especializados em neurobalística foram incorporados nos exércitos palacianos de *kapikulu*. Cf. Nicolle 2007 201.

<sup>196</sup> De tal forma que só os artilheiros do duque Filipe III, “o Bom”, da Borgonha é que conseguiram equiparar-se aos soldados do sultão Mehmet II. O conhecimento do sultão sobre este “novo” tipo de arma era tal que, segundo David Nicolle, foi-lhe atribuída a invenção de um morteiro de longo alcance durante o cerco de 1453. Cf. Nicolle 2007 202.

<sup>197</sup> Relembremos que, nos finais de 1451, o sultão Mehmet II terá tido problemas a atravessar o estreito de Galilopoli, devido a um ataque inesperado de embarcações venezianas (terá, de resto, sido este o principal motivo para a construção do Rumeli Hisar).

de Veneza)<sup>198</sup>. Deste modo, apesar de os Venezianos subestimarem o poder e a eficácia da armada otomana, a verdade é que esta já havia consolidado uma tradição marítima bastante eclética, reunindo características da tradição naval bizantina, das práticas marítimas dos beilhiques turcos dos séculos XIII e XIV e do conhecimento náutico do Médio Oriente islâmico<sup>199</sup>. Esta mescla torna-se evidente quando analisamos a tripulação otomana de Quatrocentos: reunia não apenas turcos e outros islâmicos, mas também população grega (uma parte dela ainda ortodoxa praticante), gente de Galilopoli, italianos e catalães. O tipo de embarcações mandado construir pelos primeiros sultões assemelhar-se-ia muito aos navios de guerra do Mediterrâneo central e ocidental (onde predominava a construção e a utilização de galés<sup>200</sup>); no entanto, os barcos otomanos quatrocentistas (*mavna*) teriam uma envergadura maior do que as galés comuns, assemelhando-se às *galeazze* italianas.

Como refere David Nicolle, os planos de Mehmet II para a conquista de Constantinopla dependiam, fundamentalmente, de considerações diplomáticas e militares, de forma a poder efetuar uma campanha bem articulada e ao mesmo tempo célere (antecipando qualquer apoio inesperado dos Húngaros ou dos Venezianos). O sultão havia investido grande parte dos seus recursos na

---

<sup>198</sup> Os confrontos marítimos entre estes dois Estados já remontam, pelo menos, à segunda década do século XV. Se, numa primeira fase, Veneza afirmou a sua superioridade naval (dizimando a armada otomana, em 1416), aos poucos o poder marítimo dos Osmanlis foi-se reforçando, de tal forma que, por volta do ano 1442, os Otomanos já possuíam uma frota de 60 navios (atracados, estrategicamente, na ilha de Lemnos); segundo David Nicolle (2007 203), em 1448 pelo menos 65 embarcações terão bloqueado Constantinopla.

<sup>199</sup> Devemos realçar as informações que os Otomanos recolheram acerca do conhecimento, não só terrestre, mas também marítimo dos Mamelucos. De tal forma que o aproveitamento das táticas navais deste império se terá consumado decisivamente após a conquista da Síria e do Egipto, durante o sultanato de Selim I (1512-1520). Para informações mais pormenorizadas sobre estas campanhas, veja-se Faroqi 2012 30-32.

<sup>200</sup> Como é sabido, normalmente estas embarcações eram rápidas, leves e fáceis de manobrar, com um leme à popa e um esporão para as abordagens.

construção de armas pirobalísticas que garantissem essa mesma rapidez e que evitassem a perda desnecessária de vidas<sup>201</sup>: deste modo, queria conquistar a cidade não pela destruição ou pelo saque, mas sim pelo desgaste físico, através do bloqueio marítimo (que privaria a cidade de mantimentos externos) e da guerra psicológica. A artilharia pesada serviria apenas para abrir uma brecha nas muralhas (que se pensava serem intransponíveis e inexpugnáveis) e não para destruir os edifícios religiosos e civis que seriam, imediatamente após a conquista, aproveitados pelo sultão para a construção da sua nova capital, que acabaria aliás por se tornar o coração do Império Otomano até aos finais do século XIX.

### 3. O exército bizantino

No ano de 1453, Constantinopla não era mais do que uma sombra do seu antigo esplendor, com apenas entre 40 000 e 50 000 habitantes<sup>202</sup> e uma guarnição que não ultrapassaria algumas centenas de soldados: segundo Frantzes, no decurso do cerco, esta seria constituída por 4973 soldados gregos (sendo uma pequena parte destes homens profissionais e a maior parte milícias armadas) e 200 residentes estrangeiros (de Gálata); deste modo, as estimativas do número de homens que, em 1453, defenderam Constantinopla oscilam entre os 6000 e os 8500 soldados, estando a maioria deles mal preparada para a guerra<sup>203</sup>. Podemos, portanto, concluir que,

---

<sup>201</sup> Cf. Nicolle 2007 204.

<sup>202</sup> Apesar destes quantitativos serem bastante diminutos quando comparados com a população de Constantinopla durante os seus séculos de maior vitalidade, devemos ter em conta que, no panorama urbanístico europeu, esta cidade se mantinha acima da média, sendo apenas ultrapassada por algumas metrópoles do centro e do oeste da Europa (casos de Nápoles ou de Paris, entre outros).

<sup>203</sup> O arcebispo Leonardo de Kios (que terá acompanhado Giovanni Longo a Constantinopla) aponta para cerca de 6000 gregos e 3000 estrangeiros a defende-

no século xv, as finanças do Império Bizantino se encontravam bastante debilitadas, impossibilitando a contratação de companhias mercenárias cujo auxílio era essencial para a defesa da cidade. Assim, a proteção da capital havia recaído nas tropas e milícias locais, ou em voluntários estrangeiros<sup>204</sup>, de tal forma que a própria cadeia de comando bizantina durante o assédio era composta por generais estrangeiros, de entre os quais devemos distinguir Giovanni Longo.

Aquando da ida do imperador João VIII a Itália, em 1437, a comitiva do *basileús* era composta por dois tipos distintos de cavalaria: os *stradioti* (considerados pelo Ocidente europeu católico como cavalaria ligeira) e os *gianitzaroi* (cavalaria munida de um equipamento ainda mais leve que os *stradioti*); por outro lado, os detentores de terras (*prónoia*) em Bizâncio dispunham das suas próprias mesnadas, pelo que subsistiam dentro dos exíguos territórios imperiais, constituindo uma elite local, e não somente um campesinato armado<sup>205</sup>. Relativamente às milícias locais, devemos ter em conta que, durante o século xv, Constantinopla era composta por aglomerados populacionais dispersos (dentro do grande recinto amuralhado), existindo uma área urbana de maior dimensão na parte oriental, dinamizada pelos mercadores estrangeiros (em especial venezianos). O despovoamento da cidade terá levado a uma descentralização da estrutura militar, de forma que as milícias dos respetivos povoados (dentro da cidade) seriam organizadas por um *démarchos*<sup>206</sup>, que responderia diretamente perante os

---

rem a cidade. Por sua vez, Giacomo Tedaldi, no relatório que escreveria em janeiro de 1454 ao cardeal de Avinhão, refere-nos que existiriam entre 30 000 a 35 000 homens dentro das muralhas da cidade, que por sua vez seriam defendidas por 6000 a 7000 soldados. Cf. Nicolle 2007 204.

<sup>204</sup> Cf. *infra*, “Antecedentes próximos do cerco”.

<sup>205</sup> A maioria seria oriunda do despotado da Moreia, o último bloco substancial de território ainda em mãos bizantinas. Muitos destes *pronoetai* não tinham origem grega, incluindo etnias muito diversificadas (ex.: Eslavos, Albaneses, descendentes dos cruzados latinos ou de grandes senhores “coloniais” italianos). Cf. Nicolle 2007 205.

<sup>206</sup> O *démarchos* correspondia, inicialmente, a uma fação do Hipódromo que teve um papel político ativo, pelo menos até aos finais do século x. Durante o império

oficiais imperiais. Para além disso, na cronística descritiva do cerco de 1453 aparecem-nos referências a monges que patrulhavam os baluartes do recinto amuralhado, o que não é de estranhar, visto que os mosteiros rurais tinham guardas armados e eram, na maior parte dos casos, fortificados, estando os monges habituados a atalaiar as torres de vigia destas infraestruturas religiosas.

A população de Constantinopla ainda teria um número considerável de turcos que, possivelmente, apoiariam o pretendente Orhan durante os momentos finais do conflito. Porém, como já foi adiantado no capítulo anterior, a míngua de fontes bizantinas e o enfoque que estas dão à ascensão do Império Otomano e à sua expansão na Europa fazem com que a organização militar bizantina deste período seja bastante dúbia. Provavelmente, o pequeno exército da cidade ainda seguiria as mesmas estruturas militares dos séculos XIII e XIV<sup>207</sup>, tendo os arqueiros e besteiros um papel proeminente (estes últimos constituiriam mesmo uma elite, organizando-se em corporações semelhantes às da Itália tardo-medieval). As descrições das tropas bizantinas referem-nos que os soldados estariam equipados com armamento típico do Ocidente europeu, possuindo armas de fogo<sup>208</sup>, embora de menor dimensão do que a artilharia otomana; o fogo greguês terá sido igualmente utilizado durante o assédio, sob o comando do contratado João Grant<sup>209</sup>. Os restantes enclaves

---

tardio, este título foi obtendo uma conotação militar, de tal forma que Giovanni Longo, quando chega a Constantinopla, é nomeado *strategos* e *démarchos* (de 400 soldados) pelo imperador. Relativamente à evolução deste título, veja-se Kazhdan 1991 602-603.

<sup>207</sup> Seria ainda conhecido como um exército *politikón*, dividido em regimentos (*allagia*). Cf. Nicolle 2007 207.

<sup>208</sup> Estas armas de fogo (oriundas da Hungria, dos Balcãs e da Itália) teriam um pequeno porte, sendo utilizadas por cada soldado, individualmente; o que nos poderá remeter para a existência de um conjunto de soldados especializados que, provavelmente, viria de fora, sobretudo de Itália.

<sup>209</sup> De origem incerta (algumas fontes remetem para a Alemanha, enquanto outras associam as suas origens à Escócia), este engenheiro, contratado pelo imperador, desempenhou um papel decisivo durante o cerco por ter identificado muitas das

costeiros que Bizâncio ainda tinha em seu poder na Trácia mantiveram-se apáticos diante da ocupação otomana (muitas destas vilas costeiras já estariam despovoadas, tendo em conta a concentração da população dentro do recinto amuralhado da cidade), excetuando três pequenas fortificações: Therapia, que se localizaria na região norte do Bósforo (perto do Rumeli Hisar); e as fortalezas de Selímbría (atual Silivri) e Epibates (Selimpasa), situadas a norte das linhas de cerco otomanas na costa do Mármara<sup>210</sup>. No entanto, a falta de uma marinha de guerra (destruída pelos Genoveses durante o século XIV) revelar-se-ia um *handicap* tremendo para os sitiados.

Quanto aos soldados estrangeiros que defendiam o recinto amuralhado durante o cerco de 1453, devemos ter desde logo em conta que estes, na sua grande maioria, eram italianos. O crescimento demográfico de muitas cidades da península levou à emigração de muitos jovens (oriundos de famílias proeminentes), que procuravam aventuras e novas formas de ocupar a sua vida; deste modo, para além dos já mencionados Giovanni Longo e Girolamo Minotto, ainda devemos salientar a chegada do capitão veneziano Alvise Diedo, dos irmãos genoveses Bocchiardi, do catalão Pere Julià, assim como de outros jovens de famílias prestigiadas de Veneza e de Génova<sup>211</sup>. O tipo de embarcações que estas potências estrangeiras utilizaram durante o cerco terá sido bastante diverso, desde navios e galés mercantes até às galés de guerra. Giovanni Longo teria um papel estratégico bastante importante durante o cerco, entendendo que a defesa da cidade deveria ser feita (à semelhança do cerco de 1422, de Murad II) a partir da defesa dos baluartes da muralha terrestre

---

minas que os sapadores sérvios colocaram nas muralhas de Constantinopla, impedindo a abertura de uma brecha a partir do solo.

<sup>210</sup> David Nicolle (2007 208) refere que estas fortalezas serviriam, possivelmente, como plataformas para o mundo exterior, durante o cerco.

<sup>211</sup> Uma enumeração das famílias que providenciaram jovens soldados a Bizâncio durante o cerco pode ser vista em Nicolle 2007 208.

mais afastados do centro da cidade. O *stratêgós* genovês acreditava que esta tática colmataria a grande desproporção numérica entre os dois exércitos e considerava que os outros dois recintos amuralhados teriam de ser guarnecidos apenas por arqueiros, besteiros e soldados com armas de fogo. Assim, a superioridade numérica do exército otomano não constituiria um fator decisivo perante a imponência das muralhas da cidade, de tal forma que só após a tomada do Corno de Ouro pela armada otomana é que os soldados bizantinos se consciencializaram de que a cidade estava perdida.

Por sua vez, o imperador Constantino XI e os seus conselheiros sabiam que o destino da capital dependeria da duração do cerco: quanto mais tempo os soldados bizantinos conseguissem defender Constantinopla, maior era a possibilidade de serem socorridos por embarcações estrangeiras (com mantimentos e soldados que permitissem pôr fim ao bloqueio) ou de os Otomanos se verem obrigados a levantar o assédio devido a condicionantes externas, como por exemplo uma eventual invasão húngara do território da Rumélia. Contudo, o destino da cidade estava traçado, e Mehmet II, que desde jovem se havia preparado para este cerco, saberia aproveitar de forma decisiva a versatilidade do seu exército e as debilidades que a muralha marítima de Constantinopla evidenciava relativamente às restantes defesas terrestres da cidade.

#### **4. O início da campanha decisiva**

Como já foi dito, quando o sultão regressa a Edirne (em janeiro de 1453)<sup>212</sup>, já um número considerável de voluntários religiosos

---

<sup>212</sup> O sultão tinha, nos meses anteriores, organizado e inspecionado a construção da fortaleza de Rumeli Hisar, que seria fundamental para a consumação do bloqueio marítimo a Constantinopla. Só após a afinação do alcance da artilharia da fortificação é que o sultão terá regressado à sua capital.

(*ghazi*) de todos os cantos da Rumélia se havia concentrado na capital otomana. Para além destes contingentes e das guarnições palatinas, muitos mercadores otomanos acorreram à região para fornecer ao exército vitualhas e armamento; por outro lado, a tolerância religiosa existente nas hostes dos sultões permitira a incorporação de um corpo sérvio composto por 1500 cavaleiros e por auxiliares cristãos<sup>213</sup>. Entretanto, a meticulosidade dos planos e da logística de Mehmet II chegava a tal ponto que ele mandara reparar a estrada que ligava Edirne à capital bizantina (numa distância de cerca de 8 km), de forma a conseguir transportar a artilharia pesada que havia construído nos meses precedentes<sup>214</sup>! Sem qualquer tipo de oposição, o *beylerbeyi* da Rumélia (Karaca) chega mesmo a queimar as vinhas e as oliveiras que se encontravam nas imediações de Constantinopla, a fim de limpar o terreno e de eliminar os possíveis obstáculos que a artilharia poderia vir a encontrar no início do cerco. A apatia das tropas bizantinas foi de tal ordem que Karaca conquistou todas as vilas costeiras, que não lhe ofereceram qualquer tipo de resistência<sup>215</sup>, o que por sua vez não permitiu ao comandante militar recorrer à prática de capturar as crianças cristãs dessas vilas e de as entregar posteriormente a dervixes que lhes concedessem prestígio religioso e militar.

Terá sido no mês de março que um elevado número de arqueiros *azabs* e cavaleiros *sipabis*, liderados pelo *beylerbeyi* da Anatólia (Ishak Pasha), terá atravessado o estreito (através do Rumeli Hisar)

---

<sup>213</sup> A esta guarnição, liderada pelo *voivode* Jaksá (comandante militar do déspota sérvio, Durad Brankovic), juntar-se-ia o grupo de sapadores sérvios oriundos de Novo Brdo. Cf. Nicolle 2007 211.

<sup>214</sup> As estradas e as pontes seriam preparadas por 50 carpinteiros e 200 assistentes, de forma a estas conseguirem sustentar o peso da artilharia (que, como já foi adiantado em capítulos anteriores, poderia chegar a pesar uma tonelada).

<sup>215</sup> Como já foi referido, apenas os recintos fortificados de Selimbria, de Epibates e de Therapia é que ofereceram resistência, ao ponto de Karaca ter negligenciado a conquista destes pontos, deixando apenas algumas tropas para vigiar as eventuais movimentações dos soldados inimigos.

para se juntar aos contingentes de Karaca<sup>216</sup>. De seguida, o sultão inicia o transporte dos seus três canhões de maior envergadura de Edirne para as imediações das muralhas de Constantinopla, onde já se encontravam as tropas de Karaca. Entretanto, a marinha otomana, comandada por Baltaoglu Solimão Bey<sup>217</sup>, havia-se concentrado nas proximidades de Galilopoli, tendo-se dirigido para Constantinopla em março e estabelecendo a sua base no Bósforo, a norte de Gálata; a presença das embarcações otomanas na região permitiria a livre circulação das tropas do sultão da Anatólia para a Rumélia e o bloqueio marítimo da cidade; grande parte dos navios otomanos tinha sido recentemente construída, enquanto as velhas embarcações haviam sido restauradas, de forma que os quantitativos da armada de Baltaoglu, apesar de elevados, divergem bastante consoante as fontes<sup>218</sup>.

Após ter terminado todos os preparativos, Mehmet II, acompanhado pela maior parte dos seus soldados, decide finalmente deixar Edirne a 23 de março de 1453, dirigindo-se para as imediações de Constantinopla e posicionando-se a uns meros 4 km da cidade. A posição do principal acampamento otomano ainda é incerta, pois alguma da documentação refere que o sultão terá concentrado a maioria das suas forças no outro lado do Corno de Ouro (perto de Gálata), mas esta seria provavelmente a base do seu trem de apoio (ou seja, de batedores, de trabalhadores e de outros não combatentes); de seguida,

---

<sup>216</sup> Como refere David Nicolle, ainda durante estas operações iniciais de janeiro e fevereiro terão chegado da Anatólia três regimentos que se terão juntado às tropas de Karaca, em Bursa, com o objetivo de vigiarem todas as movimentações de Constantinopla. Cf. Nicolle 2007 211.

<sup>217</sup> Filho de um aristocrata búlgaro, tornou-se líder da relativamente recente armada otomana. Foi feito embaixador na Hungria e liderou uma expedição bem-sucedida à ilha de Lesbos (contra os Genoveses). Durante o cerco, deteve o título de *kapudan pasba* (“comandante da armada”).

<sup>218</sup> As fontes otomanas apontam para 400 navios de todos os tamanhos, enquanto Critobulo refere que a armada de Mehmet II teria cerca de 350 embarcações. Mais específico é o relatório de Jean de Wavrin (cronista borgonhês), que enumera 18 galés de guerra, 60 a 70 galeotas de menor dimensão e 16 a 20 pequenas embarcações. Cf. Nicolle 2007 212.

dispõe a sua artilharia (composta por 69 canhões, dos quais 15 seriam de maior dimensão) ao longo das muralhas de Constantinopla<sup>219</sup>, a qual seria apoiada por uma dúzia de trabucos, que terão sido instalados a 11 de abril (ou seja, nove dias após o começo do cerco).

Antes da chegada da armada otomana, os Bizantinos, durante o inverno de 1452/53 (tendo ainda acesso ao mar), com as poucas galés que ainda possuíam, saqueiam a costa da Ásia Menor até à região de Cízico (no sul do mar de Mármara) e dirigem-se ao norte do mar Egeu e (provavelmente) à Moreia para adquirir mantimentos e equipamento militar. Por outro lado, a 26 de fevereiro de 1453, dá-se um rude golpe nas defesas de Constantinopla, com a deserção de um navio veneziano comandado por Pietro Davanzo e de outros seis navios mercantis de Creta (que transportariam 700 pessoas), os quais, sem a permissão do governo central, abandonam o Corno de Ouro. Contudo, a chegada da frota de Baltaoglu significava que os Bizantinos se encontravam agora confinados às muralhas da sua capital, cujos reparos andavam longe de estar concluídos<sup>220</sup>, apesar dos esforços do imperador, que chegou mesmo a ordenar (nesse inverno de 1452/53) que fosse retirada a prata das igrejas e dos mosteiros, uma medida extremamente impopular. A 2 de abril de 1453, o engenheiro genovês Bartolomeu Soligo lançaria sobre a entrada do Corno de Ouro uma corrente flutuante, que impediria o acesso das embarcações otomanas ao coração marítimo da cidade; os genoveses e os venezianos que aí viviam tiveram, igualmente,

---

<sup>219</sup> Três dos canhões de maior dimensão (nos quais estava incluída a segunda maior arma de fogo construída por Urbano, batizada como “basilisco”) atacariam a muralha adjacente ao palácio de Blachernes, enquanto dois outros canhões bombardeariam o portão de Charisius, quatro a entrada de São Romano e três o portão de Pege, cabendo às outras duas peças de artilharia atacarem o Porta de Ouro.

<sup>220</sup> A humilhação que o imperador sofrera por não ter conseguido terminar as reparações da muralha foi de tal ordem que Constantino XI ordenou que o seu principal cronista e diplomata, Frantzes, omitisse este atraso à população local. Veja-se Nicolle 2007 212-215.

um papel ativo no desenrolar do cerco<sup>221</sup>, de tal forma que o imperador bizantino coloca os homens do bailio veneziano Minotto (que protegeria a entrada do Palácio de Blachernes, residência do imperador)<sup>222</sup> a defender quatro das entradas principais da muralha; todavia, o estrangeiro que mais se iria distinguir neste cerco seria Giovanni Longo, que comandaria cerca de 2000 gregos e italianos na zona central das muralhas terrestres – a posição mais ameaçada pelas tropas do sultão.

Nos finais de março e em inícios de abril, o papa, depois de muita relutância, decide enviar três grandes embarcações genovesas de socorro (cheias de armamento e de provisões), que desgraçadamente acabariam por naufragar, vítimas de uma tempestade, em Kios. Entretanto, na fronteira norte da Rumélia, João Corvino (voivoda húngaro da Transilvânia) planeava um ataque marítimo que flanqueasse a armada otomana, plano este que nunca viria a ser concretizado. Quanto aos Venezianos, só a 11 de maio (i. e., 18 dias antes do final do cerco) é que enviaram uma esquadra para Constantinopla, sendo despachados, poucos dias depois, mais três navios de guerra comandados por Loredan (capitão-general do mar), que entretanto havia permanecido em Creta.

## **5. O cerco final de Constantinopla (2 de abril a 29 de maio de 1453)**

A 2 de abril de 1453, iniciara-se o cerco que mudaria a Europa, com a corrente que Bartolomeu Soligo havia construído a ser

---

<sup>221</sup> Apesar de, oficialmente, as autoridades genovesas terem declarado a sua neutralidade no cerco que se avizinhava, verificou-se a entrada de homens e de embarcações no centro da cidade, reforçando as suas defesas.

<sup>222</sup> O imperador terá mesmo exigido aos homens de Minotto que escavassem um fosso que envolvesse a muralha deste palácio; contudo, como salienta David Nicolle, os fardos de lã e as folhas de couro pendurados foram inúteis contra a artilharia avançada do sultão. Cf. Nicolle 2007 212-215.

lançada sobre o Corno de Ouro, seguida de imediato pelos primeiros bombardeamentos marítimos das embarcações otomanas; nesse mesmo dia, o sultão ainda erigiria a sua tenda (e a dos seus contingentes mais próximos) no monte Maltepe, com vista direta para o portão de São Romano. Dois dias depois, após se terem rezado as orações próprias do início de um combate, Mehmet II manda os seus soldados avançarem para as linhas de cerco (ficando os contingentes da Rumélia à esquerda, as tropas sob o comando direto do sultão ao centro e os soldados da Anatólia à direita). Por sua vez, como aponta David Nicolle, uma parte substancial do exército terá sido mantida na reserva (na qual se incluíam muitos dos regimentos palacianos, acompanhados pelos auxiliares e pelos voluntários). Zaganos Pasha<sup>223</sup> (havia sido nomeado segundo vizir pelo sultão) e Karaca (*beylerbeyi* da Rumélia), comandando um número de algumas centenas de homens, foram encarregados de ocupar a Porta de Ouro, enquanto uma unidade mais pequena, sob a liderança de Kasim Pasha<sup>224</sup>, vigiava qualquer tipo de ameaça que pudesse surgir da outra margem do Corno de Ouro, ou seja, da região de Gálata. A dimensão do exército otomano foi bastante inflacionada pela cronística contemporânea e posterior ao cerco, chegando algumas fontes a apontar para os 200 000 homens; o orientalista David Nicolle estima, todavia, que a hoste do sultão não possuiria muito mais do que 80 000 soldados<sup>225</sup>, a maioria dos quais seriam cavaleiros que combatiam a pé.

---

<sup>223</sup> Este general, de origem albanesa ou ilírica, foi recrutado através de um dervixe, tornando-se um jovem escravo que rapidamente se converteu ao islão, mostrando-se completamente leal a Mehmet II. Caiu em desgraça em 1456, após uma campanha fracassada em Belgrado (na então Hungria).

<sup>224</sup> Kasim Pasha já havia dado provas da sua perícia militar durante a Cruzada de Varna (1443/1444), tendo substituído Hadim Sehabeddin como *beylerbeyi* da Rumélia, após a morte dele diante de João Corvino.

<sup>225</sup> Giacomo Tedaldi, sendo autor da fonte possivelmente mais verosímil, refere que “no cerco estariam juntos 200 000 homens, dos quais 60 000 eram soldados,

Seria precisamente no dia 6 de abril que a artilharia otomana iria iniciar o bombardeamento das muralhas terrestres, conseguindo, logo no dia seguinte, derrubar uma parte. Contudo, devido ao seu tamanho, o canhão de Urbano II (posicionado à frente dos muros de Blachernes) começa a sobreaquecer<sup>226</sup> e, no dia 11 de abril, a quebrar ou a verter. Os artilheiros otomanos enfrentavam outro tipo de problemas relacionado com as lamas da primavera, que inutilizaram muitas das suas armas de fogo.

O primeiro assalto à cidade terá ocorrido a 7 de abril, contra o centro das muralhas terrestres, protagonizado por tropas irregulares mal equipadas e por voluntários (apoiados por arqueiros e por soldados com armas de fogo), que integrariam parte da vanguarda do exército de Mehmet II. Para os soldados bizantinos (liderados por Giovanni Longo e pelo imperador Constantino XI, que se localizavam no portão de São Romano), repelir este primeiro assalto foi tarefa relativamente fácil<sup>227</sup>. Apesar de terem efetuado diversas surtidas ao acampamento inimigo, o desgaste das tropas terá levado Giovanni à decisão de abandonar os muros exteriores, colocando-se no primeiro recinto muralhado principal; ora, a deslocação das tropas do *condottiero* obrigou o sultão a reposicionar as suas peças de artilharia, que iniciariam uma nova vaga de bombardeamentos à cidade nos dias 11 e 12 de abril, a qual se prolongaria praticamente até aos finais do cerco; entretanto, enviara

---

e 30 000 a 40 000 cavalaria". Os restantes homens seriam trabalhadores e não combatentes. Cf. Nicolle 2007 217.

<sup>226</sup> Este problema terá sido temporariamente resolvido com a colocação de óleo no interior do cano, após cada disparo. Relembremos que, devido aos problemas logísticos inerentes ao seu tamanho, esta peça só conseguiria disparar entre dois a três projéteis por dia!

<sup>227</sup> Os soldados bizantinos equipados com armas pirobalísticas (comandados pelos irmãos Bocchiardi) terão sido inicialmente bastante eficazes. Contudo, a excessiva utilização deste tipo de armas terá levado a que a maior peça de artilharia bizantina tenha explodido, provocando a desorganização deste contingente. Cf. Nicolle 2007 218.

soldados e artilharia ligeira para os fortes bizantinos de Therapia e de Studios (que haviam resistido às tropas de Karaca) e mandara instruções a Baltaoglu para que iniciasse o bombardeamento da corrente do Corno de Ouro. Malsucedido, o *kapudan pasha* decide esperar pela chegada de mais embarcações do mar Negro, voltando a tentar quebrar a corrente no dia 12 de abril, mas vendo-se obrigado a retirar-se mais uma vez, devido aos navios cristãos que conseguiram cercar alguns barcos otomanos<sup>228</sup>.

Passada uma semana, na noite de 17 para 18 de abril, os Otomanos lançaram um ataque surpresa às muralhas terrestres, que só foi repellido após um combate de quatro horas<sup>229</sup>. Três dias após este ataque, a armada otomana sofre um novo revés, com uma pequena frota liderada por três barcos de transporte (de Génova e do papa) a conseguir romper o bloqueio marítimo e a fornecer à cidade armas, tropas e víveres (especialmente trigo, que terá sido levado por uma embarcação bizantina oriunda da Sicília). O sultão terá ficado furioso com Baltaoglu, exigindo-lhe que capturasse as embarcações que tinham passado o estreito sem serem identificadas, mesmo com risco da sua própria vida; porém, a maior dimensão das embarcações cristãs relativamente às otomanas terá sido um fator decisivo no rompimento do bloqueio, de tal forma que os homens de Baltaoglu só poderiam tentar uma abordagem ou queimar os barcos inimigos, tendo fracassado em ambas as estratégias<sup>230</sup>. Esta derrota terá tido

---

<sup>228</sup> Apesar das dificuldades sentidas durante o cerco e da incompetência de Baltaoglu em manter o bloqueio, este comandante terá recebido, numa fase inicial do cerco, o título de *sanjak bey*, adquirindo terras costeiras de importante valor estratégico (Galilopoli, Gálata e Izmit).

<sup>229</sup> Possivelmente, a conquista das ilhas do Príncipe (*Prens Adalar*) terá sido a solução encontrada para levantar o moral das tropas otomanas, que viam os seus esforços serem sucessivamente travados pelos soldados bizantinos.

<sup>230</sup> Esta batalha naval ter-se-á prolongado até à tarde desse dia, tendo mesmo contado com a participação do sultão (num momento em que as embarcações se aproximaram da linha de costa). A verdade é que o fracasso de Baltaoglu (que se terá ferido num olho durante o confronto) em capturar as embarcações inimigas

um grande impacto no moral de ambos os exércitos, chegando algumas fontes turcas a mencionar mesmo o aparecimento de fações no acampamento dos sitiantes; a tensão tornou-se tal que o sultão viu-se obrigado a retirar o título a Baltaoglu, a mandar açoitá-lo e a substituí-lo pelo comandante Hamza Bey; de seguida, terá reunido o conselho de guerra na costa de Diplokionion (a base da armada otomana durante o assédio) para discutir que contornos o cerco deveria tomar, tendo prevalecido a opinião de que se deveria manter (defendida por Zaganos Pasha e outros vizires, assim como pelo conselheiro religioso do sultão, Shaykh Aq Shams al-Din), contrariando a proposta mais conservadora do grande vizir Çandarli Halil de umas tréguas e do pagamento por parte de Constantinopla de uma soma anual de 70 000 moedas de ouro.

Após a humilhação de Baltaoglu, Mehmet II retira grande parte da artilharia presente nas embarcações, de forma a bombardear os soldados italianos e bizantinos que se encontravam a defender a corrente de ferro, sendo a maioria protegida pelas muralhas de Gálata<sup>231</sup>. Ao mesmo tempo, manda acelerar a construção de uma rampa de madeira nos montes a norte de Gálata, até ao Corno de Ouro<sup>232</sup>, para que os navios de pequeno porte pudessem contornar a corrente de ferro marítima que se mostrara, até então, inultrapassável. Concluída a rampa a 22 de abril, o sultão consegue transportar gradualmente, sob a proteção da artilharia terrestre, 72 dos seus navios mais pequenos (entre os quais se incluíam

---

terá, mais uma vez, provocado a ira do sultão. Para uma descrição mais pormenorizada deste pequeno combate naval, veja-se Nicolle 2007 221-222.

<sup>231</sup> Segundo Critobulo, terá sido durante este ataque que o sultão inventou um novo mecanismo para os morteiros de longo alcance, que consistia em colocar o canhão num ângulo muito elevado. Cf. Nicolle 2007 223.

<sup>232</sup> Esta rampa consistiria numa estrada suportada em madeira, que seria colocada num pequeno fosso e oleada de forma a que as embarcações deslizassem com facilidade. Partiria de Tophaine (bairro atual de Istambul), seguiria para a praça Taksim e desceria depois para a região de Kasimpasa.

30 galés), deixando somente as embarcações de maior envergadura no Bósforo.

Perdido o controlo do Corno de Ouro, os soldados sitiados que se tinham concentrado nas muralhas terrestres foram obrigados a dispersar, a fim de defenderem as muralhas marítimas da cidade, que agora se encontravam ameaçadas; por outro lado, os soldados bizantinos e italianos, presumindo que a frota otomana que se manteve no Bósforo estava debilitada após a retirada das 72 embarcações, decidem atacar os navios que permaneceram no estreito, utilizando para tal navios munidos de fogo greguês. Esta armada, comandada por Giacomo Coco, seria composta por duas grandes embarcações que transportavam sacos de algodão-pólvora, pelas galés de Gabriel Trevisan e de Zaccaria Grioni e por três navios mais pequenos: dava-se início a uma nova batalha naval, que duraria cerca de uma hora e meia e que culminaria na vitória dos marinheiros otomanos, que souberam aproveitar a imprudência de Giacomo Coco, cujo navio terá mesmo sido afundado. Na sequência desta derrota, os venezianos que se encontravam no mar Egeu à espera de instruções para furar o bloqueio da marinha otomana decidem retirar-se para Veneza, contrariando as ordens do imperador; este havia enviado uma embarcação com 12 batedores disfarçados de turcos, que a 3 de abril furou o bloqueio e que, depois, informou o *basileús* da deserção dos aliados italianos, o que terá constituído um rude golpe no moral bizantino. Por sua vez, a 3 de maio, os sitiados colocaram artilharia nas muralhas marítimas, numa tentativa de destruírem as embarcações otomanas; contudo, as batalhas sucessivas no Corno de Ouro obrigaram todas as embarcações cristãs (à exceção daquelas que guardavam a corrente de ferro<sup>233</sup>) a recuarem para o porto de Proosphorianus,

---

<sup>233</sup> Esta corrente manter-se-ia um problema para a armada otomana, sendo feitos vários ataques sucessivos (a 16 e 17 de maio e, posteriormente, a 21 de maio) na

sendo a tripulação reencaminhada para a defesa da muralha de Blachernes. Entretanto, na esperança de conseguirem transportar caravanas e artilharia de uma margem do Corno de Ouro para a outra, os engenheiros otomanos construíam uma ponte flutuante, que, apesar de atacada pelo fogo greguês das tropas bizantinas, não foi possível destruir.

O bombardeamento das muralhas terrestres manteve-se durante estas operações anfíbias, intensificando-se a partir do dia 2 de maio, com a reutilização do famoso basílica de Urbano. A abertura de novas brechas na muralha da cidade<sup>234</sup>, nos dias subsequentes, possibilitou um assalto noturno, realizado no dia 7 de maio e que quase culminaria na debandada generalizada das tropas bizantinas (caso Giovanni e o imperador Constantino, entre outros notáveis da cadeia de comando, não tivessem ocorrido ao local). Uma nova brecha na muralha, adjacente ao portão de Kaligaria (fora aberta no dia 8 de maio e alargada nos dias seguintes), possibilitou um novo assalto (a 12 de maio), com invasão do palácio imperial antes de ser repellido. Simultaneamente, os sapadores sérvios enviados pelo respetivo déspota que tinham integrado a hoste otomana, liderados por Zaganos Pasha, procuravam abrir uma brecha na muralha de Blachernes; este objetivo foi contrariado por uma contramina bizantina, escavada sob a direção de João Grant. Outra tentativa malograda seguir-se-ia no dia 21 de maio, com a maior parte das minas a acabarem por ser inundadas e extintas, até que, dois dias depois, muitos dos sapadores sérvios, assim como um oficial otomano, foram capturados, sendo posteriormente

---

esperança de a quebrar. Cf. Nicolle 2007 221-222.

<sup>234</sup> A 6 de maio, é aberta uma nova brecha na muralha adjacente ao portão de São Romano, que seria alargada no dia seguinte. Estas brechas traziam dificuldades para a defesa da cidade e também provocavam problemas na adoção de algumas táticas contraofensivas, como é o caso das surtidas (com as brechas, os soldados que realizassem este tipo de operações ficariam mais a descoberto, sendo mais facilmente localizados pela hoste inimiga).

submetidos a tortura até confessarem a localização das restantes minas que tinham implantado no terreno que suportava o recinto amuralhado; desta forma, no dia 25 de maio, já todas as minas tinham sido destruídas. Por fim, a hoste otomana sob o comando de Zaganos Pasha ainda construiu uma série de torres de assalto, que, apesar de não terem desempenhado um papel ativo durante o cerco (por não serem móveis)<sup>235</sup>, serviam como proteção aos projéteis oriundos da cidade.

Apesar da assanhada resistência do exército local, o moral bizantino ia-se afundando, provocando o recrudescimento das tensões entre a população residente (sobretudo entre os italianos e os gregos). Para além disso, como sublinha David Nicolle, o símbolo religioso da cidade, o ícone Hodegéttria (em grego, “ela que mostra o caminho”), que representava Nossa Senhora com o menino nos braços, caiu do seu suporte durante uma procissão religiosa; no dia seguinte, enquanto um forte nevoeiro penetrava na cidade, um estranho efeito de luz foi verificado em redor da Igreja de Santa Sofia, causando preocupação em ambos os lados<sup>236</sup>. Durante esta fase do cerco, o sultão terá enviado uma última embaixada ao imperador (liderada pelo seu cunhado Isfendiyaroglu Ismail bey, que tinha amigos entre a elite governante), exigindo-lhe que se retirasse para a Moreia e que entregasse a cidade. O imperador, possivelmente na esperança de receber auxílio externo dos Húngaros e dos Venezianos, recusou a proposta e declarou que preferia morrer com a cidade a viver como um imperador que não possuía nenhum império...

---

<sup>235</sup> As torres que não foram destruídas (foi registada a destruição de uma destas torres numa surtida realizada na noite de 18 para 19 de maio) foram desmanteladas devido à falta de utilização.

<sup>236</sup> Enquanto os líderes otomanos consideraram ser um sinal da Luz da Verdadeira Fé, alguns conselheiros do imperador sugeriram que este abandonasse a cidade e continuasse a resistência nos restantes territórios bizantinos. Cf. Nicolle 2007 227.

Perante a recusa de rendição por parte de Constantino, Mehmet II decide convocar o conselho de guerra para 26 de maio. Apesar de se ter mantido a oposição de Çandarlı Halil (que advogava um compromisso, temendo que o auxílio ocidental se consubstanciasse numa nova cruzada), os restantes oficiais otomanos, discordando do velho vizir, incentivaram o sultão a organizar uma operação decisiva<sup>237</sup>; este, de seguida, inspecionou as suas tropas, tendo resolvido que o assalto terrestre e marítimo final se daria a 29 de maio. Nesta altura, o moral otomano era de tal forma elevado que foram organizados festins durante os últimos dias do cerco, no decorrer dos quais os oficiais religiosos lembraram aos soldados a importância e o simbolismo da iminente conquista da capital bizantina<sup>238</sup>. Na noite de 28 para 29 de maio, todas as luzes foram extintas e o trabalho parou; por sua vez, dentro de Constantinopla, os soldados reparavam como podiam as brechas da muralha, enquanto Giovanni Longo requeria mais artilharia aos Venezianos, que recusaram aceder ao pedido.

Na manhã seguinte, o sultão deu as instruções finais aos seus comandantes: Hamza Bey teria de espalhar as suas embarcações pelas muralhas marítimas, colocando escadas de assalto em todos os pontos com acessibilidade para tal; Zaganos Pasha enviaria homens para ajudar os navios localizados no Corno de Ouro, enquanto o resto da sua hoste atacaria as muralhas de Blachernes; Karaca e os seus contingentes oriundos da Rumélia cercariam a muralha que se estendia até ao portão de Charisius; Ishak Pasha e Mahmud

---

<sup>237</sup> Zaganos Pasha terá sido o principal incitador do sultão, chegando mesmo a afirmar que o herói de Mehmet II, Alexandre Magno, havia conquistado metade do mundo conhecido enquanto ainda era jovem. O sultão terá depois enviado o seu segundo vizir para sondar as opiniões dos seus soldados, prevendo já a resposta que Zaganos lhe traria (Nicolle 2007 229).

<sup>238</sup> Os líderes religiosos evocaram o famoso companheiro do profeta Maomé, Abu Ayyub, que morrera durante o primeiro cerco árabe a Constantinopla, em 672 (Nicolle 2007 229).

Pasha, com os Anatólicos, assaltariam o recinto amuralhado entre o portão de São Romano e a costa do mar de Mármara; por fim, o sultão, acompanhado por Çandarli Halil e Saruja Pasha, comandariam o ataque principal, que se focaria no portão de São Romano. A operação começaria ao final da tarde<sup>239</sup> do dia 28 de maio, com as embarcações otomanas a completarem o cerco à cidade: os navios do Corno de Ouro espalhar-se-iam entre os portões de Xyloporta e Horaia e as restantes embarcações otomanas estender-se-iam até ao porto de Langa.

O exército bizantino também se posicionava o melhor que podia no gigantesco recinto amuralhado: Manuel de Génova (com 200 arqueiros e besteiros) protegia os distritos da Porta de Ouro e de Studion; o erudito Teófilo Paleólogo chefiava as forças a sul do portão de Pege; o comandante Giovanni Longo ficara com 400 italianos e com a maior parte dos soldados bizantinos no portão de São Romano (o setor mais ameaçado); os irmãos Bocchiardi ficariam a proteger a área de Myriandrion, enquanto Minotto se posicionou no Palácio de Blachernes; João de Grant defenderia o portão de Kaligaria; quanto ao cardeal Isidoro, ficaria encarregado de defender as muralhas imediatamente à direita do portão de Xyloporta; por fim, cerca de 500 arqueiros e soldados com armas pirobalísticas foram incumbidos de proteger as muralhas marítimas da cidade.

Três horas antes do alvorecer do dia 29 de maio, uma das peças de artilharia otomana disparou, tendo os auxiliares otomanos avançado de imediato, liderados talvez por Mustafa Pasha, e o ataque principal incidiu sobre o portão de São Romano, onde Giovanni Longo havia reunido 3000 soldados na muralha exterior;

---

<sup>239</sup> Quando o Sol já se punha e batia nos olhos dos soldados bizantinos, após os Otomanos terem enchido as trincheiras que rodeavam as muralhas e posicionado a sua artilharia (Nicolle 2007 229).

apesar do elevado número de baixas, poucos auxiliares otomanos recuaram, até o sultão o ter ordenado, duas horas após o início das escaramuças. Entretanto, os barcos otomanos tentavam colocar escadas de assalto na muralha marítima, sem obterem grande sucesso (Nicolle 2007 231). Depois de outra vaga de bombardeamentos, seria a vez de as tropas provinciais avançarem em direção ao portão de São Romano<sup>240</sup>; na sua generalidade, encontravam-se mais bem equipadas e mais disciplinadas do que as tropas auxiliares (ocasionalmente, colmatavam as suas movimentações com o fogo da artilharia). Simultaneamente, na muralha de Blachernes a luta intensificara-se com o *beylerbeyi* da Anatólia (Ishak Pasha) a liderar um assalto contra os soldados de Giovanni Longo, que duraria quase até ao alvorecer. O sultão poderia agora utilizar eficazmente as suas tropas mais bem disciplinadas (cerca de 3000 janízaros chefiados por Baltaoglu), que atacaram de imediato uma brecha na Porta de São Romano<sup>241</sup>. As escaramuças desta fase da batalha terão durado mais uma hora, até que alguns soldados otomanos se aperceberam de que os Bizantinos haviam deixado uma porta da muralha aberta após a última surtida, tendo 50 janízaros entrado na cidade e içado a bandeira otomana nas ameias de Constantinopla.

A sorte parecia estar igualmente do lado de Mehmet II, e o grande comandante genovês Giovanni Longo (a principal figura da resistência bizantina) foi ferido por uma bala, ficando incapacitado e sendo obrigado a recuar; os soldados do *condottiero* pensaram que o *stratēgós* estava a fugir do campo de batalha, pelo que o pânico se generalizou em poucos minutos e muitos dos soldados

---

<sup>240</sup> Estes soldados levariam tochas, de forma a conseguirem ver pela madrugada, mas o seu trajeto era dificultado pela estreiteza das brechas que tinham sido abertas nas muralhas de Constantinopla.

<sup>241</sup> As fontes indicam que os janízaros, sob a jurisdição direta do sultão, avançaram com bastante disciplina, sem produzirem qualquer tipo de barulho ou fazerem soar a música, tendo o sultão acompanhado os seus soldados até ao fosso.

que mantinham a sua posição no círculo principal de muralhas tentaram fugir pelas brechas. O sultão e Zaganos Pasha, aproveitando-se da confusão, enviam uma unidade de janízaros, que (apesar das baixas elevadas) logram capturar o recinto amuralhado mais recuado de Constantinopla, conseguindo apanhar os soldados que se encontravam em fuga pela retaguarda. Pelas quatro da manhã, as tropas otomanas tinham entrado na cidade, de forma que grande parte dos derradeiros soldados que defendiam a capital de Bizâncio, ao avistarem as bandeiras dos Osmanlis nas ameias da muralha de Blachernes (onde se situava o palácio do imperador), deram tudo por perdido e passaram à debandada<sup>242</sup>. A organização defensiva de Constantinopla havia colapsado, os soldados gregos ou se rendiam ou protegiam as suas próprias habitações, enquanto os estrangeiros tentavam a todo o custo fugir da cidade: o príncipe Orhan tentou escapar disfarçado de monge, mas acabou por ser capturado, sendo posteriormente reconhecido e executado; o cardeal Isidoro teve melhor sorte, conseguindo fugir para Gálata (disfarçado de escravo), enquanto Giovanni Longo, apesar de ferido, tentou chamar os seus homens com recurso à trombeta – este general acabaria por escapar, morrendo porém durante o regresso a casa; Alvise Diedo chegou igualmente a transpor o Corno de Ouro em direção a Gálata, liderando a fuga dos barcos cristãos (após dois marinheiros terem logrado quebrar a corrente de ferro), tendo as restantes embarcações que permaneceram em Constantinopla sido capturadas por Hamza Bey.

O imperador Constantino XI morreria no decorrer das últimas escaramuças, tendo, segundo alguma documentação, transposto a principal brecha da muralha de São Romano e sucumbido

---

<sup>242</sup> Nicolle informa-nos que os irmãos Bocchiardi terão tentado fugir para os navios venezianos, mas sabemos que Minotto e grande parte dos venezianos foram capturados; segundo Ducas, só os soldados da muralha do Corno de Ouro é que conseguiram escapar pela muralha marítima. Cf. Nicolle 2007 234.

dignamente em combate. David Nicolle apresenta-nos uma segunda versão dos acontecimentos (baseada em fontes otomanas), afirmando que terá sido assassinado por *azabs* (disfarçados de janízaros) enquanto procurava uma embarcação que o levasse, de forma segura, para o despotado da Moreia. Algumas áreas de Constantinopla terão resistido aos primeiros saqueadores que entraram na cidade, tendo-se posteriormente rendido às tropas do sultão (que proibiu que a sua nova capital fosse pilhada durante os três dias tradicionais). A Igreja Ortodoxa terá sido quem mais sofreu com a invasão, contudo, a tolerância do vencedor levou-o a manter a Igreja dos Santos Apóstolos como o principal templo ortodoxo, transformando por sua vez Santa Sofia na principal mesquita da cidade. ‘Apenas’ 4000 gregos morreram durante o cerco, visto que o sultão prevenira danos excessivos à cidade durante o saque. Mehmet II aproveitou igualmente as suspeitas segundo as quais o seu velho vizir, Çandarlı Halil, encorajara a resistência da população local à ocupação otomana e despojou-o dos seus títulos, especialmente do cargo de grande vizir, que entregaria ao seu comandante mais leal – Zaganos Pasha. Por fim, a 1 de junho de 1453, os castelos de Silivri e de Epibates renderam-se, pondo assim um ponto final à presença bizantina na Trácia.

Após a morte de Constantino XI, ainda existiriam três membros da família dos Paleólogos que mantiveram o título (meramente nominal) de imperador de Bizâncio: Demétrio Paleólogo (1453-1460), Tomás Paleólogo (1460-1465) e André Paleólogo (1465-1502). Porém, a verdade é que a conquista da Segunda Roma pelos Turcos Otomanos não só poria fim a um império milenar como marcaria o início de um novo império, que influenciaria muito fortemente a cultura do sudeste europeu, durante toda a Idade Moderna.

## **6. Consequências do cerco**

O impacto da conquista de Constantinopla dentro do Império Otomano terá sido gigantesco, tendo afetado a cultura, a economia e os aspetos político-administrativos, entre muitos outros. A guerra religiosa (*ghaza*) com os vizinhos cristãos (dos quais devemos distinguir o reino da Hungria) centrou-se cada vez mais na figura do sultão, em vez de se focar em líderes autónomos fronteiriços. Após ter conquistado a cidade dos seus sonhos, Mehmet II concentra os seus recursos na reconstrução da sua nova capital, mandando reparar as muralhas e repovoar com gregos, turcos e indivíduos de outras etnias, que terão sido atraídos pelos privilégios fiscais. De seguida, iniciou-se um conjunto de obras públicas: construção de um novo palácio, um hospital, um complexo cultural, dois abrigos para janízaros e uma fundição (em Tophane). Deste modo, o sultão queria tornar Constantinopla um centro para todas as religiões do Livro, criando um ponto onde as culturas da Europa e da Ásia convergiriam; para além disso, com esta conquista, adquiria o título de *Qaysar* ou *César*, considerando-se o herdeiro legítimo dos impérios romano e bizantino, com as inerentes pretensões a territórios bastante distantes da fronteira otomana.

Do lado cristão, a conquista da cidade quebrou o comércio em que as repúblicas italianas participavam e que passava pelo estreito de Dardanelos e pelo Bósforo, chegando à Crimeia; as colónias genovesas nesta região foram progressivamente despovoadas, até terem sido conquistadas pelos Otomanos, vinte anos após o cerco. O impacto da queda de Constantinopla no mundo grego ortodoxo foi imenso, tendo grande parte da elite bizantina fugido para o principado de Teodoro (na Crimeia), para o Império de Trebizonda e para o despotado da Moreia. Contudo, seria apenas uma questão de tempo até que todos estes Estados fossem incorporados no Império Otomano: o despotado da Moreia cairia em 1460, o Império de Trebizonda em 1461 e o principado de Teodoro em 1475. Com exceção dos enclaves venezianos (os Otomanos ainda não

possuíam uma marinha suficientemente forte para conquistar estes territórios), todas as possessões latinas na Grécia caíram; por sua vez, alguns entrepostos genoveses no mar Egeu sucumbiram durante a década de 1460 (salvo Kios, que os Genoveses conseguiram manter até 1566). Nos Balcãs, uma série de campanhas permitiu afirmar, igualmente, o domínio otomano, apesar de terem existido alguns reveses: foi o caso da campanha de 1456, travada às portas de Belgrado, e da resistência albanesa, encabeçada por Jorge Castriota “Scanderberg”; os restantes Estados dos Balcãs (como a Valáquia e a Moldávia) desde a segunda metade da década de 1450 tornaram-se vassalos do Império Otomano. A sua expansão europeia, especialmente após a conquista da Grécia e dos Balcãs, suscitaria a perplexidade dos humanistas europeus, de tal forma que só com o fracassado cerco a Viena (em 1529) e com a batalha de Lepanto (em 1571) é que o avanço otomano na Europa seria finalmente travado.

## **Bibliografia**

### ***Fontes***

- Attaleiates, M. (2012), *The History*. Cambridge, Harvard University Press.
- Dennis, G. T. (1984) *Maurice's Strategikon: Handbook of Byzantine Military Strategy*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press.
- Dennis, G. (1985), *Three Byzantine Military Treatises*. Text, translation and notes by George Dennis. Dumbarton Oaks Texts IX. N.B. – inclui o tratado *De Velitatione*, atribuído a Nicéforo Focas.
- Dennis, G. (2014), *The Taktika of Leo VI*. Text, translation and commentary by George Dennis. Revised Edition. Washington, Dumbarton Oaks Research Library and Collection.
- Paleólogo, Teodoro (1983). *Les Enseignements de Théodore Paléologue*, ed. C. Knowles, Londres.

- Paquimeres, Jorge (1835), *Georgii Pachyeris de Michaele et Andronico Paleologis*, ed. Becker, 2 vols., Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae, trad. Bonn.
- Procopio, *Storie Segrete* (1999), Tradução italiana de P. Cesaretti e F. Conca. Milão, BUR Rizzoli.
- Procopius, *History of the Wars*. Tradução inglesa de H. B. Dewing (1914-1940), VII vols. Cambridge, Loeb Classical Library.
- Talbot, A. e Sullivan, D. (2005), *The History of Leo the Deacon*. Washington, Dumbarton Oaks Research Library and Collection.
- The Alexiad of Anna Comnena* (1979). Tradução inglesa de E. R. A. Sewter. (1979) Nova Iorque, Penguin Books.

### ***Estudos***

- Bartusis, Mark C. (1992), *The Late Byzantine Army: Arms and Society, 1204-1453*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Birkenmeier, J. W. (2002), *The Development of the Komnenian Army: 1081-1180*. Leiden, Brill.
- Blöndal, S. (2007), *The Varangians of Byzantium*. Cambridge University Press.
- Borsworth, C. E. (2007), "The Political and Dynastic History of the Iranian World", in Boyle, J. A. (ed.). *The Cambridge History of Iran*, vol. 5, "The Saljuq and Mongol Periods". 6.<sup>a</sup> edição, Cambridge University Press.
- Burlot, J. (1990), *A Civilização Islâmica*. Publicações Europa-América.
- Cosentino, Salvatore, "Writing about war in Byzantium", in *Revista de História das Ideias*, vol. 30 ("A Guerra"), 2009 (pp. 83-99).
- Decker, M. J. (2013). *The Byzantine Art of War*. Westholme Publishing
- Faroqi, Suraiya N. e Fleet, Kate (2012), *The Cambridge History of Turkey*, vol. 2: "The Ottoman Empire as a World Power, 1453-1603". Cambridge University Press.
- Haldon, J. (2001), *The Byzantine Wars*. Gloucestershire, Tempus Publishing Ltd.

- Hanak, Walter K. e Philipides, Marios (2011), *The Siege and the Fall of Constantinople in 1453: Historiography, Topography and Military Studies*. Farham, Ashgate Publishing Limited.
- Kazhdan, Alexander P. (ed.) (1991), *The Oxford Dictionary of Byzantium*, 3 vols. Nova Iorque, Oxford University Press.
- Luttwak, E. N. (2009), *The Grand Strategy of the Byzantine Empire*. Cambridge, Belknap Harvard.
- Markham, Paul (2013), *The Battle of Manzikert: Military Disaster or Political Failure?* Recuperado em 18-XI-2015, às 12h27, de: <<http://deremilitari.org/2013/09/the-battle-of-manzikert-military-disaster-or-political-failure/>>
- Monteiro, João Gouveia (2006). *Lições de História da Idade Média (séculos XI-XV)*. Coimbra, Faculdade de Letras.
- Nicol, Donald M. (1999), *The Last Centuries of Byzantium: 1261-1453*, 2.<sup>a</sup> ed. Nova Iorque, Cambridge University Press.
- Nicolle, David (1983), *Armies of The Ottoman Turks 1300-1774*. Nova Iorque, Osprey Publishing.
- Nicolle, David (2013), *Manzikert 1071: The breaking of Byzantium*. Osprey Publishing.
- Nicolle, D., Haldon, J. e Turnbull, S. (2007), *The Fall of Constantinople: The Ottoman Conquest of Byzantium*. Nova Iorque, Osprey Publishing.
- Norwich, J. J. (1997), *A Short History of Byzantium*. Londres, Viking.
- Petersen, Leif Inge (2013), *Siege Warfare and Military Organization in the Successor States (400-800 AD)*. Boston, Brill.
- Ravegnani, G. (2009), *Soldati e guerre a Bisanzio*. Bolonha, Il Mulino.
- Treadgold, W. (1995), *Byzantium and Its Army, 284-1081*. Stanford University Press.

**(Página deixada propositadamente em branco).**

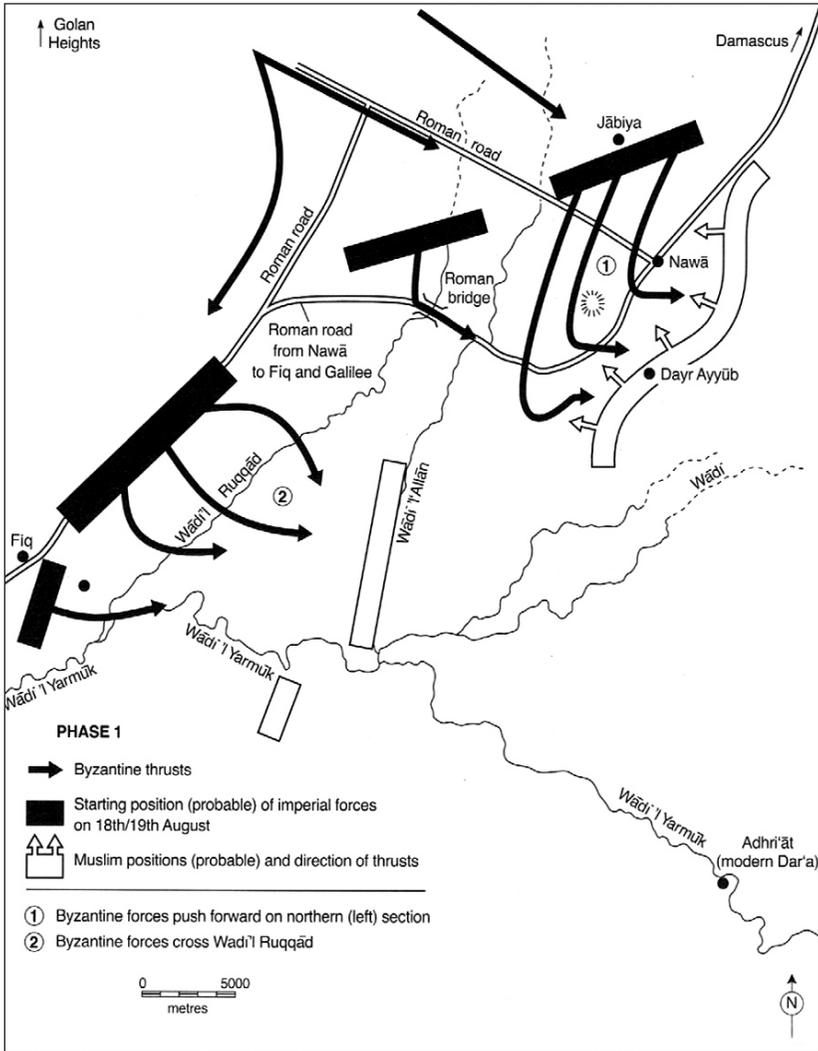
## **FIGURAS**

**(Página deixada propositadamente em branco).**



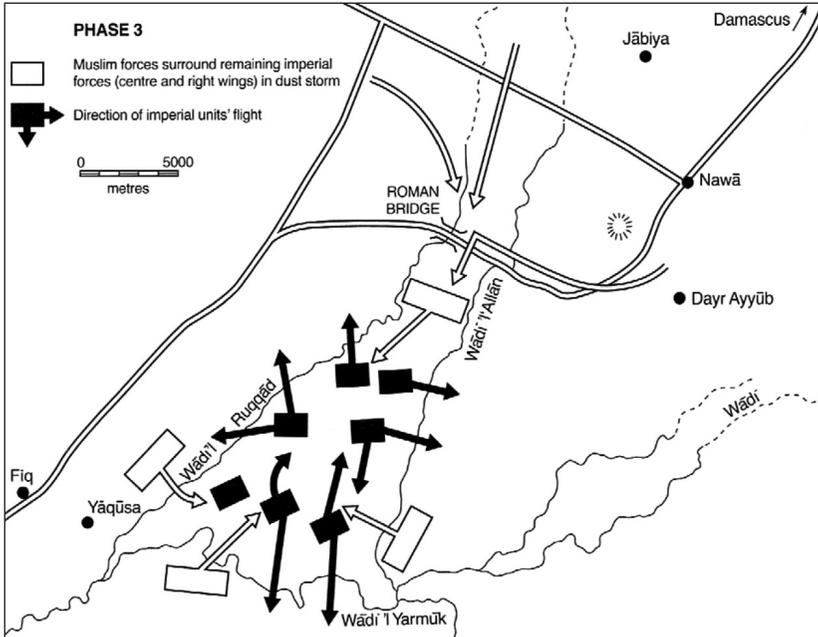
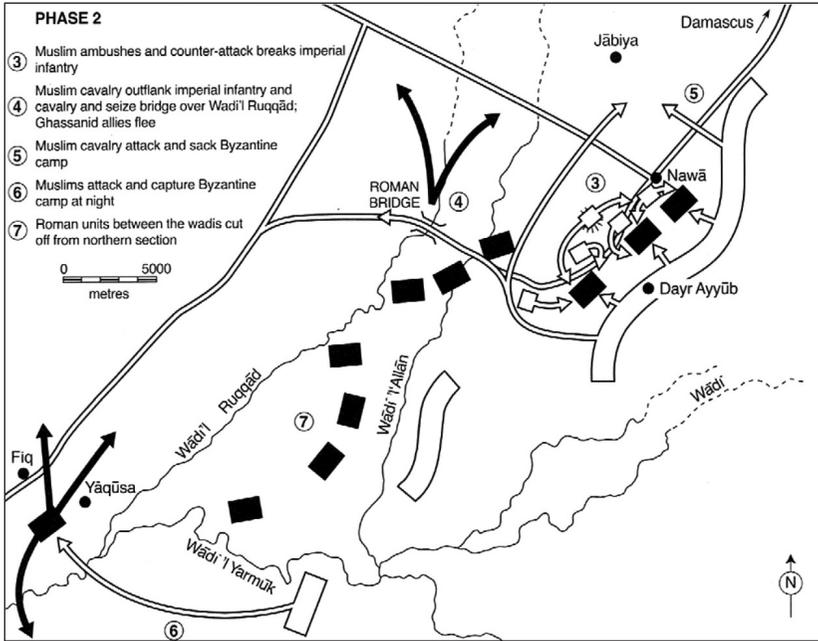
Palestina e sul da Síria, c. 636 a. C.

John Haldon, *The Byzantine Wars*, Stroud, 2001, p. 58



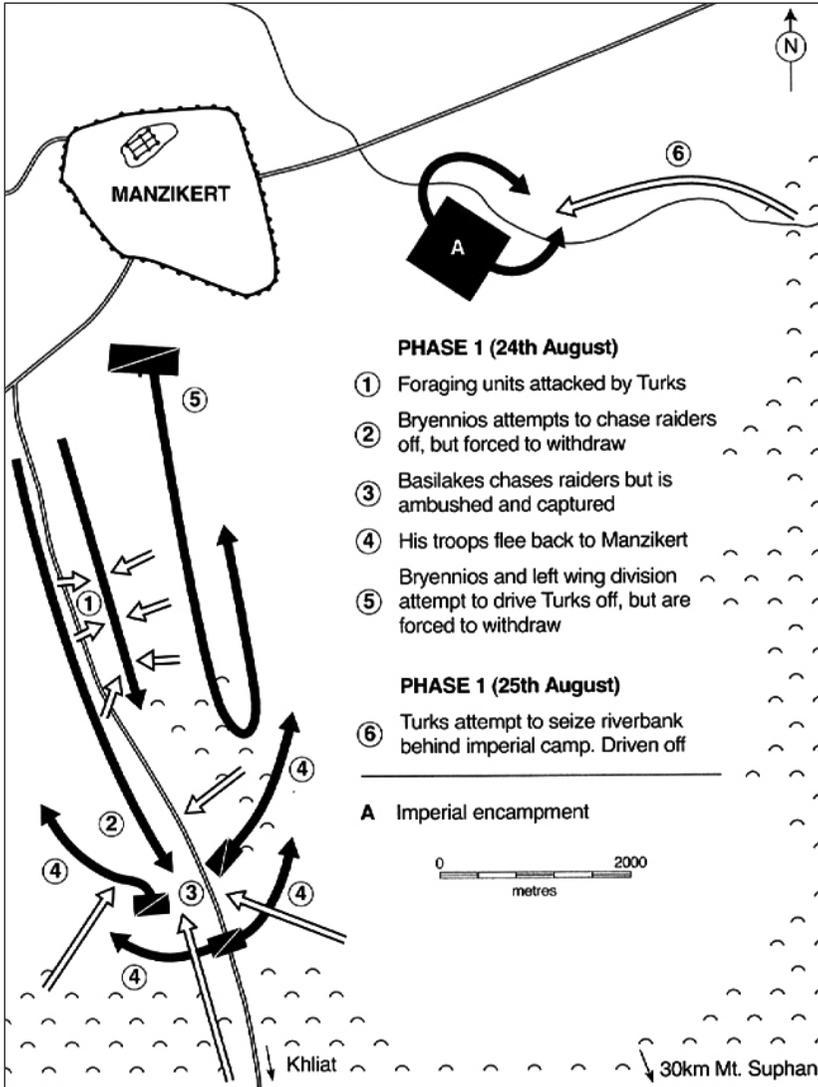
### Batalha de Yarmouk (636 a. C.)

John Haldon, *The Byzantine Wars*, Stroud, 2001, p. 62



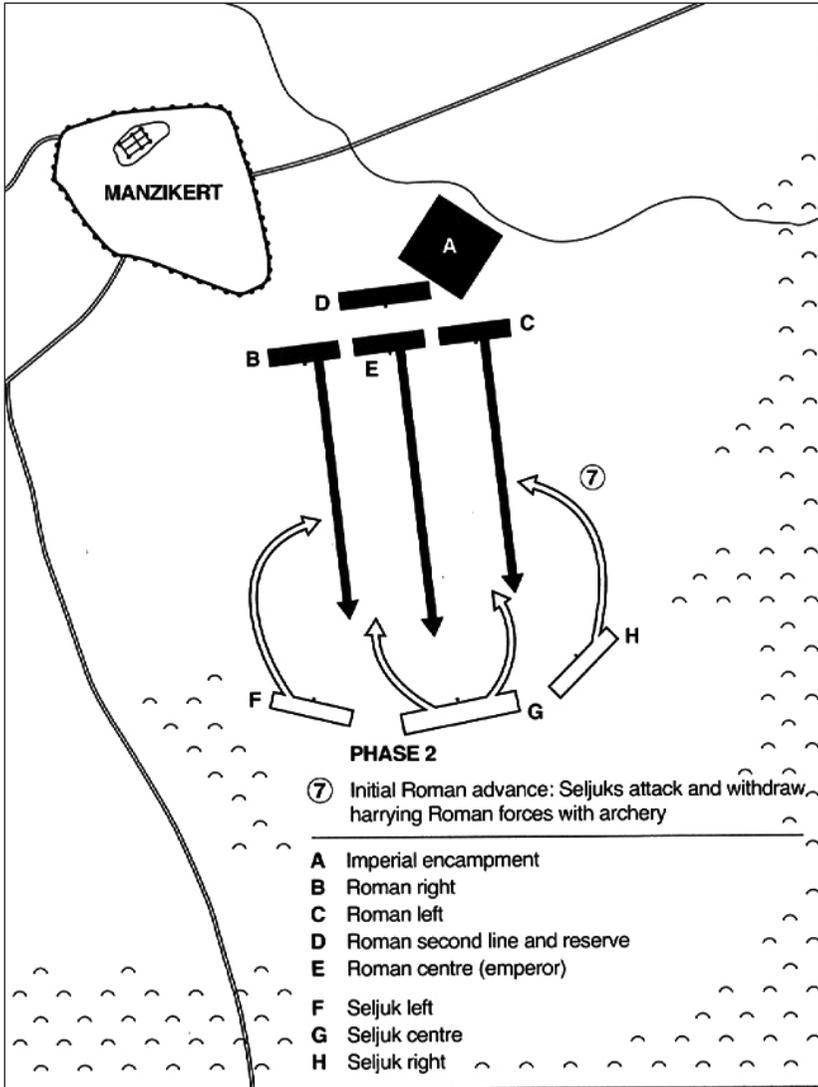
Batalha de Yarmouk (636 a. C.)

John Haldon, *The Byzantine Wars*, Stroud, 2001, p. 63



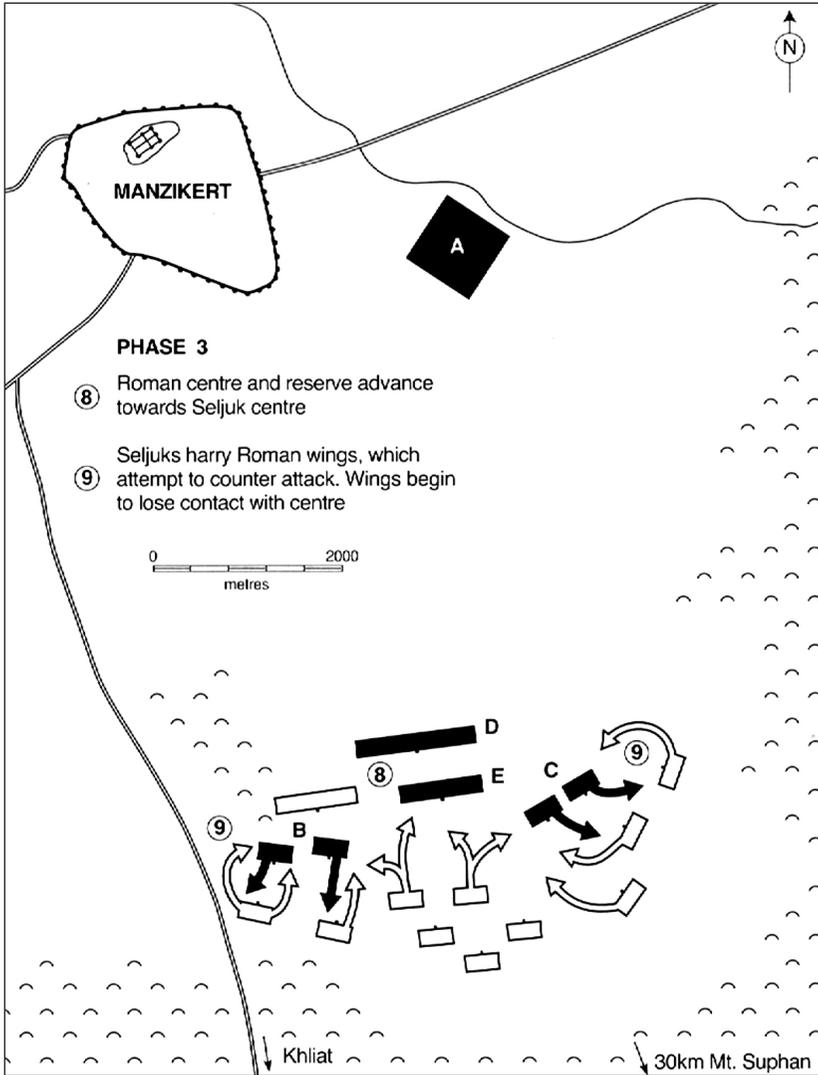
Batalha de Manzikert

John Haldon, *The Byzantine Wars*, Stroud, 2001, p. 123



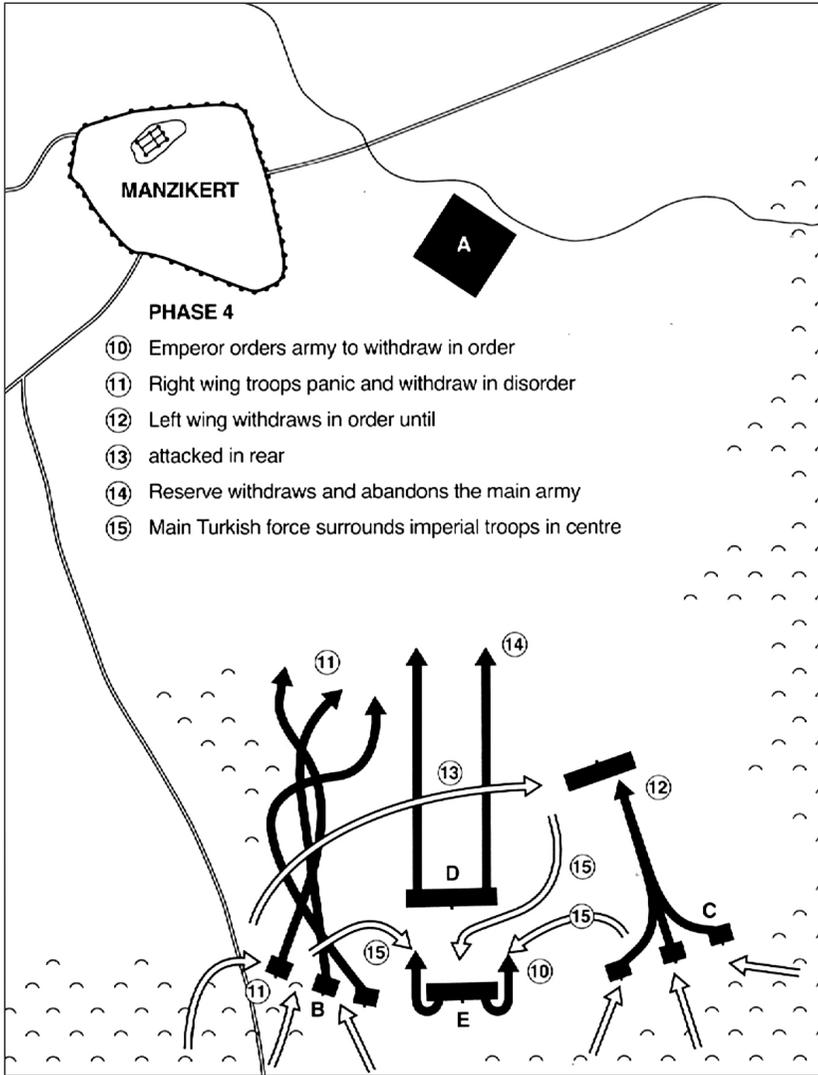
Batalha de Manzikert

John Haldon, *The Byzantine Wars*, Stroud, 2001, p. 123



Batalha de Manzikert

John Haldon, *The Byzantine Wars*, Stroud, 2001, p. 124



Batalha de Manzikert

John Haldon, *The Byzantine Wars*, Stroud, 2001, p. 124